

MESTRADO EM RELAÇÕES INTERCULTURAIS

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**MARIA EMÍLIA BAPTISTA DOS SANTOS**

**RELIGIÃO, ELEMENTO FUNDAMENTAL NA IDENTIDADE DO GRUPO  
DOS ALUNOS DO COLÉGIO ISLÂMICO DE PALMELA**

(Um estudo de caso)

**Orientadora:** Professora Doutora Joana Miranda

UNIVERSIDADE ABERTA  
LISBOA  
2006

- Documento 1** – Capa e sumário dos outros documentos.
- Documento 2** – Agradecimentos, resumo e índice
- Documento 3** – I Parte – Fundamentação Teórica  
II parte – Metodologia  
– Conclusão  
– Sugestões  
– Glossário  
– Bibliografia
- Documento 4** – Anexo I – Guião de Entrevista
- Documento 5** – Anexo II – Entrevistas aos alunos do Colégio Islâmico de Palmela
- Documento 6** – Anexo III – Questionário feito aos pais dos alunos
- Documento 7** – Anexo IV – Entrevistas significativas de testemunhas significativas  
(Dr<sup>a</sup> Hana Mateus)
- Documento 8** – Anexo IV – Entrevistas significativas de testemunhas significativas  
(Sheik Rachid Ismael)
- Documento 9** – Anexo V – Alguns extractos dos “ Media” sobre o Colégio Islâmico de Palmela
- Documento 10** – Anexo VI – Indicadores não classificados

## AGRADECIMENTOS

Uma dissertação é um trabalho individual, com uma finalidade académica, contudo sem a contribuição constante e a generosidade (directa ou indirecta) de alguns, a sua realização seria impossível. Por esta razão queremos deixar aqui exposto o nosso enorme agradecimento:

À Professora Doutora Joana Miranda, professora e orientadora, em quem encontrámos um grande apoio, compreensão, disponibilidade e muito incentivo, especialmente em momentos de grande fragilidade.

À direcção do Colégio Islâmico de Palmela (Sheik Rachid Ismael e Dr<sup>a</sup> Hana Mateus) pela valiosa colaboração e disponibilidade que nos dispensaram.

Aos alunos do Colégio Islâmico de Palmela que nos permitiram realizar este trabalho.

À comunidade Islâmica do Laranjeiro e de Lisboa por toda a participação e confiança.

Às minhas filhas por todo o carinho, força e incentivo.

À minha família pela compreensão e paciência nos momentos menos bons.

A todos os amigos por todo o apoio incondicional.

Às colegas de trabalho pela disponibilidade demonstrada.

## RESUMO

Num mundo globalizado a tarefa da preservação e da transmissão da identidade religiosa revela-se uma tarefa particularmente difícil.

Inserida no domínio das Relações Interculturais esta pesquisa centra-se na análise de um grupo de oito alunos muçulmanos que frequentam o Colégio Islâmico de Palmela.

Este estudo teve como objectivo principal determinar se a identidade religiosa destes alunos constitui um elemento fundamental da sua vida, tendo em conta que estes jovens vivem na sociedade portuguesa de religião maioritariamente católica.

Neste estudo abordámos quatro temáticas principais: religião/ islamismo, perspectiva histórica do Islão, grupo e identidade. Realizámos uma revisão teórica alargada referindo os princípios, as práticas, as grandes divisões do Islão (Sunita e Xiita), a perspectiva histórica e caracterizando de uma forma sucinta a presença muçulmana em Portugal. Abordámos, ainda, a questão dos grupos e da identidade social com destaque para a identidade religiosa.

Após o enquadramento teórico, clarificámos as nossas opções metodológicas.

Optámos (principalmente) por uma metodologia qualitativa, recorrendo à análise documental e às entrevistas semi-estruturadas como técnica base de pesquisa. Procurámos recolher dados significativos sobre a família, a religião, os amigos, a escola, e os colegas, procurando examinar o impacto destas influências, na identidade destes alunos. As entrevistas foram tratadas mediante análise de conteúdo.

Na análise de dados do tema central “Religião, elemento fundamental na identidade do grupo dos alunos do colégio Islâmico de Palmela” obtivemos quatro categorias. A categoria **Identidade/Grupo** é a mais relevante, e nela são reconhecidos aspectos de unicidade de cada sujeito e ainda uma diversidade de características religiosas, intelectuais, afectivas, de comportamento, valores e ética, destes alunos. Na categoria **Atributos relacionais/Vivências dos alunos**, surgem aspectos que se relacionam com as actividades lúdicas com a família, amigos e colegas. Envolve ainda aspectos inerentes às relações de amizade que estes indivíduos estabelecem com os seus pares muçulmanos e não muçulmanos, assim como o processo de socialização com os colegas do colégio. Na categoria **Imagem do Colégio** sobressaem aspectos que são considerados importantes pela sua eficácia na formação

religiosa e na formação académica. Os alunos sabem distinguir o papel da escola, assim como a importância da relação com os professores. Na última categoria **Projectos profissionais**, os alunos revelaram os seus projectos de futuro.

Neste trabalho salientamos a importância das testemunhas privilegiadas que nos permitiram fazer a triangulação de dados, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada da realidade que nos propusemos estudar.

## ABSTRACT

In a globalized world, trying to preserve and pass on religious identity, turns out to be a very difficult task.

This research is based on an analysis of eight muslim students, which attend the Islamic School in Palmela.

The study tried, as its main aim, to determine how deep the students' religious identity influences their lives, once that they live in a mainly catholic portuguese society.

In this study, we studied four main themes: religion/islamism, islam historical background, group and identity. We made a wide theoretical revision touching the principles, the practices, the two main divisions in Islam ( Sunnis and Shiites), the islamic historical background and the muslim presence in Portugal.

At last, we worked the groups and social identity issue in what religious identity is concerned.

After the theoretical frame, we clarified our methodological options. We chose a qualitative method, based on documental analysis and structured interviews. These were the basis for our research.

We tried to collect important data on family, religion, friends, school and colleagues, trying to examine the impact of such influences on the student's identities. The interviews were treated according to the content's analysis.

After analysing the information of the main theme: “ Religion as the main element identifying the group of students at the Islamic School in Palmela”, we got four categories. The most important one is **Identity/ Group**, in which we can see a wide range of characteristics religious, intellectual, emotional, behaviour, values and ethics. On the second topic **Relationships/ Experiences**, we can see aspects concerning family, friends and partners. In other words relationships develop with muslim and non- muslim children, the socialization process. The third **The school's profile image**, important aspect came out concerning the religious and academical development. The students is their relationship with teachers. The last group **Professional projects**, the students revealed their future dreams.

With this work, we try to show how important are the interviews we have made. These allowed us to compare the information and to understand deeply the reality we aimed to study.

## RÉSUMÉ

Dans un monde de plus en plus globalisé, préserver et transmettre l'identité religieuse s'avère une tâche difficile.

Notre recherche s'insère dans le domaine des Relations Interculturelles, ayant comme cible l'analyse d'un groupe de huit étudiants musulmans qui fréquentent le Collège Islamique de Palmela.

Cette étude a comme objectif montrer si l'identité religieuse de ces étudiants joue un rôle essentiel dans leurs vies, en constituant un élément fondamental, tout en tenant en compte qu'ils vivent dans la société portugaise où la religion est majoritairement catholique.

Dans notre travail, nous avons traité quatre thématiques fondamentales : religion/islamisme, perspective historique de l'Islam, groupe et identité. Nous avons procédé à une révision théorique élargie, focalisant les principes, les pratiques et les grandes formations de l'Islam (Sunnite et Chiïtes), et la perspective historique de l'Islam, caractérisant d'une façon concise la présence musulmane au Portugal. Nous avons aussi abordé la question concernant des groupes et de l'identité sociale, tout en mettant l'accent sur l'identité religieuse.

Après avoir défini le cadre théorique et spécifié nos options méthodologiques, nous avons adopté une méthodologie qualitative, recourant à l'analyse de documents et à des entretiens demi-structurés comme technique de base de notre recherche. Nous avons recueilli des données significatives sur la famille, la religion, les amis, l'école, et les collègues, cherchant à examiner l'impact de leur influence sur l'identité de ces étudiants. Quant au traitement des entretiens, nous avons utilisé l'analyse de contenu.

Pour l'analyse des données constitutives du thème principal "Religion, élément fondamental de l'identité du groupe des étudiants du collège Islamique de Palmela", nous avons repéré quatre catégories. La catégorie **Identité /Groupe**, la plus importante, fait appel à des aspects d'unicité de chaque sujet et encore à une diversité de caractéristiques religieuses, intellectuelles, affectives, de comportements, de valeurs et d'éthique de ces étudiants. En ce qui concerne la catégorie **Attributs relationnels /expériences vécues des étudiants**, on constate qu'elle fait intervenir des aspects en rapport avec les activités ludiques, la famille,

amis et collègues. Elle implique aussi des aspects inhérents aux relations d'amitié que ces sujets créent avec leurs pairs musulmans et non musulmans, et de même au processus de socialisation avec leurs collègues du collège. La catégorie **Image du Collège** met en relief des aspects censés être importants, pour son efficacité, dans la formation religieuse et académique. Les étudiants savent distinguer le rôle de l'école, ainsi que l'importance de leur relation avec les enseignants. Finalement, dans la catégorie **Projets professionnels**, les étudiants ont révélé leurs projets pour l'avenir. Dans ce travail nous faisons saillir l'importance des témoins privilégiés qui nous ont permis de faire la triangulation de données, contribuant à une compréhension plus approfondie de la réalité que nous nous sommes proposés d'étudier.

## ÍNDICE

	Pág.
Agradecimentos .....	i
Resumo .....	ii
Abstract.....	iv
Résumé .....	v
Índice .....	vii
Índice de gráficos .....	x
Índice de quadros.....	xi
Índice de anexos .....	xiv

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

## I PARTE

<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>4</b>
-----------------------------------	----------

<b>CAPÍTULO I – RELIGIÃO E ISLAMISMO .....</b>	<b>5</b>
1. Religião.....	5
2. Islamismo .....	7
Muçulmanos e Árabes .....	7
Origem do Islão .....	8
O Profeta Muhammad .....	9
As crenças.....	11
Allah .....	12
Os livros de Allah e os seus Profetas.....	12
O Alcorão .....	12

Sunna e Hadith .....	14
Os Anjos .....	14
2.10. O dia do Julgamento Final.....	15
2.11.Os cinco Arkan (Pilares) do Islam.....	15
2.12.Shahadad (O Credo ou Profissão de Fé) .....	16
2.13.Salah (Oração) .....	16
2.14.Saum (Jejum- o Ramadão) .....	18
2.15.Zakat (Caridade- a contribuição) .....	20
2.16.Hajj (Peregrinação) .....	21
3. Sunitas e Xiitas .....	22
3.1.Os Sunitas .....	23
3.2.Os Xiitas .....	23
4. Lei Islâmica (Shariah) .....	24
4.1. A escola Hanafi .....	25
4.2. A escola Malaki.....	26
4.3. A escola Shafi'i .....	27
4.4. A escola Hambali .....	28
CAPÍTULO II – PERSPECTIVA HISTÓRICA DO ISLÃO .....	29
1. O Califado .....	29
O Califado Ortodoxo .....	29
O Califado Omíada.....	33
O Califado Abássida.....	38
A decadência do Califado Abássida .....	41
2. Os turcos Seljúcidas .....	42
3. Os Mamelucos .....	43
4. O Império do deserto .....	44
Os Almorávidas .....	44
Os Almôadas .....	44
5. Os Otomanos .....	45

6. O Califado na Península Ibérica .....	46
CAPÍTULO III – PORTUGAL E O ISLAMISMO .....	49
1. Portugal de hoje e o Islamismo .....	52
Os Ismaelitas .....	53
Os Sunitas .....	53
CAPÍTULO IV – GRUPO E IDENTIDADE.....	57
1. Grupo.....	57
A família – o primeiro grupo de pertença.....	61
A escola .....	62
Grupo minoritário.....	63
2. Identidade .....	64
A construção da Identidade .....	66
Identidade Pessoal – Identidade Social .....	67
Identidade Pessoal .....	67
Identidade Social .....	70
Identidade Religiosa .....	72
Fronteira .....	73

## II PARTE

CAPÍTULO I – TIPO DE ESTUDO .....	76
1.1. Investigação Qualitativa .....	77
1.2. Investigação Quantitativa.....	78
2. A escolha do Colégio Islâmico.....	78
3. Aspectos Teóricos .....	80
4. Opção Metodológica .....	81
5. Procedimentos na recolha de dados.....	84
6. Os sujeitos do estudo .....	85

7. Caracterização do Colégio Islâmico .....	87
O seu historial .....	87
A população .....	88
As instalações .....	88
O espaço envolvente .....	90
Recursos humanos .....	91
Os objectivos do colégio.....	92
Funcionamento do colégio .....	92
8. Apresentação e análise dos questionários feitos aos pais.....	94
9. Instrumentos .....	102
10. Procedimentos na análise e interpretação de dados recolhidos .....	103
11. Limitações do estudo .....	106
CAPÍTULO II – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS .....	107
1. Identidade/ Grupo .....	110
2. Atributos Relacionais/ Vivências dos alunos .....	135
3. Imagem do colégio .....	147
4. Projectos profissionais .....	166
Conclusões do estudo .....	177
Sugestões .....	183
Glossário de termos em Língua Árabe .....	184
Bibliografia.....	190
Bibliografia referente à Metodologia de Investigação .....	198
Jornais e revistas consultados .....	200
Endereços consultados na Internet .....	201
ANEXOS .....	202

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico Nº 1 – Participação dos pais .....	94
--	----

Gráfico Nº 2 – País de origem dos pais .....	95
Gráfico Nº 3 – Nível acadêmico dos pais .....	95
Gráfico Nº 4 – Razões de escolha do colégio.....	97
Gráfico Nº 5 – Idioma que falam em casa.....	97
Gráfico Nº 6 – Integração dos filhos no colégio .....	97
Gráfico Nº 7 – Acordo/ Desacordo com o uso do hijab .....	98
Gráfico Nº 8 – Acordo/ Desacordo com o uso do uniforme.....	98
Gráfico Nº 9 – Justificação de não concordar com o uso do hijab .....	99
Gráfico Nº 10 – Funcionamento do colégio .....	100
Gráfico Nº 11 – Pais que deram sugestões e que teceram considerações sobre o colégio .....	101

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro Nº 1 – Traços da Identidade pessoal e familiar. Representações de “Si” e da “Família” - Sala A .....	110
Quadro Nº 2 – Traços da Identidade pessoal e familiar. Representações de “Si” e da “Família” - Sala B .....	112
Quadro Nº 3 – Distribuição dos significados dos “Traços de Identidade Pessoal e Familiar” – por turma .....	113
Quadro Nº 4 – Práticas Culturais Distintas (Família, festas, casamentos) – Sala A .....	114
Quadro Nº 5 – Práticas Culturais Distintas (Família, festas casamentos) – Sala B.....	115
Quadro Nº 6 – Distribuição dos significados das “Práticas Culturais Distintas (Família, festas, casamentos)” – por turma .....	116
Quadro Nº 7 – Identidade Religiosa – Sala A .....	118
Quadro Nº 8 – Identidade Religiosa – Sala B .....	119
Quadro Nº 9 – Distribuição de significados de “Identidade Religiosa” – por turma .....	119
Quadro Nº 10 – A importância de ser muçulmano e frequentar o Colégio Islâmico de Palmela – Sala A .....	120
Quadro Nº 11 – A importância de ser muçulmano e frequentar o Colégio Islâmico de Palmela – Sala B.....	121

Quadro N° 12 – Distribuição dos significados da “ Importância de ser muçulmano e frequentar o Colégio Islâmico de Palmela” – por turma .....	122
Quadro N° 13 – Prática da Religião – Sala A.....	123
Quadro N° 14 – Prática da Religião – Sala B .....	123
Quadro N° 15 – Distribuição dos significados da “ Prática da Religião” – por turma .....	124
Quadro N° 16 – O colégio – Espaço de reconhecimento e de integração – Sala A.....	125
Quadro N° 17 – O colégio – Espaço de reconhecimento e de integração – Sala B.....	127
Quadro N° 18 – Distribuição dos significados de “O colégio – Espaço de reconhecimento e de integração” – por turma .....	128
Quadro N° 19 – Grupo de Pertença/ Grupo de Referência – Sala A .....	130
Quadro N° 20 – Grupo de Pertença/ Grupo de Referência – Sala B .....	132
Quadro N° 21 – Distribuição de significados de “Grupo de Pertença/ Grupo de Referência” – por turma .....	133
Quadro N° 22 – Actividades Lúdicas – Sala A .....	135
Quadro N° 23 – Actividades Lúdicas – Sala B.....	136
Quadro N° 24 – Distribuição de significados das “Actividades Lúdicas” – por turma.....	138
Quadro N° 25 – Relação de Amizade – Sala A .....	139
Quadro N° 26 – Relação de Amizade – Sala B .....	140
Quadro N° 27 – Distribuição de significados da “Relação de Amizade” – por turma .....	141
Quadro N° 28 – Relação Social – Sala A .....	143
Quadro N° 29 – Relação Social – Sala B.....	144
Quadro N° 30 – Distribuição de significados da “Relação Social” – por turma .....	146
Quadro N° 31 – O Espaço Físico – Sala A .....	148
Quadro N° 32 – O Espaço Físico – Sala B .....	148
Quadro N° 33 – Distribuição de significados do “Espaço Físico” – por turma.....	149
Quadro N° 34 – Regras – Sala A .....	150
Quadro N° 35 – Regras – Sala B .....	151
Quadro N° 36 – Distribuição de significados das “Regras” – por turma.....	152
Quadro N° 37 – Actividades de Aprendizagem – Sala A.....	155
Quadro N° 38 – Actividades de Aprendizagem – Sala B .....	157

Quadro N° 39 – Distribuição de significados das “Actividades de Aprendizagem” – por turma.....	158
Quadro N° 40 – Preferências das Actividades Escolares – Sala A.....	160
Quadro N° 41 – Preferências das Actividades Escolares – Sala B.....	160
Quadro N° 42 – Distribuição de significados das “Preferências das Actividades Escolares” – por turma .....	161
Quadro N° 43 – Aprendizagem do Islão e do Árabe – Sala A .....	163
Quadro N° 44 – Aprendizagem do Islão e do Árabe – Sala B.....	164
Quadro N° 45 – Distribuição de significados da “Aprendizagem do Islão e do Árabe” – por turma.....	165
Quadro N° 46 – Escolhas Profissionais – Sala A .....	167
Quadro N° 47 – Escolhas Profissionais – Sala B.....	167
Quadro N° 48 – Distribuição de significados das “Escolhas Profissionais” – por turma.....	168
Síntese dos dados resultantes da análise das entrevistas (Sub- categorias) .....	169
Quadro N° 49 – Identidade/ Grupo – Sala A .....	169
Quadro N° 50 – Identidade/ Grupo – Sala B .....	170
Quadro N° 51 – Distribuição de significados da” Identidade/ Grupo” – por turma.....	170
Quadro N° 52 – Atributos Relacionais/ Vivências dos Alunos – Sala A .....	171
Quadro N° 53 – Atributos Relacionais/ Vivências dos Alunos – Sala B .....	172
Quadro N° 54 – Distribuição de significados dos “Atributos Relacionais/ Vivências dos Alunos” – por turma .....	172
Quadro N° 55 – Imagem do Colégio – Sala A .....	173
Quadro N° 56 – Imagem do Colégio – Sala B.....	173
Quadro N° 57 – Distribuição de significados da “Imagem do Colégio” – por turma .....	174
Quadro N° 58 – Projectos Profissionais – Sala A.....	174
Quadro N° 59 – Projectos Profissionais – Sala B .....	174
Quadro N° 60 – Distribuição de significados dos “Projectos Profissionais” – por turma.....	175
Dados conclusivos da análise das entrevistas.....	175
Quadro N° 61 – Categorias – Sala A .....	175
Quadro N° 62 – Categorias – Sala B .....	176

Quadro N° 63 – Religião, elemento fundamental na identidade do grupo dos alunos do Colégio Islâmico de Palmela ..... 176

## ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Guião de Entrevista ..... 203  
Anexo II – Entrevistas aos alunos do Colégio Islâmico de Palmela ..... 204  
Anexo III – Questionário feito aos pais dos alunos ..... 205  
Anexo IV – Entrevistas significativas de duas testemunhas privilegiadas- Dr.<sup>a</sup> Hana Mateus e Sheik Rachid Ismael ..... 206  
Anexo V – Alguns extractos dos “Media” sobre o Colégio Islâmico de Palmela..... 207  
Anexo VI – Indicadores não classificados ..... 208

## INTRODUÇÃO

A história de um país pode ser também movida pela imigração. No plano religioso, a minoria que mais se demarca dos portugueses é a Comunidade Islâmica.

Ao longo dos últimos anos e principalmente a partir dos acontecimentos do 11 de Setembro de 2001 em Nova Iorque, muita (des)informação tem sido veiculada sobre as comunidades muçulmanas em todo o mundo.

O interesse pela comunidade terá aumentado com a novela brasileira “O Clone”. Antes, os portugueses olhavam esta comunidade com alguma indiferença. Não eram mais do que os “indianos” ou “aqueles do Alá”. Porém, a telenovela terá gerado simpatia por todas estas pessoas, que estão integradas na sociedade portuguesa, sendo elas maioritariamente portuguesas e muitos delas já de segunda geração.

Os “media”, tornaram-se os produtores de informação tanto na imprensa escrita como na televisão, relativamente à temática do Islão e da sua comunidade. Entre muitos artigos de destaque, fazemos referência a alguns, relacionados com o Colégio Islâmico de Palmela, estabelecimento de ensino pelo qual nos interessámos para fazer a nossa pesquisa. (Anexo V)

Enquanto professora, na minha actividade profissional muitas crianças de grupos minoritários surgiram no meu caminho. A escola tem um papel importante na integração social dessas minorias.

Também enquanto cidadã, a minha convivência diária com pessoas da comunidade muçulmana da margem sul do Tejo e um conhecimento “desconhecido” do Colégio Islâmico de Palmela, sensibilizou-me para conhecer o modo de viver e de sentir a escola (com características religiosas islâmicas) por parte destes alunos pertencentes a uma religião diferente da predominante em Portugal.

Procurámos contornar o que se produz nos artigos da imprensa ou o que se diz em conversas informais, contribuindo com uma investigação científica objectiva, evitando o exagero ou padronização de conhecimentos baseados na recolha de “o que se escreve ou do que se fala”. O principal objectivo deste trabalho consistiu em conhecer melhor a realidade diária destes alunos que frequentam o Colégio Islâmico, as suas crenças religiosas, as suas vivências neste estabelecimento de ensino, a família, as suas motivações e os seus objectivos.

As concepções e as vivências dos alunos deste colégio não parecem ser distintas das vividas por alunos pertencentes à religião que prevalece no nosso país, contudo, é importante compreender porque é que estes alunos muçulmanos frequentam este colégio, quando poderiam andar num outro estabelecimento de ensino, público ou privado, mais próximo das suas residências.

Assim, é nesta problemática que se enquadra o nosso estudo:

**“Até que ponto, é que a crença religiosa é um elemento fundamental na identidade dos alunos do Colégio Islâmico de Palmela?”**

Associadas a esta questão, surgem outras, que se revelam importantes:

- **Como se caracterizam os alunos deste colégio?**
- **Qual o papel dos professores (religiosos e não religiosos) na construção da identidade dos alunos?**
- **Qual o papel da família?**
- **Que peso tem a religião, na vida diária dos alunos?**

Como pretendemos conhecer melhor e compreender a realidade destas crianças e jovens que têm ideais como qualquer ser humano, mas que pertencem a um grupo religioso minoritário em Portugal, optámos pelo recurso a uma metodologia mista, mais de cariz qualitativo, uma vez que este tipo de investigação dá ênfase à forma preambular da descoberta dos fenómenos, privilegiando a compreensão das atitudes, comportamentos, conhecimentos e da visão dos indivíduos.

Dividimos o nosso trabalho em duas partes:

Na primeira parte – enquadramento teórico é gerida a contextualização dos fenómenos aqui estudados. É constituída por quatro capítulos:

- Religião/ islamismo
- Perspectiva histórica do Islão
- O Islão no contexto histórico de Portugal
- Grupo e identidade.

O primeiro capítulo faz referência à temática da religião e do Islão, na qual se nos afigurou fundamental fazer uma reflexão sobre religião, a origem, os princípios fundamentais, as crenças, os pilares e a shariah do Islão. Também abordámos as diferenças entre Sunitas e Xiitas, visto que a população do nosso estudo pertence ao primeiro dos grupos mencionados.

Num segundo capítulo, para compreendermos a religião do Islão, debruçámo-nos sobre a sua história.

Evidenciámos num terceiro capítulo a ligação de Portugal com os muçulmanos, mesmo antes da nossa fundação até aos nossos dias, verificando deste modo, que apesar de sermos um país de tradição católica, desde sempre estivemos ligados ao Islão.

No quarto capítulo definimos conceitos chave nas perspectivas de vários autores. Focalizámos neste capítulo assuntos relacionados com Grupo e Identidade num contexto pessoal, social e religioso.

A segunda parte da dissertação diz respeito ao estudo empírico e é constituída por dois capítulos.

No primeiro capítulo descrevemos o percurso metodológico, o objectivo do estudo e o tipo de estudo que utilizámos, a maneira como tivemos acesso ao campo, a selecção dos sujeitos de estudo e a identificação do estabelecimento de ensino. Fizémos também referência à técnica utilizada na recolha de dados assim como aos procedimentos da análise de dados. Concluimos este capítulo, referindo as limitações do estudo.

No segundo capítulo, apresenta-se o desenvolvimento dos dados, através da sua apresentação, análise e discussão, com o apoio de informações recolhidas através das testemunhas privilegiadas.

Finalmente, apresentámos as conclusões do nosso estudo, que procuram responder às questões colocadas à partida. Neste capítulo, fazemos algumas sugestões com a finalidade de demonstrar que a religião é um factor importante na vida escolar dos alunos do Colégio Islâmico de Palmela, mas que também neste colégio é igualmente importante a transmissão de valores universais bem como conhecimentos académicos e científicos, independentemente da religião que cada criança professe.

Apresentamos ainda um glossário com termos em língua árabe, retirados das fontes consultadas.

Apresentamos também um pequeno filme, com bastantes limitações devido ao nosso amadorismo como produtores e realizadores. Porém pensámos que, independentemente das falhas existentes, ele complementa a recolha de dados que efectuámos ao longo da nossa investigação no terreno.

**I PARTE**

**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## CAPÍTULO I

### RELIGIÃO E O ISLAMISMO

#### 1. RELIGIÃO

A religião desde sempre esteve presente em todos os povos e culturas, seja ela politeísta ou monoteísta. Elas tornam-se Universais, quando estão presentes em todo o mundo.

Religião pode ser definida como um conjunto de crenças relacionadas com aquilo que a humanidade considera sobrenatural, divino e sagrado, bem como o conjunto de rituais morais que derivam dessas crenças.

Partindo do conceito de diversidade (disparidade, variação ou pluralidade), somos diferentes religiosamente. A diversidade religiosa é grande. O respeito à diversidade é um dos valores e direitos importantes da cidadania e como tal, cada religião exprime o seu ponto de vista de um grupo, tendo o seu valor específico devido a serem diferentes.

Nunca houve uma única religião no mundo. O artigo 18º, da Declaração Universal dos Direitos do Homem, afirma que o direito à liberdade de religião deve ser absoluta.

Qualquer religião faz parte da memória cultural e do desenvolvimento histórico de qualquer sociedade.

Independentemente de se saber explicar ou não o que é religião, quase todos os indivíduos tem uma ideia do que é religião.

A palavra “ religião” tem a sua origem da palavra latina” *religio*” cujo sentido indicava um conjunto de regras, observâncias, advertências e proibições, sem fazer referência a divindades, rituais, mitos ou quaisquer outros tipos de manifestações que, actualmente entendemos como religiosas. O conceito de religião foi usado num contexto cultural da Europa, durante séculos, ligado ao cristianismo.

A religião é uma fonte do comportamento (porque estabelece uma disciplina implícita) e da cultura, sendo um sistema unitário harmonioso de regras, todas elas com o intuito de distinguir a acção do indivíduo e o seu objectivo é o de determinar a moralidade e a justiça no mundo.

Religião monoteísta é a crença do homem, na existência de um Ser Superior, Onnipotente e criador do Cosmos.

Religião é um universo do condicionamento com regras mais explícitas, porque há o preceito “dever ser” e “o bem e o mal”. Está associada a três leis:

- Lei Divina – a lei de Deus, perfeita, ela é a verdade, a autoridade máxima da moral e é para todos os homens.
- Lei Natural – com base na lei Divina, em que o homem entende mas transforma-a na lei Positiva.
- Lei Positiva – é a lei dos códigos, isto é, qualquer religião tem a pré-formação do comportamento moral do homem.

A religião estabelece ao homem uma auto-educação e este tem de agir conforme o estabelecido, senão está a transgredi-la.

Assim a religião tem um papel importante na formação do ser humano, ela esclarece o sentido existencial do homem há um sentimento de adoração a um Ser Supremo, não dependente de toda e qualquer matéria e da razão. O homem crente tem uma conexão à Autoridade Divina, apresentando porém uma dualidade – o amor e o temor.

Religião identifica-se com Fé, é o acreditar no Divino no que Ele pode ou poderá fazer em interesses aparentemente impossíveis ao homem, obtendo a coragem de agir.

Socialmente, a religião leva à unidade, amor, harmonia e cooperação, com base num conjunto de crenças, actos e emoções, individual ou colectivamente.

A religião depende de fundadores. Estes tiveram visões e revelações do Ser Onnipotente, tornando-os líderes, salvadores do mundo, de modo que pudessem transmitir aos seus seguidores, as verdades sobre a realidade invisível, como o caminho da verdade, do bem e da salvação, através de metáforas e analogias.

Desde os finais do século XIX e em particular desde a segunda metade do século XX, o papel da religião, bem como o número dos seus aderentes, tem-se alterado profundamente. O Cristianismo cresce significativamente, nos Estados Unidos, América Latina e África. O

Hinduísmo, o Budismo e o Xintoísmo, são as religiões que influenciam o Extremo Oriente. O Islão é actualmente a religião com um maior crescimento em número de adeptos, tanto no mundo árabe como no sudoeste asiático, nas comunidades europeias e americanas.

Na Europa, surgem no final do século XX “novos movimentos religiosos”, movimentos neocristãos e movimentos de origem oriental.

## **2. ISLAMISMO**

**“Não existe Deus para além de Deus e Muhammad é o seu profeta”**

### **2.1. Muçulmanos e Árabes**

No contexto histórico de Portugal, ouve-se na maioria das vezes falar de Árabe, Mouro, Sarraceno, Muçulmano, Infiel, todavia actualmente fala-se em “Islâmicos”, tanto academicamente como politicamente.

Ao utilizarmos os vocábulos “Muçulmanos” e “Árabes”, temos que os saber diferenciar. Os árabes já existiam antes do nascimento do profeta Muhammad e do livro Sagrado “Alcorão”. Os seguidores do Islão são os Islâmicos ou Muçulmanos, podem ter uma qualquer nacionalidade ou etnia, eles existem em todo o mundo e têm as mais diversas origens, enquanto um árabe pode professar de qualquer religião sem ser Islâmico. Associamos o Islão à cultura árabe, contudo a maioria dos muçulmanos está centrada na Ásia, e seguidamente distribuídos pelo Norte de África e Médio Oriente.

Porém, a língua que um Islâmico estuda é o árabe, visto que, o Alcorão está escrito nesta língua.

Independentemente da nacionalidade de qualquer Islâmico, este estuda o árabe, de modo a que possa ler o Alcorão, embora o Livro Sagrado já esteja traduzido em diversas línguas inclusive o português. Qualquer Muçulmano faz as suas orações em árabe, mas, as súplicas a Deus podem ser feitas em qualquer variante fonética.

Dos duzentos milhões de árabes, há uma minoria de dez milhões que não são muçulmanos.

A religião islâmica é a segunda religião com mais crentes no mundo, com cerca de 1,4 bilhões.

## 2.2. Origem do “Islão”

O termo “Islão”, deriva da palavra árabe “SILM/ SALAM”, cujo significado é “PAZ”, é o viver em paz tanto interiormente como exteriormente com os outros, com submissão a Um só Deus. A palavra “Submissão” para um Islâmico é consciencializar-se do Bem, do Amor e da vontade de Deus.

Alguns escritores usam o termo “ Maometismo”, como sinónimo de Islamismo, todavia um muçulmano considera uma violação ofensiva, porque não veneram o profeta Muhammad, nem o consideram o autor do Alcorão, ele foi unicamente um mensageiro, com poderes, para revelar a palavra de Deus, textos que estão escritos no Alcorão. Todo o conhecimento não é de Muhammad, mas sim de Deus – ALLAH.

Esta religião foi fundada pelo Muhammad, no século VII (570-632) da era cristã, findando elementos do judaísmo e do cristianismo. Este profeta, é considerado pelos islâmicos o último dos profetas, em que a mensagem transmitida por Deus se conserva intacta, enquanto os demais livros de outros profetas se deterioraram ao longo dos tempos.

Muçulmano (mushin em árabe), é qualquer pessoa que se submete voluntariamente à vontade de Deus, são seguidores do Islão e obedientes à vontade de Allah.

### Princípios Fundamentais da Fé Islâmica:

1º - Unicidade de Deus. Acreditar num Deus único, Supremo e Eterno, Infinito e Poderoso, Clemente e Misericordioso, Criador e Sustentor.

2º - O muçulmano crê em todos os Mensageiros de Deus que foram escolhidos por Deus para ensinar e transmitir à humanidade a Sua Divina Mensagem.

3º- O muçulmano crê, em todas as escrituras e revelações de Deus. Estas foram as luzes recebidas pelos mensageiros para guiarem os seus povos pelo bom caminho de Deus. O Alcorão faz referências especiais aos livros de Abraão, Moisés, David, e Jesus.

4º- O muçulmano crê nos anjos de Deus, seres feitos de luz e que cumprem as ordens de Allah.

5º- O muçulmano crê no Dia do Juízo Final, dia da justiça Divina. Este mundo irá terminar e os mortos comparecerão a um juízo final (Quiyáma) equitativo, tudo o que é feito neste mundo é contado e registado com muito cuidado.

6º - O muçulmano crê na predestinação de Deus e no Seu Poder de conceber e cumprir os Seus planos.

7º- O muçulmano crê que a criação de Deus tem sentido e que a vida tem uma finalidade sublime para além das necessidades físicas e actividades materiais. A finalidade da vida é a adoração de Deus. Isto não significa o isolamento do ser humano e que esteja em meditação absoluta.

8º- O muçulmano crê que o homem tem um estatuto especial e uma superior posição na hierarquia de todos os seres da Terra. Ele tem uma posição especial, porque somente ele tem faculdades e ideais espirituais.

9º- O muçulmano crê que o próprio acto de nascer, está de acordo com a vontade de Deus, para realizar os Seus planos e submissos aos Seus Mandamentos.

10º- O muçulmano crê que cada indivíduo nasce livre do pecado. Quando deixa a infância, ele torna-se responsável pelos seus actos e intenções.

11º- O muçulmano crê que o homem tem a salvação, seguindo a palavra de Deus, ele tem que ter Fé, Acção, Crer e Praticar.

12º- O muçulmano crê que Deus não responsabiliza nenhum ser humano pelos seus actos, antes de lhe ter indicado o seu caminho. Por isso Deus enviou Mensageiros da Sua Palavra.

13º- O muçulmano crê que a Fé só está completa se não a seguir cegamente ou não vacile.

### **2.3. O Profeta Muhammad**

Os Islâmicos acreditam que Allah enviou diferentes mensageiros à Terra, com uma mensagem e ensinamentos iguais ou semelhantes. Entre eles, os muçulmanos acreditam em todos os profetas da religião judaica e cristã, Adão, Noé, Abraão, Ismael, Iwsaac, Jacob, Moisés, David, Jesus.

*“Cremos em Deus, e no que nos foi revelado, e no que foi revelado a Abraão, A Ismael, a Isaac, a Jacob e às (doze) tribos, e no que foi dado a Moisés, a Jesus e aos profetas, da parte do seu Senhor. Nós não fazemos distinção nenhuma entre eles, e, submetemo-nos à Vontade D’Ele (somos muçlimun)”.*

Nos Livros sagrados das religiões monoteístas Deus é o mesmo:

*“ E não discutis com os Povos do Livro senão da melhor forma, excepto com aqueles de entre eles que são iníquos, e dissei-lhe: Nós cremos no que nos foi revelado, assim como no que foi revelado antes; nosso Deus e o vosso é UM e a ELE nos submetemos” (Alcorão, 29:46)*

Para os muçulmanos Muhammad é o último profeta de Deus e com ele nasce a religião islâmica, monoteísta, rejeitando a divindade de Jesus, a Santíssima Trindade e ainda a revelação cristã.

Muhammad, seu nome em português, Maomé, cuja forma genuína é Mafoma (ou Mafamede), ambas utilizadas pelo poeta Luís de Camões, foi o último dos profetas, que viria a ser o “Enviado de Allah”.

Muito se tem escrito e especulado sobre a sua vida e missão no mundo.

*“ Ao estudar a vida do Profeta, ninguém poderá deixar de sentir-se impressionado, tanto pelo seu carácter como pela agudeza política e administrativa, tão invulgar em chefes religiosos, mas que foi completamente subserviente, no caso do Profeta, a uma visão espiritual que conseguiu concretizar.” (Rahman, 1970,p.45)*

Muhammad nasceu em Meca (Arábia) no ano de 570 EC, pertencia ao clã dos Haxemitas, que estava integrada na tribo Coraixitas (tribo rica e poderosa). Órfão de pai, viveu com seu avô paterno Abdu-I-Muttalib até aos oito anos e, após a morte de seu avô foi viver com o tio Abu Talib (chefe do clã Haxemita, pobre e pouco poderosa, embora integrada numa tribo rica, este clã não o era), conhecendo a pobreza na sua infância e juventude. Na adolescência Muhammad foi pastor, acompanhando por vezes o seu tio no comércio de caravanas, contactando deste modo com outros costumes e pessoas.

Aos quarenta anos durante uma meditação e jejum, na caverna do Monte Hira, perto de Meca, o Anjo Gabriel, revela-se, declarando-o Profeta de Deus. Foi o início das muitas revelações dadas por este Anjo. A esta revelação, que durou 23 anos chama-se Alcorão. O

Alcorão diz que “*Muhammad era o enviado de Deus aos árabes*” (73:15). Foi na cidade de Meca que nasceu o Islão.

Muitos árabes seguiram o Profeta, contudo outros rejeitaram a sua mensagem.

### A resistência de Meca – “A Hégira”

A mensagem de Muhammad foi aceite por um pequeno grupo, porém, a maior parte dos habitantes de Meca, com crenças politeístas, a doutrina e o Julgamento Final de Muhammad serviram de ironia, pedindo ao Profeta, que provasse o sobrenatural. Mahommad e a sua comunidade foram perseguidos, deixando, assim Meca em direcção a Yathrib (Medina), no ano de 622. Esta emigração chama-se *Hijrah* (Hégira), e determina o início do calendário muçulmano.

### Medina

Medina foi e é a “cidade do Profeta”. Nasceu a primeira mesquita, foi nela que se iniciou a prece de sexta-feira e determinou-se que qualquer muçulmano deveria orar virado para Meca, assim como o seu dogma. Medina ficou convertida. O profeta regressou a Meca, e em 630, tornou a *Alcaba* – o templo do cubo ou da pedra negra, o lugar supremo de adoração a Allah. Os habitantes de Meca converteram-se ao Islão.

Mahommad dominou e unificou quase toda a Arábia.

Mahommad morreu em Medina em Junho de 632.

## **2.4. As crenças**

As principais crenças do Islamismo são:

- Allah, único Deus existente.
- Os livros Sagrados sendo o mais importante e mais perfeito, o Alcorão.

- Os Profetas
- Os Anjos, seres criados por Allah
- O Dia do Julgamento Final

## 2.5. Allah

Os muçulmanos professam de uma religião monoteísta – a crença num único Deus. O monoteísmo no Islão é a absoluta Unidade e Unicidade de Deus, que torna impossível a noção de pessoas de compartilhar a natureza Divina. O oposto do monoteísmo no Islão é chamado em árabe “Chirk”, ou seja a associação de parceiros com Deus. Todas as formas de filosofia de Deus, incorporado, são excluídas”...*assim como a cega obediência aos ditadores, ao clero, ou aos próprios desejos e caprichos de cada um*” (Adamay, M. Y., 1999:6-7)

O monoteísmo e fé em Allah, para um muçulmano, influenciam muito o modo de vida deste.

## 2.6. Os livros de Allah e os seus Profetas

Todos os muçulmanos respeitam vários livros, que foram transmitidos aos Profetas, considerando que estes guiaram a humanidade.

- O livro SAHIFA (Pergaminhos) foi dado a Abraão.
- O livro ZABUR (Salmos) foi dado ao Profeta David;
- O TAWRAT (Torah), livro dado ao Profeta Moisés;
- INJIL (Evangelho) foi enviado ao profeta Jesus.
- O ALCORÃO, o último livro, com orientações dadas por Allah a Muhammad, para guiar a humanidade.

## 2.7. O Alcorão

O Alcorão é a “leitura por Excelência” dos muçulmanos, ele é o guia supremo e invisível para todo o islâmico, com passagens do Antigo Testamento judaico e cristão, contém também

registros de tradições religiosas. É um livro de Orientação Completa e Perfeita para todos os seguidores de Muhammad, é a “Revelação Divina”, é o verdadeiro código, tanto nos princípios religiosos (morais e espirituais), como um instrumento regulador da vida política, administrativa e legislativa dos que professam o islamismo. Ele é a palavra de Allah.

O Alcorão tem as revelações Divinas de Deus, transmitidas ao Profeta Muhammad, pelo Arcanjo Gabriel, entre 610 e 632 EC, durante 23 anos nas cidades de Meca e Medina. Ele mantém-se tal como foi revelado por Deus, que o protege contra todas e quais quer alterações e corrupção. Ele serve de norma, para que os muçulmanos possam julgar os outros Livros, sendo aceites como verdade Divina, se estiverem de acordo com o Alcorão e rejeitando tudo o que for diferente.

O Alcorão é a principal fonte de Fé e de prática dos muçulmanos. O seu principal tema é o relacionamento com Deus e as suas Criaturas, contudo Ele dá orientação para que a sociedade seja justa e que a conduta do ser humano seja honrosa. O Alcorão é composto por 114 Suras (capítulos), e estes por 6226 Ayat (versículos).

Muitas ilações, se têm tirado, relacionadas com o discurso dos textos do Alcorão, já que é suposto que o profeta era iletrado, deduzindo-se que estes textos foram decorados e reproduzidos mais tarde após a morte de Muhammad, pelos seus sucessores (os califas).

O primeiro califa Abu Becre, baseado nos apontamentos do companheiro do Profeta, Zaide Ibne Cabite, iniciou a organização destes apontamentos. A composição definitiva dos textos foi terminada no terceiro califado “o califa Otman”. Concluídas seis cópias definitivas, no ano de 651 EC, foi oferecida um exemplar para as cidades de Meca, Báçorá, Cufa e Damasco e, dois exemplares para Medina (um para o califa e outro para os habitantes da cidade).

O Alcorão é um livro por excelência, ele é a oração, um guia na vida diária e também um ritual. O Alcorão é lido em árabe assim como a sua recitação. Muitos muçulmanos memorizam partes do Livro, sendo um grande prestígio para todo aquele que o faça na sua totalidade, chamado “*hafiz*” (guardião), denominação honorífica que remonta ao tempo em que o livro era transmitido através da palavra.

Todas as crianças islâmicas, independentemente de saberem ou não árabe, estudam o Alcorão na língua mãe do Alcorão.

As crenças e práticas do Islão estão baseadas no Alcorão e também no Hadith e na Sunna.

## 2.8. Sunna e Hadith

A segunda fonte doutrinal do Islamismo é a Sunna, ela é a tradição, é o padrão de conduta, para casos não previstos no Alcorão.

Sunna é uma palavra árabe que significa “um caminho”, deste modo, para os muçulmanos, são actos, dizeres e aprovações do Profeta, durante os vinte e três anos de Revelação, que devem seguir o exemplo de Muhammad, já que o Alcorão ordena aos crentes que devem obedecer ao Mensageiro:

*“Ó vós que credes! Obedecei a Deus, e obedecei ao Mensageiro e às autoridades dentre vós. Se disputardes sobre qualquer questão, recorrei a Deus e ao seu Mensageiro, se credes em Deus e no Último Dia; é o melhor e o mais conveniente para determinação final”* (Alcorão 4:59)

A Sunna é um conjunto de “Hadiths”, narrações fundamentais de uma vida perfeita – a do Profeta. Estes Hadiths foram estudados por vários eruditos, que os dividiram e classificaram conforme a sua veracidade, isto é, ligados ao contexto e aos seus transmissores:

- Os “Sahih” (seguros), Hadiths que estão ligados a uma transmissão rigorosa e aceite por toda a comunidade islâmica;
- Os “Hasan” (belos) são viáveis, mas, por vezes deixam algumas dúvidas quanto à credibilidade;
- Os “Dacif” todos aqueles Hadiths, cujo conteúdo não é fidedigno.

## 2.9. Os Anjos

Os anjos foram criados por Allah, a partir da Luz Divina. Cada anjo tem o seu papel como o de revelação aos Profetas. Eles protegem, guardam e registam as acções dos homens. O anjo Jibrail (Gabriel) foi o mensageiro da palavra de Allah ao Profeta Muhammad.

Para além dos anjos existem os “Jinn”, espíritos bons e maus, que influenciam e interferem nos acontecimentos no mundo. Um dos espíritos malignos é Iblis (Satanás).

## 2.10. O dia do Julgamento Final

O Alcorão admite que todas as acções humanas são obras de Deus, mas a sua índole moral é decidido pelo homem, inculcando a retribuição ou punição na presença de Allah, no Yaum al – Qiyamah (dia do Juízo Final).

Segundo a crença popular, a chegada do dia do Juízo Final, será antecedida por vários sinais idênticos aos do Apocalipse, haverá uma luta entre o bem e o mal, o nascimento do sol no poente, o som de uma trombeta e o aparecimento de uma besta.

Segundo o Alcorão o mundo não acaba, mas tem uma profunda alteração e este tornar-se-à o Paraíso.

Depois do fim do mundo, todos os que tiveram uma vida terrena serão ressuscitados e julgados. Esta ressurreição é narrada com muita beleza, haverá um primeiro toque de trombeta do anjo Israfil, que levará à precipitação de todos os mortos. Surgirá um segundo toque que realiza a ressurreição. Emergirá então o julgamento final. Será o verdadeiro encontro com Deus e ter-se-á que responder pelas acções que cada um dos homens praticou em vida terrena. Os seres livres de pecado serão enviados directamente para o Paraíso, os pecadores permanecerão algum tempo no Inferno antes de entrarem no Éden, e os falsos religiosos (os que se dizem muçulmanos e não o são) permanecerão eternamente no Inferno.

O Alcorão descreve o Paraíso como um conjunto de jardins entre pequenos bosques, cascatas, música celestial, regatos de mel puro, leite inalterável e vinhos aromáticos e divinos que não extasiam. No Paraíso, residência definitiva dos bons e justos, haverá uma vida de muito requinte e plenitude, enquanto que, para aqueles que irão para o Inferno, o calor queimar-lhes-á a pele, terão que fazer grandes esforços para se alimentarem dos frutos de uma árvore, em que dos arbustos sairão cabeças de demónios.

## 2.11. Os cinco Arkan (Pilares) do Islam

Os cinco Arkan (pilares) do Islão são a estrutura espiritual deste. São cinco práticas rituais que todo o muçulmano deve seguir:

- Shahadad (Fé)

- Salad (Oração)
- Sawm (Jejum)
- Zakad (Pagamento de dádivas)
- Hajj (Peregrinação)

## 2.12. Shahadah (O Credo ou Profissão de Fé)

Todo o muçulmano declara a sua fé recitando a Kalimah (declaração de Fé). Na Kilamah declara-se que não existe nenhuma divindade a não ser Allah e que Muhammad é o seu último profeta. Nesta declaração todos os fiéis pronunciam *“la ilaha illa’Llha”* ( *não há outra divindade senão Deus*) seguida de uma outra recitação *“Muhammad rassulu’Llh”* (*Muhammad é seu mensageiro*). Este testemunho anula qualquer adoração a outra divindade, ou coisa, que o ser humano seja tentado contra Allah. O Alcorão cita *“ Deus dá testemunho de que não há mais divindade além d’Ele, os anjos e os sábios O confirmam Justiceiro; não há mais divindade além d’Ele, o Poderoso, o Prudentíssimo.”* (3;18)

O fiel crê que Muhammad é o último Profeta de Deus, assim como tudo por Ele dado, como a crença dos Anjos, os Livros Sagrados, os outros Profetas, o Dia do Juízo Final e a Predestinação.

A esta fé segue-se a acção. Qualquer islâmico pratica o que Allah e o seu Profeta lhe pediram, mantendo-se afastado do que não deve ser feito. Há uma interligação entre a aceitação da Fé e a aplicação desta (acção). Sem Fé a acção é estéril e esta é inútil. Não basta a aceitação da Fé, ela tem que ser aplicada através da Salah (oração), do Sawm (jejum), da Zakad (caridade) e da Hajj (peregrinação).

## 2.13. Salah (Oração)

Salah (oração) consiste na santificação e glorificação de Deus, ela é a comunicação directa, o elo entre o homem e Allah. A finalidade da salah, vem no Alcorão *“a oração é uma obrigação prescrita aos crentes, para ser cumprida em seu devido tempo”* (4:103) O Profeta

Muhammad, transmitiu aos crentes, através da Sunna, a forma de fazerem a oração e disse: *“Orai como me vistes orando”*.

A oração é obrigatória tanto para homens como para mulheres e é feita cinco vezes ao dia, em períodos definidos. Também é colectiva e obrigatória a oração de congregação de 6ª feira ao meio-dia *“Salah-al-Jumuah”* e a Salah do funeral. Há um estímulo para que a oração seja feita em grupo. Os crentes são alinhados em fileiras, sem distinção de hierarquia, ou classe social, simbolizando a igualdade perante Deus.

As crianças iniciam a oração na puberdade, embora algumas comecem mais cedo. As mulheres e crianças geralmente rezam em casa.

As cinco Salah diárias não têm um horário estabelecido, mas sim ao percurso do sol. A primeira oração *“Salah-ul-fajr”* é feita ao amanhecer, depois da madrugada e antes do nascer do sol (amanhecer). A *“Salah-ul-zuhr”* é efectuada depois do sol começar a declinar do seu zénite até estar a meio caminho de se pôr (meio-dia). A *“Salah-ul-asr”* entre o meio-dia e o pôr-do-sol. A *“Salah-ul-maghreb”* ao pôr-do-sol. E finalmente a oração da noite *“Salah-ul-ichá”*. Nas mesquitas fazem o Adhan (chamamento para a oração):

*“Deus é Grande. Deus é Grande. Deus é Grande. Eu testemunho que não há outra divindade senão Deus. Eu testemunho que não há outra divindade senão Deus. Eu testemunho que Muhammad é mensageiro de Deus. Eu testemunho que Muhammad é mensageiro de Deus. Vinde à oração! Vinde à oração! Vinde para o sucesso (nesta vida e na outra)! Vinde para o sucesso! Deus é grande. Não há outra divindade senão Deus.”*

A oração pode ser praticada em casa, ou em qualquer outro lugar, embora seja preferível orar na Mesquita. Deus instruiu os seus fiéis para a construção de Mesquitas, com a finalidade da oração ser feita em grupo *“Semelhante luz brilha nos templos (Mesquitas) que Deus tem consentido, sejam erigidos, para que neles seja celebrado o Seu Nome e neles O Glorifiquem de manhã e à tarde”*( Alcorão 24:36)

Antes da oração, há o ritual, o *“Wudu”* (limpeza), como símbolo da pureza. Deve-se lavar as mãos, a cara e os pés, quando a oração é feita num local sem água, faz-se simplesmente os gestos, uma forma simbólica de manifestar a purificação antes da Salah, o Alcorão refere:

*“ Ó fiéis sempre que vos dispuserdes a observar a oração, lavai o rosto, as mãos e os antebraços até aos cotovelos; esfregai a cabeça, com as mãos molhadas e lavai os pés, até aos tornozelos (...)”*(5:6)

A oração é feita na direcção a Meca.

As Salah são um conjunto de versículos, obrigatórios, do Alcorão, recitados num ciclo de posições, o “ Rakca” (posição de pé, sentado ou de joelhos). As orações são proferidas em árabe, idioma que foi revelado o Alcorão, contudo os pedidos pessoais “ du’ah”, são feitos na língua materna de cada fiel. À 6ª feira, dia de ofício principal dos islâmicos (semelhante ao domingo dos cristãos), há a obrigatoriedade do comparecimento dos fiéis na Mesquita à “Salah-ul – Jumuah” (oração do meio-dia), precedida de um sermão feita pelo Imame, que exhibe um arco, uma espada ou um ceptro, como o Profeta usou.

#### **2.14. Saum (Jejum- o Ramadão)**

O Saum (jejum) é praticado no nono mês “Ramadan” do calendário islâmico, mês em que o Alcorão foi enviado do céu, começando na lua nova prolongando-se durante vinte e nove ou trinta dias. O jejum é uma forma de treino espiritual, de desenvolvimento e auto-disciplina.

Em 624 EC, o segundo ano da Hégira, tornou-se obrigatório fazer o jejum, segundo o Alcorão:

*-“Ó fiéis, está-vos prescrito o jejum tal como foi prescrito a vossos antepassados, para que temais a Deus”.*

*-“Jejuareis determinados dias; porém quem de vós não cumprir o jejum, por achar-se enfermo ou em viagem, jejuará, depois o mesmo número de dias. Mas quem, só à custa de muito sacrifício, consegue cumpri-lo, vier a quebrá-lo, redimir-se-á, alimentando um necessitado; porém, quem se empenhar em fazer além do que for obrigatório, será melhor. Mas, se jejuardes, será preferível para vós, se quereis sabê-lo”;*

*-“O mês do Ramadão foi o mês em que foi revelado o Alcorão, orientação para a humanidade e evidência de orientação e discernimento. Por conseguinte, quem de vós presenciarem o novilúnio deste mês deverá jejuar, porém, quem se achar enfermo ou em viagem jejuará depois, o mesmo número de dias. Deus vos deseja a comodidade e não a dificuldade, mas cumpri o número (de dias), e glorificai a Deus por Ter-vos orientado, a fim de que (Lhe) agradeçais”. (2:183-185)*

A intransigência da renúncia é tanta, que em muitas cidades dos países islâmicos tem para cada dia do jejum, a hora e os minutos exactos em que este deve começar. Qualquer rotina diária é alterada. Durante este mês, os muçulmanos não comem, não bebem, não têm contactos sexuais, do nascer do sol até ao pôr deste. Só os idosos, viajantes, mulheres grávidas e que aleitam, os impúberes, os soldados em guerra santa, é que podem substituir o jejum por determinadas penitências ou adiar a seu cumprimento. Têm isenção de jejuar as pessoas com doenças crónicas que os impossibilite de fazer jejum. O jejum é definido pela Jurisprudência Islâmica do seguinte modo:

- O jejum é obrigatório para todo o muçulmano que tenha atingido a puberdade e que se encontre com saúde física e mental.
- O Jejum consiste na abstenção de ingerir todos os alimentos sólidos e líquidos, de fumar e de ter relações sexuais desde o nascer até ao pôr-do-sol.
- O período de Jejum pode ser maior ou menor, pelo facto de que o calendário lunar (usado pelos muçulmanos) é móvel, e depende do mês e estação do ano que corresponde ao calendário solar. Assim, o jejum (o mês do Ramadam) pode ser no Inverno, no Verão, ou em períodos intermédios.

O Ramadão, em cada ano começa onze ou doze dias mais cedo, em relação ao calendário gregoriano precedente, devido à diferença dos doze meses lunares (o calendário islâmico tem 354 dias).

Antes do cumprimento do jejum, antes do nascer do sol, os muçulmanos fazem uma refeição substancial a “seheri”. Após o cumprimento do jejum, depois do pôr-do-sol, os fiéis tem o “iftar”, compensando assim a Saum do dia.

Do vigésimo sexto dia para o vigésimo sétimo dia do Ramadão, há a noite sagrada, todos os crentes meditam, oram e expressam os seus desejos. Nesta noite os anjos, autorizados pelo arcanjo “Jibrail” (Gabriel) descem à terra, para satisfazer os pedidos dos fiéis. No final do Ramadão, há a grande festa a “ Eid-al – Fitr” (festa do fim do jejum), celebrado no primeiro dia de “Xaua”, 10º mês do calendário islâmico. Nos países muçulmanos, todos os serviços públicos e privados fecham durante dois dias. Neste “Eid”, todos agradecem a Allah na Mesquita, na oração do meio-dia, por terem conseguido jejuar. Depois da Salah (oração), há o perdão e reconciliação recíproca entre aqueles que se ofenderam. As crianças recebem presentes dos familiares mais velhos. Este jejum é obrigatório, mas é também recomendado

fazê-lo todas as 2<sup>as</sup> e 5<sup>as</sup> feiras de todas as semanas, três dias no meio do mês e seis dias após a festa do Ramadão, assim como alguns dias antes do início do Saum.

O Jejuar foi decidido no segundo ano da Hégira, pelo Profeta Muhammad, para relembrar a todos as primeiras revelações.

## 2.15. Zakat (Caridade- a contribuição)

Defendendo a fraternidade e a justiça social, sendo a riqueza dos homens uma dádiva de Deus, e como purificação dos seus bens ao muçulmano é estabelecido a doação para os mais necessitados, de uma certa quantia, isto é uma taxa anual que varia de 2,5% a 10%, a “Zakat” (contribuição) dos seus rendimentos, no Alcorão está escrito:

*“E lhes foi ordenado que adorassem sinceramente a Deus, fossem monoteístas, observassem a oração e pagassem o Zakat, esta é a verdadeira religião” (98:5), “Praticai a oração, e pagai o Zakat e geneffecti juntamente com os que geneffectem” (2:43), “crede em Deus e em Seu Mensageiro, e fazei caridade daquilo que Ele vos fez herdar. E aqueles que, dentre vós, crerem e fizerem caridade, obterão uma grande recompensa” (57:7).*

Todo o muçulmano faz o cálculo do Zakat, seguindo as regras estabelecidas na Shariah. O Zakat pode-se pagar sobre:

- Jóias (ouro, prata e dinheiro)
- Comércio
- Colheitas agrícolas (que se paga por colheita e não anualmente)
- Gado (carneiros e camelos)

Nos países muçulmanos, este imposto não substitui outros impostos, ele é um dever religioso. O “Zakat”, segundo o Alcorão é utilizado exclusivamente para a assistência aos pobres, socorro aos viajantes, aos devedores insolventes, libertação de “escravos”, auxílio aos necessitados, aos que pretendem converter ao Islão, retribuição aos angariadores do imposto e, ao “serviço de Allah” (para fins religiosos). Paralelamente a este imposto, qualquer muçulmano poderá fazer caridade voluntária, o “Sadaqa”, sendo esta feita em secretismo e sem vaidade.

*“Mesmo encontrares-te com o teu irmão com cara alegre é caridade. Caridade é uma necessidade para todos os muçulmanos. Evitar fazer o mal também é caridade” (Mahummad)*

## **2.16. Hajj (Peregrinação)**

O último pilar do Islão consiste no Hajj (peregrinação a Meca), obrigatório pelo menos uma vez na vida, para todos os muçulmanos que gozem de saúde e tenham meios financeiros.

Esta peregrinação realiza-se no mês de Dhu-al-hijja, o último mês do calendário islâmico.

Esta peregrinação começou a ser feita pelo Profeta, após a rendição de Meca. É a comemoração dos rituais Divinos de origem Abraânica (o Profeta Abraão e o seu filho Ismail), em que os peregrinos se juntam na casa de Allah na Terra, a Caaba. Todos os anos, os fiéis de todas as camadas sociais, se reúnem em Meca para Glorificação de Allah. Os peregrinos vestem roupas especiais, compostas por dois panos brancos, sem costura e sem serem debruados, cruzados de forma a deixarem livre e descoberta uma parte do braço direito. Os homens têm as mãos e os pés nus, enquanto as mulheres se cobrem com um manto e um véu. Neste período, todo o peregrino afasta-se do que é material e vive unicamente num plano espiritual. É um período em que há a igualdade entre os homens, pois todas as pessoas, vestem o mesmo tipo de roupa, independentemente da sua classe social, nacionalidade ou etnia. Para entrarem na cidade de Meca os peregrinos, tem de cumprir a abstinência, os homens não podem cortar o cabelo, barbearem-se, usarem perfumes e terem actos sexuais. Depois de vestirem este traje, os fiéis pronunciam *“Ei –me aqui Allah! Eis–me aqui!”* Começa assim a parte crucial da Fé Islâmica. Dão sete voltas à Caaba, sendo esta beijada, depois de cada uma das sete voltas. Sem interrupção, os peregrinos dão outras sete voltas entre as colinas de Safa e Marwa, lembrando os tormentos de Agar (esposa de Abraão), ao ser abandonada por Abraão, com o seu filho Ismail (Ismael). Agar fez este percurso, sete vezes entre estas duas colinas procurando água para o seu filho. Diz a lenda que Ismail bateu com os calcanhares na areia, surgindo naquele lugar uma fonte, a Zamzam, com poderes espirituais, que os peregrinos levam um pouco daquela água como recordação do Hajj. No dia seguinte, estas mesmas pessoas dirigem-se para Mina (povoação perto de Meca) e sobem o monte Arafat, local onde Adão e Eva se encontraram e onde o Profeta fez o seu último

sermão. Neste local os fiéis rezam pelo perdão, considerando uma previsão do Dia do Juízo Final. O terceiro dia do Hajj é o último, em que uma das cerimónias consiste no lançamento de quarenta e nove pedras aos três pilares existentes, exemplo de Abraão, que o fez para afastar o Diabo. Depois deste ritual começa a festa dos sacrifícios “Eid-al-Adha”, considerada para os islâmicos a mais importante de todas as festas. Sacrificam carneiros e bodes (sempre animais machos), em lembrança do sacrifício de Abraão, renunciou a vida de seu filho Ismail, satisfazendo a vontade de Deus. Allah ao ver o cumprimento de um pedido Seu substituiu Ismail por um carneiro. No final da “Eid-al-Adha”, os peregrinos vestem as suas roupas e vão para Medina, visitar a “Zíara”, túmulo do Profeta.

### 3. SUNITAS E XIITAS

A fé islâmica supostamente deve ser uma só, porém os muçulmanos estão divididos em vários grupos, tendo maior relevância dois deles, os Sunitas e os Xiitas. Estes dois grupos têm como princípio o Alcorão, partilham três doutrinas:

- A individualidade de Allah.
- A crença nas revelações do Profeta.
- E a crença na ressurreição de Muhammad no Dia do julgamento Final.

Estes dois grupos surgiram, devido à sucessão do Profeta Muhammad, e de quem deveria ser o representante de Allah na Terra. A sua divisão está nas diferenças da doutrina do califado e do imamato.

Para os Sunitas, o califa é apenas um líder, em que a sucessão deve ter como base a sua religiosidade e mérito, cujo dever é o de proteger a religião e a lei islâmica. O califa deve cumprir a moral e a ética.

Para os Xiitas, o líder da comunidade é o herdeiro e o continuador espiritual do Profeta (Imame), sem liderança temporal, em que o Imame (Xiita), não sendo um profeta tem inspiração divina, sem pecado e é a autoridade máxima para interpretar a vontade de Allah. O Imame deve ser descendente directo do Profeta e de Ali (4º califa, genro e primo de Muhammad).

Os Sunitas compõem cerca de 90% dos muçulmanos, e os Xiitas são uma minoria, apenas 10%.

### **3.1. Os Sunitas**

Os Sunitas, grupo maioritário, desde o ano 661 EC, defendem o califado, desde que este cumpra os preceitos religiosos e mantenha a ordem no mundo islâmico. O califa era o sucessor escolhido ou eleito pelo Profeta, no entanto a liderança era também militar e política.

“Sunita” deriva da palavra Sunna, que é a palavra e as acções do Profeta Muhammad, assim os Sunitas representam a continuação do Islão como foi decidido através das Revelações ao Profeta e da sua vida.

A interpretação da história do Islão dos primeiros tempos, para os Sunitas era a de sinais de orientação de Deus e a recompensa dada ao grupo fiel, assim como a confirmação da crença e dos direitos dos muçulmanos. Este grupo respeita Ali (tendo sido o 4º califa), mas não o reputam como o único e o verdadeiro continuador da tradição de Muhammad, nem o vêem como um representante na Terra do Profeta. Os Sunitas consideram ainda a peregrinação a Meca como única e acreditam nas tradições baseadas em escolas teológicas e jurídicas, baseadas em analogias do Alcorão e dos Hadith.

### **3.2. Os Xiitas**

Com a morte de Ali, os Xiitas defenderam a legitimidade religiosa e política dos seus descendentes. Apesar de terem sido sempre minoritários, durante séculos, tiveram uma influência decisiva sobre o Islamismo.

Os Xiitas além da peregrinação a Meca, também consideram muito importante, outras peregrinações a lugares santos.

O termo Imame é usado, quando mencionam Ali e os seus descendentes, sendo visto como um ser divino, representando Allah na Terra, e com um conjunto de conhecimentos.

Os Xiitas estão divididos em outros grupos destacando-se os Ismaelitas que consideram os seus Imames descendentes de Ismael (sétimo Imame legítimo). O grupo principal dos Xiitas é o "Xiismo dos Doze Imames", que acreditam que a linha de descendência de Ali termina no décimo segundo Imame, que irá um dia aparecer como o Mahdi (o Messias). Nesta comunidade, o Imame representa Allah na Terra, dando-lhe um conjunto de conhecimentos sobre o Alcorão.

Os Ismaelitas são conduzidos pelo Imame (Ismaelita) Aga Khan, que conseguiu destacar-se e liderar os muçulmanos de todos os continentes.

#### **4. LEI ISLÂMICA (SHARIAH)**

No Islão, não há uma separação entre religião e direito, como acontece na cultura ocidental. Todas as leis são religiosas e baseadas ou nas escrituras sagradas ou nas opiniões dos líderes religiosos. Os termos usados para designar a Lei foram, Kalam e Shariah, termos tardios relativamente a Fiqh.

O sistema da lei islâmica ou Shariah procura regular os aspectos da vida humana. As fontes principais da Shariah são o Alcorão (a mais importante fonte da jurisprudência islâmica) e a Sunnah (vida e caminhos do Profeta).

A jurisprudência islâmica chama-se Fiqh, é constituída pelas decisões dos académicos islâmicos que dirigem as vidas dos muçulmanos. Diferentes estudiosos aplicaram princípios na especificação da legislação, dando origem a várias escolas jurídicas diferentes de Jurisprudência Islâmica.

Os juristas muçulmanos sunitas, pertencem a quatro escolas que diferem mais ao menos nas fontes textuais do Alcorão e do Hadith, isto é todas as leis que não se encontravam explícitas, principalmente na segunda fonte, foram deduzidas por escolas. Estas escolas são:

- A escola Hanafi
- A escola Malaki
- A escola Shafi'i
- A escola Hanbali

Estas quatro escolas partilham a maioria das suas decisões, mas diferem nos Hadiths que aceitam como autênticos e o peso que dão à analogia ou razão em decidir, perante as dificuldades.

### **As quatro Escolas da Jurisprudência Islâmica Sunita:**

A maioria dos muçulmanos sunitas rege-se por duas destas escolas: a Hanafi e a Shafi'i.

#### **4.1. A escola Hanafi**

O fundador desta escola foi o Imame Abu Haneefah (702-767 EC). Os seus estudos foram dedicados à filosofia e à dialéctica, que se tornaram conhecidos por *Ilm al-kalaam*. Aprofundou os seus conhecimentos de *Fiqh* e de *Hadith*. Com base no método de ensino de *Shura* (consulta mútua), isto é, era apresentado um problema legal aos estudantes de modo que pudesse ser debatido. Os estudantes tinham o papel de mencionar a solução encontrada, quando ela era unânime. O Imame Abu Haneefah e os seus discípulos ficaram conhecidos como os *Ahl ar-Ra-i* (pessoas de opinião ou de raciocínio).

As principais fontes de lei desta escola foram:

- O Alcorão – Fonte principal e inquestionável da Lei Islâmica.
- A Sunnah – A segunda fonte mais importante da Lei Islâmica. As Sunnah composta por Hadiths, contudo alguns contradizem-se; esta escola defendia que um Hadith não bastava ser seleccionado, ele também tinha que ser conhecido para que fosse usado como prova legal.
- *Ijma* (consenso) dos Companheiros – Qualquer questão, que não fosse encontrada explicação nas duas principais fontes, a opinião unânime dos companheiros do Profeta, era considerada a terceira fonte da Lei islâmica
- Opinião individual de um companheiro – Abu Haneefah, escolhia a opinião que considerasse mais apropriada, nalgum ponto de Lei para a situação em questão, quando não existia um consenso entre os companheiros.

- Qiyaas (dedução analógica) – Quando não se encontrasse princípios clarificados, existentes nas fontes anteriores, fazia-se o raciocínio por analogia, fazendo nascer novas leis.
- Istihsaan (preferência) – Para uma determinada situação, preferia-se uma prova em relação a outra.
- Urf (costume local) – os costumes locais passaram a ser importantes, onde não existissem costumes islâmicos obrigatórios disponíveis. Com base na aplicação deste princípio que muito dos costumes existentes nas inúmeras culturas dentro do mundo muçulmano, entraram num sistema legal, tornando-se erradamente classificados como islâmicos.

Os principais países seguidores desta escola são Guiana, Síria, Suriname, Turquia e o sub-continente Indo-paquistânês.

#### 4.2. A escola Malaki

O seu fundador foi o Imame Malak ibn Amir (717-801 EC). O seu conhecimento islâmico restringiu-se ao existente na cidade de Medina. O método de ensino desta escola era baseado na narração de Hadith, assim como na narração dos seus significados (relacionado com os problemas da época). Compilou os Hadiths num livro al – *Muwatta*. Estes Hadiths eram narrados pelo Imame Malak aos seus discípulos. Este Imame evitava Fiqh hipotéticas e especulações. Este método ficou conhecido por *Ahl al-Hadith* (pessoas do Hadith).

As principais fontes usadas por esta escola foram:

- O Alcorão – fonte principal da Lei Islâmica.
- A Sunnah – segunda fonte da lei Islâmica. Contudo se um Hadith não fosse considerado fidedigno era rejeitado. Imame Malak ibn Amir usava qualquer Hadith que fosse narrado, mesmo que não fosse conhecido, mas credível.
- Amal (Prática) Medinenses – Malik ibn Amir argumentava que deveriam ser aceites as práticas comuns dos Medinenses, desde que não tivessem sido criados pelo Profeta, considerando esta, uma forma de Sunnah, narrada não por palavras mas sim em acções.

- Ijma (Consenso) dos Companheiros – como a escola Hanafi, era considerada uma fonte da Lei Islâmica, a opinião unânime dos Companheiros do Profeta, quando não existia nenhuma explicação clara nas duas anteriores fontes.
- Opinião Individual de Um Companheiro – No livro *al-Muwatta*, estão todas as opiniões individuais dos companheiros com ou sem consenso.
- Qiyaas (Dedução Analógica) – como a escola anteriormente mencionada, este Imame utilizou o seu raciocínio lógico para deduzir Leis que não estivessem clarificadas nas fontes anteriores.
- Costumes dos Medinenses – Desde que não contrariassem os Hadiths conhecidos, alguns dos costumes Medinenses eram considerados também fontes de Lei.
- Istilaah (Bem-estar) – O seu significado é “ O que não é mais adequado”. Está relacionado com questões que estão ligadas ao bem-estar do Homem, mas que não estavam mencionadas com pormenor na Sharia.
- Urf (Costume) – Malik considerou os costumes e hábitos sociais e locais, como fontes, desde que não contrariassem a Sharia.

Actualmente os seguidores desta escola encontram-se na Tunísia, parte do Egipto, Sudão, Argélia, Marrocos, Mali, Nigéria, Chade e países do Golfo Pérsico.

#### 4.3. A escola Shafi'i

O fundador desta escola foi Imame Ash-Shafi (769-820 EC). Foi discípulo de Imame Malik. Imame Shafi criou uma nova escola (*madhhab*) de pensamento, era a combinação das anteriores escolas. Este novo pensamento foi transmitido através do livro *Al – Hujjah* (a Evidência). Ash – Shafi foi o primeiro Imame a organizar os princípios fundamentais da Fiqh.

Algumas das fontes de Lei usadas por esta escola, foram as das outras duas já mencionadas:

O Alcorão, Sunnah, Ijma (consenso) dos Companheiros, opinião individual de um companheiro, Qiyaas (dedução analógica). Uma outra fonte surgiu nesta escola a *Istis – haab* (Ligação), substituta dos princípios de *Istilaab* (escola Malik) e de *Istihsaan* (escola Hanafi),

é baseada na suposição de que as leis de fiqh aplicáveis a certas condições, permanecem válidas enquanto não existir confirmação de que essas condições foram alteradas.

Os principais seguidores desta escola são uma parte do Egito, Iémen, Indonésia, Malásia, África oriental e Suriname.

#### **4.4. A escola Hambali**

O fundador desta escola foi Imame Ahmad ibn Hambal Ash-Shaiban (778-855 EC). Foi um dos grandes memorizadores e narradores dos Hadiths. O método de ensino desta escola consistiu em ditar Hadith a partir do *Al-Musnad* com mais de 30 000 Hadiths. Esta doutrina só foi compilada pelos discípulos dos discípulos de Imame Ahmad, devido à proibição de se fazer qualquer registo das próprias soluções de um problema.

As fontes de Lei usadas por esta escola, foram as já mencionadas em relação às outras escolas, contudo diferia no princípio *Hadith Da'if* (Hadith fraco). Nesta escola, quando nenhuns dos outros princípios tinham uma solução assertiva preferia-se um Hadith fraco, considerando-se este verdadeiro.

Actualmente, a Arábia Saudita e a Palestina são os seguidores desta escola.

## CAPÍTULO II

### PERSPECTIVA HISTÓRICA DO ISLÃO

A sociedade islâmica contemporânea só poderá ser compreendida se olharmos para a sua história, porque ela é a ligação com a religião.

#### 1. O CALIFADO

A história dos califados mostra-nos o nascimento, o crescimento e o declínio do Islão em várias regiões, declinando num lugar e crescendo noutra.

Muhammad morreu sem ter deixado um sucessor homem. Como sucessor do Profeta, o Khalifa (califa) seria o representante, isto é o dirigente do Islão, que deveria ser obedecido. Ele era o líder que continuava o caminho do Profeta, através do Alcorão e da Sunna. O califa era o responsável pela expansão da fé islâmica e de criar condições para que os fiéis vivessem de acordo com os seus princípios.

##### 1.1.O Califado Ortodoxo

O primeiro califado, foi composto por quatro califas, que tiveram contacto directo com o profeta, foram os primeiros a converterem-se ao Islão. Após a morte do Profeta, segundo o costume beduíno, o grupo dos anciãos, decidiu escolher Abu Bakr, como seu sucessor.

Os quatro primeiros califas que sucederam o Profeta:

ABU – BAKR → OMAR → OTHMAN → ALI

#### ABU BAKR – 1º CALIFA (632-634)

Abu Bakr, companheiro do Profeta, um dos primeiros a converter-se à religião, dirigiu a oração nos últimos dias de vida de Muhammad, era uma pessoa respeitável, bondosa, piedosa e, pai de A'isha, a terceira esposa e a preferida do Profeta, que defendeu esta causa perdendo parte da sua fortuna para acompanhar o amigo na altura da Hégira. Todos estes atributos foram considerados pelo conselho dos anciãos, elegendo-o como líder. O seu califado durou unicamente dois anos, porém foi muito eficiente. Lutou contra a revolta das tribos, que não queriam pagar o Zakat (imposto) afirmando que este e o Salat (oração) eram obrigações impostas no Alcorão e, como tal tinham que ser cumpridas. Lutou contra os falsos profetas. Pacificou a Arábia, conquistou a Síria Bizantina, a Mesopotâmia dos Sassânidas e a Palestina.

Abu Bakr recolheu e compilou os versículos do Alcorão. Morreu no dia 21 de Jamad'al-Akhir (sexto mês do calendário islâmico). O seu califado foi importante para o fortalecimento, tanto em espaço como consolidação da religião.

#### OMAR IBN AL-KHATTÂB- 2º CALIFA (634-644)

Abu Bakr, nos últimos dias de vida, designou Omar para dirigir a oração aconselhando a sua sucessão aos crentes. Apesar da sua arrogância e antipatia, foi reconhecido pela sua energia e devoção ao Islão.

O seu califado notabilizou-se pela grande expansão do Islamismo, conquistando o Egipto, o Iraque, a Síria e a Pérsia, com a obrigatoriedade do uso da língua árabe aos povos submetidos, assim como o Alcorão. O Islamismo consolidou-se nessas regiões persistindo até aos nossos dias.

Omar foi conquistador, ousado, inteiramente devoto à sua Fé, foi também um organizador administrativo, enérgico, do estado muçulmano. Criou departamentos do Tesouro, do Exército e das Receitas Públicas. Estabeleceu salários regulares para os soldados. Realizou um censo de população. Fez levantamentos de todos os territórios conquistados para estabelecer um imposto justo e imparcial. Dividiu em províncias as regiões sob o seu domínio, construindo novas estradas e abrindo mais canais. Também criou uma verba dos

fundos públicos para ajudar os pobres, idosos e os mais necessitados. Adoptou o calendário islâmico, a partir da hégira, data da fuga de Muhammad para Medina no ano de 622. Expulsou os cristãos e judeus da Arábia. Impôs dois impostos aos não-muçulmanos. Um de capitação “Jizya” e um predial ”Kharâj”. A estes não-muçulmanos, que participavam nas campanhas, com os muçulmanos, era-lhes dispensado o pagamento da “Jizya”.

Morreu no mês de Muharram (1º mês do calendário islâmico), apunhalado.

### OTHMAN IBN' AFFÂN – 3º CALIFA (644-656)

Omar não manifestou a sua sucessão, sendo eleito por uma comissão de seis membros, sendo um dos membros, o próprio Othman, assim como Ali (o 4º califa) em 644. Othman pertencia ao clã dos Omíadas, um ramo muito importante da tribo dos Coraixidas, de Meca. Othman, tinha convivido com o Profeta, foi um dos primeiros a aceitar o Islão e foi genro do profeta, sendo conhecido por Dhun Nurayn (possuidor de duas luzes) por ter casado com duas filhas de Muhammad.

Este califa, não era uma figura popular, nem tão pouco um herói militar, mas era um homem flexível, modesto, justo e extremamente harmonioso, incapaz de enfrentar qualquer crise, resultante do grande crescimento do império. Independentemente de ser um homem muito religioso, tornou-se impopular, enfraquecendo a unidade do império, devido à prática de favoritismo em membros do clã Omíada em cargos administrativos e a contribuição para um excessivo gosto pelo luxo, reduzindo o tesouro central. Continuou a expansão da religião em Marrocos, Afeganistão, Arménia e Azerbeijão. Organizou a marinha (destacando-se na expansão marítima seu primo Mu'awiyya, governador da Síria). Notabilizou-se, pela compilação de um texto completo e oficial do “Alcorão”.

O facto do califa presentear os membros dos Omíadas, gerou os primeiros conflitos no seu califado, e entre os próprios muçulmanos. Opuseram-se, os descontentes, afirmando que só os descendentes do Profeta, podiam ascender à autoridade suprema. Há muito que as tropas muçulmanas na Mesopotâmia eram partidárias de Ali, primo e genro do Profeta. A'isha (esposa do profeta) também se revoltou e tentou aniquilar o califa. Tanto Ali como A'isha

eram apoiados por dois companheiros de Muhammad, e membros da comitiva que elegeram Othman, al-Zoubayr ibn al-Awwâm e Talha.

Othman foi assassinado, por um grupo chefiado pelo filho do primeiro califa Abdu Becre. Nâ'ila, esposa cristã do califa, mandou a sua túnica manchada de sangue a Mou'âwiya, primo deste (membro dos Omíadas), governador de Damasco (Síria), para que se fizesse justiça.

#### ALI IBN ÂBÎ TÂLIB-4º CALIFA (656-661)

Ali Abi Talib assumiu o califado, sendo ele o homem da linhagem directa do Profeta, primo e genro (casado com Fátima, a filha mais nova de Muhammad). Contudo Ali não é aceite como califa por Mou'âwiya, governador da Síria e A'isha (esposa do Profeta) que se une a “ al. Zoubayr” e a “Talha”.

Ali, para uma maior protecção dos seus inimigos, mudou a capital para o Iraque (Mesopotâmia) – Kufa.

Com a oposição da viúva do Profeta e dos seus dois companheiros, surgiu o primeiro momento marcante, a luta física entre os fiéis do Islão. Em Bassourá, defrontam-se, na “batalha do Camelo”, os rivais de Ali e este. O nome desta batalha surge em consequência de se ter desenrolado à volta da montada de A'isha. Os dois aliados (al-Zoubayr e Talha) morreram. A'isha voltou para Medina, onde viveu até ao fim da sua vida.

Ali conseguiu ter o apoio no Iraque, porém não sucedeu o mesmo na Síria. Mou'awiya aliou-se a Amr ibn al-Âs, que também fora demitido do seu cargo de governador do Egipto, por Ali. O combate entre as duas forças (Ali e Mou'awya) fez-se na margem direita do rio Eufrates – “a batalha de Siffin”. Antes deste confronto houve tentativas de um acordo, sendo as propostas de Ali, a de conciliação, mas Mou'awiya não facilitou. Nesta batalha Ali vencia, mas Arm (aliado do governador da Síria) usa uma estratégia que os torna vencedores – um grupo de cavaleiros levam manuscritos do Alcorão, nas pontas das suas lanças, indicando que o livro sagrado tinha decidido quem era o vencedor. As tropas de Ali desistiram de lutar, considerando que matar homens leais à sua fé seria um desrespeito. Além da suspensão da batalha, uma quantidade dos homens de Ali aceitaram um julgamento que tratava da validade da ascensão de Ali ao califado. Cerca de metade dos homens de Ali não concordando com o

abandono do campo de batalha, incitam o califa a voltar a lutar, após a recusa deste, estes soldados desertaram, formando uma milícia religiosa, os Kharidjitas (os que saem pelo caminho de Deus), inimigos dos seguidores de Mou'awiya (Sunitas) e dos seguidores de Ali (Xiitas). Ali derrotou estes revoltosos na batalha de Nahrawan, nas margens do rio Tigre. Os grupos mesmo derrotados, continuaram a existir e a agir.

O império estava dividido, Mou'awiya proclamou-se califa, ficando a governar o Egito e a Síria, e Ali califa na Arábia e Iraque.

Surgiram três correntes de opinião:

- Os Kharidjitas, que defendiam a igualdade entre os fiéis e que um chefe deveria ser o melhor de todos, sem distinção de origem, e que qualquer muçulmano que não praticasse os seus deveres deveriam ser combatidos como infiéis.
- Os Sunitas (seguidores de Mou'awiya) seguiam o Alcorão e a Sunna, em que o califado deveria ser exercido por pessoas especiais, sendo o próprio califa que deveria escolher o seu sucessor.
- Os Xiitas (seguidores de Ali), só aceitavam e reconheciam a autoridade dos descendentes de Ali.

Mesmo com uma guerra civil, Ali introduziu uma série de reformas. Ali é morto por um dos elementos dos Kharidjitas, no mês do Ramadan.

Ali foi o último califa do califado ortodoxo. Todos viveram em Medina excepto Ali que esteve em Kufa. Neste período, o Alcorão e a Sunna orientaram estes califas na sua conduta moral. Com a morte de Ali, Mou'awiya, assumiu o califado, sendo este hereditário.

## **1.2. O Califado Omíada**

Com Mou'awiya, começou o califado Omíada, que esteve no poder aproximadamente um século, desde o ano de 661 até ao ano de 750. A capital do império árabe passou para Damasco, sendo as cidades de Meca e Medina, unicamente cidades de peregrinação. Neste período, os Omíadas, tornaram-se numa autêntica monarquia ao adoptarem o princípio da dinastia, isto é, a sucessão era feita pelo próprio califa, designando o filho, seu sucessor. Centralizaram o poder e criaram a base da civilização islâmica, desenvolvendo as artes, as

ciências jurídicas e teológicas. Foi neste período que se deu a grande expansão territorial muçulmana.

Neste período, o império islâmico teve catorze califas.

#### MU'AWIYAH I - 1º CALIFA DOS OMÍADAS (661-680 EC)

Mu'awiyah foi o fundador do califado Omíada, não obstante, de não ser o primeiro membro dos Omíadas (Othman, também pertencia ao clã Omíada). Mu'awiyah revolucionou o mundo islâmico, transformando a vida dos muçulmanos:

- O Estado tornou-se independente da religião. O poder começou a ser centralizado.
- Transferência da capital para a cidade de Damasco.
- A proclamação da hereditariedade do título de Califa.
- A integração de todos os indivíduos do império, sob uma só autoridade.
- O combate às divergências religiosas
- O domínio das rotas comerciais.
- Expansão territorial.
- A cidadania a todos, independentemente de serem ou não islâmicos.
- A tributação continuou, existindo a igualdade para os convertidos.
- A prosperidade do Império pela competência administrativa (muçulmanos e não muçulmanos).

Apesar destas reformas os muçulmanos (sunitas) foram sempre muito devotos da Fé, do Alcorão e da Sunna. Mu'awiyah morreu em 680.

#### YAZID – 2º CALIFA DOS OMÍADAS (680-683 EC)

Yazid, filho de Mu'awiyah, sucedeu este. Contudo os Xiitas (seguidores de Ali), não o aceitaram como califa, Husayn (filho de Ali que vivia em Meca) com a ajuda de Abdallah ibn al-Zubayr (filho mais novo de Abu Bakr) revoltaram-se. A cidade de Kufa apoiou Husayn. Ao dirigir-se para esta cidade para formar um exército, foi morto e decapitado, sendo esta tragédia conhecida como “ a tragédia de kerbala”. Esta morte gerou movimentos por parte dos

Xiitas. Al-Zubayr conseguiu unir os Xiitas e os Kharidjitas, e em Meca derrotou os exércitos do califa. Nesta batalha, Meca foi incendiada e a Caaba destruída. Yazid morreu com 38 anos de idade, em 683.

#### MU'AWIAH II – 3º CALIFA DOS OMÍADAS (683 EC)

Com a morte de Yazid, o califado foi transmitido a seu filho Mu'awiyad II. O novo califa só reinou quarenta dias, falecendo vítima de uma grave doença. Sem herdeiros capazes de assumir o trono, o império muçulmano, entrou numa anarquia, surgindo vários pretendentes ao califado. Sem herdeiros directos, houve uma ruptura na hereditariedade do califado.

#### MARWAN – 4º CALIFA DOS OMÍADAS (684-685 EC)

Dois candidatos surgiam para tomarem posse do califado. Marwan ibn al-Hakan (já com uma idade avançada) e o ibn al-Zubayr (filho de Abu Bakr). Com o apoio de três regiões do império muçulmano, Arábia, Síria e Egipto, Zubayr foi eleito califa da Arábia. A região do Iraque (Mesopotâmia) apoiava Marwan e a região do Oriente não apoiava nenhum candidato, tentando a separação do Império. Perante esta situação, Marwan estava disposto a renunciar o cargo, contudo as discordâncias entre Zubayr e os seus comandantes (Xiitas e Kharidjitas), levaram-no a iniciar de uma nova dinastia Omíada. Apenas com um ano de califado, Marwan morreu, mas reconstruiu de novo o Império.

#### ABD AL- MALIK- 5º CALIFA DOS OMÍADAS (685-705 EC)

Marwan, só com um ano de governo, mesmo assim aprovou o seu sucessor, seu filho Malik. Malik ao assumir o califado encontrou o império dividido em duas partes, uma sob o seu poder e a outra sob o poder de Kubayr. Perante este problema ainda lhe surgiu outro, o império Bizantino tentou reconquistar as regiões que tinha perdido. Mas não estava só nestes

problemas, o seu adversário kubayr, ao entregar a região do Iraque a seu irmão Musab, provocou lutas entre os Xiitas e os Kharidjitas, retomando de novo o poder do Iraque para o seu irmão (Kubayr). O califa tentou que os seus aliados se mantivessem fiéis a ele. Como obrigação, um fiel tem fazer a peregrinação a Meca uma vez na vida, porém este califa substituiu esta, por uma visita à Mesquita de Omar (hoje o Muro das Lamentações) em Jerusalém, cidade também sagrada para Maomé, tentando deste modo desviar a influência do seu rival sobre os peregrinos. Ligada a esta estratégia, Malik reforçou os seus exércitos e derrotou o seu adversário em Meca, sendo este executado.

Durante este califado o estado começou-se a arabizar, tornando oficial a língua árabe tanto no Egito como na Síria. Cunhou a moeda em ouro e prata. Morreu em 705, e o seu califado foi cheio de glória, pois conseguiu reconstruir um império que estava a desmoronar -se.

#### AL- WALID -6º CALIFA DOS OMÍADAS (705-715 EC)

Al-Walid filho e sucessor de Malik, recomeçou as conquistas islâmicas, conseguindo que o império muçulmano se prolongasse da Espanha até à Índia. Reconquistou partes do Egito, conquistou Cartago, o Norte de África (ainda não conquistada). Com a submissão dos berberes reforça as suas tropas, atravessou o Estreito de Gibraltar e no ano de 716 conquista Al-Andaluz aos visigodos No oriente anexou ao império parte da China e da Índia. Este califado também atingiu o seu apogeu no desenvolvimento sócio-cultural. Associou islamização com arabização. Empreendeu grandes projectos arquitectónicos, mandando construir várias mesquitas em Meca, Medina e Damasco, aonde foi construída a Mesquita dos Omíadas, símbolo da dinastia. Instituiu em todo o império, a língua árabe como a única língua oficial, sendo obrigatório toda a administração expressar-se unicamente em árabe. Esta medida, fez com que solidificasse a superioridade da cultura árabe e a língua no mundo islâmico. Morreu em 715, sem descendentes.

#### SULAYMAN – 7º CALIFA DOS OMÍADAS (715-717 EC)

Sulayman sucedeu ao seu irmão al-Walid. Começou a decadência do império e do califado Omíada. O seu governo foi pouco duradouro e pouco sublime. Ocorreu a revolta de

um seu general kotaiba, morto pelas tropas imperiais. Desconfiando dos funcionários de apoiarem este general, ordenou o extermínio destes. Houve uma tentativa de alargamento do Império, com a conquista de Constantinopla, que foi mal sucedida. Sulayman morreu, em 717, sem deixar herdeiros directos.

#### OMAR II – 8º CALIFA DOS OMÍADAS (717-720 EC)

Omar II, primo de Sulayman e designado por este como seu herdeiro. Neste período agravou-se ainda mais a decadência do império Islâmico. Dotado de muita generosidade, defendeu a Islamização pacífica, a redução de impostos pagos pelos novos convertidos e o fim da expansão militar. Todo este conjunto de factos levou o império a uma crise profunda. Omar II morreu em 720, sem deixar filhos.

#### YASID II – 9º CALIFA DOS OMÍADAS (720-724 EC)

Assumiu o governo um outro filho do califa al-Malik, Yazid II. O império estava a degradar-se muito rapidamente, em que as revoltas eram constantes. Morreu sem deixar filhos.

#### HISHAM – 10º CALIFA DOS OMÍADAS (724-743 EC)

Hisham, também filho do califa al-Makid, foi um dos últimos califas Omíadas, que governou quase vinte anos. Durante este período houve uma expansão territorial na Península Ibérica, dominando quase toda a Espanha, excepto a região das Astúrias. Chegaram até França, conquistando um terço deste território. Apesar das conquistas, ocorreu a revolta dos Berberes, que faziam parte dos exércitos do império, eram obrigados a pagar impostos. Conseguiu sair vencedor das rebeliões berberes. Mas o descontentamento por parte destes continuava. Morreu no ano de 743, e deixou o império envolto numa série de revoltas.

AL- WALID II -11º CALIFA DOS OMÍADAS

YAZID III-12º CALIFA DOS OMÍADAS

IBRAHIM -13º CALIFA DOS OMÍADAS

(743-744 EC)

Num só ano governaram três califas, que devido a não cumprirem com os costumes da Fé Islâmicas foram assassinados.

MARWAN II -14º CALIFA DOS OMÍADAS (744-750 EC)

Marwan, sobrinho de Malik, foi o último califa dos Omíadas.

As lutas político-religiosas continuaram entre árabes do norte e os do sul, em que o califa se aliou aos dois grupos. Os Kharidjitas reconquistaram Kufa, e em 447 ocuparam Iémen e Meca. Os Xiitas também se revoltaram. Mas a grande ameaça para este califado veio das regiões orientais do império, do Iraque e de uma província do Irão Khorassan, em que um sagaz orador “Abu Mouslim” provocou a revolta contra os Omíadas a favor de um descendente do Profeta, Al-Abbas (família Abássida).

### **1.3. O Califado Abássida (749-1258 EC)**

Marwan II, tentou assegurar o império Omíada, mas a sua luta foi inglória. Ao conquistar o Irão, a sua política foi a de marginalizar esta região. O descontentamento era muito grande, que foi aproveitado pela família Abássida. Justificaram a sua descendência de Al-Abbas, tio do Profeta, agradando os muçulmanos, em geral (Sunitas e Xiitas em especial).

Com a ajuda de Abu Muslin, há uma enorme mobilização, sem que Marwan II suspeitasse. Abu Muslin entrou na cidade de Marw, gerando confrontos com as tropas do califa. Ibrahim (patriarca da família Abássida) foi feito refém, mas conseguiu avisar seus irmãos Abu al Abbas e Gaffar do perigo que corriam. Estes refugiaram-se na cidade de Kufa, onde Al-Abbas se proclamou Califa.

Marwan II, morreu no Egito e Al-Abbas, assumiu o cargo de califa de todo o império muçulmano, sem oposições. Alguns membros pertencentes ao clã Omíada, conseguiram fugir para a Península Ibérica, onde fundaram o seu próprio califado.

O califado Abássida prosperou e infligiu significativas mudanças em relação ao anterior califado.

- A capital foi mudada para Bagdad.
- A expansão territorial continuou.
- Incentivou-se o desenvolvimento científico e artístico.
- O poder do califa tornou-se teocrático.
- Os vizirados (vizires).
- A independência dos árabes de Espanha em 760 e a dos árabes egípcios em 968.

Este califado foi muito extenso, teve trinta e sete califas nos 509 anos de existência, referindo-nos especificamente aos cinco primeiros, onde se salientam as mudanças e o apogeu dos Abássidas.

#### ABU AL ABBAS AL- SAFFAH (749-754 EC)

O primeiro califa dos Abássidas, não teve um reinado propriamente grandioso. Perdeu as regiões do Norte de África. Mudou a capital (que era Kufa) para a cidade de Hasimiyya. A preocupação de Al-Abbas foi a perseguição dos Omíadas ainda existentes, que se refugiavam em al-Andalus, protegidos pelo governador que permanecia fiel ao antigo califado (que mais tarde deram continuação ao califado Omíada em Espanha). Al-Abbas distribuiu cargos públicos, especialmente os governos das províncias à sua família (como o tinha feito Uthman), enraizando o poder do califado. Independentemente dos Xiitas o terem apoiado na sua ascensão como califa, Al-Abba perseguiu-os, como sunita, não aceitava os Xiitas e uma outra interpretação do Alcorão.

#### ABU DJA'FAR AL-MANSUR (754-775 EC)

Al-Mansur foi o califa que reformulou verdadeiramente o califado até aí existente. Assumiu o seu califado em Hasimiyya, não se sentindo seguro neste cidade, mandou construir

uma nova cidade, nas margens do rio Tigre – Bagdad (terminada em 762). Al-Mansur, modernizou o governo, com um cargo criado do Vizir, descentralizando o poder imperial, que até então estava centralizado no califa. Estes cargos não eram vitalícios, sendo substituídos por cada novo califa. O direito divino do califa fortaleceu-se, assumindo o papel de defensor da Fé. Al-Mansur adoptou as estruturas e regras com influência da civilização persa. Tornou hereditário a sucessão do califado. A crueldade também foi usada por este califa, ordenou a morte de Abu Meslim (o indivíduo que conseguiu concretizar o triunfo dos Abássidas). Proibiu o culto religioso. Perseguiu os Kharidjitas e os Rawandiyya (grupo que acreditava que o Messias era o próprio califa, sendo este venerado). Morreu quando fazia a sua peregrinação a Meca.

#### AL-MAHDI (775-785 EC)

Al-Mahdi, filho de al-Mansur foi o seu sucessor. Este califa debateu-se com as revoltas dos seguidores de Abu Mulim (criou-se um culto em torno desta personagem, considerando-o santo).

Durante o seu governo, concluiu-se a construção de Bagdad, a capital e a cidade mais importante a nível comercial (entre o ocidente e o oriente). Al-Mahdi foi morto pelo seu filho mais velho, Musa al-Hadi, num duelo desafiado por este, por não aceitar a decisão do pai ao nomear seu sucessor o filho mais novo, Harun al-Rachid.

#### MUSA AL-HADI (785-786 EC)

Assumiu o poder durante um ano.

#### HARUN AL-RICHID (786-809 EC)

Irmão do califa anterior foi o mais conhecido devido a ser retratado na obra “As mil e uma noites”. A sua dinastia foi grandiosa. Bagdad tornou-se um importante centro cultural,

em que as ciências, as letras e as artes foram protegidas por al-Richid. A actividade económica prosperou, com uma grande ligação entre o ocidente e o oriente sustentada pela manufactura de sedas, tapetes, papel.

Mas, a área geográfica, começou a diminuir, com o desmembramento do norte de África.

- A região de Ifríquia (Tunísia) ficou sob o domínio da dinastia dos Aglábidas.
- A região do Magreb tornou-se um estado independente, governado pelos Kharidjitas.
- Marrocos, foi um estado autónomo, governado pelos Álidas (uma vertente dos Xiitas).

Richid, não deixou como seu sucessor um só filho, mas repartiu o império pelos seus três filhos “Al-Amin”, “Al-Mamun” e “Al-Qasim”. Com a sua morte os três herdeiros entraram em conflito, para ficarem com o poder absoluto.

#### **1.4. A decadência do Califado Abássida**

“Al-Amin” (ascendência árabe) foi assassinado, em 813.

Ficou no poder “Al-Mamun” (ascendência persa, por parte da mãe), continuando a proteger a cultura. Mandou construir a Casa da Sabedoria com uma grandiosa biblioteca e um observatório de astronomia. Contudo as fronteiras físicas continuaram a diminuir, formando-se mais uma nova dinastia os “Tahíridas”, no ano de 833.

Sucedeu-lhe o seu irmão Al-Mutassim. Este califa transferiu a capital para Samarra. O seu exército islâmico era composto, na sua maioria por mercenários turcos. Deste modo, os turcos, entravam na vida política do governo imperial, adquirindo muito poder, através dos cargos assumidos de Vizires (representantes do Império), já há muito em decadência. A fragmentação do império Abássida começou no século X, surgindo várias dinastias independentes. Cada uma das grandes famílias do Islamismo criou o seu próprio califado.

- Os Fatimitas no Egipto.
- No Oriente formaram-se vários estados iranianos no Khorasan.
- Os Omíadas em Córdoba.
- Os Qamatas na Arábia.
- Os Tulúnidas no Egipto.
- Os Rhaznévidas no Irão.

- Os Samânidas na Arménia.
- Os Saluihidas no Iémen
- Os Sáfaridas no Irão.
- Os Samânidas próximos da Turquia.

## 2. OS TURCOS SELJÚCIDAS

Os turcos com cargos de Vizires começaram a ter mais poder do que o próprio califa.

Em 932, uma família Xiita do Irão, os Buwayhidas, apoderaram-se de Bagdad, expulsando os turcos, em que líder deste clã foi nomeado pelo próprio califa o “ chefe dos Emires”, com domínio temporal e espiritual. Expulsos os turcos, conquistaram a Síria, nascendo mais uma dinastia, os “Ikchiditas” (935-969). Esta instabilidade e divisão duraram até 1055.

Iniciou-se um novo período para o mundo Islâmico. Os Seljúcidas foram um grupo de clãs, que se formaram ao longo das fronteiras ocidentais da China, após a sua conversão ao Islamismo, introduziram-se no ocidente e oriente. Os turcos Seljúcidas, convertidos à ortodoxia sunita, invadiram Bagdad, expulsando os Buwaylidas. Toghrul-Beg, líder deste clã (Seljúcida), foi nomeado pelo califa como Sultão, com um poder político, enquanto o califa tinha exclusivamente o poder religioso. Este sultão notabilizou-se pelas lutas com o Império Bizantino (1071), conquistando a Anatólia (Ásia Menor). Os turcos Seljúcidas fixaram-se na Síria e Palestina. Os Seljúcidas, como Sunitas perseguiram os Xiitas. Com os Seljúcidas no poder, o império islâmico foi novamente um modelo no Oriente, destacando-se Alp Arslam (filho do primeiro sultão) e Malik-Xá. Construíram muitas madrassas, onde o ensino religioso era do mais fidedigno à tradição islâmica. Todos os funcionários do Estado adquiriram os seus estudos nestas escolas. Uma das mais conhecidas foi a de Bagdad, fundada em 1067.

Começou de novo a fragmentação e a debilidade do império, com as primeiras cruzadas, entre 1096 e 1099. O império bizantino (cristãos ortodoxos) pediu ajuda ao Papa Urbano II, combatendo os turcos Seljúcidas, reconquistando Jerusalém, Belém e Nazaré, formando-se deste modo, alguns reinos cristãos na Palestina.

Com a morte do sultão Malik-Xá (1095), o império foi dividido em sultanatos independentes: a Síria (dividida em dois reinos), a Anatólia e a Pérsia.

A luta contra os cruzados continuou. Destacando-se Saladino (de origem curda), fundador dos Ayubidas e sultão do Egipto (1175). Recuperou Jerusalém (1187). Saladino conseguiu unificar o Egipto, a Síria e a Mesopotâmia (Iraque). Este sultão não foi apenas um líder militar, como também um bom administrador e um protector da cultura islâmica, fundou madrassas para o ensino da religião islâmica. Saladino foi o responsável por restaurar o sunismo no Egipto.

### **3. OS MAMELUCOS**

Os Mamelucos eram escravos de famílias não muçulmanas das regiões da actual Turquia, Europa de Leste e do Cáucaso, que depois de serem convertidos ao islamismo, tornavam-se soldados de cavalaria, sob o comando directo do sultão. Muitos deles ascenderam em cargos políticos do império. Os primeiros Mamelucos serviram o califado Abássida, em Bagdad, no século IX. Depois da morte de Saladino, a desunião entre o Egipto e a Síria foi aproveitada pelos Mamelucos. Depõem o califa e fundam a sua própria dinastia (1250-1517). A sucessão deixou de ser hereditária, tendo como princípio a sucessão por eleição.

Neste período de Mamelucos distinguiram-se duas dinastias: os Mamelucos Bahritas (de origem turca) e os Mamelucos Burjitas.

Os Mamelucos Bahritas (1250-1382) iniciam a sua dinastia com Aybak. O mais reconhecido sultão desta dinastia foi Baybars. A Síria e o Egipto uniram-se de novo e recuperaram os territórios em poder dos cristãos. Baybars ocupou Nazaré (1263), Cesária (1265), Jaffa (1268), e Antioquia.

O sucessor de Baybars foi Qalâwoûm, (fundador dos Mamelucos Burjitas) conquistou o condado de Tripoli (1289) e al-Ashraf (1290-1291) e terminou com o domínio cristão na Síria. Em 1382, os Mamelucos Bahritas são destituídos pelos Mamelucos Burjitas. Estiveram no poder até 1517. Foi um período de muitos conflitos, conspirações, e assassinatos.

O final do século XIII foi marcado pelo ódio entre islâmicos e cristãos.

O Islamismo Sunita começou a fechar-se sobre si mesmo. Todo o esplendor, a inovação, a arte, as letras e as ciências pararam no tempo, neste período.

#### **4. IMPÉRIOS DO DESERTO**

No século XI com a fragmentação e declínio do império Seldjucidas, o Maghreb esteve sob o poder de tribos berberes, convertidas ao Islamismo com tendências Sunitas, que se fixaram no norte de África Ocidental e na Península Ibérica. Os seus princípios islâmicos eram rigorosamente aplicados, não sendo tolerantes com os judeus, perseguindo-os e obrigando-os a converterem-se ao Islamismo.

##### **4.1. Os Almorávidas (1055-1157)**

Os Almorávidas eram tribos guerreiras, nómadas, que se deslocavam entre o Saara e o Níger. O seu protagonista foi Abdala ibn Yasin, chefe de uma das tribos, que depois de uma peregrinação a Meca, ensinou a religião (sunita), exigindo uma rigorosa disciplina, na oração e formação religiosa e militar para a Jihad (guerra santa).

Converteram-se as tribos do Saara oriental que foram defensores do islamismo ortodoxo. Todo o seu movimento originou a formação do reino de Marrocos, fundando a cidade de Marrakech em 1072. Os Almorávidas no final do século XI dominavam as regiões que iam de Marrocos até à Argélia. Conquistaram a região de al-Andalus, tornando-a uma província de Marrocos. Do mesmo modo que aumentaram o seu império, através da devoção religiosa e da sua unidade, também foram a causa do seu desmoronamento.

##### **4.2. Os Almôadas (1147-1269)**

Os Almôadas eram tribos berberes, sedentárias, que viviam nas montanhas. Ibn Tûmart iniciou um movimento religioso, conseguindo agrupar estas tribos contra os Almorávidas. Em

1147, dominaram Marrakech e em 1172, tinham dominado toda a região berbere e a al-Andalus.

Surgiu de novo o califado, o que não tinha acontecido com os seus antecessores. Formaram-se as confrarias (formas populares do Islão), com um papel de re-islamização sunita no Magrebe. Em 1269, este califado, perde o seu domínio e uma nova dinastia surgiu, “os Hafsidas”, mais tolerantes, com leis menos discriminatórias, contudo quem não era islâmico teria que se diferenciar através do vestuário ou bairro. Os Hafsidas passaram a capital para Tunis e estiveram no poder até 1574.

## 5. OS OTOMANOS

A partir de 1243, o império Mongol, começa a desmembrar-se em pequenos emirados turco-otomanos, prestando vassalagem aos mongóis. Um destes emirados, o clã “Oghuz” do noroeste da Anatólia, seria o núcleo principal do futuro império Otomano. O primeiro governador reconhecido foi Osman I Gazi (nome que originou o nome do império Otomano). Esta dinastia durou sete séculos (1299-1922).

Os Otomanos instalaram-se em Bursa (1325) e conquistaram Nicea (cidade bizantina e cristã) em 1326. Posteriormente iniciaram uma série de campanhas militares, aumentando o seu espaço territorial com a Anatólia Central. Em 1354 ocuparam Gallipoli. Em 1361 conquistaram Adrianópolis (actual Edirne, na Turquia). Com Murat I, no poder, os otomanos conquistaram Trácia, Macedónia e grande parte da Bulgária e Servia. A derrota dos Otomanos na batalha de Angorá atrasou a sua ascensão, que foi retomada em meados do século XV, com Mehmed II. Em 1453, o sultão Mehmed II (o conquistador), conquistou Constantinopla (Istambul), tornando-se a terceira e última capital Otomana.

No século XVI, o império continuou a crescer. O sultão Selim I (o severo) derrotou os Safawies persas do Irão (1514), os mamelucos da Síria e do Egipto (1516-1517). Com estas conquistas os otomanos tinham o domínio dos lugares sagrados islâmicos da Arábia.

Sucedeu a Selim I, o seu filho Solimán I (o magnífico), considerado um dos melhores governantes otomanos. Solimán I conquistou em 1521 Belgrado e a Hungria em 1526. O império tinha o domínio do mar Vermelho (Oceano Indico) e o mar Mediterrâneo, no

ocidente, pontos estratégicos da rota comercial e militar. Neste reinado, o Iraque foi anexado ao império (1534), assim como a Argélia.

A instabilidade do império começou com a derrota dos otomanos com a Santa Aliança do Papa, Veneza e a Espanha (Filipe II) em Lepanto. Depois da morte do sultão Solimán I, em 1566, começa a decadência do império otomano.

Em 1683, sofreram uma derrota com a Áustria. A partir de meados do século XVII, o poder militar otomano começou a fracassar, deveria haver uma mudança, através da diplomacia com o Ocidente, e também no governo e na sociedade otomana.

No século XIX (1829), a Grécia tornou-se independente, bem como os Balcãs (Sérvia, Roménia, Bulgária e Albânia), a Argélia (1830) e Tunísia (1881) sob o domínio dos franceses, Egipto (1882) ocupado pelos ingleses, e Líbia (1912) anexada à Itália.

No século XX, durante a 1ª Guerra Mundial, o império Otomano aliou-se à Alemanha, Itália e Áustria. Depois da derrota destes países, o Império otomano transformou-se numa anarquia.

No dia 1 de Novembro de 1922, o império Otomano terminou, sendo substituído um ano mais tarde pela República da Turquia.

## **6. O CALIFADO NA PENÍNSULA IBÉRICA**

Os muçulmanos acreditavam que estavam predestinados a combater para expandir a sua fé, iniciando no século VII EC, a sua expansão tanto para Oriente como para Ocidente. Em 711, os muçulmanos, atravessaram o estreito de Gibraltar, ocupando quase na totalidade a Península Ibérica. Fundaram uma nova capital, Córdova.

Com o fim do califado Omíada e a ascensão do califado Abássida em 750, determinou a fuga de membros do clã Omíada para Al-Andalus. Abdul Rahman (neto de um califa Omíada), auxiliado por muçulmanos fiéis aos Omíadas conquistou Córdova, assumiu o título de Emir, foi reconhecido como tal pelos muçulmanos peninsulares, e declarou-se independente do califado central. Deu-se início a uma nova dinastia que governou até ao século XI (1031). O emirado de Córdova tornou-se um importante centro cultural, mantendo relações diplomáticas com cristãos e com o império Bizantino.

Com o emir Abd al-Rahman III, Córdoba, passou de Emirado para Califado. Com o aparecimento dos Fatímidas no Norte de África, seguidores dos Xiitas, Abd al-Rahman III, assumiu-se como protector do Islão Sunita, declarando-se califa, e como tal teve o poder de se tornar independente, não só politicamente como também religiosamente, em relação aos Abássidas de Bagdad. Abd al-Rahman III conseguiu instaurar a paz na parte oriental e do sul de Al-Andalus. Sucedeu-lhe Al – Halkam II, que governou com estabilidade e paz. Hisham II, o terceiro califa, foi afastado por Muhammad Ibn Abi Ami, com o cargo de “hajib” do palácio (perfeito), este mais conhecido por Almançor, que dominou o ocidente de Al – Andalus. Sucedeu-lhe seu filho Abd al Malik e em 1008 seu irmão Abderramão Sanchuelo ocupa o seu lugar. Começou o descontentamento em Córdoba, por este querer tomar o lugar de califa.

A instabilidade política levou à divisão do califado, em reinos de taifas, unidades políticas que tinham uma ligação de origem étnica. Os reinos de Taifas que se salientaram foram os de Badajoz, Toledo e Saragoça. Com a desarmonia entre os muçulmanos, o rei de Leão e Castela, Fernando I, conquistou Coimbra em 1064. A luta com os cristãos continuou, estes conquistam Toledo em 1085. O rei da Taifa de Sevilha, pediu ajuda aos Almorávidas. O emir Almorávida Yusuf, concedeu a ajuda e Al-Andalus (1110) integrou-se no império Almorávida, do norte de África. As lutas sucessivas com os cristãos levaram o poder Almorávida a ser substituído pelos Almoádas. O primeiro califa foi al-Um`min que conquistou al-Andalus excepto as ilhas Baleares, que se tornaram independentes em 1203, sob o poder Almorávida. O segundo califa Almoáda Abu Ya`qub YusufI, educado em Sevilha, destacou-se pelas obras públicas, incluindo uma grande Mesquita, criando vários suq (mercados). Contudo uma ameaça cristã, surgiu, na parte ocidental da Península Ibérica, D. Afonso Henriques conquistou Lisboa em 1147. Com as ameaças cristãs, os Almoádas transferiram o seu poder para Marrakech. Com as revoltas que insurgiram na al-Andalus, contra os Almoádas, os reis cristãos, conquistaram todos os reinos muçulmanos na Península Ibérica. Os muçulmanos que ficaram na Península foram obrigados a converterem-se ao cristianismo. Porém, foram expulsos de Espanha entre 1609 e 1614, por prática secreta do Islão.

Este período, tanto nas artes, na economia, e na ciência, foi de uma grande prosperidade. Os muçulmanos introduziram o comércio do metal, das sedas, do algodão e de tecidos de

algodão. Na agricultura, surgiu o cultivo do trigo, da cevada, do arroz, da beringela, da alcachofra e da cana sacarina. Introduziram técnicas de rega, a nora e a cegonha. Desenvolveram a pesca e a extracção de sal. Exploraram as jazidas de minérios entre elas a prata e o ouro. A civilização islâmica deixou um grande património artístico e arquitectónico, entre muitas mesquitas, a de Córdova, a mesquita Bab al – Mardun em Toledo, fortificações e palácios. Nas ciências, destacaram-se na astrologia, botânica, farmacologia e geografia.

### CAPÍTULO III

## PORTUGAL E O ISLAMISMO

A presença Islâmica, em Portugal, remonta à fundação da nossa nacionalidade. As nossas primeiras relações culturais estão precisamente ligadas aos muçulmanos. Oliveira Marques diz “*Os árabes chegaram nos começos do século VIII e com eles o segundo e último componente significativo da língua portuguesa*” (1974:20). A expansão muçulmana veio ao nosso encontro, tal como a expansão portuguesa foi ao seu encontro (norte de África, Índico e Golfo). Os muçulmanos dominaram, diferentes regiões e em datas distintas, cerca de cinco séculos e meio.

Com as conquistas cristãs, o domínio dos muçulmanos foi enfraquecendo. Como nos diz Oliveira Marques “...o seu domínio efectivo sobre essa área ficou bem depressa reduzido aos territórios para sul do Mondego e depois, gradualmente, se estreitou ainda mais, al – Garb foi perdendo significado até se tornar apenas a faixa de território que constitui hoje a província do Algarve” (1974:51), sendo o seu *terminus* em meados do século XIII.

Contudo, os muçulmanos mantiveram-se em Portugal, com um relacionamento de duas religiões e duas culturas, com a protecção dos próprios monarcas, como afirma Maria Filomena Barros:

*“A inserção nas Ordenações Afonsinas de um texto normativo de jurisprudência islâmica em português (...) um estatuto de protecção e de dominium sobre os “seus” mouros forros, reivindicando-se como “legítimo” sucessor dos poderes islâmicos, numa concepção bilateral, também assumida pelas próprias comunidades, elas próprias as responsáveis pela elaboração do texto” (2002:107).*

Os muçulmanos eram dominantes nas cidades, eles eram um veículo importante para os contactos com o mundo rural, assim como com o comércio.

Na opinião de Isabel Braga “*No Portugal moderno, a par da maioria cristã velha, coexistiram diversas minorias étnica-religiosas, nomeadamente judeus e mouros*”

(2002:139). O grupo dos cristãos novos de mouros mantinham as práticas do islamismo, e a sua existência manteve-se até ao reinado de D. Manuel I. Com a expulsão dos muçulmanos neste reinado, a sua presença era muito diminuta no início do século XVI.

O impacto do Iluminismo provocou um interesse pelas culturas não europeias, incluindo a islâmica. A imagem poética do Algarve arábico, começou a aparecer no princípio do século XIX, sob a influência do orientalismo e do romantismo que estavam presentes na Europa. O poema “Dona Branca” de Almeida Garrett foi o primeiro sintoma de mudança da arabofobia para a arabofilia. Cristiana Bastos referencia “*Desde Herculano que, como importantes protagonistas ou meros figurantes os árabes fazem parte da história de Portugal*” (2005:760).

Segundo Maria Cardieira da Silva “*o arabismo contamina e deixa-se contaminar pela antropologia nascente dos mestres, onde avultam os nomes de Teófilo Braga (1843-1924), Consiglieri Pedroso (1858-1941) e Leite de Vasconcelos (1858-1941)*” (2005:785)

A presença islâmica em Portugal está presente, principalmente nas tradições, na cultura, na arquitectura, nas artes e na língua.

A liberdade religiosa em Portugal, desde 1933, está prevista e formalmente garantida pela Constituição Política, expressa nos seguintes artigos:

*Art. 8º nº 3*

*Constituem direitos, liberdades e garantias individuais dos cidadãos portugueses:”...A liberdade e a inviolabilidade de crenças e práticas religiosas, não podendo ninguém por causas delas ser perseguido, privado de um direito, ou isento de qualquer obrigação ou dever cívico...*

*Artº 46º*

*O Estado assegura também a liberdade de culto e de organização das demais confissões religiosas cujos cultos são praticados dentro do território português...*

*Artº 139º*

*O Estado assegura nos seus territórios ultramarinos a liberdade de consciência e o livre exercício de diversos cultos, com as restrições exigidas pelos direitos e interesses da*

*soberania de Portugal, bem como pela manutenção da ordem pública e de harmonia com os tratados e convenções internacionais.*

Todavia, a palavra “árabes” ou “muçulmanos”, tinha uma conotação negativa, não se aceitava o papel que eles tinham tido na construção identitária dos portugueses, durante cinco séculos e meio:

*“Os estudos árabes em Portugal estiveram pelo menos até ao fim do estado Novo, condicionado política e directamente por produção identitária que se esforçava, antes de mais, por ligar atavicamente Portugal à Europa e que, por isso, negligenciava ostensivamente a “herança árabe” ou quando não, a incluía na retórica patriótica da Reconquista” (Silva M., 2005:791)*

Não só em Portugal Continental é visível a presença dos muçulmanos, como também estiveram presentes nas ex-colónias principalmente em Moçambique e na Guiné. Em Moçambique encontravam-se em toda a província, mas destacavam-se a sul e nas zonas urbanas. De acordo com o autor Porfírio Moreira:

*“...as posições muçulmanas, de forma nenhuma estáticas, estão no Norte, em Cabo Delgado, em que os macondes constitem uma ilha de resistência ao proselitismo das gentes de Alá; no distrito de Niassa, no de Moçambique, com predominância na região compreendida entre o mar e uma linha do Lúrio (Muite) se trace até ao Liginha, passando por Mucubúri, Ribau e Murrupula, no litoral, a sul de Ligonha, com os seus maiores núcleos, em Pebane e em Quelimane, no extremo leste, em Tete, na Beira, em Inhambane, João Belo e Lourenço Marques” (1968:447).*

O Islão Sunita era praticado pelas tribos Macuas e Ajauas e pelos de origem paquistanesa. Também existiam muçulmanos Xiitas, que eram os de origem asiática e seus descendentes.

Na província da Guiné, a população muçulmana sunita era constituída pelos Fulas, Mandingas, Sossos, Bajarencas, Biafadas, Cassangas, Nalus e Balantas. Também os Drusos eram muçulmanos, mas de uma facção não ortodoxa do Islão, originária do Líbano e seus descendentes. (Actas do IV Congresso de Estudos Árabes e Islâmicos, 1968).

Os estatutos da “Comunidade Islâmica de Lisboa” foram aprovados oficialmente em 25 de Março de 1968 (tendo esta comunidade, como presidente Suleiman Valy Mamede) e reclamavam:

- *A construção de uma mesquita na capital do mundo português;*
- *A dignificação do Islão em Portugal;*
- *O incremento das relações sinceras e fraternas entre os praticantes das Religiões Superiores;*
- *Publicação em português dos livros relativos ao Islão;*
- *O estudo da língua litúrgica do Islão (árabe clássico), envidando todos os esforços para fazer funcionar uns serões culturais para esse estudo (...)* (Mamede, S., 1968:483).

Depois do 25 de Abril de 1974, foi notório o interesse pela herança deixada pelos muçulmanos, multiplicando-se as investigações sobre esta minoria em Portugal. De acordo com Nina Tiesler “*ensinavam na escola que os muçulmanos eram inimigos do povo Português. Mas já é de notar uma tendência para uma revisão da percepção do passado bem como expressões de curiosidade e de interesse.*” (2005:480)

Na sequência dos acontecimentos do 11 de Setembro de 2001, nos Estados Unidos, os portugueses começaram a interessar-se pelo Islão principalmente pelos conflitos do Médio Oriente (como terrorismo) e com a ligação ao passado medieval culturalmente florescente (Tiesler, 2005).

Incentivou-se os festivais, a etnografia e a reconstrução de um passado, como é bem visível nos festivais islâmicos de Mértola, como afirmou o jornal Expresso “*Foi possível, pela primeira vez em 50 anos, ver o Islão como parte positiva da herança histórica*” (24/05/2003)

## 1. PORTUGAL DE HOJE E O ISLAMISMO

A comunidade islâmica em Portugal actualmente está ligada ao processo de descolonização das ex-províncias ultramarinas. A estimativa actual é de 30 a 38 mil muçulmanos em Portugal.

Este processo originou um grande número de imigração das antigas colónias para Portugal, sendo quase 15000, o número de muçulmanos (1990) que viviam em Lisboa e arredores, sendo a maioria do grupo sunita. Contudo, também se salientou uma percentagem considerável de ismaelitas (8000), comparativamente a outros países da Europa, em que a percentagem é mínima.

A investigadora Nina Clara Tiesler refere-se ao grupo da seguinte forma: “ *A comunidade Islâmica de Lisboa (CIL) parece hoje quase um microcosmo do chamado «mundo islâmico»* ” (2005:831).

Esta comunidade (sunita) apesar de ser na sua maioria de origem lusófona (Moçambique e Guiné), inclui todo um conjunto de imigrantes de vários países islâmicos (Argélia, Bangladesh, Egipto, Guiné Conacry, Índia, Iraque, Líbia, Marrocos, Síria, Tunísia, Turquia, outros grupos europeus convertidos, assim como os de nacionalidade portuguesa).

### **1.1. Os Ismaelitas**

A comunidade ismaelita (de origem moçambicana) é seguidora de Agha Khan.

Este grupo, sem pátria, está muito familiarizado com a imigração, estando a sua história ligada a expulsão e a discriminação. Regem-se por dois princípios fundamentais:

- A obrigação religiosa para com o Islão e para com o Imame.
- A lealdade para com o país onde vivem.

Este grupo procura um equilíbrio entre a parte espiritual e a parte material.

A educação também é fundamental para os ismaelitas, tentando criar meios para proporcionar uma educação superior aos seus filhos. Quase todos os ismaelitas são comerciantes (nos anos 90 do século passado, dominavam o comércio de lojas de fotocópias em Lisboa).

Como templo religioso, tem o imponente Centro Ismaeli, com influências arquitectónicas dos mosteiros dos Jerónimos, do Fatehpur Sikri da Índia e da Alhambra em Espanha.

### **1.2. Os Sunitas**

A comunidade Sunita, de origem moçambicana, fixou-se em Portugal nos anos 50 do século XX, destacando-se Suleyman Valy Mamede (escritor e professor universitário), fundador da Comunidade Islâmica de Lisboa (CIL). Em 1968 foi considerada problemática pelo governo do Estado Novo (Kemnitz, 1996). É conhecido como “O pai da Mesquita”,

conseguiu contactos diplomáticos (depois de 1974) com países árabes, angariando fundos para a construção da Mesquita em Lisboa, sendo esta inaugurada em 1985.

Em 1982, inauguram a primeira Mesquita no Laranjeiro (Comunidade Islâmica do Sul do Tejo), assim como a Mesquita Aicha Siddika (comunidade de Odivelas), a Mesquita de Coimbra em 1991 (comunidade de Coimbra), a Mesquita do Porto em 2001, e ainda diversas salas de culto, na região da Grande Lisboa, assim como nas restantes regiões do país (Cacém, Carnaxide, Colina do Sol, Évora, Faro, Fetais, Forte da Casa, Portela, Portimão, Póvoa de S. Adrião, S. António dos Cavaleiros, entre outras).

Os muçulmanos originários de Moçambique, são maioritariamente indianos ou descendentes destes, que se instalaram a partir do século XIX neste território.

Segundo Malheiros (1992) a imigração da comunidade indiana islâmica não está ligada a causas económicas, mas devido à situação de insegurança político-militar em Moçambique. O fluxo de maior imigração situou-se entre 1982 e 1985.

Este grupo não teve dificuldades de integração em Portugal, devido a vários factores, como a construção de infra-estruturas religiosas e culturais, o conhecimento da língua portuguesa e a integração profissional, dedicando-se a maioria ao sector terciário. Apesar da sua participação ser passiva, consegue ao mesmo tempo ser activa aparecendo na imprensa com uma imagem positiva.

Actualmente, a comunidade Islâmica em Portugal é maioritariamente guineense. Muitos indianos islâmicos emigraram para países da União Europeia, principalmente para Inglaterra. Os guineenses distinguem-se dos moçambicanos, e o seu modo de estar e de imigrante é diferenciado.

Estima-se que a comunidade islâmica guineense integre cerca de 20.000 pessoas. Os homens trabalham praticamente por conta de outrem, na construção civil tal como as mulheres também trabalham nas obras, nas limpezas finais das construções, como nos testemunhou Sheik Fuad (o segundo imame da Mesquita Central de Lisboa), guineense, residindo em Portugal há 15 anos, com um percurso igual ao de muitos dos seus conterrâneos, antes de se dedicar à vida religiosa. Este grupo está concentrado no distrito de Lisboa. Devido à sua mobilidade no país, há a necessidade de terem uma morada, vivem em casas arrendadas, cujo arrendamento é partilhado por três ou quatro guineenses devido ao custo elevado da habitação. Por viverem nos subúrbios de Lisboa, a partilha das orações na Mesquita Central,

tornava-se difícil, deste modo, com ajuda da Mesquita Central, alugaram um espaço no Cacém, na Quinta de Mós, sendo o Centro Islâmico do Cacém, lugar de oração e congregação dos guineenses. Antes e depois da oração fazem palestras em dialecto Fula ou Mandinga. No seu dia a dia convivem com os seus conterrâneos. Esta comunidade mantém laços muito fortes com o seu país de origem, pensam regressar para a Guiné e tentam todos os anos, passarem as férias na sua terra. As crianças frequentam as escolas públicas, verificando-se um alto índice de insucesso escolar, segundo nos explicou Sheik Fuad.

Os muçulmanos de Bangladech conjugam a identidade islâmica com a sua identidade bengali. São minoritários e considerados estrangeiros, são muçulmanos mas diferentes dos outros muçulmanos. A maioria dos bangladeshianos têm o seu local de trabalho e de residência em Lisboa, na zona da Mouraria, local ainda distante da Mesquita central de Lisboa, motivo que os levou a criarem um espaço de oração naquela zona. Contudo a Mesquita Baitul Mukarram (Martim Moniz) tem um número muito elevado de fiéis deste país, mas também se encontram outros fiéis de origem indiana e guineense. Este espaço, independentemente de ser religioso, marca a separação com os muçulmanos, ele é o intermediário entre o ser bengali e o ser islâmico; José Mapril considera “ *Ao emergir como um espaço de produção de uma comunidade moral entre os bangladeshianos, a mesquita do Martim Moniz cria igualmente fronteiras, cria alteridade. Ele não é apenas muçulmano, mas também bengali*” (2005:870). Os sermões, nos diversos contextos islâmicos, são transmitidos na sua língua materna (bangladeshiano), reflectindo a sua identidade não só como muçulmanos mas também como bangladeshianos. Refere, ainda, Mapril “ *A bangla masjid, assume neste processo uma importância central (...) enquanto comunidade moral e espaço de fronteira*” (2005:870). O mesmo sucede na cidade do Porto. Estes imigrantes, trabalham no centro da cidade e fazem o seu culto à parte, num espaço na Rua do Loreto (III Congresso da APA, 2006).

Poderemos concluir que a presença das comunidades muçulmanas, no Portugal contemporâneo é um fenómeno praticamente pós – colonial. Com a adesão à Comunidade Europeia, a nossa sociedade teve e tem novos fluxos migratórios, em que é saliente a presença muçulmana. Poderemos considerar cinco períodos para a designação de “muçulmanos portugueses”:

- O primeiro é descrito como o ante-período, inaugurado pela conferência de Berlim de 1885 e que vai até aos anos 40 do século XX. Iniciou-se e estruturou-se o discurso português sobre o chamado “Islão Negro”, surgindo de seguida a nível administrativo, com propostas relacionadas com a política colonial para com o islamismo.
- O segundo período, desde o pós-Segunda Guerra Mundial até aos anos 60 do século XX, sob a ameaça comunista (Guerra fria), do movimento terceiro-mundista e anti-colonial e ainda das conferências pan-islâmicas, em que os muçulmanos começam a serem identificados como ameaça nacional e cultural.
- O terceiro período, está relacionado com a guerra colonial, em que se tentou conquistar a adesão dos muçulmanos da Guiné e de Moçambique; também este período está relacionado com a revolução teológica do Concílio do Vaticano II, com uma abertura de diálogo com os muçulmanos assim como o reconhecimento da religião islâmica. Em Lisboa, constitui-se a Comunidade Islâmica de Lisboa (CIL), sob o impulso de Valy Mamede (criada e reconhecida em 1968).
- O quarto período, pós 25 de Abril de 1974, até os anos 80 do século XX, é um período de consolidação da Comunidade Islâmica de Lisboa.
- O quinto período, o actual, é caracterizado pela crescente diversificação e pluralização étnica, cultural, religiosa, demográfica, sócio-económica e geográfica dos muçulmanos em Portugal. (Vakil, 2004)

## CAPITULO IV

### GRUPO E IDENTIDADE

#### 1. GRUPO

Desde há muito que a temática “indivíduo – grupo” tem sido estudada, na Psicologia, Sociologia e Antropologia.

Os conceitos de grupo são termos diversificados, que “ *de um modo geral, acentuam ideias de interacção, independência e consciência mútua*” (Deutsch, 1968, in Jesuíno, J., 2004:294). Existem inúmeras definições de grupo, contudo há uma discrepância de conceptualizações.

Para Kurt Lewin:

*“ o grupo não é irredutível aos indivíduos que o compõem, nem à semelhança que existe entre eles, nem à semelhança dos seus objectivos. Ele define-se como um duplo sistema de interdependência, entre os membros de uma parte, entre os elementos do campo de outra parte (objectivos, normas, representações do meio exterior, divisão de papéis, status, ...)”*. (in Encyclopaedia Universalis, vol.VIII:51)

Robert Merton classifica grupo como” *pequena unidade social, cujos membros estão ligados por idênticos valores e na qual existe uma constante interacção entre os seus membros*” (in Rocha Trindade, 1995)

Neto (2000:503-504) dá-nos uma série de conceitos segundo alguns autores:

Segundo Smith (1945) “*Podemos definir um grupo social como uma unidade que consiste num número plural de organismos agentes) separados tendo uma percepção colectiva da sua unidade e a capacidade de agir/ou estar a agir de modo unitário em relação ao seu meio*”.

Sherif e Sherif (1956):”*Um grupo é uma unidade social que consiste num número de indivíduos com (mais ou menos) estatuto definido e relações de papel de uns em relação aos outros estabilizadas em certo grau no tempo e que possuam um conjunto de valores ou normas do seu próprio modo de regular o comportamento dos membros individuais, pelo menos em assuntos com consequências para o grupo*”.

Sprott (1958): “*Um grupo, no sentido sócio-psicológico, é uma pluralidade de pessoas que interagem com as outras num dado contexto mais do que interagem com qualquer outra pessoa*”.

Bass (1960): “*Definimos grupo como uma coleção de indivíduos cuja existência como uma coleção é recompensada para os indivíduos*”.

Jonhson e Jonhson (1987): “*O grupo é constituído por dois ou mais indivíduos em interacção face a face, cada um consciente da sua qualidade de membro do grupo; cada um consciente de outros que pertencem ao grupo e cada um consciente das suas interdependências positivas quando se empenham em realizar objectivos mútuos*”.

Apesar das definições serem diferentes, elas harmonizam-se e apontam para uma caracterização de grupo como um conjunto de pessoas que têm uma relação recíproca e contínua, com uma interacção e organização, compartilhando valores e objectivos comuns e que vivem, de certa forma, da solidariedade. Um grupo social é uma categoria de pertença partilhada, tanto pelos próprios membros, como pelos membros de outras categorias, como referem Tajfel e Turner:

*“ é uma coleção de indivíduos que se percebem como membros da mesma categoria social, partilham algum envolvimento emocional nesta definição comum deles próprios e realizam algum grau de consenso social sobre a avaliação do seu grupo e dos seus membros nele”* (Tajfel, 1986:15)

Há elementos fundamentais que identificam os grupos:

- *Cada indivíduo do grupo tem um status, que se relaciona com o status dos outros.*
- *Cada membro participa no grupo desempenhando o seu papel social.*
- *As acções recíprocas são as que permitem o funcionamento do grupo.*
- *Todo o grupo tem certas normas de comportamento que regulam a relação entre os membros. Nestas normas sobressaem os valores que orientam o grupo.*
- *Os membros do grupo participam, movidos por interesses e objectivos comuns.* (Neto, 2000)

Por conseguinte, os elementos que permitem identificar os grupos são a estrutura, a identidade e a coesão do grupo.

- *“A estrutura de um grupo consiste num sistema de estatutos e papéis coordenados entre si, que lhe dá coerência, permitindo o seu funcionamento.*

- *Em relação à identidade, os membros desse grupo, que durante um significativo período de tempo, vivem uma experiência de interações alongadas, têm tendência a desenvolver valores comuns, que se estabelecem na regulamentação das relações e também no significado dos seus papéis.*
- *Relativamente à coesão, há cinco factores que produzem coesão grupal – atracção dos membros entre eles como indivíduos (Davis, 1969); avaliação de cada membro pelo grupo como uma fonte de identidade social (Tajfel, 1978); valores e objectivos comuns partilhados (Davis, 1969; Schachter, Ellertson, McBride, e Gregory, 1951); sucesso na obtenção de objectivos ou no progresso em relação a eles; e ameaça comum de um inimigo exterior (Shaw, 1981; Steiner, 1972) ” (Neto, 2000:525)*

Consequentemente coesão é um processo dinâmico que leva os seus membros a estarem unidos e a resistir à sua desintegração, em que os objectivos e interesses do grupo estão entre si relacionados com a cooperação e não com a competição, tornando a unidade mais forte do que a pluralidade.

Existem diferentes tipos de grupos (Neto, 2000):

- *Grupos de pertença – em que o indivíduo sente que pertence ao grupo (sentimento de “nós”), em que os indivíduos são solidários exibindo comportamentos diferentes dos grupos exteriores.*
- *Grupos de referência – o indivíduo sente que não pertence a esses grupos, mas eles servem de modelo. Os seus valores, comportamentos e atitudes podem atrair membros de um outro grupo (Hyman, 1942).*
- *Grupos primários – quando o relacionamento entre os membros se faz de forma íntima, afectiva e informal, surgindo na maior parte das vezes de forma espontânea. Nestes grupos há uma identificação de indivíduos com os valores dominantes, como é por exemplo o caso do grupo familiar ou do grupo de amigos (Van der Zanden, 1987).*

Estes grupos têm fortes contactos entre si.

- *Grupos secundários – o relacionamento é mais formal, impessoal e distante e os laços afectivos são inexistentes. É mais amplo, mais organizado e menos espontâneo que o grupo primário. A posição dos seus membros é definida em relação aos papéis que lhes cabem, com uma participação limitada. (Neto, 2000)*

O grupo tem formas de influenciar o indivíduo, através da liderança, sugestão, facilitação social e acomodação (a pressão exercida no indivíduo, de modo a que este aceite as ideias e comportamentos definidos pelo grupo).

A própria natureza humana faz com que os indivíduos se agrupem. Estar no grupo é uma condição permanente do indivíduo e é praticamente impossível pensar nele de maneira não social, como refere Barreiros “ *O homem constrói-se em sociedade no contacto e no relacionamento com os outros.*” (1996:39).

O indivíduo integra-se no grupo social, como membro, sem que seja absorvido pelo grupo, ele mantém a sua individualidade, Barreiros considera: “*O grupo é uma necessidade individual e social*” (1996:39). O indivíduo ao longo da sua vida participa e pertence a uma multiplicidade de grupos sociais que se interpenetram, como é o caso da família, da escola, da religião, da profissão, do lazer, da política. Esses grupos poderão ser duradouros (a família, a religião) ou efémeros (aqueles que se formam em função da situação social e do processo de identificação dos seus membros).

Podemos caracterizar um grupo pela pluralidade de indivíduos (há sempre mais de um indivíduo no grupo), pela sua interacção social (a comunicação com os outros), pela organização (necessidade de uma ordem interna), pela objectividade e exterioridade (quando um sujeito entra num grupo ele já existe e se sair ele continua a existir) e pelo conteúdo intencional (os indivíduos unem-se com base nos valores) (Jesuíno, J., 2004:299-300).

Ao conceito isolado do “eu” ou do “nós”, contrapõe-se o conceito colectivo do “nós”. Deste modo o grupo manifesta-se tanto a nível social como individual, no seu funcionamento interno. Tajfel refere:

*”um componente cognitivo no sentido em que se sabe que se pertence a um grupo (...), um componente emocional no sentido em que os aspectos cognitivo e avaliativo do grupo e da pertença a ele podem ser acompanhadas de emoções (...) dirigidas para um grupo próprio e para outros com os quais tem certas relações”* (1981:261).

O grupo também está agregado a uma função temporal em termos do passado, presente e futuro, a sua história tem deste modo uma dualidade sócio/pessoal, “*reaprende e recria a cultura e civilização dos seus antepassados*”. (Barreiros, 1996:39).

O grupo é o primeiro “*socius*” do indivíduo, tornando-o dependente e/ou independente da sua posição na sociedade, é a base na formação de identidade social, dos valores e dos comportamentos.

### **1.1. A família – o primeiro grupo de pertença**

A família é o primeiro grupo de pertença, nos primeiros anos de vida de uma criança, ela é a primeira instituição que contribui para o seu desenvolvimento biopsicossocial e cultural.

*“São grupos onde se supõe a existência de uma “unidade” psicológica, solidária e solidarizante, que une elementos e meio envolvente” (Barreiros, 1996:44).*

A família é a célula principal da sociedade humana, que tem fortes contactos presenciais entre si (afectividade e intimidade), no seu funcionamento interno que se manifestam social ou individualmente, Osório (1996:16) salienta:

*” Família é uma unidade grupal onde se desenvolvem três tipos de relações pessoais-aliança (casal), filiação (pais/filhos) e consanguinidade (irmãos) – e que a partir dos objectivos genéricos de preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhes condições para a aquisição das suas identidades pessoais, desenvolveu através dos tempos funções diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturas”.*

É na família que se dão em grande parte as primeiras aprendizagens. Todas as aquisições feitas na família têm uma grande influência na nossa maneira de ser e estar (Sprinthall e Collins, 1999), deste modo a família contribui para uma construção evolutiva e para um alargamento das relações.

É na família que se criam as fronteiras identitárias e a distinção entre grupos de pertença (*ingroups*) e grupos de referência (*outgroups*) (Bastos, S; Bastos, J., 2006)

## 1.2. A escola

Na escola, o segundo grupo social a que uma criança pertence, surge a vivência com “novos outros”. Os novos contactos que a criança tem vão permitir que ela sinta e perceba novos sentimentos e interesses assim como novos comportamentos.

De acordo com Barreiros (1996:135):

*“...é um grupo artificial, a sua constituição e objectivos têm motivações externas, é igualmente um espaço de acção dos diferentes actores que a compõem. E nesta dimensão, enquanto espaço de diálogo, pode tornar-se um verdadeiro “grupo”; um grupo com coesão e funcionalidade análoga à dos grupos naturais.”*

A escola é comunicação e diálogo, ela não é unicamente a transferência de saberes, é também um encontro de indivíduos que procuram a significação dos significados. É na escola, que a criança/jovem, estabelece novas relações.

Do ponto de vista de Barreiros (1996:49) “ *O grupo também interfere com os indivíduos através de um sentimento de pertença que faz com que este adopte comportamentos e estereótipos grupais*”. A escola é polissémica (envolve uma multiplicidade de sentidos), o grupo baseia-se num confronto de interesses, fixa conteúdos, atribui funções, organiza e hierarquiza o espaço, diferencia trabalhos e define as relações sociais. A escola é um grupo com processos permanentes de construção social, interagindo nos diversos processos, como a reprodução das relações, criação e transformação de conhecimentos e conservação ou destruição da memória colectiva. É neste grupo que ocorrem as primeiras experiências interpessoais, materializa-se tanto na criação de espaço, como na de estereótipos. Estereótipos são estruturas cognitivas, que contém crenças e expectativas sobre um grupo social e que são socialmente compartilhados e que têm como função caracterizar os grupos sociais e os membros desses grupos.

*“A par de uma dimensão de constrangimento há uma dimensão de comunicação”* (Barreiros, 199:135), pressupomos deste modo, que participando no grupo é que o indivíduo aprende a participar.

### 1.3. Grupo Minoritário

O nosso estudo incide num grupo minoritário, como tal devemos abordar a temática.

Rocha – Trindade afirma “*O termo minoria não pode ser definido apenas como o antónimo de maioria*” (1993:425), a autora define ainda minoria como:

*” conjunto de indivíduos que apresenta as características, a composição e a estrutura de uma comunidade (designadamente, possuindo um sentimento de pertença comum baseado numa herança cultural própria) com dimensão obviamente menor do que a sociedade (maioritária) em que se insere”* (1995:371)

O conceito “*minoria*” é polémico, a própria ONU, não conseguiu formalizar uma definição universalmente aceite. Na declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), o artigo que está indirectamente ligado às minorias é o artigo 2º em que se lê:

*“ Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamadas na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autónomo ou sujeito a alguma limitação de soberania”.*

Contudo, o primeiro documento normativo da Organização das Nações Unidas sobre “*minorias*” surge no “ Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos” (1966), no artigo 27º (II parte):

*“Nos Estados em que existam minorias étnicas, religiosas ou linguísticas, as pessoas pertencentes a essas minorias não devem ser privadas do direito de ter em comum com os outros membros do seu grupo, a sua própria vida cultural, de professar e de praticar a sua própria religião ou de empregar a sua própria linguagem.*

O termo *minoria* significa que o grupo se distingue do outro grupo dominante (maioritário), salientando-se certas particularidades, através de certos vestígios visíveis como a religião, a cor da pele e da linguagem.

“Um grupo só é uma minoria se se destaca pelo tratamento diferente que originam as suas características físicas e culturais e se os seus membros se consideram, portanto objecto de discriminação colectiva e tende a desenvolver atitudes diferentes que os afastam ainda mais da sociedade global” (Withr, in Banton, 1979:163).

Também Rocha-Trindade refere (1995:222):

“Ao conceito de minoria destacam-se como suas características principais as seguintes:

- *Estar associada à existência de um grupo minoritário identificado, geralmente, através de certos traços socialmente visíveis ou detectáveis (por exemplo: a cor da pele, a religião, a linguagem);*
- *Haver clara assimetria na relação de poder com a sociedade envolvente. Os seus membros sofrem desvantagens de natureza vária quando se encontram sob o ascendente ou o domínio de outro grupo mais poderoso em termos económicos e políticos. Situam-se, quase sempre, numa posição de desigualdade face à sociedade maioritária, como resultado da discriminação que impõem ou a que estão sujeitos.*
- *Para que um grupo étnico seja conceptualmente considerado como uma minoria, é requisito que os seus elementos possuam um forte sentido de solidariedade grupal e de pertença identitária, sendo notória a tendência para se considerarem e serem percebidos como uma população distinta, à parte da maioria. O facto de se sentirem origem ou alvo de preconceitos ou de acções e atitudes discriminatórias gera uma certa unidade no seio do grupo, tornando mais sólidos os interesses que possam ter em comum, alimentando, assim, a coesão social”.*

Rocha-Trindade refere ainda “ *O reforço de uma identidade própria tende para uma maior mobilização étnica da maioria*” (1995:222)

Deste modo a identificação do grupo com o grupo maioritário é diferenciada.

## 2. IDENTIDADE

O conceito de identidade é um termo fundamental no âmbito da Sociologia e da Psicologia. Amâncio (2004:391) cita “... *a noção de identidade estabelece uma ligação entre o psicólogo e o sociólogo*” (Zavalloni, 1972). Contudo é no campo da Psicologia Social, que tem merecido uma maior atenção. Ao referenciar-se “identidade”, associamos de imediato à

existência de “outros” e à nossa identidade pessoal. Agrada-nos quando estamos com pessoas semelhantes a nós e com quem nos identificamos mesmo que não pertençam ao nosso grupo.

Mead (1934) refere “*capacidade de assumir a posição do outro*” (cit. in Amâncio, 2004:391), este assumir pode unir ou afastar.

Assim o termo identidade torna-se complexo, é um organizador psicossociológico, sócio - histórico e político, já que se processa tanto a nível pessoal e interpessoal, como a nível transpessoal, com processos de identificação subjectiva e de auto-atribuição, como com processos de identificação objectiva e de hetero-atribuição.

O conceito de identidade é essencialmente de natureza psicológica, referindo-se à percepção que cada sujeito tem de si mesmo, isto é, à percepção da sua própria existência, como pessoa que se relaciona com outros sujeitos, com os quais forma um grupo social (família, igreja, ...)

Giddens refere:

*” A identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas. Estes entendimentos formam-se em função de determinados atributos que são prioritários em relação a outras fontes geradoras de sentido. O género, a orientação sexual, a classe social, a nacionalidade ou a etnicidade são algumas das principais fontes da identidade”* (2004:29).

Deste modo, identidade pressupõe a concepção de indivíduo como portador da capacidade de simbolizar, de representar, de criar e partilhar significados em relação aos objectos com os quais convive.

A identidade tem elementos que se influenciam reciprocamente:

- O nascimento – é a origem das semelhanças numa família ou num espaço físico.
- A cultura – que forma os indivíduos e os grupos pelas suas experiências emocionais, afectivas e espirituais.
- A aceitação de valores comuns nos grupos.

Segundo Mucchielli:

*“ Identidade é um conjunto de critérios de definição de um objecto e um sentimento interno. Este sentimento de identidade é composto por diferentes sentimentos: sentimentos de unidade, de coerência, de*

*pertença, de valor, de autonomia e de confiança, organizados à volta de uma vontade e de existência”* (1986:5).

A identidade remete-nos para tipos de identidade, que embora sejam distintos, apresentam uma interacção entre eles – a identidade pessoal (individual) e a identidade social.

## 2.1. A construção de Identidade

O “outro” é imprescindível na construção do “eu”.

A identidade ao ser uma interacção do “eu” com o “outro”, sofre uma influência não só do meio externo, como também do interior do indivíduo, dos seus valores, ideias, crenças e também ideologias. Ao pensarmos em identidade como uma ideologia, associamos a ideia de que ela é uma construção que se faz em função dos objectos, das expectativas, dos anseios que são partilhados pelo outro. A identidade não é um processo único, está sempre em contínua evolução, sendo também múltipla, pois resulta de vários processos relacionais, dependente da diversidade do próprio e do outro, confrontando-os e/ou justapondo-os, estando deste modo numa transformação constante. Neste sentido Maalouf salienta “ *A identidade não é algo que nos seja entregue na sua forma inteira e definida;*” (1999:33).

A construção da identidade é um processo dinâmico, que envolve processos internos e externos do indivíduo, que está associado à duplicidade permanência/mudança, elaborando-se em função do tempo e do espaço social de referência.

A identidade não é inata. Maalouf refere “ *a identidade não é algo que nos defina; ela constrói-se e transforma-se ao longo da nossa existência*” (1999:33). A construção identitária de um indivíduo começa logo na infância, com a influência de vários grupos de pertença (a família, os amigos, a escola). Esta multiplicação de vivências colocam novos desafios às pessoas, assim como aos grupos, refere-se Chambers designa esta pluralidade de identidade “*estados de hibridação*” e “*identidades nómadas modernas*” (1994:27).

No mundo de hoje, as sociedades são cada vez mais complexas e, ao mesmo tempo, mais fragmentadas, por certas crises da identidade individual. O indivíduo fica dividido e caracteriza-se por ter múltiplas identidades, assumindo deste modo uma identidade móvel e temporária de acordo com o momento e o espaço.

Castells refere “...*toda e qualquer identidade é construída*” (2003:4). O conceito de identidade para este investigador inclui um processo de construção de significado cultural formado por atributos inter-relacionados, em que predominam outras fontes. O sociólogo adverte, ainda, para a problemática de que a multiplicidade da identidade, é um elemento de grande preocupação e contradição, tanto nas acções sociais, como na própria auto-representação, porque institui uma fonte de significado para as pessoas que a constroem no processo de individualização.

Manuel Castells propõe “ *uma distinção entre três formas e origens de construção de identidade: a identidade legitimadora, a identidade de resistência e a identidade de projecto*” (2003:4,5). Neste sentido a identidade legitimadora é introduzida por instituições dominantes, estando vinculada ao nacionalismo: a identidade de resistência em que os actores sociais desvalorizados pelas instituições elitistas, resistem a estas; a identidade de projecto, em que há a construção de uma nova identidade para redefinição da posição social e a transformação da estrutura da sociedade historicamente estabelecida (como exemplo a libertação das mulheres).

A identidade reporta-se principalmente a dois tipos de identidade:

- Identidade pessoal
- Identidade social

Brown e Turner (1981) consideram “ *A primeira refere-se às autodescrições em termos de atributos pessoais ou idiossincráticos, tais como traços físicos, intelectuais ou de personalidade. A segunda denota autodescrições em termos de pertenças a categorias sociais tais como a raça. A classe social, a nacionalidade, o sexo, etc. (...)*”(cit. Marques,J. ,Paéz, D.,2004:372).

## **2.2. Identidade Pessoal – Identidade Social**

### **2.2.1. Identidade Pessoal**

“*Se as identidades sociais estabelecem formas pelas quais os indivíduos são semelhantes a outros, a identidade pessoal distingue-nos enquanto indivíduos*” (Giddens, 2004:30). A identidade de um indivíduo é constituída principalmente pelos seus grupos de pertença, é num contexto social e cultural que a personalidade de um actor social se forma. Giddens considera

ainda “ *O processo de interacção entre o eu e a sociedade contribui para ligar o mundo pessoal e o mundo público*” (2004:30).

George H. Mead (1934) foi um dos primeiros sociólogos a defender que a consciência não é uma produção individual, mas resulta de um conjunto de interacções sociais nas quais o indivíduo está envolvido, implícito no outro e no grupo social a que pertence.

Bordalan refere “ *Líndividu se socialise et construit son identité par étapes, au cours d’un long processus qui s’exprime fortement de la naissance à l’adolescence et se poursuit à l’âge adulte*” (1998:3) A identidade pessoal é o resultado de um processo de socialização ao longo de toda a infância até à idade adulta.

Para Lipiansky (1990), a identidade pessoal está relacionada com a percepção que o indivíduo tem sobre si próprio, como ser único.

Para Erikson (1968), os aspectos psicossociais são determinantes para a maturação da identidade pessoal, em que qualquer uma das oito fases do desenvolvimento por ele estudado, nascem da interacção entre os mecanismos psicológicos e os factores sociais. Como afirma Erikson :

*“ Elle surgit, de la réputation sélective et de l’assimilation mutuelle dès identifications de l’enfance ainsi que leur absorption qui, à tour, dépend une société (souvent par l’intermédiaire de sous-sociétés) identifie la jeune individue n le reconnaissant comme quelqu’un qui avait à devenir de qu’il est”* (in Lipiansky,1990 :26).

A identidade modifica-se ao longo da vida de um indivíduo. Ela é o resultado de sucessivas modificações e de tentativas de integração bem sucedidas, na maioria das vezes. A Teoria de Erikson (1968) demonstra, assim, a construção da identidade. Para o psicólogo, os acontecimentos da vida de um indivíduo, desde a mais tenra idade, produzem sobre ele, uma imagem de si mesmo, construindo-se a partir das relações que ele estabelece com os outros (pais, família, amigos). Erikson defende que o ser humano tem uma necessidade de sentir-se único, necessidade que provém do esforço para manter a continuidade e a uniformidade da experiência”o seu estilo pessoal”. O sujeito só desenvolve este sentimento de ser único e de possuir um caminho próprio dentro da sua cultura, que lhe dá a consistência necessária para o desenvolvimento do “ego” e que permite estabelecer a sua identidade no processo de desenvolvimento. Por conseguinte, é no grupo de pertença que a criança vai construindo a sua

identidade, através de estruturas culturais e de mecanismos (a linguagem), ou seja há uma transferência para cada indivíduo do grupo, desde o início da sua existência de vida no grupo “ a identidade grupal”. Desta forma a identidade é “dele” como pessoa, mas também é do grupo através dele. Nesta perspectiva, a análise de todo o processo, possibilita-nos caracterizar as duas identidades, a do indivíduo e a do grupo. Pressupõe-se deste modo que a identidade do sujeito se constrói a partir de percepções que ele tem de si e do outro. Erikson conjectura desta forma, uma correspondência de ambos.

Para o nosso estudo, interessa-nos o quarto e o quinto estádios – fases que correspondem ao nosso grupo de investigação (idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos) e designadas por Erikson (1968) de “*Construtividade versus inferioridade*” (dos 6 aos 11anos) e “*Identidade versus confusão de identidade*” (dos 12 aos 18 anos). De acordo com Erikson (1968) a quarta fase corresponde ao início da escolaridade obrigatória, que para o autor, é o estádio mais importante socialmente. A criança convive com os “outros”, que não pertencem ao grupo primário (família), exigindo à criança uma maior sociabilização e cooperação. Caso tenha dificuldades, o próprio grupo irá criticá-la. A nossa investigação insere sujeitos com a idade de 11anos (excepto dois jovens com 15 e 16 anos), que estão a entrar na adolescência. O estádio que Erikson (1968) mais investigou foi o quinto, que é a definição clara do self, principalmente no que diz respeito à definição dos objectos pessoais, valores e ideais. As relações interpessoais são criticamente interiorizadas. Por este motivo, os adolescentes confrontam muitas vezes os valores familiares, religiosos e a sociedade em que estão inseridos com os seus próprios ideais. Procuram deste modo alternativas e tomam decisões que contribuem para o encontro da sua própria identidade, estilo de vida e integração de papéis que irão representar.

Cada estádio da Teoria Psicossocial do Desenvolvimento, apresenta duas soluções contraditórias entre si, sendo uma positiva e outra negativa. Assim, a procura do adolescente, de um papel social, provoca uma confusão de identidade, que poderá criar preconceitos e discriminações ou criar a uniformidade e continuidade. A identidade adquirida deverá reflectir, segundo Erikson (1968:89) ” *a confiança de que a sua capacidade de manter uma uniformidade e continuidade interna se ajusta à uniformidade do significado que o próprio tem para os outros*”.

Leyens salienta “ *ser social é ter identidade pessoal através de uma pertença a um grupo de referência. A identidade, aliás, só pode conceber-se através dessa pertença*” (1979:27). A identidade pessoal resulta de uma continuidade da experiência do “self” e das identificações e dos modelos propostos pelos grupos primários a que pertence. Deste modo a identificação é recíproca: o grupo reconhece o indivíduo como membro e o indivíduo reconhece-se nos modelos e protótipos da comunidade.

### 2.2.2. Identidade Social

No domínio da Psicologia Social, Tajfel (1981) \* fez a distinção entre identidade pessoal e identidade social, sendo a primeira, um conjunto de termos idiossincráticos, que nos definem e a segunda o resultado da nossa pertença a vários grupos.

Para L’Ecuyer, a identidade pessoal mantém o conjunto de representações, sentimentos, lembranças e projectos ligados ao “eu”, enquanto a identidade social é “o conhecimento ou a consciência de pertencer a certos grupos sociais” (1978:61), podendo ser compreendida à escala de um grupo, religião, profissão, nação e até de uma cultura.

Segundo os autores citados, a identidade social de um sujeito, resulta do conhecimento que ele tem de pertença a um certo grupo social. Desta forma diferenciais de valor, podem contribuir positivamente ou negativamente, para uma auto – imagem dos indivíduos.

---

\***Teoria da Identidade Social** -teoria que inicialmente foi elaborada por Tajfel e depois houve uma reformulação de Turner, na década de 1970, esta teoria postula que o indivíduo procura aceder a, ou manter, uma identidade social (isto é, a parte do conceito de si que decorre das suas pertenças categoriais positivas). Para tal, o indivíduo pode adoptar diversas estratégias de comportamento, cuja escolha é determinada pelas suas crenças relativas à natureza das relações entre o seu grupo e os outros. Nomeadamente, se ele pensa que as fronteiras entre grupos são permeáveis, optará por uma estratégia individual de mobilidade social. Se as fronteiras entre os grupos são percebidas como impermeáveis, o indivíduo empenhar-se-á em estratégias colectivas de mudança social. Neste caso, o tipo de estratégia utilizada dependerá da legitimidade e da estabilidade percebida nas relações entre o endogrupo e o exogrupo. A teoria da identidade social e a teoria da autocategorização, posteriormente formulada permitem dar conta de um grande número de fenómenos intra- grupais (coesão, conformismo, rejeição dos desviantes) e inter-grupos (discriminação, favoritismo intra-grupo, formação de estereótipos) ( in Dicionário de Psicologia,2001: 399)

Segundo Miranda:

*“Basilar é a ideia de que identidades positivas e negativas têm diferentes implicações no comportamento (...) os indivíduos procuram alcançar um conceito ou imagem satisfatória de si mesmos e, muito particularmente, dos grupos a que pertencem” (2003:20)*

Neste sentido, o indivíduo pode ter uma identidade negativa de forma que:

- Procure um outro grupo, de modo a que este contribua para melhorar a sua identidade social.
- Deixe o seu grupo (só se for impossível fazê-lo), já que este contribui de uma forma negativa para a sua identidade.
- Não podendo deixar o grupo pode tentar uma outra perspectivação dos atributos deste, mais aceitáveis, melhorando a posição do grupo, através de comparação com outros, surgindo processos competitivos (discriminação) em relação aos exogrupos.

O conceito de identidade é alargado não só aos aspectos íntimos, de vivências humanas, como também num contexto social e cultural. Neste sentido, a formação da identidade cultural, vai-se elaborando pelo convívio social, pela transmissão de geração em geração, pela vivência do dia a dia, orientando atitudes, ensinando procedimentos e consolidando referências e valores.

Com a interacção da família e a frequência escolar, aprende-se e desenvolve-se a compreensão do passado e constrói-se o entendimento do presente.

A pertença a uma cultura traduz-se na adesão às normas e valores dessa cultura, responsáveis pela formação do inconsciente colectivo, que define a nossa identidade.

A identidade cultural tem como elementos fundamentais o social e o religioso, constituindo um sistema abrangente, específico para cada grupo, onde o social é o resultado da articulação entre o religioso e o cultural (Frias, 1995)

O social, o religioso e a cultura, são elementos integrantes do mundo pessoal de cada um, que orienta e estabelece regras às suas condutas e acções.

### 2.2.3. Identidade religiosa

Vinsonneau afirma “*outré les lieux qu’elle tisse entre les membres d’une communauté, la religion se pose en support des interrogations que les individus développent: sur eux-mêmes, sur leur place dans ce monde*”(2002 :143), a religião está vinculada a formas referenciais, de significação e articulação da existência, como a vida, a morte, o mundo, a moral e a ética.

A religião liga (religare) indivíduos entre si e contribui para a coesão social. Os comportamentos dos indivíduos são orientados pelas mesmas normas e valores. As crenças religiosas constituem um elemento da identidade colectiva, Vinsonneau diz-nos” *En faisant partager une même vérité et un même but aux hommes, la religion les unit. Ils forment alors un groupe assimilable à une famille, une ethnie, un royaume*”(2002 :146).

A religião é uma referência identitária. Ela é simbólica (os rituais, como o casamento, a oração...) e transmitida de geração em geração.

Em nome da identidade tenta-se encontrar a origem comum ou na existência, a orientação que refute as tendências instáveis e a variabilidade do presente. Em consequência Castells escreve:

*“Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os actores sociais passam a ter como objectivo fazê-lo regressar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas agarram-se a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica. Quando o sustentáculo patriarcal da personalidade desmorona, as pessoas passam a reafirmar o valor transcendental da família e da comunidade como sendo a vontade de Deus” (1997:80).*

Parte-se do princípio que, em religião, a identidade é definida no contexto da problemática da metafísica e é feita a partir de um conjunto de significados que são representados na cultura religiosa, determinando essa cultura. A identidade religiosa é composta por símbolos e representações, através de discursos, práticas e técnicas particulares que pertencem a tradições culturais identificáveis, conforme Castells afirma”...*embora a primazia dos princípios religiosos preceituados pelo Corão seja comum a todo o Islão e instituições islâmicas são também fundamentadas em interpretações múltiplas*” (1997:13). Um grupo pode dividir-se em outros grupos com diferentes identidades, mas os indivíduos conservam a identidade comum a todos os grupos. Conforme o autor referencia em relação ao

Islão, os indivíduos até podem divergir entre si, mas já que a sua religião está em questão, unem-se contra o “outro”, esquecendo as suas diferenças. Segundo Maestro *”las distintas formas en que los musulmanes actúes difinen su identidad religiosa”*(2005:2). A identidade religiosa, actualmente é cada vez mais difícil de definir, contudo os muçulmanos imigrantes mantêm a sua identidade religiosa.

Segundo Castells *“Essas manifestações de identidade político-cultural (...) são culturalmente organizados com base em princípios de auto-identificação, não de cunho ético, mas religioso”* (1997:70). A identidade islâmica está significativamente ligada à identidade religiosa, com um conjunto de padrões, de comportamento moral, ético, político e económico.

Uma forma de definir a identidade religiosa islâmica é o cumprimento de uma série de rituais simbólicos, como os hábitos alimentares, a oração, o jejum durante o mês do Ramadão e o uso “decente” por parte da mulher, como exemplo o uso de Hijab. Todos estes aspectos são externos, e permitem definir ao “outro” e a sua identidade (Maestro, 2005).

### 2.3. Fronteira

Maestro considera *”Sobre la base de una identidad desarrollarse nuevos vínculos solidarios...Esta relevancia puede sobrepasar incluso los fronteras entre los distintos grupos nacionales...con lo cual la identidad y la práctica religiosa actúan ahora como vehículos de acercamiento, en vez de serlo solo de separation”*(2005:18), deste modo, devemos considerar também o conceito de fronteira.

Um espaço fronteira é simultaneamente um lugar de encontro de interacção e de troca (Friedman, 2001). As fronteiras não são mais do que lugares de uma multiplicidade de contradições cujas linhas são fixadas como definição de lugares seguros ou não seguros.

Como afirma Friedman *“As fronteiras separam ao mesmo tempo que ligam”* (2001:9). As fronteiras são sempre ambivalentes, elas são pontos importantes de referência, para qualquer indivíduo, ou grupo, pois o comportamento destes assinala o limite das fronteiras.

As fronteiras convidam ao exterior, elas são lugares de comunicação e intercâmbio, são um ponto de referência para quem participa em qualquer sistema. Refere Friedman *”As fronteiras fixam e demarcam, mas são em si linhas imaginárias, fluidas e em permanente*

*processo de mutação*” (2001:9). A fronteira torna-se então produtiva, construindo o “eu” (interior), ao mesmo tempo que reconhece o “outro” (exterior).

“*O cruzar de fronteiras de toda a espécie é algo que acontece a toda a hora, mas a experiência desse cruzar constante depende antes demais da própria existência de fronteiras*” (Friedman, 2001:9). Poderemos dizer que com o cruzar de fronteiras há a possibilidade de múltiplas aproximações, de uma homogeneização, mas também pode haver a fragmentação identitária e ser multifacetada. Os resultados destes movimentos, são deste modo contraditórios, como lembra Friedman” *Quer sejam literais ou figuradas, as fronteiras funcionam ainda como lugar de múltiplas contradições*” (2001:8).

## **II PARTE**

### **METODOLOGIA**

## CAPÍTULO I

### TIPO DE ESTUDO

Ultimamente tem-se verificado um crescente interesse pelos estudos dos Muçulmanos na Europa, incluindo em espaços lusófonos. Muitos estudos se têm feito sobre inúmeras temáticas inerentes a esta minoria religiosa e étnica.

Sentimos a necessidade de compreender como os jovens muçulmanos vivem a escola com um forte carisma religioso, sendo esta escola diferente das escolas portuguesas. Delineámos o tema deste trabalho, que recordamos: compreender a relevância/ a centralidade que a religião ocupa na dinâmica identitária dos alunos do Colégio Islâmico de Palmela.

Este tema assim como a pergunta de partida “ *Até que ponto, é que a crença religiosa é um elemento fundamental na identidade das crianças do Colégio Islâmico de Palmela?*”, constituem o ponto de partida deste estudo. Existem outras quatro questões a ele ligadas e que nortearam o estudo. Assim salientamos:

- *Como se caracterizam os alunos deste colégio?*
- *Qual o papel dos professores (religiosos e não religiosos) na construção da identidade dos alunos?*
- *Qual o papel da família?*
- *Que peso tem a religião, na vida diária dos alunos?*

De acordo com Patton (1982), a escolha do método de investigação deve fazer-se de acordo com o problema em estudo. Nesta perspectiva, o trabalho de campo implicou que optássemos por uma metodologia que visasse a compreensão e que não fosse propriamente descritiva. Os métodos que utilizámos não se reduz à descrição de fenómenos sociais, mas tem também uma conotação de compreensão, centrando-se este estudo numa metodologia qualitativa, porém tivemos também a necessidade de utilizar uma metodologia quantitativa, usando valores numéricos para expressarmos uma dada realidade social.

Deste modo, a nossa metodologia é mista (qualitativa e quantitativa), porém ela está direccionada para uma metodologia de carácter qualitativa.

## 1.1. INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Nem sempre a metodologia qualitativa foi admitida como verdadeira por se considerar que não tinha qualidades intrínsecas. Ela é denominada como “ pouco rigorosa” e “ pouco científica”, porque utiliza critérios subjectivos de análise, tanto nos sujeitos como no investigador. A subjectividade existente, tanto na recolha como na análise de dados, exige por parte do investigador uma atenção especial, de modo a transpor os “*enviezamentos*” que são inerentes ao observador (Bogdan e Biklen, 1994:66).

*“ A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo”* (Bogdan e Biklen, 1994:49)

*“ Na maior parte das tradições de investigação qualitativa, a frase documentos pessoais é usada de forma lata para se referir a qualquer narrativa feita na primeira pessoa que descreva as acções, experiências e crenças do indivíduo.”* (Plummer, 1983, Taylor e Bogdan, 1984, citados por Bogdan e Biklen, 1994:177).

Esta metodologia procura entender os fenómenos sociais a partir da perspectiva do actor, como ele experiencia o mundo, procurando descobrir as suas ideias, pensamentos e actos, as suas vivências, as suas perspectivas pessoais e interpretações.

A investigação qualitativa tem-se vindo a desenvolver ao longo do tempo, verificando-se hoje que é importante, habilidosa e com um completo desenvolvimento, sendo muito útil quando pretendemos clarificar atitudes, comportamentos e desempenhos dos sujeitos numa dada situação dentro de determinado contexto. Este método é o que se adapta mais a uma investigação de valores, atitudes, percepções e motivações dos sujeitos de estudo, com a preocupação essencial de entendê-los, em toda a sua profundidade. Dá-nos informações mais subjectivas e dissimuladas. Sem interesses estatísticos, liga-se mais à descrição e complexidade de um fenómeno, assim como ao compreender, interpretar ou classificar processos, fenómenos e comportamentos.

## 1.2. INVESTIGAÇÃO QUANTITATIVA

Na procura dos fenómenos sociais e tornando realidade a importância dos aspectos subjectivos dos indivíduos, os métodos quantitativos permitem uma medição rigorosa e controlada do objecto de estudo.

O método quantitativo está ligado á investigação experimental, isto é, a observação dos fenómenos, a formulação de hipóteses explicativas dos mesmos, na selecção aleatória da amostragem e no controlo das variáveis.

Usam-se valores numéricos, isto é modelos matemáticos para testar as hipóteses.

Pretende-se generalizar os resultados à população em estudo, a partir da amostra, tentando estabelecer relações de causa efeito e até prever fenómenos análogos.

## 2. A ESCOLHA DO COLÉGIO ISLÂMICO

O nosso contacto diário com pessoas islâmicas da margem sul do Tejo (Laranjeiro), que vivem muito perto da Mesquita situada nesta freguesia do concelho de Almada, levou-nos a contactar com adultos e crianças desta comunidade, constatando que independentes de fazerem uma vida com padrões ocidentais, estabelecem comunicação com os vizinhos não islâmicos, e transmitem valores culturais e religiosos válidos e pouco frequentes nos dias de hoje.

Todos os dias vamos ao café da dona Milú (muçulmana, originária de Moçambique), e as nossas conversas são as crianças, os hábitos, a gastronomia, o Ramadão, as datas festivas como o Eid-UI-Fitre (festa de celebração do fim do Ramadão), e, como educadores, a conversa termina sempre na educação das crianças desta comunidade. Numa destas conversas surgiu a referência ao “ **Colégio Islâmico de Palmela**”.

Nada sabíamos do ensino islâmico em Portugal. Como seria o ensino? Falariam só o árabe? Seria obrigatório as meninas usarem o “tão questionável” véu?

Apesar do nosso contacto diário com pessoas da comunidade muçulmana, dirigimo-nos com algum receio à Mesquita do Laranjeiro, mas o nosso receio depressa se desvaneceu. Fomos tratados com muita delicadeza e foi-nos indicada a forma de contactarmos com

membros desta comunidade, que nos poderiam dar todas as informações necessárias relacionadas com o Islão, como o Sheik David Munir (Imame da Mesquita de Lisboa), o director do jornal Al Furqán, o senhor Mahomed Yiossuf Mohamed, Sheik Fuad (de origem guineense) e obviamente com um dos elementos principais da direcção do “ Colégio Islâmico de Palmela”, Skeik Rachid Ismael e mais tarde com uma das directoras pedagógicas a doutora Hana Mateus. “ As portas foram-nos abertas”, com uma receptividade impecável.

Nas primeiras visitas ao colégio, falámos com o Sheik Rachid Ismael e com a doutora Hana Mateus, que nos dedicaram todo o tempo necessário, cedendo-nos livros, o projecto Educativo do colégio e dados essenciais para iniciarmos este trabalho.

Partindo da nossa questão de partida, cujo trabalho incide sobre religião e sua prática, identidade e crianças islâmicas num estabelecimento de ensino em Portugal “ **O colégio Islâmico de Palmela**”, optámos por utilizar principalmente uma metodologia qualitativa, porque o nosso objectivo é o de compreender a realidade através de trabalho recolhido “no campo”, do contacto directo através de entrevistas gravadas, de comportamentos naturais, como o de conversar e observar hábitos. Como complemento desta investigação, filmámos o quotidiano dos jovens no colégio.

Durante um período de tempo, contactámos com crianças, pais, educadores espirituais e professores do ensino básico.

É através da pergunta de partida, que o investigador dá o primeiro passo para o seu trabalho, pondo em prática um dos processos científicos, de modo a que consiga anular ou reduzir certos conceitos ou preconceitos, sendo a pergunta de partida transparente, exequível e pertinente.

- Em relação à transparência, o investigador deve ser preciso e conciso na formulação da pergunta de partida (não deve ser confusa, mas sim clara);
- Deve ser exequível, para que o investigador possa aplicá-la e não se torne uma utopia;
- Aludindo à pertinência, a pergunta de partida deve estar enquadrada em todos os registos que se possam fazer.

*“Uma boa pergunta de partida, visará melhor conhecimento dos fenómenos estudados e não apenas a sua descrição” (Quivy, 1992:43)*

### 3. ASPECTOS TEÓRICOS

A investigação qualitativa para o estudo de várias questões, tem vindo a desenvolver-se ao longo do tempo, verificando-se actualmente, que esta é estratégia relevante e com uma certa “*maturidade e sofisticação*” (Bogdan e Biklen:46).

Este tipo de investigação é muitas vezes denominado investigação de campo (expressão utilizada por sociólogos e antropólogos), já que os dados são recolhidos no local onde os fenómenos acontecem, em que o investigador está presente para que possa testemunhar as situações em estudo, com rigor.

Relativamente ao estudo deste caso, também se pode designar por “investigação naturalista”, visto que o investigador se move no local onde os fenómenos ocorrem e que estes estão relacionados com o comportamento dos sujeitos, sendo o investigador, o instrumento principal.

Optou-se principalmente pela investigação de carácter qualitativo, porque o investigador manifesta uma preocupação pelo processo e não pelos resultados ou produtos (Bogdan e Biklen, 1994), pretendendo assim, clarificar atitudes, comportamentos e desempenhos dos sujeitos envolvidos numa certa situação e num determinado contexto.

A análise qualitativa torna-se uma presença constante, num conjunto de características, numa determinada fracção de um conjunto significativo da comunicação, através das palavras, acções, valores, atitudes e normas.

Os dados na investigação qualitativa são analisados em moldes indutivos porque são recolhidos, seleccionados e interrelacionados, são fragmentos individuais de informação, ganhando uma forma, à medida que se compila e examina partes dessa mesma informação.

Na análise dos conteúdos, as conclusões são baseadas na inferência de todo o material recolhido.

Em investigação, o interesse principal, consiste na tentativa de estudar “*o modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas*” (Bogdan e Biklen, 1994:50).

O investigar deve centrar-se em questões tão importantes como opiniões, perspectivas, vivências, experiências, práticas, organização mental, numa tentativa de perceber os actores em estudo:

*“...aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem.”* (Psathas, 1973, citado por Bogdan e Biklen, 1994:51).

O nosso objectivo é conhecer e compreender os conceitos, as vivências, as experiências de vida, e este método privilegia a compreensão das atitudes humanas, o conhecimento das experiências no seu contexto e a compreensão da visão do mundo das pessoas (Leininger: 1985).

A investigação qualitativa constrói-se com base num diálogo informal e aberto, entre o investigador e os actores investigados, já que a partilha estabelecida entre ambos não é imparcial.

Neste tipo de investigação o investigador tenta dar significados às experiências vividas num dado espaço de tempo, *“observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno, tal como se apresentam, sem procurar controlá-los”* (Fortin, 1999:22).

Assim poderemos dizer que o nosso estudo tem as características de uma investigação de tipo qualitativo – *“um estudo de caso qualitativo”* (Patton:1982).

*“Um caso”*, segundo Patton (1982), Merriam (1988), Yin (1989) e Stake (1994) pode ser uma pessoa, uma instituição, um acontecimento, um grupo. O “estudo de caso qualitativo” tem como objectivo, no seu contexto real, uma descrição em profundidade, muito pormenorizada.

#### **4. OPÇÃO METODOLÓGICA**

Esta metodologia adapta-se a investigações em que não há manipulação das causas dos comportamentos dos sujeitos em estudo (Merriam, 1988 e Yin 1989), o que se verifica neste trabalho.

A nossa investigação é um estudo de caso. Embora esta opção metodológica contenha algumas limitações, achámos que seria a melhor opção para o objecto de estudo. Segundo Judith Bell (1999:10):

*“A grande força da metodologia do estudo de caso é que permite que o investigador se concentre numa instância ou situação específica e identifique, ou tente identificar os vários processos interactivos em acção. Estes processos podem ser cruciais para o sucesso ou falhanço de um sistema ou organização (...) A metodologia do estudo de caso é particularmente apropriada para investigadores individuais porque faculta a oportunidade de um aspecto de um problema ser estudado com profundidade durante um determinado espaço de tempo”.*

Nesta investigação há uma busca e recolha de documentos, servindo estes como revisão de literatura e também como suporte de campo, o que pressupõe um caminho holístico.

*“ Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas” (Bogdan e Biklen, 1994:134).*

Se cada sujeito a ser pesquisado é único, podemos conhecê-lo na sua unicidade, e assim o nosso interesse como pesquisadores relaciona-se com a procura do significado dos fenómenos, das manifestações, das ocorrências, das vivências, dos sentimentos, dos assuntos em questão. Este método tem uma série de características, que nos levou a escolhê-lo:

- Analisa-se o ambiente natural do sujeito, pois é certamente o campo onde decorre a observação sem controlo de variáveis.

- O investigador é o próprio instrumento da pesquisa, isto é, consegue apreender os objectos de estudo.

- Há maior rigor na validade dos dados, visto que o investigador observa e escuta (entrevista) em profundidade, ficando este mais próximo da essência da questão em estudo.

- Para os resultados obtidos, não há uma preocupação estatística, isto é, a generalização não é a dos resultados obtidos, mas sim dos conceitos construídos ou dos conhecimentos originais produzidos.

Dado que o objectivo central deste estudo é analisar a forma como os alunos, pais, e professores muçulmanos e não muçulmanos ligados ao colégio Islâmico de Palmela, num contexto religioso, percebem a sua identidade, optámos por realizar a entrevista aos sujeitos em estudo.

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem variar quanto ao grau de estruturação, podendo ser:

- Não estruturadas
- Semi – estruturadas
- Estruturadas.

O investigador pode escolher um ou mais tipos de entrevista, de acordo com o objectivo e fase de desenvolvimento da investigação (Bogdan e Biklen, 1994). Nesta investigação, realizámos entrevistas semi-estruturadas, umas aos protagonistas, outras “às *testemunhas privilegiadas*” (Quivy, 1992:69), da comunidade.

Aos pais foi feito um inquérito por questionário\*, cujo objectivo é o de obter informações complementares, visando detectar elementos através de “ relatos de vida ”, em que as experiências, vivências destes, se tornem elementos “chave” de informação para este trabalho.

O investigador tem que se adaptar ao meio.

Firmino da Costa afirma:

*“As possibilidades de construír uma identidade social perante os membros dum determinado quadro social, e as características dessa identidade, viabilizam ou inviabilizam a pesquisa, condicionam-na em diversos aspectos. Os papéis sociais, que o pesquisador vai estabelecendo delimitam-se os terrenos permitidos e os interditos, condicionam-lhe em boa medida a amplitude, as direcções e os contornos da investigação”* (1986:144-145).

O investigador deve optar por alguns papéis de modo que seja aceite pelos sujeitos em estudo, a utilização de vestuário próprio para o local, no nosso caso ter conhecimentos da religião, ter uma linguagem adequada às idades dos jovens, ter conhecimentos pedagógicos, e até algum convívio com os sujeitos fora do campo.

O investigador deve conduzir as suas entrevistas de um modo natural, com muita abertura, no entanto deve existir uma formalidade nestas, tendo como orientação um guião.

Quando se opta por esta recolha de dados o que se pretende é claro:

---

\* Devido à dificuldade de entrevistar os pais, optámos por fazer um inquérito por questionário, em que foi garantido o anonimato das respectivas respostas.

*“As entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes. As transcrições estão repletas de detalhes e de exemplos”* (Bogdan e Biklen, 1994:136)

Normalmente este processo de recolha de informações, leva o investigador a saber observar as expressões dos investigados, assim como a partir à descoberta, tornando-se um desafio para ele.

*“Encare cada palavra como se ela fosse potencialmente desvendar o mistério que é o modo de cada sujeito olhar para o mundo”* (Bogdan e Biklen, 1994:137).

*“ Grande parte do trabalho envolve a construção de uma relação: investigador e sujeito passarem a conhecer-se e o investigador pôr o sujeito à vontade “* (Whyte, 1984, citado por Bogdan e Biklen, 1994:135).

Ao recolher estas informações é também fundamental que o investigador faça boas perguntas, que desperte o interesse dos sujeitos a responder abertamente, ser um bom ouvinte, adaptar-se e ser flexível.

Este tipo de abordagem metodológica, pode, no entanto, levantar algumas questões, uma vez que o investigador, assim como os sujeitos em estudo, podem adquirir uma grande afinidade, pondo em risco o intuito da pesquisa, *“O entrevistador tem de ter cuidado para não abusar da confiança”* (Stacey, 1988, citado por Bogdan e Biklen, 1994:137).

Concluimos que a nossa opção metodológica (independentemente da nossa metodologia ser mista) – investigação qualitativa – incide num estudo de caso, cuja recolha de informação atrai o investigador, sendo fundamental ser bom ouvinte, fazer boas perguntas e adaptar-se às situações.

## **5. PROCEDIMENTOS NA RECOLHA DE DADOS**

*“ As transcrições são os principais ‘dados’ de muitos estudos de entrevista...É claro que as entrevistas qualitativas são supostas serem abertas e fluidas”* (Bogdan e Biklen, 1994:172,173)

Na realização deste estudo utilizou-se para recolha de informação as entrevistas gravadas que foram transcritas na íntegra, contudo também recorreremos à observação e ao registo fílmico, uma vez que além das palavras, os actos e comportamentos se tornam complemento para uma maior validade da investigação. Para a realização da entrevista elaborámos um guião (Anexo I), com tópicos das perguntas relacionadas com as áreas temáticas: dados pessoais, religião, família, educação, ensino, comportamento e tempos livres. O guião utilizado não foi rígido, o que permitiu adaptá-lo e enriquecê-lo, de modo a que pudéssemos captar integralmente a posição dos alunos diante do seu mundo escolar. As perguntas têm a finalidade de estimular o pensamento livre dos entrevistados. Escolhemos fazer a entrevista semi-estruturada, porque pretendemos criar uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde, procurando iniciar o diálogo com “vida”, tornando-o rico e flexível. Procurámos respeitar “a pessoa” dos entrevistados, o seu universo, a sua herança religiosa, familiar e cultural.

## 6. OS SUJEITOS DO ESTUDO

A metodologia qualitativa de estudo de caso permite um conhecimento mais aprofundado do objecto de estudo. A escolha dos sujeitos, deve obedecer a alguns cuidados especiais (Bogdan e Biklen, 1994).

O número de sujeitos observados deve ser limitado e a sua escolha intencional, “*o critério do grande número de sujeitos interrogados como justificativo da qualidade da pesquisa não se adequa*” (Poirier, 1983:145)

A amostra deste estudo para ser exequível é composta por oito alunos deste colégio de duas turmas que frequentam o 5º ano de escolaridade. Foi garantido ao longo do estudo o anonimato dos sujeitos se assim o desejassem, porém concordámos usar o primeiro nome de cada jovem.

- A selecção dos indivíduos entrevistados não foi definida *á priori*. A decisão da escolha dos sujeitos foi tomada após alguma pesquisa no terreno e assentou em critérios, como o género e a nacionalidade dos sujeitos. O grupo de alunos escolhidos das duas turmas de 5º ano é constituído por elementos do sexo feminino e masculino, cujas idades estão compreendidas entre os dez e os dezasseis anos. A turma A é mista

e a turma B é constituída unicamente por rapazes. Optámos por escolher unicamente as meninas da turma A e de nacionalidade estrangeira, já que na turma B só poderíamos ter acesso a elementos do sexo masculino. Os alunos são identificados em grupo (Sala A ou B) e pelo seu primeiro nome.

### 5º ANO – TURMA A

NOME	IDADE	PAÍS DE ORIGEM	RESIDÊNCIA	PAÍS DE ORIGEM DO PAI	PAÍS DE ORIGEM DA MÃE	COMPO – SIÇÃO FAMILIAR
A – <b>Iman</b>	12	Bósnia	Laranjeiro	Paquistão	Bósnia	4 irmãos
A – <b>Kkadiza</b>	12	Bangladesh	Lisboa	Bangladesh	Bangladesh	1 irmão e 1 irmã
A – <b>Maryeem</b>	15	Paquistão	Miratejo	Paquistão	Pasquistão	2 irmãos e 2 irmãs
A – <b>Ruksar</b>	11	Moçambique	Odivelas	Moçambique	Moçambique	2 irmãos e 1 irmã

### 5º ANO – TURMA B

NOME	IDADE	PAÍS DE ORIGEM	RESIDÊNCIA	PAÍS DE ORIGEM DO PAI	PAÍS DE ORIGEM DA MÃE	COMPO – SIÇÃO FAMILIAR
B – <b>Ali</b>	10	Ucrânia	Lisboa	Paquistão	Ucrânia	S/ irmãos
B – <b>Paulo</b>	12	Portugal	Pinhal Novo	Portugal	Moçambique	3 irmãos
B – <b>Shabbir</b>	10	Portugal	Sto António dos Cavaleiros	Índia	Índia	1 irmão
B – <b>Umair</b>	16	Paquistão	Sintra	Paquistão	Paquistão	1 irmão (gémeo de Umair) e 4 irmãs

- Também são alvo neste estudo os pais destas crianças que consideramos serem “testemunhas privilegiadas”. Foram aplicados questionários (Anexo III).
- Além dos pais, também escolhemos para “testemunhas privilegiadas” membros da direcção – Sheik Rachid Ismael, Dr<sup>a</sup> Hana Mateus, Sheik Fuad (Mesquita central de Lisboa), o senhor Yiossuf Adamgy, director da revista Al Furqán e entrevista junto a especialistas qualificados (a investigadora Nina Tiesler).

## 7. CARACTERIZAÇÃO DO COLÉGIO ISLÂMICO

O colégio Islâmico de Palmela, é um estabelecimento de ensino, o único em Portugal, que tem um ensino com o currículo oficial referente ao 1º, 2º e 3º ciclo e, aliado a este o ensino da religião islâmica.

Esta instituição encontra-se instalada na freguesia de Cabanas em Palmela.

### 7.1. O seu historial

Este colégio nasceu no ano lectivo de 1998/1999, com um 1º ciclo com alunos da comunidade Islâmica, cujos apoios financeiros foram dados por elementos da comunidade, alguns com um grande poder económico.

Esta escola começou com oito alunos. O seu nome inicial era “ Darul-Ulum”, termo árabe, cujo significado é “ Ensino Islâmico”. **Darul** significa casa e **Ulum**, conhecimento islâmico.

O nome de “ **Darul – Ulum**” teve que ser substituído por “ **Colégio Islâmico**”, porque em Portugal não se pode criar um espaço educacional, com os conteúdos curriculares do

Ministério da Educação, com um nome estrangeiro. Apesar do nome oficial ser “ Colégio Islâmico”, é mais conhecido na comunidade muçulmana por “Darul – Ulum”.

Actualmente, o colégio tem dois edifícios novos, com uma arquitectura simples, harmoniosa e moderna.

## **7.2. A população**

A população escolar é composta por 180 alunos de ambos os sexos, distribuídos pelo 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico, com uma turma por ano escolar, excepto o 5º ano, que actualmente são de duas turmas, uma frequentada por rapazes e a outra é mista.

Cerca de 95% destas crianças são de nacionalidade portuguesa, e os restantes 5%, são crianças estrangeiras, com autorização de residência (indianos, guineenses, paquistaneses e árabes).

Todos estes alunos, até então, eram de religião islâmica, contudo, neste ano lectivo de 2005/2006 há dez crianças não muçulmanas, frequentando cinco delas, o 5º ano.

As crianças são na sua maioria de Lisboa e da área metropolitana desta (Laranjeiro, Barreiro, Odivelas).

A todos os alunos é assegurado o transporte por dois autocarros do colégio com sessenta lugares cada, e duas carrinhas de dezasseis lugares, devido às suas residências serem distantes de Palmela.

## **7.3. As instalações**

Este estabelecimento de ensino tem um espaço amplo, rodeado por um muro branco.

Tem dois edifícios, um deles com dois pisos, que estão rodeados com jardim, recreio, campo de jogos e um espaço coberto, para as crianças usarem, principalmente quando as condições climatéricas não permitem o uso dos espaços ao ar livre.

Um edifício funciona com o 1º ciclo e comporta:

- 4 Salas de aula
- 4 Refeitórios
- 1 Casa de banho para rapazes
- 1 Casa de banho para raparigas
- 1 Casa de banho para professores do sexo masculino
- 1 Casa de banho para professores do sexo feminino
- 1 Casa de banho para deficientes.

O outro edifício, com dois pisos, tem elevador (acesso fácil para a mobilidade de deficientes motores). Neste edifício, funciona o 2º e 3º ciclos, e é composto por:

- 1 Wall muito amplo
- 6 Salas de aula
- 2 Laboratórios
- 2 Salas de EVT
- 1 Sala de informática
- 1 Biblioteca
- 1 Secretaria
- 1 Sala de professores
- 1 Cozinha
- 1 Polivalente (que de manhã funciona como ginásio e de tarde sala de religião e oração)
- 1 Casa de banho para rapazes
- 1 Casa de banho para raparigas
- 1 Casa de banho para professores do sexo masculino
- 1 Casa de banho para professores do sexo feminino
- 1 Casa de banho para deficientes

No exterior, tem dois campos de jogos, um para rapazes e outro para raparigas.

Restringir-nos-emos à apresentação mais detalhada do espaço envolvente e dos edifícios onde decorrem as aulas, principalmente do edifício do 2º e 3º ciclo e dos serviços administrativos (edifício principal).

#### 7.4. O espaço envolvente

O colégio situa-se na freguesia de Cabanas, em Palmela, zona industrializada, com armazéns de género alimentício e de construção civil. Todavia, o colégio está localizado num espaço aberto, com algumas moradias por perto. Conseguimos com facilidade localizar este estabelecimento de ensino, ele tem um muro branco e um grande portão verde, que se abre com um comando eléctrico. Junto ao portão, na parede do muro, está uma placa discreta com a identificação do colégio. Mesmo da estrada, conseguimos ver parte da construção do edifício principal, que é todo branco e tem umas arcadas, que associamos de imediato às casas mouriscas.

Ao entrarmos no espaço do colégio temos uma parte exterior, com uma pequena fonte de repuxo e alguns espaços com relva. Tem também espaços marcados para o estacionamento de viaturas. Todo este espaço exterior (assim como o interior) é de uma limpeza extrema.

O edifício principal é de grande dimensão. Ao entrarmos, encontramos um pequeno wall, com vitrinas onde estão expostos livros da religião e assuntos relacionados com o colégio. Do lado direito, desta pequena entrada, fica a secretaria, uma sala muito grande, moderna e com muita luz. Em frente à porta de entrada há uma outra porta que dá acesso a um grande salão a “Assembleia”, local das reuniões diárias de todas as crianças, antes de iniciarem as suas aulas. Iremos descrever este salão como um pátio interior, já que ele dá acesso directo às salas do rés-do-chão, assim como às escadas (uma para serviço do pessoal docente e outra para os alunos) e o elevador para o piso de cima. Neste salão há um placar onde estão expostos trabalhos dos alunos e informações importantes para estes.

No primeiro piso (rés-do-chão) estão salas de aulas (que têm grandes janelas, mobiliário moderno e um grande quadro), a sala dos professores (muito confortável, acolhedora e com muita luz natural), a sala dos elementos da direcção (muito simples), o polivalente (ginásio em tempos lectivos e sala de oração) com um relógio grande “o relógio das orações” e o chão é coberto com tapetes que se mantém sempre (mesmo quando serve de ginásio, os alunos descalçam-se), a enfermaria e casas de banho para os rapazes e raparigas (onde se encontram também os wudu khana para o ritual do wudu para os rapazes) e as casas de banho dos professores (uma para as professoras e outra para os professores). No segundo piso (primeiro

andar), estão os laboratórios (muito bem equipados), a sala de informática (também muito bem equipada), duas salas de EVT e a biblioteca (que é frequentada pelos alunos quando acompanhados pelo professor ou por um funcionário), salas de aulas e há também uma pequena arrecadação (para o material de Educação Física). As salas deste piso tem um corredor comum (em rectângulo), formando uma varanda interior, que dá para ver o salão (a Assembleia).

No outro edifício, mais pequeno, funciona o primeiro ciclo, com salas de aula, cozinha, refeitórios, papelaria e casas de banho. Este edifício tem uma parte coberta, onde fica os wudhu khana para o ritual do “wudu” (para as raparigas) e uma mesa de matraquilhos para as meninas jogarem; a cozinha é um espaço pequeno, mas funcional; os dois refeitórios (um para rapazes e outro para raparigas) são grandes.

Na parte exterior, por detrás dos dois edifícios encontram-se os dois campos de jogos. O campo maior (onde os rapazes praticam educação física) tem uma parte coberta (um pátio a todo o comprimento do campo) que tem mesas de matraquilhos; o campo mais pequeno fica por detrás do edifício do primeiro ciclo. Ainda há um recreio pequeno para os alunos do primeiro ciclo. Nos espaços exteriores encontramos vários bancos de pedra.

## **7.5. Recursos humanos**

Para a educação, ensino e assistência dos alunos deste colégio, fazem parte do quadro, pessoal docente, e de não docente:

- 4 Elementos na Direcção
- 2 Directoras Pedagógicas (uma do 1º ciclo e outra do 2º e 3º ciclo)
- 4 Professoras do 1º ciclo
- 19 Professores do 2º e 3º ciclo, sendo 13 do sexo feminino e 6 do sexo masculino
- 3 Auxiliares de educação
- 2 Cozinheiras
- 1 Funcionário administrativo
- 1 Funcionário de contabilidade
- 4 Motoristas

## 7.6. Os objectivos do colégio

Com base no Projecto Educativo deste estabelecimento, os objectivos deste são:

- **A missão** – formar cidadãos conscientes e actuantes, dotados de competências cognitivas, psicomotoras e sócio-afectivas. Tendo como elementos fundamentais o aprender a fazer, o aprender a viver juntos, para que estes jovens se sintam integrados no mundo em que vivem, aspirando uma autonomia cultural, social e humana. Todas estas aprendizagens são experimentadas com uma interactividade, com base na iniciativa, análise global e criativa.
- **A visão** – devido ao actual contexto da sociedade em constante mutação, o colégio pretende ser uma escola exigente, partindo do princípio que as aprendizagens das coisas, dos outros e de si próprios deverão ser rigorosas e ser um desafio constante. Contudo a escola é um ambiente agradável, natural e saudável, sendo um prolongamento do ambiente familiar.
- **Os valores** – Os valores são essenciais para a formação integral do homem. Deste modo a formação ética e social, nas suas múltiplas vertentes, ocupam um espaço especial na acção educativa do colégio, sendo incrementado a exigência, o profissionalismo, autonomia, responsabilidade, compromisso, solidariedade, tolerância, confiança, paz, auto – estima e sensibilidade ambiental.

## 7.7. Funcionamento do colégio

O colégio funciona das 8.30 horas às 17 horas.

A maioria das crianças chega nos transportes do colégio.

Antes do início das aulas, estas crianças e jovens, reúnem-se no salão do colégio, a “Assembleia”, formando duas filas, uma de rapazes e outra de raparigas. Nesta assembleia, Sheik Rachid Ismael, inicia o dia escolar com uma pequena retórica sobre cidadania, valores e/ou comportamentos, que deverão pôr em prática no seu dia a dia. Todos os alunos que

tenham objectos não permitidos em tempos de aulas (telemóveis) entregam a um funcionário, que lhos devolvem ao fim do dia.

Os alunos iniciam as aulas nas respectivas salas.

De manhã, as aulas são curriculares. As salas de aula são partilhadas por ambos os sexos, excepto as aulas de Educação Física, em que os rapazes têm aulas num campo de jogos (o maior) e as raparigas noutra (o mais pequeno).

De tarde, as crianças muçulmanas têm aulas de religião compostas por três áreas:

- Recitação do Alcorão
- História do Islão
- Aprendizagem escrita e oral da língua árabe.

As aulas de religião estão separadas pelo género. Os maulanas (professores) dão aulas aos rapazes (que são dadas no edifício principal) e as madressas às raparigas (têm aulas nas salas do primeiro ciclo).

As crianças não islâmicas, que não queiram frequentar nenhuma destas áreas da religião, têm ocupação de tempos livres.

Os horários dos recreios das crianças do 1º ciclo não coincidem com os do 2º e 3º ciclos.

Os recreios são vigiados por duas auxiliares, uma fica no recreio dos rapazes e outra no recreio das raparigas, e supervisionados pelo maulana.

Os refeitórios também são separados, os rapazes comem num refeitório e as raparigas noutra, excepto as crianças mais pequenas, que comem todos juntos (meninos e meninas).

A organização é perfeita, como nos afirmou a senhora Deodata” *Estou sozinha no recreio com as meninas ou com os rapazes e não há problemas. Existe muito respeito e ordem. Não é necessário chamar à atenção, mas se isso acontece, as crianças cumprem e pedem desculpa e não repetem....são crianças que apreciam a limpeza, não atiram um papel para o chão, mas, se por descuido isso acontece, apanham e põem imediatamente no lixo. São muito queridos. E é o mesmo com os rapazes. São muito educados.”*

## 8. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS FEITOS AOS PAIS

### (Testemunhas privilegiadas)

A entrevista foi o método de investigação predominante, contudo, recorremos ao questionário aos pais dos sujeitos em estudo como instrumento exploratório (Anexo III).

Dos 33 questionários aplicados aos pais (número de alunos das duas turmas escolhidas para o estudo) 23 responderam. Consideramos deste modo que houve uma participação significativa dos pais.

Gráfico N° 1

Participação dos pais – 70%

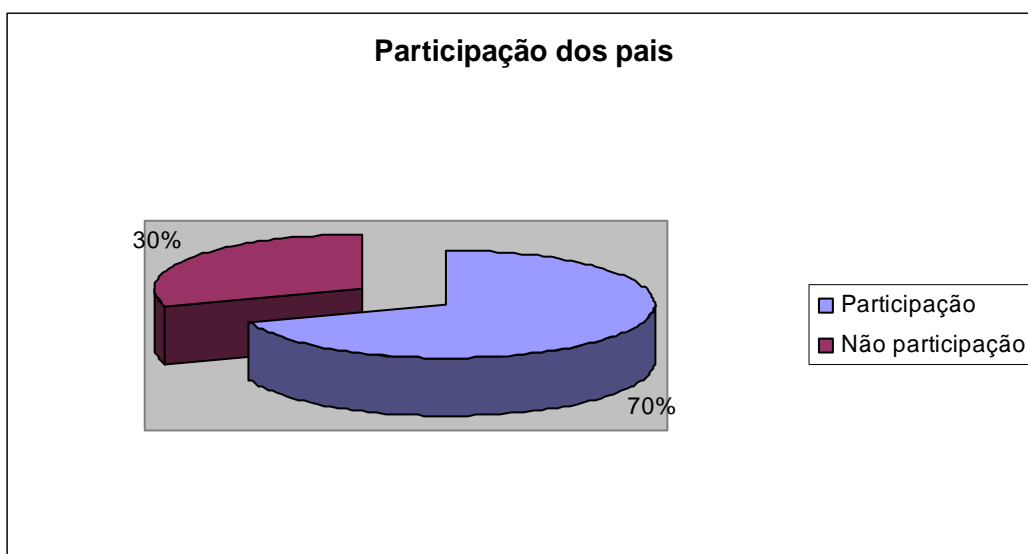
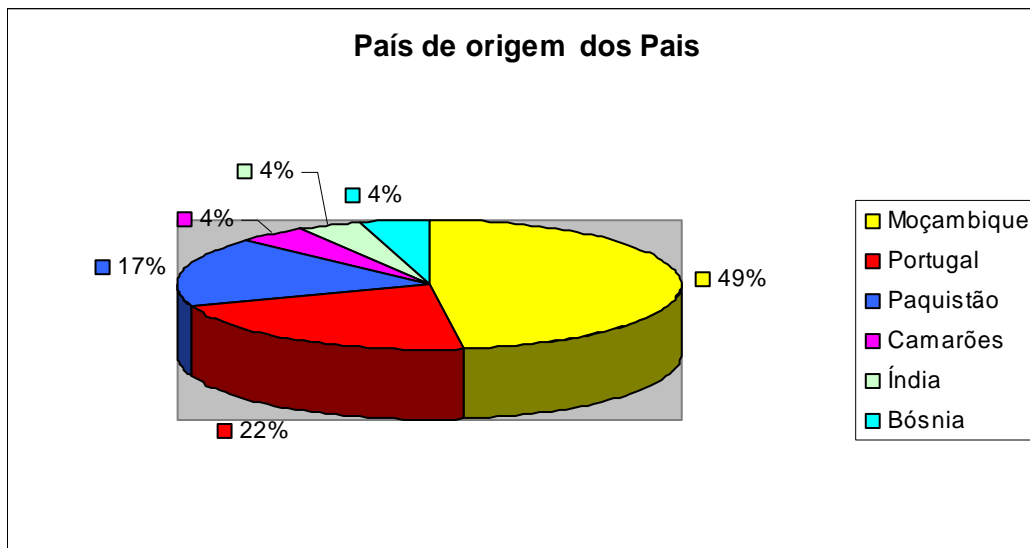


Gráfico N° 2

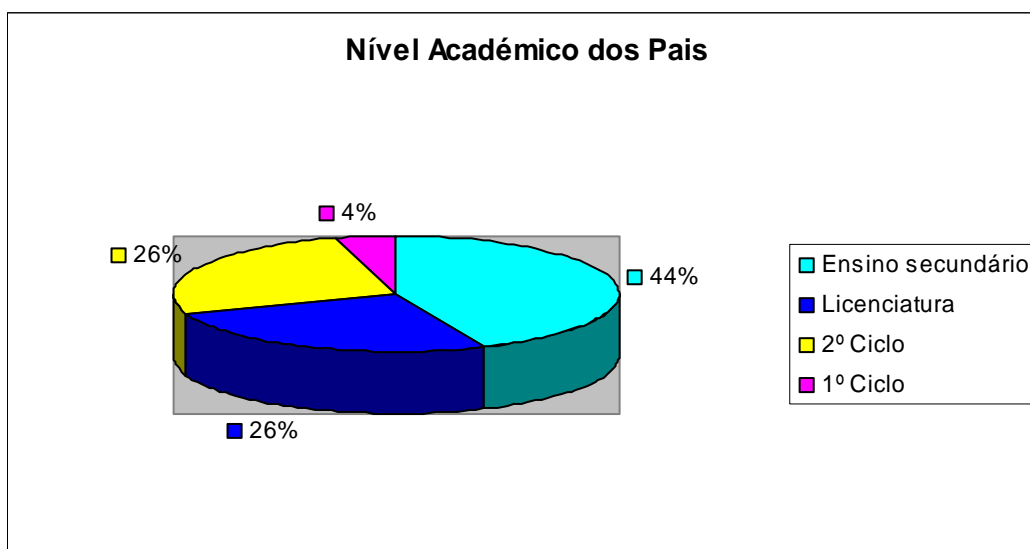
País de origem dos pais



A nacionalidade de origem dos pais destes jovens é diversificada. Constatámos que a maioria nasceu em Moçambique (49%). Seguem-se os que nasceram em Portugal (22%), Paquistão (17%), Bósnia (4%), Camarões (4%) e Índia (4%). Na sua maioria estão em Portugal, porque já tinham familiares no nosso país e a maioria reside na área metropolitana de Lisboa.

Gráfico N° 3

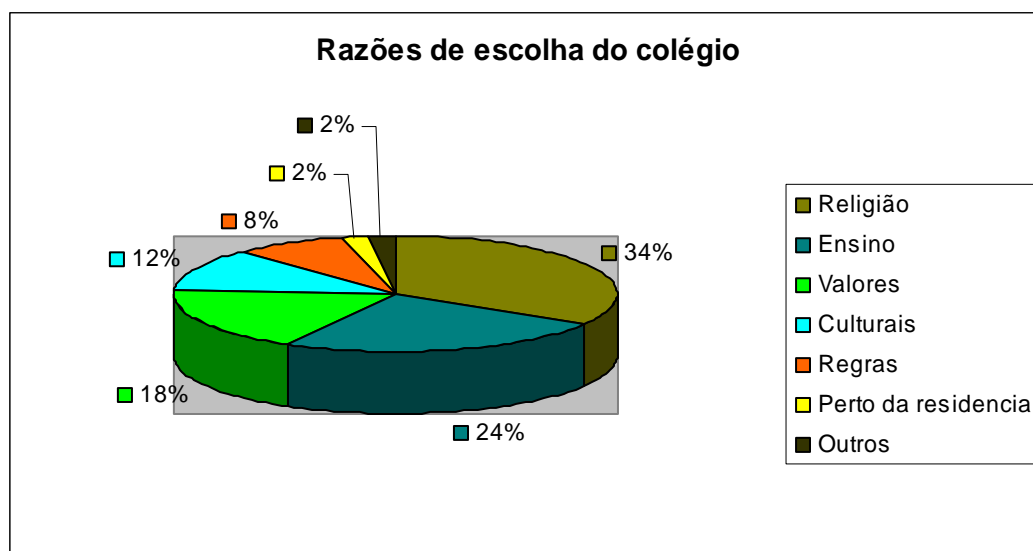
Nível académico dos pais



Os progenitores destes alunos não apresentam uma situação de analfabetismo, verificando-se que a maioria tem o ensino secundário.

Gráfico N° 4

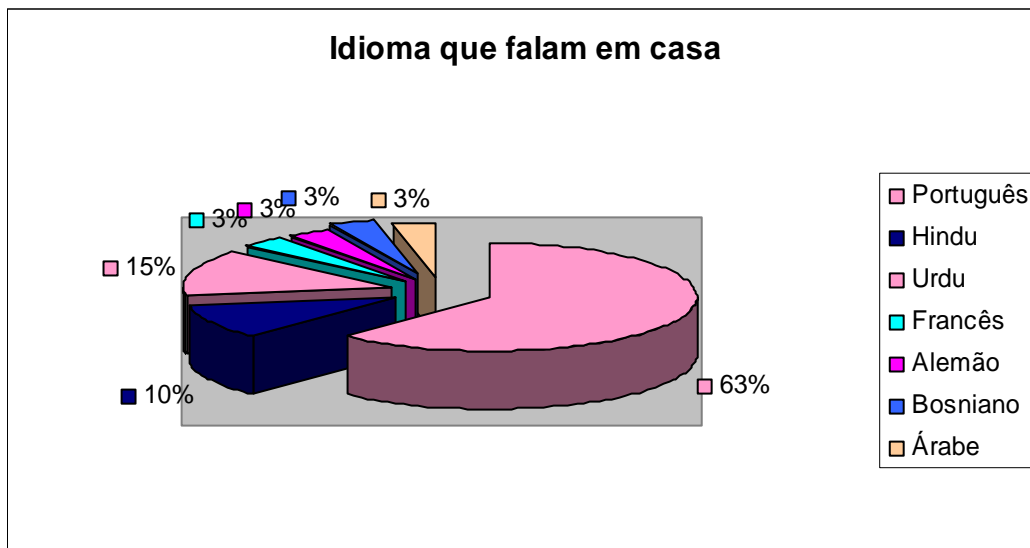
Razões de escolha do colégio



Os motivos que os pais consideram importantes para a frequência deste colégio pelos seus filhos são variados, sendo o principal a religião (34%). Os pais têm especial preocupação com a educação dos filhos e esforçam-se no sentido de lhes inculcitar valores que a religião transmite e que consideram fundamentais na sua formação.

Gráfico N° 5

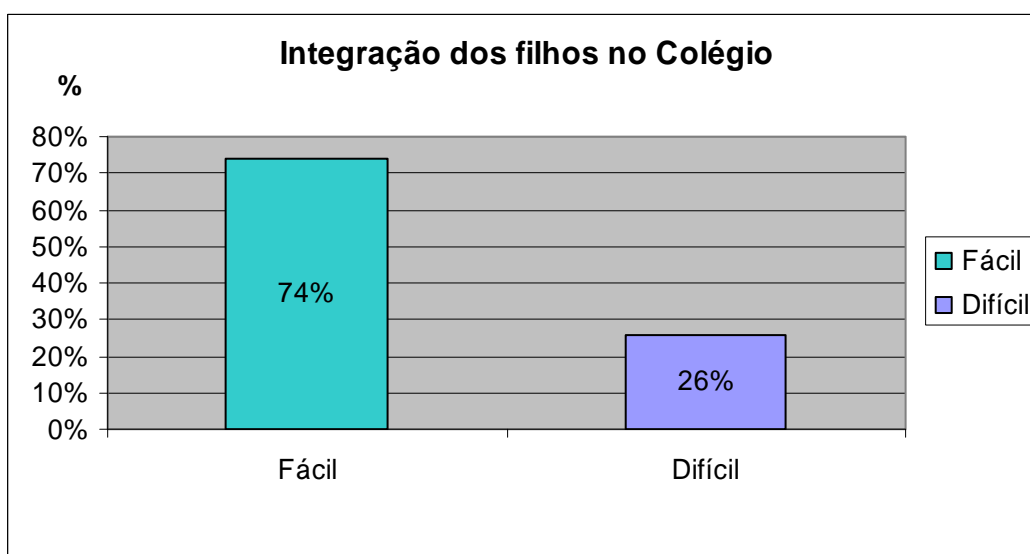
Idioma que falam em casa



Ao constatarmos que a maioria dos pais são de origem moçambicana, tal como se pode confirmar pelo gráfico nº2 (49%), o idioma utilizado no seu dia a dia é também a língua portuguesa.

Gráfico N° 6

Integração dos filhos no colégio



Quanto à integração das crianças no colégio, seis pais responderam que os seus filhos tiveram dificuldades de integração no colégio (26%), excepto a nível religioso, em que todos os pais consideram que os seus filhos estão integrados.

Gráfico N° 7

Acordo/ Desacordo com o uso do Hijab

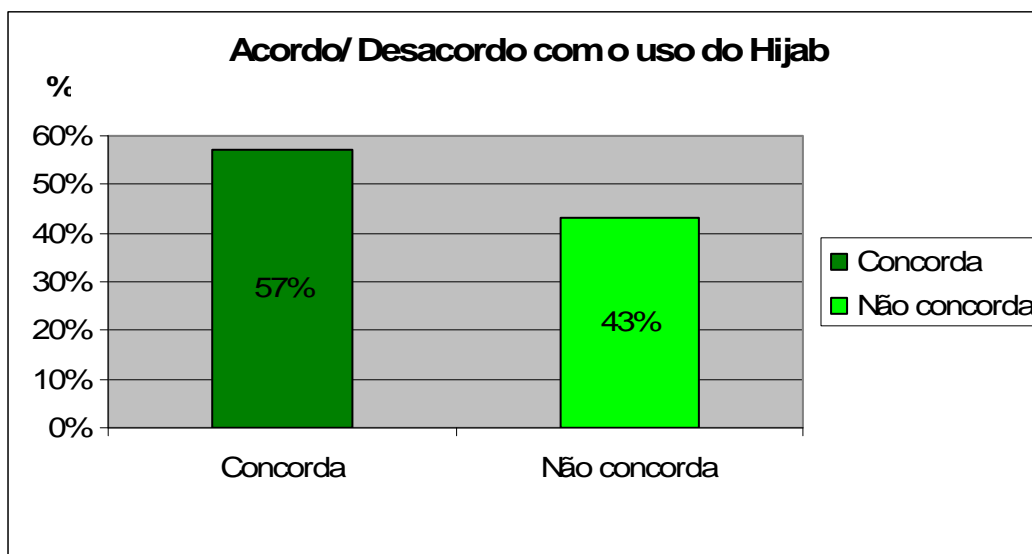
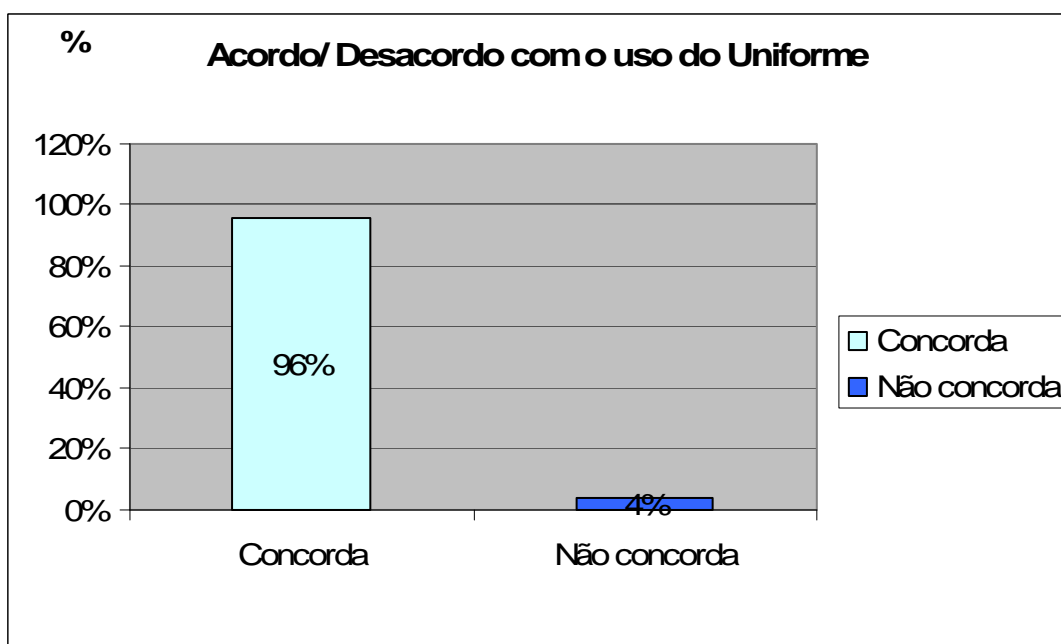


Gráfico N° 8

Acordo/ Desacordo com o uso do Uniforme



Fazendo parte do regulamento do colégio o uso de uniforme, os pais estão de acordo com ele (96%), não se verificando uma aceitação unânime em relação ao véu (43% não concordam com o uso deste). Os pais que aceitam o uso do hijab justificam o seu acordo porque “faz parte da cultura do Islão”; os que não concordam justificam o seu desacordo do seguinte modo:

*“Porque fora da escola, no seu dia a dia não o fazem.”*

*“Não obrigatório, mas sim em ocasiões religiosas, não se tornando regra.”*

*“Não é nosso costume e no Verão está muito calor.”*

*“Porque não estamos num país árabe.”*

*“...não se deve potenciar ambientes discriminativos. Como tal se o colégio é misto, o uso do véu deve ser facultativo.”*

Gráfico N° 9

Justificação de não concordar com o uso do hijab

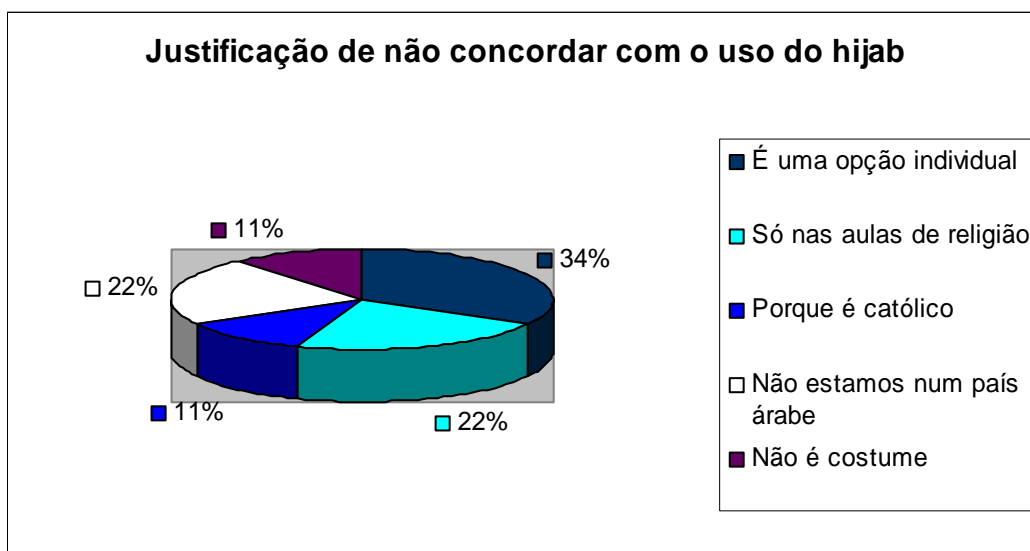
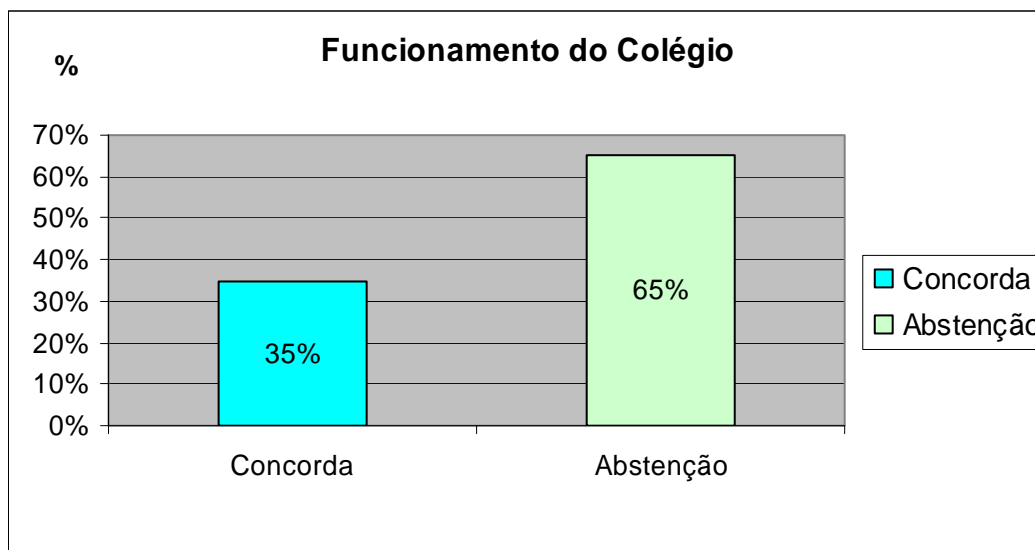


Gráfico Nº10

Funcionamento do Colégio



Apesar da abstenção ser elevada (65%) em relação ao funcionamento do colégio, 35% dos pais concordam com o funcionamento e regulamento deste.

Contudo ao perguntarmos, em que gostariam que o colégio mudasse (30%) responderam que deveriam mudar as actividades e regras, justificando do seguinte modo:

*“Porque as actividades não são muito divertidas para os estudantes.”*

*“Devia-se tirar algumas regras.”*

*“ A prática de desporto e actividades contribui para todos os aspectos de desenvolvimento das crianças, nas suas diversas vertentes.”*

*“Porque acho que são um bocado rígidas (regras) para os tempos em que vivemos é claro que é necessário disciplina, mas com ou seja devem ser um bocado moderadas.”*

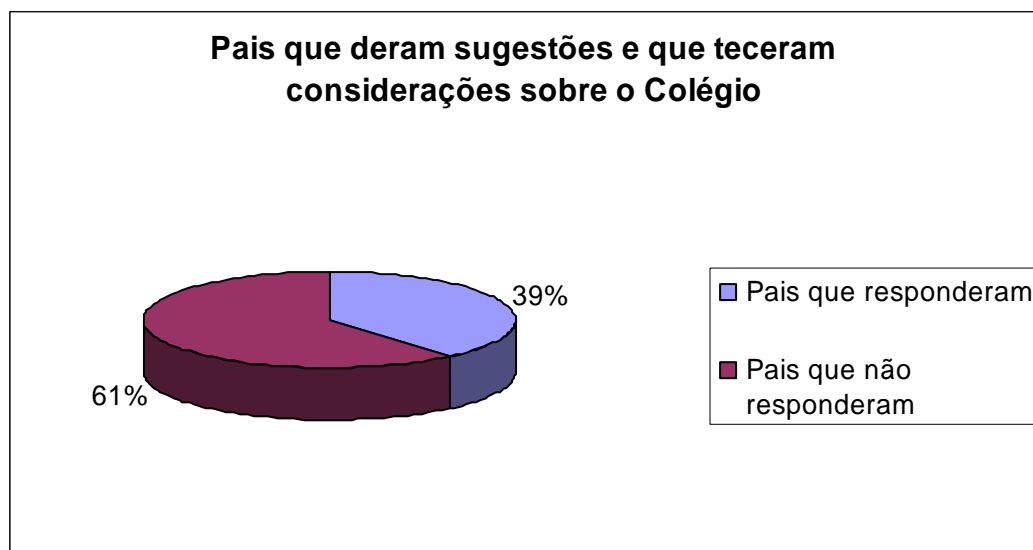
*“São poucas (actividades) e existe injustiça...Deveriam ser mais justas e práticas (regras) ...Acho que é muito baseado (o ensino) na religião, deveria ser mais generalizado.”*

*“Separação dos meninos e meninas durante o intervalo (norma recente).”*

*“ Podia haver menos rigorosidade com os alunos.”*

Gráfico N° 11

Pais que deram sugestões e que teceram considerações sobre o Colégio



Sugerimos aos pais, que escrevessem algo mais sobre o colégio que não fosse mencionado no questionário, 39% dos progenitores deram as suas opiniões e sugestões:

*“Gostaria de sugerir que os intervalos voltassem a ser conjuntamente partilhados por rapazes e raparigas. Na nossa sociedade, fora do colégio, nas aulas, rapazes e raparigas estão juntos. Por isso, não compreendo a separação nos tempos livres entre as aulas.”*

*“A única coisa que gostaria de mencionar sem ir contra as regras do colégio é o facto dos alunos e alunas não fazerem educação física juntos e não fazerem as refeições no mesmo espaço, independentemente de ser um motivo cultural e religioso, acho que partilharem essas actividades, etc., só lhes faria bem.”*

*“Podia haver mais visitas de estudo (Exº- em Lisboa, Belém, Sintra, ...)”*

*“O método implementado é bom, no entanto as regras devem ser adaptadas a cada criança, ou seja mais rígidas para os mais “reguilas”, menos para os outros. É importante que sintam que quando não as cumprem alguém os controla (educa) e como tal isso também revela a atenção que lhes é conferida.”*

*“Simplesmente estou satisfeita.”*

*“ Nada tenho a dizer relativamente ao ensino e religião, para além disso a convivência é boa e todos os outros aspectos mais quanto aos professores e estabelecimento escolar que tem todas as condições necessárias aos alunos poderem estudar sem dificuldades.”*

*“Gosto muito do colégio. Os meus filhos adaptaram-se muito bem, o que para mim foi ótimo pois os meus filhos estavam numa escola pública e estavam com um comportamento péssimo, um deles de 11 anos até estava a fumar e faltava muito às aulas por não haver controle dentro das escolas. O colégio era a minha esperança. Hoje agradeço a Deus ter o posto lá. É uma criança completamente diferente tanto em casa como na rua.”*

Independentemente de alguns pais não concordarem com a separação de género em certas actividades, verificámos que a eficácia do colégio enquanto comunidade educativa é o de manter o seu prestígio como instituição, dependendo da fidelidade à sua missão específica “o de manter as normas e regras” já estabelecidas. Porém, para outros pais é através da educação dada por este estabelecimento de ensino, que as crianças alcançam as características que fazem delas pessoas, como o crescimento físico, intelectual, ético e moral, ajudando-as na construção de um projecto de vida com sentido.

Perante a última consideração mencionada “.... O colégio era a minha esperança. Hoje agradeço a Deus ter o posto lá. É uma criança completamente diferente tanto em casa como na rua”, verificámos que estes pais precisaram de ajuda, tendo o colégio surgido como subsidiário da família na tarefa educativa.

## **9. INSTRUMENTOS**

No início do estudo procedeu-se ao contacto da Direcção do Colégio, com a finalidade de explicar, junto desta, os objectivos do estudo. Teve-se igualmente o cuidado de solicitar as devidas autorizações para a realização desta investigação.

Posteriormente, contactámos com a direcção no sentido de nos facultar toda a informação necessária à caracterização da Escola e do meio envolvente, através de conversas informais e do Projecto Educativo do “**Colégio Islâmico**”.

Após a autorização para a realização deste estudo, houve conversas informais com a direcção, professores, alunos e alguns pais, para um maior conhecimento do meio e costumes.

Para um maior apoio do estudo, aplicou-se-se um questionário aos pais de carácter confidencial e anónimo.

No colégio, após um contacto directo, um convívio e diálogos com o universo escolar foram feitas as entrevistas aos alunos das duas turmas em estudo. Todo este trabalho, decorre em tempo lectivo, entre Novembro de 2005 e Abril de 2006.

## 10. PROCEDIMENTOS NA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS RECOLHIDOS

*“ A maior parte dos métodos de análise das informações depende de uma de duas grandes categorias: a análise estatística dos dados e **análise de conteúdo**”* (Quivy e Campenhoudt, 1992:220-221)

O tratamento de todas as informações recolhidas tem um conjunto de técnicas, sendo uma delas, a análise de conteúdo.

A análise das entrevistas é um método que explora totalmente e objectivamente os dados de informação, apresentando analogias, com uma parte das técnicas da análise de conteúdo.

*“ ...uma operação ou conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob a forma diferente da original, afim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência.”* (Chaumier, 1974, citado por Bardin, 1977:45)

Esta análise permite-nos passar um documento “primário” (em bruto), para um “secundário” (representação do primeiro).

Na investigação empírica nas Ciências Sociais, a análise de conteúdo, é cada vez mais considerada, devido ao seu vasto campo de aplicação, dando a possibilidade de um tratamento metódico de informações e testemunhos, portadora de uma riqueza, harmonia e ainda de uma relativa dose inventiva.

*“ De maneira grosseira, arrogamo-nos o direito de dizer que “representacional” significa que o ponto importante no que diz respeito à comunicação é o revelado pelo conteúdo dos itens léxicos nela presentes, isto é, que algo nas palavras da mensagem o que o analista observa. Grosso modo, “instrumental”*

*significa que o fundamental não é aquilo que a mensagem diz à primeira vista, mas o que ela veicula dados o seu contexto e suas circunstâncias.” (Pool, 1959, citado por Bardin, 1977:20)*

Em qualquer investigação, a análise de conteúdo adapta-se ao estudo “daquilo que não se diz”, “daquilo que é implícito”. É interdito ao investigador, o envolvimento respeitante às interpretações espontâneas, isto é que lhe são próprias, incitando assim analisar os dados (entrevistas, neste trabalho), com base em raciocínios que incidam mais sobre a organização interna do discurso do que sobre o seu conteúdo formal “...tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo” (Henry e Moscivici, 1968, citado por Bardin, 1977:33).

A análise de conteúdo é um método pelo qual se investiga e organiza transcrições de materiais como, entrevistas, notas de campo, textos escritos pelos sujeitos, fotografia e até o filme, com o objectivo de compreender bem esses mesmos materiais e *à posteriori*, dar a conhecer aos outros aquilo que encontrámos. Assim, esta análise é um processo que “...envolve o trabalho com os dados, sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros.” (Bogdan e Biklen, 1994:205)

A análise de conteúdo é definida como:

*“Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos”( conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O factor comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extracção de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência” (Bardin, 1977:9)*

Este conjunto de instrumentos contém uma análise categorial que advém do desmembrar de um texto, em unidades e a que se dá o nome de categorias de codificação, que aparecem agrupadas por analogia. Categorizar, implica separar determinados elementos e estruturar estes (Bardin, 1977).

Segundo Bardin (1977) a análise de conteúdos passa por três fases:

- A pré-análise – é a primeira etapa que consiste basicamente na organização do material.
- A exploração do material – é o aprofundar da análise da informação, surgindo as categorias de codificação.
- Tratamento dos resultados obtidos e interpretação – é a etapa que leva o investigador a reflectir e a categorizar, com base nas entrevistas. Assim, o conhecimento surge entre a especulação e a realidade.

A análise de conteúdo não obedece a etapas rígidas, mas sim a uma reconstrução simultânea com as percepções do pesquisador.

Assim realizámos a análise de dados, percorrendo várias etapas:

- Transcrevemos as gravações das entrevistas, que constituem o *corpus* da pesquisa.
- Lemos e releemos várias vezes as transcrições dos dados obtidos em cada uma das entrevistas, de modo a compreendermos o conteúdo geral das mesmas.
- Seguidamente, passámos à exploração do material, à sua codificação, que compreendeu a escolha dos indicadores (unidades de enumeração), a selecção destas, agrupando-as por parentesco de sentido. Obtivemos 484 indicadores.
- Depois de revistos e agrupados pela semelhança, escolhemos as categorias, que, *à priori*, já estavam seleccionadas com apoio na parte teórica, porém modificámo-las em função da análise desenvolvida. A descrição particularizada das categorias, levou-nos a subdividi-las em sub-categorias e sub-subcategorias.
- Desta forma, construímos um organograma do nosso estudo. O ponto de partida foi o conjunto de indicadores.
- Para conduzirmos melhor a nossa análise, procurámos elaborar os significados (unidades de registo) através dos indicadores. Encontrámos 547 significados.
- No final de cada análise referente a cada sub-categoria, procurámos fundamentar e clarificar a nossa análise, introduzindo alguns indicadores dos sujeitos de estudo, bem como os de testemunhas privilegiadas (pais, Sheik Ismael e dr<sup>a</sup> Hana Mateus) e ainda com base na fundamentação teórica.

Após sucessivas leituras, houve a necessidade de excluir alguns indicadores, que se afastavam do nosso objectivo de estudo (Anexo VI).

Foi atribuído o código [...] a palavras ou frases por nós colocadas para clarificar melhor o discurso dos indicadores mencionados.

## **11. LIMITAÇÕES DO ESTUDO**

Preocupámo-nos ao longo do nosso estudo em assegurar o máximo rigor metodológico, contudo sabemos que houve limitações, sendo importante referi-las:

- A nossa inexperiência como investigadores.
- A dificuldade de estarmos com estes alunos num espaço sem ser o do colégio (casa), sem que tivéssemos possibilidade de observar as suas vivências não escolares.

Apesar destas limitações, as dificuldades serviram para o nosso crescimento enquanto investigadores.

## CAPÍTULO II

### APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

A análise de conteúdo efectuada surge como resultado das orientações metodológicas defendidas por Bardin (1977) e Vala (1986).

A análise de dados permite-nos clarificar o tema central do nosso estudo “**Religião, elemento fundamental na identidade do grupo dos alunos do colégio Islâmico de Palmela**”

Depois de construído o *corpus* de análise (transcrição das entrevistas dos alunos), percorremos várias etapas, após um período de reflexão, estabelecemos relações e conexões de ideias, surgindo as categorias, sub-categorias e sub-subcategorias.

A categoria é entendida como uma classe que tem um conjunto de elementos com um título lato de modo que, este agrupamento é efectuado segundo caracteres comuns desses elementos.

No nosso trabalho, as categorias são resultado do agrupamento de indicadores, permitindo uma maior facilidade na classificação dos significados.

As categorias (como já fizemos referência) foram seleccionadas *à priori*, apoiadas na reflexão teórica, contudo modificámo-las em função da análise desenvolvida, surgindo a categorização final das unidades de análise.

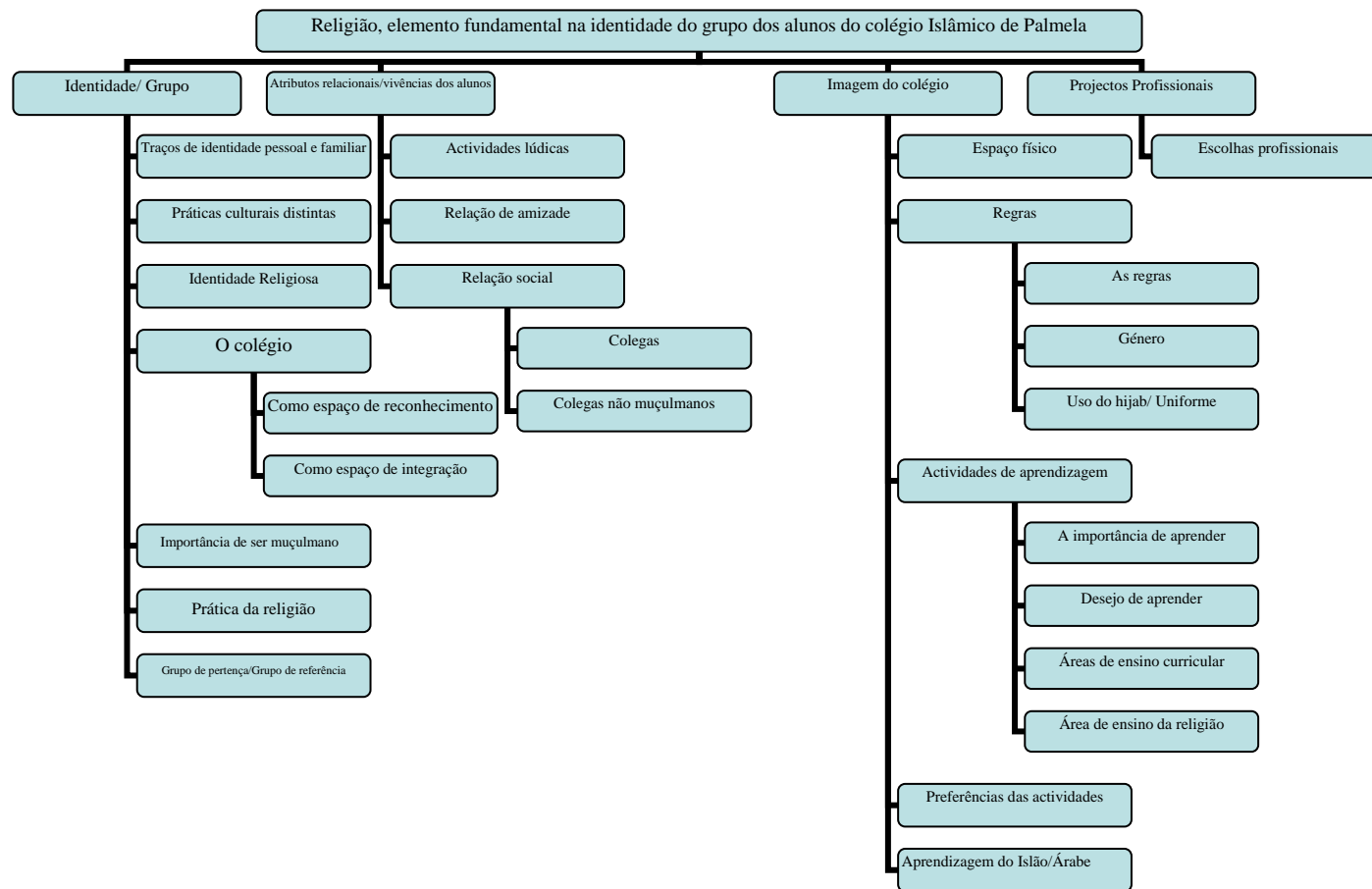
Os indicadores e os significados foram agrupados por turma (A e B) e por sexo. Os alunos da turma A são elementos do sexo feminino e os alunos da turma B são do sexo masculino. Esta estratégia não tem como finalidade fazer uma análise comparativa entre género, mas graças à composição das turmas, podemos proceder á análise de diferenças de género. Encontrámos 484 unidades de enumeração (indicadores) e 547 unidades de registo (significados). Para uma integração dos dados relacionados com aspectos culturais, escolares, religiosos, familiares e de comportamento, tivemos necessidade de recorrer aos questionários exploratórios que realizámos aos pais, assim como entrevistas ao Sheik Ismael (director e coordenador do colégio Islâmico de Palmela), à doutora Hana Mateus (directora pedagógica

do colégio), e ainda à investigadora Nina Tiesler, que nos clarificou algumas questões, devido ao seu conhecimento e estudos que tem feito sobre a comunidade islâmica assim como fundadora da MEL-Net (Muçulmanos em Espaços Lusófonos).

Encontrámos alguns indicadores, que não se integravam em nenhuma categoria deste estudo (Anexo VI).

Assim, apresentamos o diagrama da “ árvore” do nosso estudo, cujo objectivo é o de indicar as categorias, sub-categorias e sub-subcategorias mostrando os seus elementos constitutivos e as relações existentes entre eles.

RELIGIÃO, ELEMENTO FUNDAMENTAL NA IDENTIDADE DO GRUPO DOS ALUNOS DO COLÉGIO ISLÂMICO DE PALMELA



## 1-IDENTIDADE /GRUPO

Esta categoria foi construída através de sete sub-categorias que foram encontradas a partir da análise dos indicadores.

Deste modo as sub-categorias são:

- Traços de identidade pessoal e familiar / representações de “ Si” e da “ Família”.
- Práticas culturais distintas (família, festas, casamentos).
- Identidade religiosa.
- A importância de ser muçulmano e frequentar o Colégio Islâmico.
- Prática religiosa.
- O colégio: - Como espaço de reconhecimento da pertença religiosa  
- Como espaço de integração
- Grupo de pertença/ Grupo de referência

Quadro Nº 1

Traços da Identidade pessoal e familiar

Representações de “Si” e da” Família” – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Identidade/ Grupo</b>	<b>Traços da identidade pessoal e familiar/ Representações de “si” e da “família”</b>	“Nasci em Bangladesh.” (Khadiza, p.1) “...não tenho muita família aqui, são só os meus pais e os meus irmãos.” (Khadiza, p.1) “[A família] é toda de lá [Bangladesh].” (Khadiza, p.5) “Falamos [em casa] ... o Urdu.”, (Khadiza, p.3) “Vivo há sete ou oito anos [em Portugal] ... Agora vivo em Lisboa...”(Khadiza, p.1)  “Nasci em Moçambique na cidade de Maputo”(Ruksar,p.7) “O meu pai é daqui, nasceu em Portugal, a minha mãe é de Moçambique... A parte paterna é portuguesa e a parte materna é moçambicana...”(Ruksar, p.11) “...os meus pais estão separados e eu acho um pouco	

		<p>triste. Eu preferia viver com os dois na mesma casa... Bastava a família estar toda junta” (Ruksar, p.11)</p> <p>“O meu irmão mais velho tem 14 anos, depois a minha irmã tem 12, eu tenho 11, e o meu irmão tem 6.” (Ruksar, p.11)</p> <p>“Tenho três irmãos que ficaram em Moçambique (pausa), um veio para aqui... mas foi embora, é o mais velho... estava na escola mas foi embora. Foi para o pé da mãe.” (Ruksar, p.7)</p> <p>“ Vim [para Portugal] no segundo período.” (Ruksar, p.8)</p> <p>“Eu sinto tanto a falta da minha mãe... Só eu, é que estou cá. O meu irmão, já amanhã está para ao pé da minha mãe. Ele estava cá.” (Ruksar, p.11)</p> <p>” Eu vim [a Portugal] mesmo foi para passear” (Ruksar, p.11)</p> <p>“Acho que vou voltar. Acho que para o ano já não vou estar cá.” (Ruksar, p.12)</p> <p>“Gosto dos meus pais, gosto muito dos meus pais, porque são muito carinhosos...”(Ruksar, p.13)</p> <p>“... sempre me deram uma boa educação, dizem-me que os muçulmanos têm que ter uma boa educação” (Ruksar, p.13)</p> <p>“ [Nasci] no Paquistão...” ( Maryeem,p.14)</p> <p>“...somos todos do Paquistão. São todos muçulmanos.”(Maryeem, p.17)</p> <p>“Eles [pais] também nasceram no Paquistão.” (Maryeem, p.17)</p> <p>“Tenho duas irmãs e dois irmãos e, e, o pai e a mãe, só aqui em Portugal” (Maryeem, p.18)</p> <p>“ [Vivo em Portugal] há oito meses.” ( Maryeem, p.15)</p> <p>“O pai já cá estava, depois viemos nós.” (Maryeem, p.18)</p> <p>“Outra família estão no Paquistão... sinto muita falta do resto da família, tios, primos” (Maryeem, p.18)</p> <p>“Falamos [em casa] o paquistanês, o urdu, não falamos o português.” (Maryeem, p.15)</p> <p>“Nasci na Alemanha, mas sou da Bósnia, sou da Bósnia, nasci na Alemanha na cidade de Simerath.” (Íman, p.20)</p> <p>“ [O pai é paquistanês a mãe é da Bósnia] ... os meus avós todos morreram... a avó do Paquistão ainda está viva... nunca vi nenhum dos avós...”(Íman, p.25)</p> <p>“...tenho quatro meios-irmãos, filhos do meu pai e de outra senhora” (Íman, p.25)</p> <p>“Os meus irmãos ligam mais à religião e, hum o meu irmão mais novo, damos muito bem, dou-me muito bem com um que está na Itália agora.” (Íman, p.25)</p> <p>“Nós nunca estamos juntos.” (Íman, p.25)</p> <p>”,” Andei aqui, no Laranjeiro, o ano passado, aqui ao pé, no 4º ano e antes andava na Bósnia.” (Iman, p. 21)</p>	<p>30</p>
--	--	--	-----------

Quadro Nº 2

Traços da Identidade pessoal e familiar. Representações de “Si” e da “Família” – Sala B

SALA B			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Identidade/ Grupo</b>	<b>Traços da identidade pessoal e familiar/ Representações de “si” e da “família</b>	<p>“ [Nasci] na Ucrânia. Na cidade de Kiev.” (Ali, p.28)</p> <p>“O meu pai é do Paquistão a minha mãe é da Ucrânia, os meus avós do meu pai são do Paquistão e da minha mãe são da Ucrânia. Gosto deles” (Ali, p.32)</p> <p>“Estou [em Portugal] há cinco, cinco ou seis anos (Ali, p.29)</p> <p>“[Moro] em Lisboa. Em Arroios” (Ali, p.28)</p> <p>“ [Nasci] em Setúbal” (Paulo, p.34)</p> <p>“Os meus pais separaram-se e vivo com os meus avós” (Paulo, p.34)</p> <p>[Moro] no Pinhal Novo... Com o meu avô e com a minha avó.” ( Paulo, p.34)</p> <p>“...sou repetente... é o segundo ano que ando no 5º ano... Andava numa escola, que não era particular... as notas são muito más. Eu não estudo muito, só brinco...” (Paulo, p.35)</p> <p>“Tenho mais três irmãos, mas estão com a mãe” (Paulo, p.34)</p> <p>“...a minha avó é doméstica e o avô trabalha longe daqui” (Paulo, p.34)</p> <p>“ A minha mãe nasceu em Moçambique e o meu pai nasceu em Setúbal.” (Paulo, p.38)</p> <p>“Só a parte da minha mãe é que são muçulmanos, do meu pai não” (Paulo, p.38)</p> <p>“ [Nasci] em Lisboa, na maternidade Alfredo da Costa... Vivo em Santo António dos Cavaleiros.” (Shabbir, p.41)</p> <p>“Nasceu agora o meu irmão” (Shabbir, p.41)</p> <p>“ [Os pais] nasceram na Índia”, “O meu pai é comerciante e a minha mãe... agora está com o menino é doméstica, mas quando vai trabalhar é esteticista”(Shabbir, p.41)</p> <p>“O meu pai teve duas mães... a primeira mãe nasceu na Índia, a segunda que tratou sempre dele... nasceu cá. Os outros avós nasceram todos na Índia.” (Shabbir, p. 45)</p> <p>“ [Nasci] no Paquistão, na cidade de Gujravala.” (Umair, p.47)</p> <p>“Tenho o meu irmão gémeo e mais 4 irmãs” (Umair, p.48), “A minha irmã, o meu pai e a minha mãe</p>	

		trabalham numa loja, as minhas outras irmãs, ficam em casa...” (Umair, p.51) “...[Morro] em Sintra... Venho de comboio, até ao Areeiro e depois apanho a carrinha do colégio até aqui.” (Umair, p.47)	20
--	--	--	----

Quadro Nº 3

Distribuição dos significados dos Traços de Identidade Pessoal e familiar – por turma

TRAÇOS DE IDENTIDADE PESSOAL E FAMILIAR					
Representações de “Si” e da “Família”					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊN- CIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊN- CIA	%
Nacionalidade portuguesa	-	-	Nacionalidade portuguesa	2	15,4
Nacionalidade estrangeira	4	21	Nacionalidade estrangeira	2	15,4
Pai português	1	5,4	Pai português	1	7,7
Mãe portuguesa	-	-	Mãe portuguesa	-	-
Pai de nacionalidade estrangeira	3	15,8	Pai de nacionalidade estrangeira	3	23,1
Mãe de nacionalidade estrangeira	4	21	Mãe de nacionalidade estrangeira	4	30,7
Língua do país de origem, falada em casa	2	10,5	Língua do país de origem, falada em casa	-	-
Vivem em Portugal há mais de um ano	3	15,8	Vivem em Portugal há mais de um ano	1	7,7
Vivem em Portugal há menos de um ano	2	10,5	Vivem em Portugal há menos de um ano	-	-
TOTAL	19	100		13	100

Da análise das entrevistas, verificámos que estes jovens são muçulmanos de nacionalidade estrangeira, na sua maioria de origem asiática (indianos e paquistaneses), contudo foi-nos confirmado pelo Sheik Ismael que as crianças que frequentam o colégio são na sua maioria de nacionalidade portuguesa “...95% das crianças são portuguesas. Os restantes 5% não são, mas tem autorização de residência...Mas na sua maioria são de origem indiana...” (Sheik Ismael), e que os seus ascendentes, e também de acordo com o questionário feito aos pais, vieram maioritariamente de Moçambique, onde já conviviam com portugueses, factor que justifica a boa integração da comunidade em Portugal.

Quadro Nº 4

Práticas Culturais Distintas (Família, festas, casamentos) – Sala A

SALA A			
CATEGÓRIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Identidade/ Grupo</b>	<b>Práticas culturais distintas (família, festas casamentos)</b>	<p>“ Quando estamos juntos falamos de coisas que estão mal. Falamos dos problemas, que tem que resolver, que tem que pensar.” (Khadiza, p.5)</p> <p>“ Eu falo a mesma maneira com os dois, tanto com o meu pai como com a minha mãe...”(Khadiza, p.5)</p> <p>“ Mas... falo mais com a minha mãe, o meu pai muitas vezes não está em casa, tem que ir para ali, para aquele lugar” (Khadiza, p.5)</p> <p>“Não fazemos festas de anos, como aqui” (Khadiza, p.5)</p> <p>“ Não fazemos festas” .” (Khadiza, p.5)</p> <p>“... mas convidam-nos para os casamentos.” (Khadiza, p.5)</p> <p>“Com a minha mãe, eu falo tudo com ela...”(Ruksar, p.12)</p> <p>“... ela ensina-me a cozinhar, porque ela trabalha em culinária” (Ruksar, p.12)</p> <p>“Com o pai também converso, mas não é sobre tudo, não posso dizer as minhas coisas” (Ruksar, p.12)</p> <p>“Eu, por exemplo no domingo, ...estamos todos em casa da minha avó. Depois na outra semana, estamos todos na minha casa... é assim que estamos todos juntos... conversam e assim conversam, conversam ali e tal.” (Ruksar, p.12)</p> <p>“Fazemos festas de aniversário” (Ruksar, p.12)</p> <p>“ eu vou ser sincera, na nossa religião não se fazem festas de anos, mas os meus pais fazem. Sempre me fizeram até agora, mas não se pode fazer.” (Ruksar, p.11)</p> <p>“ Não se faz festa de Natal mas fazemos festa de Eid” (Ruksar, p.12)</p> <p>“...[fazemos] festas de coisas religiosas.” (Ruksar, p.12)</p> <p>“ Também fazemos e vamos a festas de casamento... falando sério há pessoas que dançam, eu não vou mentir, eu cá danço. Fazemos um almoço depois do casamento...”(Ruksar, p.12)</p> <p>“ A família nessas festas, nem sempre estão reunidas.” (Ruksar, p.12)</p> <p>“Vamos a festas de casamento” (Maryeem, p.18)</p> <p>“ [festejamos] o Eid... Passamos com a família e outras</p>	

		<p>“... isso não festejamos [festas de aniversário]. Não fazemos nenhuma dessas festas. Porque na nossa religião não se festejam essas festas.” (Maryeem, p.18)</p> <p>“Nós nunca estamos juntos.” (Íman, p.25)</p> <p>“ Às vezes vou com o meu pai ao Miratejo, com a minha mãe vou à Costa da Caparica, vou à praia, e vou só com a mãe o pai não vai”(Íman, p.25)</p> <p>“Falo mais com a mãe” (Íman, p.25)</p> <p>“eu nos meus anos convidei-as [ Carolina e Inês] para irem até a minha casa e convidei-as para virem até ao MacDonld’s”,(Iman, p.22)</p> <p>“ [Festejamos] os anos” (Iman, p.25)</p> <p>“ [Festejamos] o Eid, comemoramos mas não fazemos festas...”(Iman, p.25)</p> <p>“... o meu pai chama outras famílias para vir cá jantar, mas não fazemos festas.” (Iman, p.25)</p>	26
--	--	--	----

Quadro N° 5

Práticas Culturais Distintas (Família, festas, casamentos) – Sala B

SALA B			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Identidade/ Grupo</b>	<b>Práticas culturais distintas (família, festas casamentos)</b>	<p>“Quando estamos juntos jogamos e conversamos.” (Ali, p.32)</p> <p>“ Às vezes vamos passear a Belém, a Sintra e a mais sítios” (Ali, p.32)</p> <p>“Festejamos os anos...” (Ali, p.32)</p> <p>“...[Festejamos] o Eid ...” (Ali, p.32)</p> <p>“...e assim as festas... os casamentos” (Ali, p.32)</p> <p>“Falamos. Passear, vou mais com o meu pai e com a minha mãe, a mãe vive aqui no Pinhal Novo” (Paulo, p.39)</p> <p>“Festejamos só o Eid... Comemos e falamos...”(Paulo, p.39)</p> <p>“ Não festejamos outras festas.” (Paulo, p.39)</p> <p>“ Também não vamos [festas de casamento].” (Paulo, p.39)</p> <p>“...quando estou em casa com a mãe, ajudo-a. Ajudo a lavar a loiça, às vezes quando faz bolos eu ajudo.” (Shabbir, p. 45)</p> <p>“Vamos [passear] ao Odivelas Parque, ao Shopping, e a muitos sítios” (Shabbir, p. 45)</p>	

	<p>“Falam sobre a minha conduta, que tenho que me aplicar nos estudos” (Shabbir, p. 45)                  “... falamos às vezes sobre coisas divertidas, e rimos muito.” (Shabbir, p. 45)                  “...fazemos festas, as de Eid” (Shabbir, p.44)                  “... de aniversário...”(Shabbir, p.44)                  “... eu faço as festas, com a minha avó, de Natal, de Páscoa, ela compra-me ovos, amêndoas, e... os anos.” (Shabbir, p.44)                  “Festejo estas festas também com a avó porque ela não é muçulmana, ela é portuguesa, ela é cristã.” (Shabbir, p.44)</p> <p>“Falamos da família e de mais nada” (Umair, p.51)                  “[Falamos]... da religião” (Umair, p.51)                  “Festejamos a festa do Eid, é tipo a festa do Natal.” (Umair, p.51)                  “Só festejamos o Eid.” (Umair, p.51)                  “Também fazemos festas dos anos.” (Umair, p.51)                  “Rimos e conversamos.” (Umair, p.51)</p>	<b>23</b>
--	--	-----------

Quadro N° 6

Distribuição dos significados das Práticas Culturais Distintas (Família, festas, casamentos) – por turma

SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS CULTURAIS DISTINTAS (Família, festas, casamentos)					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊNCIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊNCIA	%
Conversar – modo de convívio familiar	5	19,3	Conversar - modo de convívio familiar	8	34,8
Passeios – modo de convívio familiar	2	7,7	Passeios - modo de convívio familiar	3	13
Valorização da mãe no convívio familiar	4	15,4	Valorização da mãe no convívio familiar	1	4,4
Papel secundário do pai no convívio familiar	2	7,7	Papel secundário do pai no convívio familiar	-	-
Eid – festa privilegiada	3	11,5	Eid- festa privilegiada	5	21,7
Casamentos	3	11,5	Casamentos	1	4,4
Participação em festas de anos/Natal/ Outras	4	15,4	Participação em festas de anos/ Natal/ Outras	5	21,7
A não participação em festas de anos/Natal/outras	3	11,5	A não participação em festas de anos/ Natal/outras	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>	<b>100</b>		<b>23</b>	<b>100</b>

Embora convivam com a sociedade portuguesa, estes jovens vivem a sua cultura de origem. As suas vivências, manifestam fidelidade às tradições, contudo revelam abertura ao exterior:

” *Na nossa religião não se fazem festas de anos, mas os meus pais fazem...*” (Ruksar, p.11)

” *...eu faço as festas, com a minha avó, de Natal, de Páscoa, ela compra-me ovos, amêndoas, e... os anos...*” (Shabbir, p.44).

Também é preocupação do colégio transmitir outras tradições e festividades, “*abrir os horizontes, não se sentirem fechadas*” como nos disse a sr<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Hana Mateus “*...este ano a professora de história foi quem fez pequenas palestras pelas turmas a explicar o sentido do Natal às crianças visto elas serem islâmicas. Explicamos todas as datas relacionadas com épocas festivas...o magusto...a Páscoa... festas dos Hindus. Tentamos explicar o máximo*”

A família é a base da sociedade islâmica e como tal a unidade familiar estável é valorizada e reconhecida como essencial para o desenvolvimento psicológico e espiritual das crianças.

” *...A família tem uma grande importância...É o papel familiar que está ligado ao desenvolvimento da criança...é importante estar com a família e não pensar no material...é importante depois de um dia de trabalho na escola, o papel dos pais de estarem juntos e conversarmos, porque o que interessa é a família e o seu bem-estar...*” (Dr<sup>a</sup> Hana Mateus).

Embora o papel do pai seja muito importante é à mãe que cabe a excelsa tarefa de educar as crianças, de estar sempre presente, assim como a transmissão de valores e tradições:

” *Com a minha mãe eu falo tudo com ela. Mas com o meu pai eu não falo tudo. Com a minha mãe eu falo, conversamos, ela ensina-me a cozinhar... falo mais com a minha mãe ou comigo mesmo do que com o meu pai...*” (Ruksar, p.11)

” *...Falo mais com a mãe...*” (Íman, p.25)

” *... A minha mãe gosta muito de brincar comigo... quando estou em casa com a mãe, ajudo-a...*” (Shabbir, p. 44)

Quadro Nº 7

Identidade Religiosa – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Identidade/ Grupo</b>	<b>Identidade Religiosa</b>	<p>“Ser muçulmana...é seguir a religião muçulmana” (Khadiza, p.5)</p> <p>“Ser muçulmana ... é fazer coisas muçulmanas.” (Khadiza, p.5)</p> <p>“Ser muçulmana pra mim é... ser muçulmana para mim é, é seguir a religião, não fazer as coisas que não é permitido” (Ruksar, p.12)</p> <p>“Ser muçulmana ...é seguir o Islam...” (Ruksar, p.12)</p> <p>“Ser muçulmana ...é mesmo acreditar em Deus” (Ruksar, p.12)</p> <p>“Ser muçulmana ...é acreditar naquilo que nos dizem, nas histórias dos profetas” (Ruksar, p.12)</p> <p>“Ser muçulmana ...é ...sabermos a língua árabe, porque é a língua que os profetas falavam.” (Ruksar, p.12)</p> <p>“Ser muçulmana...nós não podemos comer o porco...”(Maryeem, p.18)</p> <p>“Ser muçulmana ... é importante pela religião e por estas coisas todas.” (Maryeem, p.18)</p> <p>“Ser muçulmana .... para mim... o mais importante de tudo, é a religião.” (Maryeem, p.18)</p> <p>“Eu acho que, se a minha religião fosse católica, é assim, se os meus pais fossem católicos eu também era...” ( Iman, p.26)</p> <p>“... assim eu sou muçulmana.” ( Iman, p.26)</p>	<b>12</b>

Quadro Nº 8

Identidade Religiosa – Sala B

SALA B			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Identidade/ Grupo</b>	<b>Identidade Religiosa</b>	<p>“É importante...” (Ali, p.32)</p> <p>“É bom...”(Paulo, p.39)</p> <p>“ Porque é uma religião diferente das outras” (Paulo, p.39)</p> <p>“... aprendemos coisas boas.” (Paulo, p.39)</p> <p>“...para mim ser muçulmano é, é, a, agradar a minha mãe, por ser muçulmano...” (Shabbir, p., 45)</p> <p>porque há mães que são muçulmanas e os filhos não querem ser, e as mães ficam tristes.” (Shabbir, p., 45)</p> <p>“ E eu também gosto, toda a minha família é muçulmana...”(Shabbir, p., 46)</p> <p>“Porque... eu quero continuar o Islão da minha família.” (Shabbir, p., 46)</p> <p>“É só acreditar em Deus. Que Deus existe” (Umair, p.51)</p> <p>“ Religião é importante para mim, porque quando meu pai mandar fazer a oração eu não sei fazer nada. Como é que eu vou fazer a oração?” (Umair, p.51)</p>	<b>10</b>

Quadro Nº 9

Distribuição dos significados de Identidade Religiosa – por turma

SIGNIFICADOS DE “IDENTIDADE RELIGIOSA”					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊNCIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊNCIA	%
Seguir a religião muçulmana	6	46	Seguir a religião muçulmana	-	-
Acreditar em Deus	1	8	Acreditar em Deus	1	11
Acreditar nas histórias dos Profetas	1	8	Acreditar nas histórias dos Profetas	-	-
Identidade religiosa	2	15	Identidade religiosa	4	44
			Saber árabe, a língua dos	-	-

Saber árabe, a língua dos Profetas	1	8	Profetas	2	23
Aprender coisas boas	-	-	Aprender coisas boas	1	11
Saber orar	-	-	Saber orar	-	-
Não desobedecer à religião	2	15	Não desobedecer à religião	-	-
É uma religião diferente das outras	-	-	É uma religião diferente das outras	1	11
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>100</b>		<b>9</b>	<b>100</b>

A religião é muito importante na vida destas crianças, pois orienta os seus comportamentos assim como a compreensão do sistema de valores veiculados pela religião.

“ [A religião é muito importante para mim] ...porque toda a minha família é muçulmana e eu quero continuar o Islão da minha família ... “ (Shabbir, p.45)

#### Quadro Nº 10

A importância de ser muçulmano e frequentar o Colégio Islâmico de Palmela – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Identidade/ Grupo</b>	<b>A importância de ser muçulmano e frequentar o Colégio Islâmico de Palmela</b>	“Posso aprender com, com as coisas que tem a ver com a minha religião.” (Khadiza, p.4) “ E aprender mais, e saber mais coisas sobre a religião.” (Khadiza, p.4) “É importante... Por causa dos estudos... dos estudos religiosos.” (Ruksar, p. 11) “Eu vim mais para aqui, por causa da minha religião.” (Ruksar, p. 11) “Tudo o que eu estou a dizer é por causa da religião.” (Ruksar, p. 11) “Porque havia outra escola mais, mais perto de casa, o meu pai pôs-me aqui mesmo por causa da religião.” (Ruksar, p. 11) “ Não foi por causa de eu vir estudar, eu podia estudar lá, lá muito perto da minha casa. Porque lá por baixo da minha casa há um colégio, mas eu disse logo que não e o meu pai também disse logo que não.” (Ruksar, p. 11) “Não é importante, mas também pode ser. Quer dizer aqueles que querem entrar, então pode ser...”	

		(Maryeem, p.17) "...mas não são islâmicos, não sabem da nossa religião." (Maryeem, p.17) "...a minha mãe diz que este colégio é muito bom, percebe-se muito bem tudo e é mais fácil entrar na universidade." (Iman, p.25) "Não é importante ser islâmica" (Iman, p.25)	<b>11</b>
--	--	---	-----------

Quadro N° 11

A importância de ser muçulmano e frequentar o Colégio Islâmico de Palmela – Sala B

<b>SALA B</b>			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Identidade/ Grupo</b>	<b>A importância de ser muçulmano e frequentar o Colégio Islâmico de Palmela</b>	"Sim [é importante ser muçulmano] mas não sei [porquê]." (Ali, p.31)  "Acho que sim [é importante ser muçulmano] Porque... não sei." (Paulo, p.38)  "É importante por causa da religião" (Shabbir, p.44) "Sim [é importante ser muçulmano], para agradarmos as nossas mães que também foram" (Shabbir, p.44) "...e também é bonito saber as histórias..."(Shabbir, p.44) "...como rezar, e isso, os hábitos e assim, e os nossos profetas "(Shabbir, p.44) "...as histórias são bonitas e gostamos de ouvir mais" (Shabbir, p.44)  "Sim [é importante ser muçulmano] ... Por causa da religião." ( Umair, p.51)	<b>8</b>

Quadro Nº 12

Distribuição dos significados da Importância de ser Muçulmano e frequentar o Colégio Islâmico de Palmela – por turma

SIGNIFICADOS DA IMPORTÂNCIA DE SER MUÇULMANO E FREQUENTAR O COLÉGIO ISLÂMICO DE PALMELA					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQÜÊN- CIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQÜÊN- CIA	%
É importante ser muçulmano	1	8,3	É importante ser muçulmano	2	25
Não é importante ser muçulmano para frequentar o colégio	2	16,6	Não é importante ser muçulmano para frequentar o colégio	-	-
Aprender mais sobre religião	3	25	Aprender mais sobre religião	3	37,5
Religião - a principal causa de frequentar o colégio	4	33,3	Religião - a principal causa de frequentar o colégio	2	25
Não ser muçulmano impede a aprendizagem/conhecimento do Islão	1	8,3	Não ser muçulmano impede a aprendizagem/conhecimento do Islão	-	-
É agradar os pais	-	-	É agradar os pais	1	12,5
O colégio ser ou não islâmico, não interfere na qualidade do ensino	1	8,3	O colégio ser ou não islâmico, não interfere na qualidade do ensino	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>100</b>		<b>8</b>	<b>100</b>

Sendo a educação religiosa das crianças e dos jovens uma das maiores preocupações dos pais, querem educar os seus filhos na fé islâmica, “*para agradarmos as nossas mães...*” (Shabbir, p.44).

Independentemente de alguns destes jovens dizerem que é importante ser-se muçulmano para frequentar o colégio, não conseguem justificar a sua importância.

Os jovens frequentam o colégio Islâmico de Palmela, que, para além das fortes expectativas de prosseguirem a sua formação escolar podem também aprender os ensinamentos do Alcorão e da cultura árabe, “...*este acompanhamento moral e religioso mais tarde os ajudará a agir mais correctamente e a afastarem-se do que é, hoje em dia, o grande flagelo, que são os vícios...*” (Sheik Ismael)

Quadro Nº 13

Prática da Religião – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
Identidade/ Grupo	Prática da Religião	<p>“Não podemos ir à mesquita...”(Khadiza, p.2)                      “... Faço em casa [as orações] sozinha...” (Khadiza, p.2)                      ...” às vezes a mãe está em casa... depois ela reza.” (Khadiza, p.2)</p> <p>“...as mulheres não podem ir à mesquita.” (Ruksar, p.7)                      “ Mas as rezas só em casa.” (Ruksar, p.7)                      “ Rezo com os meus pais, ... com o meu pai e com a minha madrasta.” (Ruksar, p.7)</p> <p>“Quem vai à Mesquita são os homens.” (Maryeem, p.14)                      “Rezo sozinha.” (Maryeem, p.14)</p> <p>“Fui só uma vez [à Mesquita]. (Iman, p.20)                      Fui e fui sozinha.” (Iman, p.20)                      “Às vezes, faço [as orações] mas sozinha.” (Iman, p.20)                      “Na minha terra [Bósnia] as mulheres podem ir à mesquita.” (Iman, p.26)</p>	12

Quadro Nº 14

Prática da Religião – Sala B

SALA B			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
Identidade/ Grupo	Prática da Religião	<p>“Não [vou à Mesquita] porque fica muito longe de casa.” “Rezo sozinho.” (Paulo, p.34)                      “Às vezes rezo com a minha mãe outras vezes sozinho.” (Paulo, p.39)</p> <p>“Vou sempre [à Mesquita], todas as semanas...”(Shabbir, p.41)</p>	

		<p>“... aqui também rezo com os meus colegas em congregação, no polivalente.” (Shabbir, p.41)                  “... vou [à Mesquita] com o meu pai...normalmente vamos às sextas, um bocadinho antes da hora do almoço, vamos fazer a oração em congregação...” (Shabbir, p.42)                  “...quando estamos em aulas não vou, mas quando não há aulas vou à Mesquita Central” (Shabbir, p.42)                  “[a mãe] nunca vai [à Mesquita].” (Shabbir, p.42)                  “...rezo sempre [em casa]” (Shabbir, p.42)</p> <p>“Sim [vou à Mesquita] ...” (Umair, p.48)                  “A Odivelas... só sei o caminho para a Mesquita de Odivelas...” (Umair, p.48)                  “... Vou ao fim de semana...” (Umair, p.48)                  “ Vou à sexta-feira à oração do meio-dia...” (Umair, p.48)                  Às vezes vou sozinho, às vezes vou com [meu] pai” (Umair, p.48)                  “...rezo, nas horas da oração, e faço quase sempre em casa, só se não posso...” (Umair, p.48)                  “ Rezo sozinho” (Umair, p.48)</p>	<b>15</b>
--	--	---	-----------

Quadro Nº 15

Distribuição dos significados da Prática da Religião – por turma

SIGNIFICADOS DA PRÁTICA DA RELIGIÃO					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊNCIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊNCIA	%
Frequenta a Mesquita	-	-	Frequenta a Mesquita	8	53
Não frequenta a Mesquita	4	29	Não frequenta a Mesquita	1	7
Quem vai à Mesquita são os homens	3	21	Quem vai à Mesquita são os homens	-	-
Faz sempre as orações	-	-	Faz sempre as orações	2	13
Faz às vezes as orações	1	7	Faz às vezes as orações	-	-
Faz as orações, sozinho(a)	3	21	Faz as orações, sozinho(a)	2	13
Faz as orações com os pais	2	15	Faz as orações com os pais	1	7
Orar no Colégio	-	-	Orar no Colégio	1	7
Em certos países as mulheres vão à Mesquita	1	7	Em certos países as mulheres vão à Mesquita	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>100</b>		<b>15</b>	<b>100</b>

O quotidiano citadino, a distância das mesquitas, nem sempre permite que os muçulmanos cumpram as suas obrigações, como, por exemplo, fazer as cinco orações diárias no local de culto, ou as raparigas irem à Madrassa. As dificuldades do dia a dia levam a que os jovens muçulmanos não frequentem a Mesquita, contudo verificámos que a maioria dos elementos da turma B (rapazes) cumprem as suas obrigações à 6ª feira, fazendo a *Salát'al-Jumuah* (oração de 6ª feira) na mesquita:

”... vou [à Mesquita] com o meu pai...normalmente vamos às sextas, um bocadinho antes da hora do almoço, vamos fazer a oração em congregação... “(Shabbir, p.42).

A oração é obrigatória para todos os muçulmanos (homens e mulheres), os que atingiram a puberdade e os que têm plenas faculdades mentais, neste contexto os indivíduos em estudo, não fazem as orações diárias. As raparigas não fazem as orações nem frequentam a Mesquita, estando este facto relacionado com o cumprimento de normas religiosas, morais e socioculturais.

Quadro Nº 16

O colégio – Espaço de reconhecimento e de integração – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Identidade/ Grupo</b>	<b>O colégio</b> <b>1- Como espaço de reconhecimento da pertença religiosa</b>	<p>“Gosto ...é muito bom para mim... porque é uma escola que tem a ver com a minha religião.” (Khadiza, p.2)</p> <p>“Porque aqui tem o português e também tem a minha religião, coisas da minha religião.” (Khadiza, p.4)</p> <p>“ E, e o meu pai achou que era uma coisa boa, então eu vou estar aqui nesta escola...”(Khadiza, p.4)</p> <p>“... andar neste colégio é andar por uma boa causa. É... Para aprender coisas, não é?” (Khadiza, p.4)</p> <p>“ Coisa como o português e também e também da minha religião” (Khadiza, p.4)</p> <p>“...a minha religião, porque preciso muito, também... Preciso de aprender.” (Khadiza, p.4)</p> <p>“É bom. Por causa dos amigos, por causa das pessoas, por causa de estudar, os professores são bons. E mais...</p>	

	<p><b>2- Como espaço de integração</b></p>	<p>Gosto e é bom.” (Ruksar, p.7)  “É estudar... o meu pai meteu-me aqui por causa da minha religião” .” (Ruksar, p.9)  “... mesmo por causa da religião. Ando neste colégio porque posso estudar a minha religião.” (Ruksar, p.10)  “...eu pensei em estudar aqui nesta escola, porque nas escolas de Moçambique não são muito educadas. Como se diz, drogas, naquelas escolas eram assim, aqui não, e gosto de cá estar.” (Ruksar, p.11)</p> <p>“Porque é Islâmico” (Maryeem, p.14)  “... eu também gosto dos professores, das amigas” (Maryeem, p.14)</p> <p>“Não [gosto].” (Iman, p. 20)  “ Porque é muito rigoroso, tem muitas regras, e eu acho que nós não fazemos nada.” (Iman, p. 20)  “ Não fazemos desporto.” (Iman, p. 20)  “...eu acho que é mais importante é vir para a escola, porque é p’ra nossa vida” “Porque o meu pai quer.” (Iman, p.23)</p> <p>“ [Se saísse do colégio] ... ia sentir a falta de andar neste colégio, já tenho muitos amigos.” (Khadiza, p.4)  “ [Se saísse do colégio, ia sentir a falta] Eram os amigos, as aulas, os professores...”(Khadiza, p. 5)  “... ia ter outros meninos... mas já não ia ter os amigos que tenho aqui.” (Khadiza, p. 5)</p> <p>“[Se saísse do colégio, ia sentir a falta]...Acho que nada...”(Ruksar, p.11)  “Mas se andasse na escola pública não gostava. Porque há falta de educação. É muito importante a educação.” (Ruksar, p.11)</p> <p>“ [Se saísse do colégio] ...Não, não era a mesma coisa, era muito diferente” (Maryeem, p.17)  “Mas eu nem pensei nisso, gosto muito desta escola.” (Maryeem, p.17)  “[Se saísse do colégio]...Eu não queria ir. Não, não ia.” (Maryeem, p.17)  “ Porque noutra escola é católico, no vestir, tinha que vestir outras roupas.” (Maryeem, p.17)  “Eu não gosto de vestir outras roupas que não são muçulmanas, que a minha religião diz que devemos usar.” (Maryeem, p.17)  “ Eu gosto das coisas muçulmanas.” (Maryeem, p.17)  “ Eu sou muçulmana.” (Maryeem, p.17)  “... tenho que vestir roupas da minha religião e eu gosto.” (Maryeem, p.17)</p> <p>“...dos meus amigos, mais nada.” (Iman, p.25)</p>	<p><b>16</b></p> <p><b>14</b></p>
<p><b>TOTAL</b></p>		<p><b>30</b></p>	

Quadro Nº 17

O colégio – Espaço de reconhecimento e de integração – Sala B

SALA B			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
Identidade/ Grupo	<b>O colégio</b> <b>1- Como espaço de reconhecimento da pertença religiosa</b>	<p>“ [Gosto] mais ao menos... porque não gosto das regras da escola” (Ali, p.28,29),                      “Por causa da religião” (Ali, p.31)                      “... porque só aqui há, aulas e religião.” (Ali, p.31)</p> <p>“ [Gosto] Mais ao menos...”(Paulo, p.35)                      “ Porque não gosto muito dos meus colegas” (Paulo, p.35) “...por causa da religião, porque, há os hadith e assim...” (Paulo, p.37)                      Porque a minha mãe quis me pôr aqui ... por causa da religião” (Paulo, p.37)                      “... foi por causa dos estudos, porque chumbei o ano e por causa da religião...”(Paulo, p.37)                      “... porque aqui posso aprender a religião e lá fora não posso...”(Paulo, p.37)                      “ Eu primeiro pensava que não ia gostar, disse à minha mãe que não queria, mas depois gostei.” (Paulo, p.37)</p> <p>“Gosto. Só quando não podemos jogar à bola é que, é que, não gosto muito.” (Shabbir, p.42)                      “ É assim, gosto de andar, mais ao menos. É p’ra o mais.” (Shabbir, p.42)                      “ Os professores são simpáticos, ensinam bem e não sei mais.” (Shabbir, p.42)                      “Foram os meus pais que quiseram e eu também.” (Shabbir, p.43)                      “Falava com os meus amigos e eles falavam daqui e diziam que era muito bom eu fiquei com curiosidade pedi à minha mãe e a mãe conhece a madressa e vim.” (Shabbir, p.43)                      “ Os meus pais já estavam algum tempo a perguntarem se eu queria ir...” (Shabbir, p.43)                      “É importante por causa da religião... aqui há mais higiene...”(Shabbir, p.44)                      “... os professores são melhores e dão as coisas com mais facilidade, com jogos e nós aprendemos melhor.” (Shabbir, p.44)</p> <p>“ [Gosto] um pouco...”(Umair, p. 49)                      “... É bom, mas eu já estou farto, já estou cá há 4 anos.” (Umair, p. 49)                      “... Eu só ando neste colégio por causa da minha religião é só por isso.” (Umair, p.50)</p>	

	<b>2- Como espaço de integração</b>	Os meus pais querem que ande cá, eu também, pela minha religião.” (Umair, p.50) “ Eu estou cá por causa da religião” (Umair, p.50) “... porque se andasse noutra escola, depois não sei nada.” (Umair, p.50)	<b>24</b>
		“ [Se saísse do colégio ia sentir falta dos] ... amigos. Só os amigos, mais nada.” (Ali, p.31)	
		“ [Se saísse do colégio] ...ia sentir falta das aulas de religião” (Paulo, p.38) “ ... as comidas são diferentes.” (Paulo, p.38)	
		“ [Se saísse do colégio ia sentir falta dos] ... colegas, os professores.” ( Shabbir, p. 45)	
		“ [Se saísse do colégio ia sentir falta dos] ... meus primos, que andam cá. Só, mais nada.” (Umair,p.51)	<b>5</b>
<b>TOTAL</b>			<b>29</b>

Quadro N°18

Distribuição dos significados do colégio – espaço de reconhecimento e de integração – por turma

“O COLÉGIO”					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊNCIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊNCIA	%
Gosta de frequentar o colégio	5	12,8	Gosta de frequentar o colégio	2	6,8
Não gosta de frequentar o colégio	1	2,6	Não gosta de frequentar o colégio	-	-
Gosta de frequentar o colégio” mais ao menos”	-	-	Gosta de frequentar o colégio” mais ao menos”	4	13,8
Frequenta o colégio por causa da religião	9	23	Frequenta o colégio por causa da religião	10	34,5
Frequenta o colégio por causa dos estudos do ensino curricular	6	15,4	Frequenta o colégio por causa dos estudos do ensino curricular	3	10,3
Anda no colégio por uma boa causa (educação)	3	7,6	Anda no colégio por uma boa causa (educação)	-	-
			Anda no colégio porque é		

Anda no colégio porque é muçulmano(a)	2	5,2	muçulmano(a)	-	-
Anda no colégio por causa dos amigos	2	5,2	Anda no colégio por causa dos amigos	-	-
Anda no colégio porque os pais querem	2	5,2	Anda no colégio porque os pais querem	4	13,8
Sair do colégio é sentir a falta dos amigos	4	10,2	Sair do colégio é sentir a falta dos amigos	3	10,3
Sair do colégio é sentir a falta dos professores	1	2,6	Sair do colégio é sentir a falta dos professores	1	3,5
Sair do colégio é indiferente	1	2,6	Sair do colégio é indiferente	-	-
Sair do colégio é tudo pior	3	7,6	Sair do colégio é tudo pior	-	-
Sair do colégio é sentir a falta da religião	-	-	Sair do colégio é sentir a falta da religião	1	3,5
Sair do colégio significa uma alimentação diferente	-	-	Sair do colégio significa uma alimentação diferente	1	3,5
TOTAL	39	100		29	100

Verifica-se, em consonância com o nosso quadro conceptual, que na perspectiva dos alunos, estes frequentam o colégio devido ao ensino da religião e também porque os pais assim o determinaram, como verificamos nas respostas do questionário feito a estes (gráfico nº 4, 34% referiram a escolha do colégio por motivos da “Religião”).

Como qualquer individuo, estes jovens, no seu dia a dia, convivendo com os seus colegas criam laços afectivos.É neste sentido que se expressam deste modo:

“ *[Se saísse do colégio, sentia a falta dos] amigos. Só os amigos, mais nada...*” (Ali, p.30)

E ainda:

“ *[Se saísse do colégio ia sentir falta dos] ... meus primos, que andam cá. Só, mais nada.*” (Umair, p.51)

Quadro Nº19

Grupo de Pertença – Grupo de Referência – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Identidade/ Grupo</b>	<b>Grupo de pertença/ grupo de referência</b>	<p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola queria que ganhasse] ...o meu colégio, porque ando cá.” ( Khadiza, p.5)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola queria que ganhasse] ...o meu colégio, porque ando cá.” ( Khadiza, p.5)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola] ...Claro que queria que ganhasse o colégio. Porque são os meus colegas.” (Maryeem, p.19)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola queria que ganhasse] ...os alunos do meu colégio...- Porque ando no colégio.” (Iman, p.26)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola islâmica queria que ganhasse] ...Os alunos do colégio Islâmico, porque são meus colegas e ando cá.” (khadiza, p.5)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola islâmica queria que ganhasse] ...Os alunos do Colégio Islâmico de Palmela, porque eu estudo no colégio Islâmico de Palmela.” (Ruksar, p.13)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola islâmica queria que ganhasse] ...o colégio, porque eu sou deste colégio.” (Maryeem, p.19)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola islâmica queria que ganhasse] ...Os meus colegas... Porque ando cá.” (Iman, p.26)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu país e outro país muçulmano, queria que ganhasse] ...não sei. Mas em Bangladesh são muçulmanos.” (Khadiza, p.5)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu país e outro país muçulmano, queria que ganhasse] ...Um grupo de pessoas muçulmanas, porque não devemos ser racistas.” (Ruksar, p.13)</p>	

		<p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu país e outros países muçulmano, queria que ganhasse] ...As pessoas dos países, sem ser do meu país... Porque eu sou islâmica, antes de tudo, eu sou islâmica.” (Maryeem, p.19)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu país e outro país muçulmano, queria que ganhasse] ...Gostaria que fosse as pessoas do meu país, porque gosto mais, são as pessoas do meu país.” (Iman, p.27)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre um grupo muçulmano português e um outro muçulmano de outro país, queria que ganhasse] ...De Portugal. Porque vivo cá.” (Khadiza, p.5)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu país e outros países muçulmano, queria que ganhasse] ...Prefiro um empate, porque tenho ligações com os dois países.” (Ruksar, p.13)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu país e outros países muçulmano, queria que ganhasse] ...De Portugal, porque, porque eu estou a estudar no, neste país e vivo cá” (Maryeem, p.19)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu país e outros países muçulmano, queria que ganhasse] ...As pessoas do meu país, porque gosto mais.” (Iman, p.27)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre Portugal e outro país, queria que ganhasse] ...De Portugal. Porque estou cá.” (Khadiza, p.5)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre Portugal e outro país, queria que ganhasse] ...Não sei. Mas poderiam dos outros países serem da minha religião.” (Ruksar, p.13)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre Portugal e outro país, queria que ganhasse] ...De Portugal, eu agora vivo cá, e estudo, por isso tenho que escolher Portugal.” (Maryeem, p.19)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre Portugal e outro país, queria que ganhasse] ...De Portugal, porque comecei a gostar de Portugal” (Iman, p.27)</p>	<p>20</p>
--	--	--	-----------

Quadro N°20

Grupo de Pertença – Grupo de Referência – Sala B

<b>SALA B</b>			
<b>CATEGORIAS</b>	<b>SUB-CATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
<b>Identidade/ Grupo</b>	<b>Grupo de per- tença/ grupo de referência</b>	<p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola queria que ganhasse] ...O colégio, porque estou cá.” (Ali, p.32)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola queria que ganhasse] ...Os alunos do colégio, porque é a minha escola.” (Paulo, p.39)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola queria que ganhasse] ...Os alunos do meu colégio. Porque nunca vi o nosso colégio a ganhar um jogo.” (Shabbir, p.46)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola queria que ganhasse] ...Os alunos de cá... Porque ando cá.” (Umair, p.52)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola islâmica queria que ganhasse] ...O meu colégio, porque ando cá.” (Ali, p.32)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola islâmica queria que ganhasse] ...Os alunos do meu colégio, porque eu gostaria que toda a gente visse a nossa escola como uma boa escola.” (Paulo, p.39)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola islâmica queria que ganhasse] ...O meu colégio, para que a nossa escola fosse respeitada.” (Shabbir, p.46)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu colégio e outra escola islâmica queria que ganhasse] ...Os meus colegas. Porque ando nesta escola.” (Umair, p.5)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu país e outro país muçulmano, queria que ganhasse] ...As pessoas muçulmanas, porque são da minha religião.” (Paulo, p.39)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu país e outro país muçulmano, queria que ganhasse] ...Queria que ganhasse o grupo de pessoas muçulmanas, porque para</p>	

		<p>mim o Islam é mais importante.” (Shabbir, p.46)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre o meu país e outro país muçulmano, queria que ganhasse] ...O grupo dos outros países, porque são da minha religião.” (Umair, p.52)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre um grupo muçulmano português e um outro muçulmano de outro país, queria que ganhasse] ...Talvez o português...” (Ali, p.32)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre Portugal e outro país, queria que ganhasse] ...talvez Portugal, porque... porque vivo cá.” (Ali, p.32)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre Portugal e outro país, queria que ganhasse] ...Os portugueses, porque devemos respeitar as outras religiões como eles devem respeitar os muçulmanos.” (Paulo, p.39)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre Portugal e outro país, queria que ganhasse] ...Dos outros países, porque não é justo que outros países não ganhem, se forem bons.” (Shabbir, p.46)</p> <p>“ [Se houvesse um concurso entre Portugal e outro país, queria que ganhasse] ...Portugal... Não sei, talvez porque... vivo aqui.” (Umair, p.52)</p>	<b>16</b>
--	--	--	-----------

Quadro Nº 21

Distribuição dos significados do grupo de pertença e grupo de referência – por turma

SIGNIFICADOS DO GRUPO DE PERTENÇA E GRUPO DE REFERÊNCIA					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊN- CIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊN- CIA	%
Preferência pelo grupo de pertença (colégio)	8	40	Preferência pelo grupo de pertença (colégio)	8	50
Identidade nacional- preferência pelo grupo do seu país	2	10	Identidade nacional -preferência pelo grupo do seu país	-	-
Preferência pelo grupo de referência	5	25	Preferência pelo grupo de referência	4	25
Preferência pelo grupo de pertença religiosa	2	10	Preferência pelo grupo de pertença religiosa	3	19
			Indecisão de preferência	-	-

Indecisão de preferência	2	10	Prefêrência por um outro grupo	1	6
Prefêrência por um outro grupo	1	5			
TOTAL	20	100		16	100

Como já foi referido, as crianças que frequentam o colégio são na sua maioria de nacionalidade portuguesa, contudo os sujeitos de estudo são maioritariamente de outras nacionalidades. No âmbito desta sub-categoria, é notória a pertença ao grupo dos alunos do colégio. Segundo Tajfel (1981):

*“O número e variedade de situações sociais que o indivíduo vai considerar relevantes, de alguma maneira, para a sua pertença ao grupo aumentarão em função de: (1) a clareza da sua consciência de que é membro dum determinado grupo; (2) a grandeza das avaliações positivas ou negativas associadas a essa pertença; e (3) a grandeza de investimento emocional na consciência e avaliações”* (p.272)

Constatámos deste modo que se houvesse um concurso entre o colégio Islâmico de Palmela e outra escola queriam que ganhasse:

*“Os alunos do meu colégio. Porque ando cá.”* (Khadiza, p.5)

*“ Os alunos do meu colégio. Porque eu estudo no colégio Islâmico dePalmela.”* (Ruksar, p.13)

*“Os alunos do meu colégio. Porque nunca vi o nosso colégio a ganhar um jogo.”* (Shabbir, p.46)

*“ Os alunos do meu colégio. Porque eu gostaria que toda a gente visse a nossa escola como uma boa escola.”* (Paulo, p.39)

*” Os alunos do meu colégio. Porque para que a nossa escola fosse respeitada.”* (Shabbir, p.46)

A observação do quadro nº21 revela ainda a preferência pelo grupo do país receptor (grupo de referência). As principais razões apontadas pelos entrevistados para esta preferência foram:

*“De Portugal. Porque vivo cá.”* (Khadiza, p.5)

*“De Portugal, eu agora vivo cá, e estudo, por isso tenho que escolher Portugal.”* (Maryeem, p.19)

“De Portugal, porque comecei a gostar de Portugal” (Iman, p.27)

“Os portugueses, porque devemos respeitar as outras religiões ...” (Paulo, p.39)

## 2- ATRIBUTOS RELACIONAIS/ VIVÊNCIAS DOS ALUNOS

Construímos esta categoria através de três sub-categorias que encontramos através da análise dos indicadores:

- Actividades lúdicas/ Tempos livres
- Relação de amizade
- Relação social: - Colegas  
-Colegas não muçulmanos

Em relação às “ Actividades lúdicas”, encontramos os seguintes indicadores:

Quadro Nº22

Actividades Lúdicas – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Atributos relacionais/ Vivências dos alunos</b>	<b>Actividades lúdicas</b>	<p>“ Então estudo... quando tenho tempo brinco com as minhas amigas e, e arrumo a casa e... vou passear (Khadiza,p.1)</p> <p>“.... falo com as minhas amigas, brinco com elas... O que gosto mais é jogar à bola...Jogamos...as meninas”(khadiza, p.3)</p> <p>“Fazendo actividades, a estudar... vou passear, estou com os meus pais, vou a casa dos meus avós, vou a</p>	

		<p>casa da minha família... Habitualmente fico a estudar... por vezes fico na cozinha, pois gosto de cozinhar também” (Ruksar, p.7)</p> <p>“...brinco com elas... converso sobre coisas secretas... Jogo, brinco, jogo futebol, e estudo... Quando tenho testes, estudo”(Ruksar, p.8)</p> <p>“Vou passear, cozinhar, estudar... gosto mais de cozinhar e... também gosto de estudar” (Maryeem, p.14)</p> <p>“Jogamos à bola... Comemos e, jogamos e, falamos... sobre as aulas”(Maryeem, p.15,16)</p> <p>“Estudo, vejo televisão...vou passear ao parque...” (Íman, p.20)</p> <p>“...brinco com a Inês e com a Carolina...As vezes brincamos outras vezes só falamos... Sobre a escola, sobre as notas...” (Iman,p.22,23)</p>	<b>8</b>
--	--	---	----------

Quadro N° 23

Actividades Lúdicas – Sala B

<b>SALA B</b>			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Atributos relacionais/ Vivências dos alunos</b>	<b>Actividades lúdicas</b>	“Estudo, às vezes brinco... jogar às cartas”,” Jogo, xadrez com o pai, com a mãe, com o tio... Basquet e futebol... É que tenho um campo de basquet ao pé de mim e um parque p’ra jogar à bola” (Ali, p.28,30)	

		<p>“No recreio brincamos, descansamos e jogamos” (Ali, p.31)</p> <p>“Jogo à bola com os meus amigos que moram ao pé de mim, playstation” (Paulo, p.34)</p> <p>“Jogamos à bola...Jogo futebol e às vezes jogo matraquilhos...Falamos pouco, só do que vamos brincar” (Paulo, p.36)</p> <p>“Brinco, estudo com os meus amigos... Jogo à bola “;”Jogo playstation, vejo televisão “,(Shabbir, p.41)</p> <p>“Jogamos à apanhada quando não temos bola, jogamos à bola... jogamos matraquilhos, jogamos às vezes basquet” (Shabbir, p.43)</p> <p>”...quando estou em casa com a mãe, ajudo-a. Ajudo a lavar a loiça, às vezes quando faz bolos eu ajudo “(Shabbir, p.45)</p> <p>“Estudo, vou brincar lá fora com os meus amigos...Jogamos à bola... Gosto de fazer Matemática... Ajudo a levar as coisas para casa” (Umair, p.47,48)</p> <p>“Jogo à bola... jogo matraquilhos e jogo basquet” (Umair, p.50)</p>	<p>9</p>
--	--	--	----------

Quadro Nº 24

Distribuição dos significados das actividades lúdicas/ tempos livres – por turma

ACTIVIDADES LÚDICAS/TEMPOS LIVRES					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊN- CIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊN- CIA	%
Estudar	4	19	Estudar	3	17,6
Brincar com os amigos	4	19	Brincar com os amigos	4	23,5
Passear	3	14,3	Passear	2	11,8
Jogos desportivos	3	14,3	Jogos desportivos	4	23,5
Conversar	3	14,3	Jogos didácticos/áudio- -visuais	2	11,8
Jogos didácticos/áudio- -visuais	1	4,8	Actividades domésticas	2	11,8
Actividades domésticas	3	14,3			
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>	<b>100</b>		<b>17</b>	<b>100</b>

Entende-se por actividades lúdicas todas as situações ou acções que comportem em si mesmas, actividades de jogo ou brincadeiras susceptíveis de serem experimentadas e ao mesmo tempo vividas tanto por crianças como por adultos. As Actividades Lúdicas satisfazem as necessidades de novas experiências.

Como qualquer jovem, independentemente da sua religião ou cultura, estas actividades afiguram-se como importantes:

“...*Jogo playstation, vejo televisão...*” (Shabbir, p.41)

Elas são um processo de crescimento, mesmo no campo do saber como se verifica nas respostas dos entrevistados:

“ *Estudo...*” (kadhiza, p.1; Ruksar, p. 7; Maryeem, p.14; Íman, p. 20; Ali, p.28; Shabbir, p. 41)

Verificámos também que as Actividades Lúdicas são sentidas como essenciais, tanto a nível relacional com os amigos:

“...*falo com as minhas amigas, brinco com elas...*” (Kadhiza, p.3)

“*Jogamos à apanhada ...*” (Shabbir, p.43)

“...vou brincar lá fora com os meus amigos...Jogamos à bola... jogo matraquilhos e jogo basquet... ” (Umair, p.47,50)

E também com a família:

“...arrumo a casa ...” (Khadiza, p.1)

“...gosto mais de cozinhar ...” (Maryeem, p.14)

“...Jogo xadrez com o pai, com a mãe, com o tio...” (Ali, p.28)

“...quando estou em casa com a mãe, ajudo-a. Ajudo a lavar a loiça, às vezes quando faz bolos eu ajudo...” (Shabbir, p.45)

Quadro N°25

Relação de amizade – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Atributos relacionais/ Vivências dos alunos</b>	<b>Relação de amizade</b>	<p>“A minha melhor amiga é aquela que faltou hoje. É a Berth... gosto dela, é a minha amiga... ela também acha que eu sou uma boa amiga para ela. Ela confia em mim, eu confio nela. Ela é de cá de Portugal... quando nós vimos para a escola, quando vamos apanhar a carrinha, vimos no metro juntas”(Khadiza,p.3</p> <p>“Tenho mais [amigas] nesta aula.” (Khadiza, p.3)</p> <p>“...os amigos do meu pai também tem filhos, então eles trazem, o meu pai liga, então eles trazem os filhos e as filhas, então, eu conheço-os” (Khadiza, p.3)</p> <p>“...em Odivelas [tenho] uma amiga é a minha melhor amiga... Ela é da mesma religião, mas ela só que, acredita em mitos e nós não acreditamos, é um bocadinho diferente... Ela é Ismaelita” (Ruksar, p.8)</p> <p>“...aqui na escola tenho, sou amiga de todas não tenho a melhor amiga mas tenho umas mesmo boas, que é a Berth e a Maryeem ... Elas são as minhas melhores amigas cá no colégio”( Ruksar, p.8)</p> <p>“...Mas tenho outros amigos fora daqui” (Ruksar, p.8)</p> <p>“A melhor amiga ... aqui na escola é Ruksar e Berth ... quando eu tive dificuldades em estudar, ajudaram-me...” ( Maryeem, p.15)</p>	

		<p>“...[tenho no colégio] aí umas cinco ou seis [amigas]”                  ...[fora do colégio] também tenho muitas amigas. São paquistanesas. Vivem ao pé de mim...”( Maryeem, p.15)                  “... não tenho amigas portuguesas” (Maryeem, p.15)</p> <p>“No colégio tenho [amigas] ... mas aqui ao pé de casa não...”                  “Eu não tenho melhores amigas... São todas minhas amigas.” “                  Mas ando mais com a Inês e a Carolina [não são muçulmanas] ... dou-me melhor com elas...”                  “...as outras amigas... falam de religião, e não falam de mais nada, e a Carolina e a Inês como são de outra religião, então nós falamos de coisas diferentes” (Iman, p.21,22)</p>	<b>14</b>
--	--	---	-----------

Quadro N°26

Relação de amizade – Sala B

<b>SALA B</b>			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<p><b>Atributos relacionais/ Vivências dos alunos</b></p>	<p><b>Relação de amizade</b></p>	<p>“O amigo de lá fora... É o André... Mora longe... conheci-o na escola quando andava no segundo ano e ele também andava e ficámos amigos...”( Ali, p.30)                  “ [No colégio] É quase toda a turma, mas gosto do Adil ...” (Ali, p.30)                  “ [Fora do colégio, os amigos] são mais do que no colégio... nenhum deles é islâmico... Porque são simpáticos, não batem, não gozam.” (Ali, p.30)</p> <p>“ [O melhor amigo] É o Adil... Porque gosto dele, sou parecido com ele... damos bem um com o outro... o Ali também me dou bem com ele” (Paulo, p.36)</p> <p>“Só alguns [amigos] é que andam [no colégio] ... Um anda no 9º ano e outro anda no 3º...” (Shabbir, p.41)                  “...Um é lá dó pé de mim, é meu vizinho, chama-se David ele é cristão, e tem dez anos o outro chama-se Nelson e também é cristão e tem treze anos.” (Shabbir, p.41)                  “...[O melhor amigo no colégio] é o Muaaz...” (Shabbir, p.43)                  “...Tenho também os meus amigos sem serem daqui...”</p>	

	<p>São ali da outra escola [1º ciclo].” (Shabbir, p.43)                  “...Tenho também os meus amigos sem serem daqui, mas mais chegados são dois.” (Shabbir, p.43)</p> <p>“... [tenho muitos amigos]. São outros. São de cá, são portugueses [Não muçulmanos] ” (Umair, p.47)                  “...[amigos do colégio] ... é o Muaaz... às vezes divertimo-nos muito... É das conversas. Falamos de coisas para rir...” (Umair, p.50)                  “...Tenho muitos amigos, alguns são doutras turmas e também dos alunos do 1º ciclo, dou-me bem com todos...” (Umair, p.50)                  “.... E fora do colégio também tenho muitos amigos.” (Umair, p.50)</p>	<b>13</b>
--	---	-----------

Quadro Nº 27

Distribuição dos significados da relação de amizade – por turma

RELAÇÃO DE AMIZADE					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊNCIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊNCIA	%
Amigos, na turma	5	42	Amigos, na turma	4	22
Amigos no colégio sem serem da turma	-	-	Amigos no colégio sem serem da turma	5	28
Amigos no colégio, não muçulmanos	2	17	Amigos no colégio, não muçulmanos	-	-
Amigos, sem serem do colégio	4	33	Amigos, sem serem do colégio	6	33
Amigos, sem serem do colégio, não muçulmanos	1	-	Amigos sem serem do colégio, não muçulmanos	3	17
	-	8			
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>100</b>		<b>18</b>	<b>100</b>

Os amigos são essenciais para qualquer jovem.

Segundo Gesell (1978), a capacidade de fazer amizades difere de jovem para jovem, e está dependente do sexo, idade e do ambiente sócio-cultural em que está inserido.

Os alunos participantes no nosso estudo valorizam a amizade que têm pelos seus pares:

“...gosto dela...ela confia em mim e eu confio nela...” (khadiza, p.3)

*“brinco [com ela]... vamos ao parque, converso sobre coisas secretas...”* (Ruksar,p.8)

O grupo de amigos é geralmente constituído por elementos da mesma idade ou próximas *[um amigo] tem dez anos, o outro...tem treze anos...*” (Shabbir, p.43)

A escolha dos elementos, na formação do grupo de amigos, é talvez, influenciada pelo local onde residem, não pertencendo os amigos à mesma cultura e religião:

*“ [Fora do colégio, os amigos] são mais do que no colégio... nenhum deles é islâmico...”* (Ali, p.30)

*“...chama-se David ele é cristão... o outro chama-se Nelson e também é cristão...”* (Shabbir, p.41)

, *“... o amigo[ é ] lá de fora...mora longe...fazemos muitas coisas juntos, jogamos às cartas...”* (Ali, p.30)

*“...[os amigos moram] ao pé de mim, é meu vizinho...e o outro também...”* (Shabbir, p.43)

*“ ...São de cá, são portugueses...”* (Umair,p.47)

*“... Também tenho muitas amigas. São paquistanesas. Vivem ao pé de mim...”* (Maryeem, p.15)

No contexto escolar, os sujeitos em estudo formam e convivem na maioria com jovens muçulmanos:

*“...A melhor amiga...aqui na escola é Ruksar e Berth...quando tive dificuldades em estudar, ajudaram-me...”* (Maryeem, p.15)

Porém também formam amizades com os colegas não muçulmanos, valorizando esta relação de amizade:

*“...a Carolina e a Inês são de outra religião, então falamos de coisas diferentes”* (Iman, p.22)

Verificámos que a composição do grupo de amigos dos participantes é constituído por elementos que não frequentam o colégio. Constatámos que os alunos da sala A (raparigas) têm uma relação de amizade maioritariamente com colegas da turma, podendo este fenómeno estar relacionado com o convívio diário com estes elementos da turma e ser também reflexo da educação familiar, em que há uma maior protecção em relação às raparigas, não aceitando o relacionamento com elementos fora do âmbito familiar.

Quadro Nº 28

Relação Social – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Atributos relacionais/ Vivên cia dos alunos</b>	<b>Relação Social:</b> <b>1) Os colegas</b>	<p>“...alguns são chatos... Mas gostos de todos. Gosto de todos... porque eu não gosto de zangar-me com ninguém. Não quero arranjar problemas. Nem nada...”(Khadiza,p.3)</p> <p>“...são bem-educados. São bons e andam na religião deles [colegas do Paquistão]. Falam menos.”(Khadiza, p.4)</p> <p>“...Gosto (pausa) Hum... nem todos.” (Ruksar, p.9)</p> <p>“Porque há outros que são diferentes, não sabem responder às perguntas, ou quando perguntamos alguma coisa, eles respondem de qualquer maneira, como se não ligassem... elas, talvez, assim, elas fazem as actividades e nós pedimos para participar elas não deixam, são teimosas, esquisitas, e...”(Ruksar, p.9)</p> <p>“...Sim...gosto... [dos colegas da turma] ...”(Maryeem,p.16)</p> <p>“...Gosto... gosto (da) Ruksar e Berth... porque sim...” ( Maryeem, p.16)</p> <p>“...Gosto menos dos rapazes, mas também de algumas raparigas” (Íman, p.22)</p> <p>“...Porque ela (refere-se a uma colega) é um pouco chata e porque não sei, se por exemplo ela está a pedir uma coisa, está sempre a pedir outra vez, outra vez e outra vez.” ( Íman, p.22)</p> <p>“Porque são barulhentos [rapazes] e, e falam disparates, falam de carros falam de coisas que eles gostam.” (Iman, p.22)</p> <p>“...“Não falo com elas [colegas mais velhas], porque... não me dizem nada...”( Íman, p.24)</p> <p>“...[Gosto] Mais ou menos [colegas de outras nacionalidades] ...” (Íman, p.24)</p>	<p style="text-align: center;"><b>11</b></p>
	<b>2) Os colegas não muçulmanos</b>	<p>“Concordo. Também podem andar outros... porque aqui, os outros que também querem aprender, podem vir.”( Khadiza, p.4)</p> <p>“ Não é preciso serem muçulmanos. Se não querem</p>	

		<p>ser, não são, se quiserem podem ser.” (khadiza, p.4)</p> <p>“...a religião não interessa para eles. Também tem o direito de estudarem.” (Ruksar, p.9)</p> <p>“ Eu concordo com isso. Não há nenhum problema. Eles também são pessoas.” ( Ruksar, p.9)</p> <p>“ Eles podem estar neste colégio porque o colégio é de todos. Não é verdade? O colégio dá para todo ... é bom ser de todos.” (Ruksar, p.9)</p> <p>“Sim [deviam andar só alunos muçulmanos] ... por causa da religião.”( Maryeem, p.16)</p> <p>Mas também pode ser. Mas deviam andar só muçulmanos... Porque o colégio é muçulmano... ele é islâmico... por ser islâmico, nós até temos aulas sobre a nossa religião” (Maryeem, p.16)</p> <p>“...dou-me bem com elas. Elas são boas, elas são boas conosco, mas, mas não nos ligam muito. Elas fazem lá o grupinho delas. Nós falamos de religião e elas não...” (Maryeem, p.17)</p> <p>“...Quer dizer aqueles que querem entrar, então pode ser, mas não são islâmicos, não sabem da nossa religião.” (Maryeem, p.17)</p> <p>“...os outros [que] querem ir para este colégio... podem ir, podem ir estudar e trabalhar...”(Íman,p.23)</p> <p>“... é com eles que eu me dou melhor, dou-me melhor com eles do que com as meninas da minha religião.” (Iman, p. 24)</p>	11
TOTAL			22

Quadro Nº 29

Relação Social – Sala B

SALA B			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
Atributos relacionais/ Vivências dos alunos	<p><u>Relação social</u></p> <p>1) Os colegas</p>	<p>“O Paulo goza-me, comigo, chateia-me e é só ele [colega que gosta menos]”(Ali, p.30)</p> <p>“... Acho-os bons [colegas de outras nacionalidades]” (Ali, p.31)</p> <p>“...não gosto muito dos meus colegas...Porque são estúpidos e fazem coisas parvas.”(Paulo, p.35)</p>	

	<p><b>2) Os colegas não muçulmanos</b></p>	<p>“Não simpatizo com os outros... o Ali, também me dou bem com ele, e com os outros, não” (Paulo, p.36)          “ [Convívio com colegas de outras nacionalidade] Dou. Com alguns... Porque são estúpidos. Porque não sabem falar nada, quando estamos a jogar à bola, porque fazem tudo mal, não sabem as regras, e depois jogam mal. E depois há meninos que só pensam mais na religião....” (Paulo, p.38)</p> <p>“Gosto, são simpáticos, são meus amigos, quando eu preciso de ajuda eles ajudam-me.” (Shabbir, p.43)</p> <p>“ [Gosto de] Alguns. Porque os outros estão a chatear nas aulas, falam e não se ouve nada. E depois ficamos de castigo por causa deles.” (Umair, p.50)          “O Paulo fala muito. E eu não oiço nada.” (Umair, p.52)</p> <p>“Porque nesta escola deve haver alunos muçulmanos e não muçulmanos. Para ter lá mais amigos e p’ra ter lá, e saber mais da religião deles.” (Ali, p. 31)</p> <p>“Porque o colégio é de todos. E todos têm o direito” (Paulo, p.37)          “ [Convívio com os colegas não muçulmanos] Eu não me dou muito com eles, porque eles tem lá os amigos deles e eu tenho os meus.” (Paulo, p.38)</p> <p>“Eu acho que sim [deviam andar só crianças muçulmanas] como a escola é islâmica, eu, eu quando vim para cá julgava que só haviam miúdos muçulmanos...”( Shabbir,p.43) Porque aqui também as mães estão a pagar e eles não vão da parte da tarde, e como aqui diz escola islâmica também devia ser só islâmicos” (Shabbir,p.44)</p> <p>“Pode haver outros também. Porque são fixes, para se saber como pensam, como fazem.” (Umair, p.50)</p>	<p>9</p> <p>5</p>
TOTAL		14	

Quadro N°30

Distribuição dos significados da Relação Social – por turma

RELAÇÃO SOCIAL					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊNCIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊNCIA	%
Empatia com os colegas	6	26	Empatia com os colegas	4	29
Antipatia com os colegas	3	13	Antipatia com os colegas	4	29
Antipatia com as colegas – raparigas	2	9	Antipatia com as colegas – raparigas	-	-
Antipatia com os colegas – rapazes	2	9	Antipatia com os colegas – rapazes	-	-
Aceitação dos colegas não muçulmanos	7	30	Aceitação dos colegas não muçulmanos	3	21
Rejeição dos colegas não muçulmanos	3	13	Rejeição dos colegas não muçulmanos	3	21
TOTAL	23	100		14	100

O processo de socialização destes jovens é em parte realizado no colégio e no convívio com outros jovens que vivem no local das suas residências, começando deste modo uma interação com pessoas que pertencem ou não à comunidade.

A valoração do colégio como espaço de convivialidade e sociabilidade entre os alunos é notória, apesar de não criarem laços de amizade:

*“...alguns são chatos... Mas gostos de todos...”* (Khadiza, p.4)

*“...Gosto... nem todos... Porque há outros que são diferentes...”* (Ruksar, p.9)

*“Gosto, são simpáticos...”* (Shabbir, p.43)

No que respeita ao convívio com colegas não muçulmanos, os participantes do nosso estudo, aceitam e valorizam a sua permanência no colégio, devido a quase todos eles conviverem diariamente com crianças não muçulmanas, constatámos que os respondentes partilham da mesma opinião, o colégio é um estabelecimento de todos, apesar de verificarmos que a relação existente entre colegas muçulmanos e não muçulmanos difere, privilegiando os elementos da mesma religião:

*“Também podem andar outros... porque aqui, os outros que também querem aprender, podem vir...”* (Khadiza, p.4)

*“...dou-me bem com elas. Elas são boas, elas são boas connosco, mas, mas não nos ligam muito. Elas fazem lá o grupinho delas...”* (Maryeem, p.17)

*“Porque o colégio é de todos. E todos têm o direito... Eu não me dou muito com eles, porque eles tem lá os amigos deles e eu tenho os meus.”* (Paulo, p.37,38)

### 3- IMAGEM DO COLÉGIO

A escola é uma instituição que cuida e defende a sua imagem enquanto escola, e que se preocupa em manter uma imagem “ideal”. É a partir dessa imagem, que os seus alunos se lembrarão da sua escola, futuramente. Tornou-se indispensável saber o modo de como estes alunos vêem o colégio cujo objectivo é o de formar cidadãos, seres capazes de avaliar o mundo presente e cooperar na melhoria de uma sociedade mais justa como foi referenciado pela dr<sup>a</sup> Hana Mateus:

*“Tentamos inculcar nas nossas crianças o tal respeito e conhecimento de valores que elas têm que ter, aqueles pilares básicos que uma criança deve ter para poder crescer. No fundo, as crianças não são mais do que uma flor, são semeadas e nós é que temos que lhes dar tudo para que possam desenvolver e crescer harmoniosamente...”*

Nesta categoria “Imagem do colégio” encontramos cinco sub- categorias:

- Espaço Físico
- Regras: - Regras
  - Separação do género
  - Uso do hijab
  - O uniforme
- Actividades de Aprendizagem: - A importância de aprender
  - Os professores das áreas de ensino curricular
  - Os professores de religião
- Preferências das actividades Escolares
- Aprendizagem do Islão e do Árabe

Quadro Nº31

O Espaço Físico – Sala A

<b>SALA A</b>			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Imagem do colégio</b>	<b>Espaço Físico</b>	<p>“Gosto de tudo... Gosto mesmo de tudo do colégio.” (Khadiza, p.4)</p> <p>“Gosto dele assim, mas podia ser um bocadinho maior. As salas de aula são boas, são grandes” ( Ruksar, p.10)</p> <p>“Gosto desta parte da assembleia é desta parte, porque é a mais bonita do colégio.” ( Ruksar, p.10)</p> <p>“ A assembleia é a parte mais bonita.” ( Ruksar, p.10)</p> <p>“Gosto, porque é bonito”(Íman, p.23)</p> <p>“ ...porque a D. Deodata e, e, e a outra senhora que limpa sempre limpa tudo, há muita higiene” (Íman, p.23)</p> <p>“ [as salas de aula] são limpas” ( Iman, p.24)</p>	<b>8</b>

Quadro Nº 32

O Espaço Físico – Sala B

<b>SALA B</b>			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Imagem do colégio</b>	<b>Espaço Físico</b>	<p>“É bonito e as salas também”(Ali,p.31)</p> <p>“É da entrada, onde se faz a assembleia... Talvez porque passam muitas pessoas, bate o sol”(Ali, p.31)</p> <p>“Os recreios são bons.” (Ali, p.31)</p> <p>“...acho bonito”(Paulo, p.37)</p> <p>“ [As salas de aula] São pequenas. Deviam ser maiores.”(Paulo, p.37)</p> <p>“Gosto de lá fora... Do campo de futebol.” (Paulo, p.37)</p> <p>“Gosto muito do colégio, é diferente, do que uma oficial, e mais nada.” (Paulo, p.40)</p>	

		<p>“Gosto, por fora e por dentro vê-se logo que é muito grande.”(Shabbir, p.44)</p> <p>“É do outro lado de lá (parte das crianças do 1º ciclo), lá tem baloiços, sim do outro lado, há o recreio, porque na minha outra escola quando não podia brincar à bola, andava nos baloiços.” (Shabbir, p.44)</p> <p>“Gosto.”(Umair, p.50)</p> <p>“ A sala que gosto mais é a sala de EVT.” ( Umair, p.50)</p> <p>“Tá tudo bem assim” (Umair, p.52)</p>	<b>12</b>
--	--	---	-----------

Quadro Nº 33

Distribuição dos significados do Espaço Físico – por turma

ESPAÇO FÍSICO					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊN- CIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊN- CIA	%
Gosta do colégio	3	34	Gosta do colégio	4	33,3
É bonito	1	11	É bonito	2	16,7
Muita higiene	2	22	Muita higiene	-	-
Preferência pela Assembleia	2	22	Preferência pela Assembleia	1	8,3
Preferência pelas salas de aula	1	11	Preferência pelas salas de aula	2	16,7
Preferência pelos recreios/ campos desportivos	-	-	Preferência pelos recreios/ campos desportivos	3	25
<b>TOTAL</b>	<b>9</b>	<b>100</b>		<b>12</b>	<b>100</b>

*“O território do grupo significa um espaço físico onde têm lugar todos os membros do grupo e representa o conforto... proporcionado aos membros do grupo por tal espaço”*( Barreiros, 1996: 46)

A instituição educativa é uma estrutura socialmente instituída e quando nos ocupamos dela devemos antes do mais, considerar como dados reais, os alunos e as situações em que actuam. A “ escola” relaciona-se com o sistema social, com estrutura e “meio envolvente”, detém o “ poder cultural” e é o veículo de determinados valores. Verificámos deste modo,

através das entrevistas, que estes jovens gostam de todo o espaço envolvente, contudo, preferem um espaço, que é comum a todos – a “Assembleia”, espaço de encontro, de transmissão de valores da religião e de cidadania:

“A assembleia é a parte mais bonita.” (Ruksar, p.9)

A Assembleia é o local de encontro de todos os alunos do colégio, todos os dias às 8.30 horas, conforme informação da dr<sup>a</sup> Hana:

“...todos os dias no início das aulas têm uma palestra. Ficam todos em fila no hall [assembleia] e, essa palestra, às 8.30 é dada pelo Sheik Ismael. Fala de cidadania, respeito, limpeza, de tudo...”

Quadro N° 34

Regras – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
Imagem do colégio	<b>Regras</b> <b>1) As regras</b>	” Acho que nas escolas públicas não há tanta educação... As regras daqui são muito boas, e devem ser sempre assim.” (Ruksar, p.11)  “...é muito rigoroso, tem muitas regras... [a escola na Bósnia] É diferente daqui... (Iman, p.20)	2
	<b>2) Separação do género</b>	“ [Recreios separados] ...na religião os rapazes não devem ver muito as mulheres, não devem ver muito a cara das mulheres, devem estar separados.” (khadiza, p.3) “ Então, maulana diz que as raparigas devem estar num lado e os rapazes num outro lado.” (khadiza, p.3)	2
	<b>3) Uso do hijab</b>	“Mas o véu acho muito quente faz muito calor e eu não estou habituada com os lenços na cabeça.”(Ruksar, p.10) “ Eu não uso fora daqui. Na minha família usam, mas eu não estou muito habituada, porque na escola [Maputo] eu não usava...” (Ruksar, p. 10) “...aqui é obrigatório usar... Eu quando tiro a	

		<p>professora diz” Põe isso, já!...” (Ruksar, p. 10)</p> <p>“Nós não podemos andar sem a cabeça tapada [uso do hijjab], porque o nosso Profeta diz que não podemos mostrar os cabelos, e por isso não podemos usar os cabelos à mostra...”(Maryeem, p.18)</p> <p>... Não gosto de usar [hijjab] ... (Iman, p.23)</p> <p>“...Porque se viesse sem o hijjab eu acho que me diziam qualquer coisa e se viesse os meus amigos também começavam a falar...”(Iman, p.23)</p> <p>“... a madressa também se ia zangar...”(Iman, p.23)</p> <p>“... eu acho que os rapazes e as raparigas iam falar” (Iman, p.23)</p> <p>”[Na minha terra] por exemplo as raparigas não precisam de usar véu” (Iman, p.26)</p>	9
	<b>4) O uniforme</b>	<p>“ Gosto [do uniforme] ” (khadiza, p.4)</p> <p>“Eu gosto [de usar o uniforme].” (Ruksar, p. 10)</p> <p>“...aqui é obrigatório usar, andar toda tapada.” (Ruksar, p. 10)</p> <p>“...Gostava de usar as minhas roupas.” (Ruksar, p. 10)</p> <p>“Sim eu gosto [de usar o uniforme] ... não fazem [calor] sinto-me bem com elas.” (Maryeem, p.17)</p> <p>” Gosto desta roupa, não quero mudar” (Maryeem, p.17)</p> <p>“Não [gosto de usar o uniforme] ...Eu acho que [está] muito calor no Verão...”(Iman, p.23)</p> <p>“ [Na minha terra] por exemplo as raparigas... usam calças de ganga e assim.” (Iman, p.26)</p>	8
<b>TOTAL</b>			<b>21</b>

Quadro Nº 35

Regras – Sala B

<b>SALA B</b>			
<b>CATEGO – RIAS</b>	<b>SUB-CATEGORIAS</b>	<b>INDICADORES</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
<b>Imagem do co-légio</b>	<b><u>Regras</u></b> <b>1) As regras</b>	<p>“...não gosto das regras da escola. Porque não podemos jogar à bola.” (Ali, p. 29)</p> <p>“As regras. Temos que cumprir tudo... É bom, mas eu já</p>	

	<b>2) Separação do gênero</b>	estou farto...” (Umair, p.49) “Os recreios são separados. Os meninos estão num lado e as meninas num outro... Separados.” (Ali, p.31) “ Porque às vezes eles namoram. Aqui há pessoas que namoram, sim há namorados, mas os professores não sabem.” (Ali, p.31) “Eu não acho bem... não sei, mas está bem assim.” (Ali, p.31)	<b>2</b>
	<b>3) O uniforme</b>	“Eu, na outra escola, estávamos todos juntos e agora não estão.” (Paulo, p. 36) Gosto mesmo de usar o uniforme.” (Shabbir, p.44) Não [gosto de usar uniforme]. Porque estou farto de usar. Na minha terra também se usava o uniforme.(Umair, p.51)	<b>4</b>  <b>2</b>
<b>TOTAL</b>			<b>8</b>

Quadro N° 36

Distribuição dos significados das regras – por turma

REGRAS					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊNCIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊNCIA	%
Gostam das regras do colégio	1	5	Gostam das regras do colégio	-	-
Não gostam das regras do colégio	1	5	Não gostam das regras do colégio	2	29
Aceitação da separação de gênero	2	10	Aceitação da separação de gênero	3	43
Valorização do uso do uniforme	4	20	Valorização do uso do uniforme	1	14
Desvalorização do uso do uniforme	4	20	Desvalorização do uso do uniforme	1	14
Uso do hijab, significado de respeito pela religião	1	5			
Desvalorização do uso do hijab	7	35			
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>100</b>		<b>7</b>	<b>100</b>

Tanto da parte dos alunos como dos pais, há um reconhecimento do papel fundamental do colégio, contudo estes jovens associam as regras do colégio, a aspectos negativos:

*“...é muito rigoroso, tem muitas regras...”* (Iman, p.20)

*“Temos que cumprir tudo...”* (Umair, p.49)

Alguns pais desejariam que algumas regras fossem alteradas:

*“Devia-se tirar algumas regras.”*

*“...as regras devem ser adaptadas a cada criança”, “Acho que é muito baseado na religião, deveria ser mais generalizado”*

Segundo o Sheik Ismael, os pais das crianças, apesar de não concordarem com algumas regras, são informados do regulamento do colégio:

*“Logo de início, deixamos as coisas claras, com os pais... é uma mensagem que os pais aceitam e com a qual concordam, caso contrário é difícil os pais colocarem cá as crianças...”* (Sheik Ismael, p.3)

Também a directora pedagógica fez referência às regras do colégio:

*“...Eles são obrigados a seguir as regras, de saber estar numa aula...os castigos que damos são de carácter cívico...Os pais reagem bem...são os primeiros a dizer...vocês é que os têm de educar...”* (Dr<sup>a</sup> Hana Mateus)

No Islam a congregação livre entre homens e mulheres (excepto em caso de necessidade) não é aceitável, deste modo, também não é aceite uma educação mista, porque é contra os princípios do Islão. As crianças deveriam frequentar uma instituição de ensino, fosse ou não religiosa, conjuntamente até à idade da puberdade, depois desta idade deveriam ter aulas separadamente. Questiona Sheik A. Mohamad:

*“Como é que uma instituição educacional pode funcionar igualmente para rapazes e meninas, e fazer provisão adequada para o treinamento da mulher nas artes e ramos da sabedoria que são necessários para o seu futuro como mãe?”* (2002:87)

Dada a intensificação das relações com a sociedade portuguesa e também a aceitação das normas da sociedade em que vivem, constatámos que as aulas lectivas são dadas conjuntamente aos dois sexos, isto é, o ensino do 1º, 2º e 3º ciclos, as turmas são mistas e todas as disciplinas são leccionadas por professores e por professoras. Após a puberdade as aulas de Educação Física, e as disciplinas de carácter religioso, são formadas por turmas de

indivíduos do mesmo sexo e são leccionadas por professores do sexo correspondente ao da turma. Os recreios e os refeitórios são feitos separadamente.

A análise efectuada à separação de género é pouco relevante para os alunos, porém os pais destes jovens não são igualmente objecto do mesmo tipo de opiniões:

*“Gostaria de sugerir que os intervalos voltassem a ser conjuntamente partilhados por rapazes e raparigas. Na nossa sociedade, fora do colégio, nas aulas, rapazes e raparigas estão juntos. Por isso, não compreendo a separação nos tempos livres entre as aulas.”*

E ainda:

*“A única coisa que gostaria de mencionar sem ir contra as regras do colégio é o facto dos alunos e alunas não fazerem educação física juntos e não fazerem as refeições no mesmo espaço, independentemente de ser um motivo cultural e religioso, acho que partilharem essas actividades, etc., só lhes faria bem.”*

A separação de género foi-nos justificada pela dr<sup>a</sup> Hana Mateus:

*“Da parte da manhã [as turmas] são mistas, e da parte de tarde, as aulas de religião, a partir da puberdade, os rapazes têm aulas separadas das raparigas. A criança tem várias etapas de crescimento, não podemos passar por cima de uma dessas etapas. É o que acontece lá fora. O “queimar” de uma etapa reflecte-se na criança mais tarde, na sua maneira de estar. De ver as coisas...de agir em tudo...é o que tentamos evitar no nosso colégio...”*

No caso particular do nosso estudo, interessou-nos o abordar do uso do hijab.

*“...que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atractivos, ...”* (Alcorão: 24:31)

Este é um dos versículos do Alcorão, que refere ao uso da jalab e do hijab, pelas mulheres. Deste modo a mulher muçulmana deve obedecer ao prescrito pela religião, além da jalab, deve usar véus (hijab) que lhes cobrirão os cabelos, ele é o símbolo da modéstia que cobre uma muçulmana. *“Ele faz parte da identidade e da cultura do Islão”* como mencionou um progenitor de um aluno (questionário). Esta peça faz parte do vestuário feminino num contexto islâmico, que começa na puberdade. A influência da cultura ocidental nas vivências destes jovens torna difícil o uso do hijab tanto no colégio como num outro espaço:

” Na minha terra as mulheres... não usam hijab, eu só uso quando vou à mesquita, mas cá fora não...” (Iman, p.25)

”... o véu acho muito quente faz muito calor e eu não estou habituada com os lenços na cabeça. Eu não uso fora daqui... porque na escola, eu não usava... aqui é obrigatório usar, andar toda tapada.” (Ruksar, p.9)

Os pais também opinaram sobre o uso do véu:

“ Pelo respeito religioso”

“ É modéstia”

”...não estamos num país árabe”

Quadro Nº 37

Actividades de Aprendizagem – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Imagem do colégio</b>	<b><u>Actividades de Aprendizagem</u></b> <b>1) A importância de aprender</b>	<p>“... aqui eu tenho que aprender o português, não é, o português, a matemática e também tenho que aprender coisas da religião...” (Khadiza, p.2)</p> <p>“[Gosto das aulas]de tarde... As duas[aulas da parte da manhã e da parte de tarde], gosto das duas. As duas são boas. De manhã porque de manhã é de tudo” (Ruksar, p.7) “... e as[aulas] de tarde, é porque, é da minha religião” (Ruksar, p.7)</p> <p>“... gosto porque, porque aulas de manhã, são parte do meu futuro...”(Maryeem, p.14) “... e também[aulas] de tarde porque é sobre a minha religião.” (Maryeem, p.14)</p> <p>“Gosto mais das aulas da parte da manhã.” (Iman, p.20) “Porque eu acho que a escola é mais interessante, porque a escola é para toda a vida, é para, é assim depois se conseguirmos trabalhar, hum , para ter dinheiro e</p>	

	<p><b>2) Os professores das áreas de ensino curricular</b></p>	<p>para, para, para é para ter uma profissão, uma boa profissão.” (Iman, p.20)</p> <p>“Os professores não são fechados...”(khadiza, p.2)  “... eles vêm aqui para ensinar... eles ensinam e tudo” (khadiza, p.2)</p> <p>“Eu gosto muito deles...” (Ruksar, p.8)  “... São bons, simpáticos e explicam de uma maneira boa e, são, são bons. Dão uma explicação boa.” (Ruksar, p.8)  “... Gosto mais da Sotôra de Inglês e... da de Educação Física. Os outros também são bons, mas estas são as minhas preferidas” (Ruksar, p.8)  “... Tratam-me muito bem...”(Ruksar, p.8)</p> <p>“...gosto dos professores... (Maryeem, p.14)  “São bons. Eu gosto de todos os professores. Eu gosto de todos os professores e de todas as professoras.” (Maryeem, p.15)</p> <p>“Eles ensinam bem” (Iman, p.21)</p>	<p>7</p>
	<p><b>3) Os professores de Religião</b></p>	<p>“Quem dá [aulas de Religião] é a mulher do maulana. As mulheres dão aulas às meninas e os homens dão aos rapazes.” (khadiza, p.2)  “A madressa, é a professora, a Assya e aos professores chamamos maulana” (khadiza, p.2)</p> <p>“As que dão aulas de religião... Só temos duas e gosto das duas.” (Ruksar, p.8)  “ As duas também são simpáticas.” (Ruksar, p.8)  “ São boas, explicam bem, as palavras que eu não percebo elas explicam tudo, e para mim, elas são muito boas.” (Ruksar, p.8)  Elas falam o árabe e há pessoas que percebem, e há pessoas que não percebem e elas explicam.” (Ruksar, p.8)</p> <p>“Gosto, ela é boa, eu gosto.” ( Maryeem, p.15)</p> <p>“...é só uma. Eu acho que ela é também muito rigorosa e ela quer tudo, tudo bem feito” (Iman, p.21)</p>	<p>9</p>
<p>TOTAL</p>		<p>8</p>	
			<p>24</p>



	<p>maus...”(Shabbir, p.42)                  “... É assim, maus... é ficar sem intervalo, não sei, alguns professores dizem que por causa de alguns pagam todos e ficamos chateados, fico triste” (Shabbir, p.42)                  “ ... aqui os professores são mais simpáticos ...os professores são melhores...”( Shabbir, p.44)                  “... dão as coisas com mais facilidade, com jogos e nós aprendemos melhor.” ( Shabbir, p.44)                  “... [Os professores] São fixes...” (Umair, p.49)                  “...é simpático, ensina bem...” (Ali, p.29)                  “Gosto das aulas de religião... Gosto dele...” (Paulo, p.35)                  “... eu porto-me sempre bem e ele fala sempre bem de mim” (Paulo, p.36)                  “... Gosto... porque damos coisas da religião, da conduta...”(Shabbir, p.42)                  “Antes tínhamos vários, agora, é só um maulana que nos dá todas as aulas...”(Shabbir, p.42)                  “... eu tinha um maulana na Póvoa de Santo Adrião” (Shabbir, p.42)                  “O maulana ensina bem. Explica muito bem a nossa religião.” (Umair, p.49)</p>	<p>11</p> <p>7</p>
TOTAL		26

Quadro Nº 39

Distribuição dos significados de Actividades de Aprendizagem – por turma

ACTIVIDADES DE APRENDIZAGEM					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊNCIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊNCIA	%
É importante aprender matéria nova	4	15	É importante aprender matéria nova	4	15
É importante ter aulas de religião	3	11,5	É importante ter aulas de religião	6	22
É importante saber para um futuro melhor	2	8	É importante saber para um futuro melhor	-	-

Os professores (de ensino das áreas curriculares) ensinam bem	6	23	Os professores (de ensino das áreas curriculares) ensinam bem	1	4
Simpatizam com os professores	5	19	Simpatizam com os professores	6	22
Não simpatizam com alguns professores	-	-	Não simpatizam com alguns professores	1	4
Os professores gritam/ralham	-	-	Os professores gritam/ralham	4	15
Simpatizam com os professores de religião	3	11,5	Simpatizam com os professores de religião	2	7
Os professores de religião são rigorosos	1	4	Os professores de religião são rigorosos	-	-
Os professores de religião ensinam bem	2	8	Os professores de religião ensinam bem	3	11
TOTAL	26	100		27	100

Entendemos por Actividades de Aprendizagem todos os processos interactivos ou acções que são feitos mediante um agente transmissor (professor), bem como todos os processos intra-activos de formação e configuração intrínseca à pessoa, isto é a sua auto-formação.

As Actividades de Aprendizagem são processos dinâmicos que têm um grande poder expansivo e de crescimento visto terem implícito em si mesmo o princípio de acção. Verificámos no nosso estudo que para estes indivíduos é importante aprender as matérias relacionadas com a parte curricular assim como as matérias relacionadas com a religião “...*porque damos coisas da religião, da conduta...*” (Shabbir, p.42), valorizando a aquisição de saberes, pois tem a noção do caminho que terão de percorrer a nível académico, “*porque... são parte do meu futuro...*” (Maryeem, p.14), “... *porque a escola é para toda a vida... é para ter uma profissão, uma boa profissão.*” (Iman, p.20).

Verificámos que o mais relevante em relação às actividades de aprendizagem é a simpatia e a bondade dos professores.

Quadro Nº 40

Preferência das Actividades Escolares – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Imagem do colégio</b>	<b>Preferência das Actividades escolares</b>	<p>“Gosto de todas, mas...” (Khadiza, p.2)</p> <p>“...a que gosto mais é de música e gosto de matemática também e também de Língua Portuguesa.” (Khadiza, p.2)</p> <p>“Matemática, inglês... gosto de todas.” (Ruksar, p.7)</p> <p>“Gosto de matemática e de inglês.” ( Maryeem, p.15)</p> <p>“Educação Física... porque nós brincamos, corremos, e eu gosto de jogar tudo.” (Iman, p.21)</p> <p>“Mas também gosto das outras disciplinas.” (Iman, p.21)</p> <p>“ [A disciplina que gosto menos é] ...história.” (Khadiza, p.2)</p> <p>“ [A disciplina que gosto menos é] ...história.” (Ruksar, p. 8)</p> <p>“ [A disciplina que gosto menos é] ...história... Porque não tem interesse” ( Maryeem, p.15)</p> <p>“ [A disciplina que gosto menos é]... história, mas tenho um cinco em história... Porque é, é difícil, é, é complicado, não entendo algumas coisas muito bem.” (Iman, p.21)</p>	<b>10</b>

Quadro Nº 41

Preferência das Actividades Escolares – Sala B

SALA B			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Imagem do colégio</b>	<b>Preferência das Actividades escolares</b>	<p>“ [Gosto de] ...Matemática, de Língua Portuguesa... Educação Física, Informática, Estudo Acompanhado” (Ali, p. 29)</p>	

		<p>“Gosto de Português, de Matemática e... de EVT” (Paulo, p. 35)</p> <p>“ [Gosto de]...Matemática e Inglês, História, Educação Física e Informática” (Shabbir, p. 42)</p> <p>“Gosto de Matemática, Educação Física e EVT(Umair, p.49)</p> <p>“ [Não gosto muito de] ...Ciências... Porque não gosto muito, não acho interesse e também não gosto da Área de Projecto...”(Ali, p.29)</p> <p>“... Porque não gosto nada, é só escrever e mais nada.” (Ali, p.29)</p> <p>“ [Não gosto muito de] ... Ciências e Área de Projecto.” (Paulo, p.35)</p> <p>“ [Não gosto muito de] ... Estudo Acompanhado e Ciências.” (Shabbir, p.42)</p> <p>“ [Não gosto muito de] ...Português. Porque sou muito fraco, eu percebo, mas sou muito fraco.” ( Umair, p.49)</p>	9
--	--	--	---

Quadro N° 42

Distribuição dos significados de Preferência de Actividades Escolares – por turma

ACTIVIDADES DE APRENDIZAGEM					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊNCIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊNCIA	%
Gosto de todas as disciplinas	2	14	Gosto de todas as disciplinas	-	-
Gosto de Língua Portuguesa	1	7	Gosto de Língua Portuguesa	2	9
Gosto de Matemática	3	22	Gosto de Matemática	4	17
Gosto de História	-	-	Gosto de História	1	4
Gosto de Inglês	2	14	Gosto de Inglês	1	4
Gosto de EVT	-	-	Gosto de EVT	2	9
Gosto de Música	1	7	Gosto de Música	-	-
Gosto de Educação Física	1	7	Gosto de Educação Física	3	13,5
Gosto de Informática	-	-	Gosto de Informática	2	9
Gosto de Estudo Acompanhado	-	-	Gosto de Estudo Acompanhado	1	4
Gosto menos de Língua Portuguesa	-	-	Gosto menos de Língua Portuguesa	1	4
Gosto menos de História	4	29	Gosto menos de História	-	-
			Gosto menos de Ciências	3	13,5

Gosto menos de Ciências	-	-	Gosto menos de Estudo	1	4
Gosto menos de Estudo	-	-	Acompanhado	2	9
Acompanhado	-	-	Gosto menos de Área Projecto		
Gosto menos de Área Projecto	-	-			
TOTAL	14	100		23	100

O Islão dá importância à aquisição de conhecimentos. A primeira revelação que Allah fez ao seu mensageiro, o profeta Muhammad, foi:

*“ Lê: Em nome do Teu Senhor que criou; criou o Homem de algo que se agarra. Lê: e o teu Senhor é o mais generoso, que ensinou pela pena; ensinou ao Homem aquilo que ele não sabia”* (Alcorão 96:1-3)

De um modo mais específico, procurou-se saber quais as preferências das actividades escolares, verificando-se que o colégio desempenha também uma função centrada no estudo e na aquisição de conhecimentos.

Para captar atenções, ajudar a interiorizar conhecimentos e a motivar os alunos, é de facto, considerado importante, uma relação professor/ aluno em situação de ensino/ aprendizagem.

Em observação do quadro nº 41, “ *Distribuição dos significados de Preferências de Actividades Escolares, por turma*”, verifica-se que estes jovens elegem a matemática como uma das disciplinas preferidas. As principais razões apontadas pelos sujeitos foram:

*“ [Gosto de] Matemática, a professora ensina muito bem e é boa...”* (Ruksar, p.7)

*“ [Gosto] ... de matemática... gosto, porque é fácil”* (Ali, p.28)

*“Gosto da professora Hana, a de Matemática...porque não ralha e ensina bem e eu percebo as coisas.”* (Paulo, p. 35)

*“...gosto mesmo de matemática, porque é fácil.”* (Umair, p.48)

Quadro Nº 43

Aprendizagem do Islão e do Árabe – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Imagem do colégio</b>	<b>Aprendizagem do Islão e do Árabe</b>	<p>“ Estamos a aprender a ler o Livro Sagrado.” (khadiza, p.3)</p> <p>“Porque nós estamos...a aprender uma coisa que é importante na nossa vida, que é a religião...” (Ruksar, p.8)</p> <p>“... como assim, as coisas que os nossos profetas faziam, e nós estamos a aprender...”(Ruksar, p.8)</p> <p>“...depois nós também temos esse saber do que, que é obrigatório e do que não é obrigatório, o que devemos fazer na religião...”(Ruksar, p.8)</p> <p>“...aprendo muitas coisas da nossa religião...para tentarmos fazer aquilo, mas nem todos conseguem fazer...” (Ruksar, p.8,9)</p> <p>“Sim, gosto [ter aulas de religião].” (Maryeem, p.16)</p> <p>“Para mim é bom. Porque é para saber da minha religião...”(Maryeem, p.16)</p> <p>“Vou porque o meu pai quer [aulas de religião] ...”(Iman, p.22)</p> <p>“ [Não gosto muito] porque tenho que decorar muitas coisas e eu acho que é muito trabalho.” (Iman, p.22)</p> <p>“Então eu gosto [de aprender o árabe] ... porque tem a ver com a minha religião” (khadiza, p.3)</p> <p>“... normalmente... gosto muito de aprender. O meu pai também gosta muito.” (khadiza, p.3)</p> <p>“Não, não acho [difícil o árabe].” (khadiza, p.3)</p> <p>“ Falar, falar, ainda não sei. Só estamos a aprender a escrever e a ler...”(khadiza, p.3)</p> <p>“Gosto [de aprender o árabe]. Não é muito difícil. Mas custa mais o escrever, mas custa.” ( Ruksar, p.9)</p> <p>“ O indiano e o árabe têm parecenças, muita igualdade e eu consigo, acabo por perceber o árabe porque não tem muita diferença.” ( Ruksar, p.9)</p> <p>“Sim gosto.[de aprender árabe] ...”(Maryeem, p.16)</p> <p>“ E não é difícil, eu já sabia algumas coisas.” (Maryeem, p.16)</p> <p>“Eu acho que é complicado [aprender o árabe]</p>	

		<p>...”(Iman, p.22)                  “...é difícil, porque uns dizem que se mudarmos uma letra podemos mudar uma frase, eu acho que vai ser difícil. (Iman, p.22)</p>	<b>19</b>
--	--	---	-----------

Quadro N° 44

Aprendizagem do Islão e do Árabe – Sala B

<b>SALA B</b>			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Imagem do colégio</b>	<b>Aprendizagem do Islão e do Árabe</b>	<p>“Sim [gosta das aulas de religião] ...”(Ali, p.30)</p> <p>“Aprendemos coisas novas sobre a nossa religião...”(Shabbir, p.43)</p> <p>“ [Aprendemos] a nossa conduta...”(Shabbir, p.43)</p> <p>“ [Aprendemos] a história do Profeta e da nossa religião aquilo que ainda não sabemos...” (Shabbir, p.43)</p> <p>“Sim [gosto das aulas de religião].” ( Umair, p.50)</p> <p>“... aprendo muito... aprendo muito, porque é a minha religião.” ( Umair, p.50)</p> <p>“... Já escrevo e já leio[o árabe]. (Ali, p.30)</p> <p>“Já sei um bocadinho [de árabe] ” (Shabbir, p.43)</p> <p>“ [O árabe é] um bocadinho [difícil], temos que decorar certas, por exemplo, as suras.” (Shabbir, p.43)</p> <p>“Gosto de aprender o árabe, é fácil.” ( Umair, p.50)</p> <p>“ A tradução às vezes engana. Eu percebo as coisas em árabe.” ( Umair, p.50)</p>	<b>11</b>

Quadro N°45

Distribuição dos significados da aprendizagem do Islão e do árabe – por turma

ACTIVIDADES DE APRENDIZAGEM					
SIGNIFICADOS SALA A	FREQUÊN- CIA	%	SIGNIFICADOS SALA B	FREQUÊN- CIA	%
O gosto pela aprendizagem do Islam	2	9,5	O gosto pela aprendizagem do Islam	4	30,7
Aprender regras de conduta	2	9,5	Aprender regras de conduta	2	15,4
Aprender o Livro Sagrado	1	4,8	Aprender o Livro Sagrado	-	-
Aprender a história dos profetas	1	4,8	Aprender a história dos profetas	1	7,7
A importância de aprender o Islam para a vida	1	4,8	A importância de aprender o Islam para a vida	-	-
Grau de dificuldade na aprendizagem do Islam	1	4,8	Grau de dificuldade na aprendizagem do Islam	-	-
Imposição da aprendizagem do Islam (por parte dos pais)	1	4,8	Imposição da aprendizagem do Islam (por parte dos pais)	-	-
Gostar de aprender o árabe	3	14,2	Gostar de aprender o árabe	1	7,7
A importância de aprender o árabe para saber mais sobre o Islam	1	4,8	A importância de aprender o árabe para saber mais sobre o Islam	1	7,7
A aprendizagem do árabe é fácil	3	14,2	A aprendizagem do árabe é fácil	2	15,4
A aprendizagem do árabe é difícil	2	9,5	A aprendizagem do árabe é difícil	1	7,7
Árabe e indiano são semelhantes	1	4,8	Árabe e indiano são semelhantes	-	-
Aprender a ler e escrever o árabe	2	9,5	Aprender a ler e escrever o árabe	1	7,7
<b>TOTAL</b>	<b>21</b>	<b>100</b>		<b>13</b>	<b>100</b>

A religião é o elemento fundamental da coesão do grupo e da manutenção dos laços entre os seus membros, por isso, o aspecto religioso é inquestionável na transmissão dos valores considerando essenciais para o desenvolvimento psicológico das crianças, A directora pedagógica, dr<sup>a</sup> Hana cita:

*“ Nós somos uma escola com um forte carisma religioso, islâmico” (p.2)*

O colégio além de acentuar o ensino curricular e a disciplina, ensina também a religião e cultura islâmica. O colégio apesar de fazer a separação de ensinos (religioso e oficial) consegue juntá-los oferecendo currículos bem desenvolvidos no estudo do Islão conseguindo

que estes jovens tenham um comportamento motivado, essencialmente pelo gosto de aprender a sua religião, interiorizando conhecimentos da língua árabe. Os sujeitos em estudo aludem:

*“Porque nós estamos...a aprender uma coisa que é importante na nossa vida, que é a religião...”* (Ruksar, p.8)

*“Aprendemos coisas novas sobre a nossa religião...”* (Shabbir, p.43)

Em relação ao estudo da língua árabe as suas opiniões são realçadas da seguinte forma:

*“Então eu gosto [de aprender o árabe] ... porque tem a ver com a minha religião”* (Khadiza, p.3)

*“Gosto de aprender o árabe, é fácil.”* (Umair, p.50)

Sheik Ismael, testemunha privilegiada, disse:

*“...fazemos os possíveis, por separar as entidades...Na parte da tarde fazemos questão que as crianças tenham uma boa aprendizagem religiosa...se existir uma aprendizagem moral e religiosa...por certo, este acompanhamento moral e religioso, mais tarde os ajudará a agir mais correctamente...”* (p. 2)

#### **4- PROJECTOS PROFISSIONAIS**

Os projectos profissionais começam muito antes dos jovens terminarem os seus estudos. Começam pelo gosto e inclinação natural do indivíduo para o desempenho de uma determinada função.

Procurámos junto dos sujeitos participantes no nosso estudo, saber quais são os seus projectos para o futuro.

Nesta categoria “Projectos Profissionais” encontramos uma única sub-categoria “Escolhas profissionais (como factor de integração social)”.

Quadro N°46

Escolhas Profissionais – Sala A

SALA A			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Projectos profissionais</b>	<b>Escolhas profissionais ( como factor de integração social)</b>	<p>“Quero ser médica.” (khadiza, p.5)</p> <p>“ ... porque gostaria de tratar das pessoas tratar das doenças das pessoas.” (khadiza, p.5)</p> <p>“...o curso islâmico” (Maryeem, p. 18)</p> <p>“... ser professora sobre o meu religião.” (Maryeem, p. 18)</p> <p>“ Sim, gostaria de ser professora de religião.” (Maryeem, p. 18)</p> <p>“Gosto assim de ser ...do desporto” (Íman, p.26)</p> <p>“...ou ... gostava de ser veterinária.” (Íman, p.26)</p>	7

Quadro N° 47

Escolhas Profissionais – Sala B

SALA B			
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	FREQUÊNCIA
<b>Projectos profissionais</b>	<b>Escolhas profissionais ( como factor de integração social)</b>	<p>“Advogado. Porque, porque gosto de falar.” (Ali, p.32)</p> <p>“Quero ser electricista” (Paulo, p.39)</p> <p>“...ainda não sei, mas gostava de tirar medicina” (Shabbir, p.45)</p> <p>“... ou informática...”(Shabbir, p.45)</p> <p>“... porque gosto de tratar de pessoas e também gosto de computadores, de trabalhar neles, porque eu jogo nos computadores e gosto.” (Shabbir, p.45)</p> <p>“ E também brinco com os meus amigos aos dôtore.” (Shabbir, p.45)</p> <p>“De Física (Educação Física).” ( Umair, p.51)</p>	7

Quadro N°48

Distribuição dos significados das escolhas profissionais – por turma

SIGNIFICADOS DAS ESCOLHAS PROFISSIONAIS					
SIGNIFICADOS SALA A			SIGNIFICADOS SALA B		
	FREQUÊN- CIA	%		FREQUÊN- CIA	%
Medicina/ Veterinária	3	43	Medicina/ Veterinária	3	37,5
Professora (de Religião)	3	43	Professor	-	-
Informática	-	-	Informática	2	25
Desporto	1	14	Desporto	1	12,5
Direito	-	-	Direito	1	12,5
Curso profissional	-	-	Curso profissional (electricista)	1	12,5
TOTAL	7	100		8	100

Englobam-se nesta categoria, tal como a própria expressão indica, projectos que os indivíduos têm em relação ao futuro, para que possam alcançar uma realização pessoal e profissional.

Integrando o conceito de projecto, procurámos perceber as tendências relativas a estes jovens. O curso mais referido por estes alunos é o de Medicina. Indagámos a existência (ou não) de variações nos perfis de valores profissionais das duas turmas (uma de raparigas e outra de rapazes) e concluímos da não evidência de uma diferenciação. Há também a procura de uma especialização profissional por parte dos alunos do sexo feminino, traduzindo-se deste modo a sua presença no mercado de trabalho, o que significa a cessação com os costumes tradicionais que reportam a mulher para o universo doméstico. É também vontade expressa pelo Sheik Rachid Ismael que estes jovens, tenham projectos para a sua vida profissional:

*”...A mensagem que se transmite é que o facto...de seguir a nossa religião...não implica que se abdique da parte profissional, tirar um curso...e ter a parte religiosa como suporte...para a sua carreira profissional...”*

## SINTESE DOS DADOS RESULTANTES DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

### SUB- CATEGORIAS

#### 1. IDENTIDADE/ GRUPO

Quadro N°49

SALA A

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
<b>Identidade/ Grupo</b>	Traços de identidade pessoal e familiar/ Representações de “si” e da “ família”	30
	Práticas culturais distintas (família, festas, casamentos)	26
	Identidade religiosa	12
	A importância de ser muçulmano e frequentar o colégio Islâmico	11
	Prática da Religião	12
	O colégio (Como espaço de reconhecimento da pertença religiosa e como espaço de integração)	30
	Grupo de pertença/ Grupo de referência	20
<b>TOTAL</b>		<b>141</b>

Quadro N°50

SALA B

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
<b>Identidade/ Grupo</b>	Traços de identidade pessoal e familiar/ Representações de “si” e da “ família”	20
	Práticas culturais distintas (família, festas, casamentos)	23
	Identidade religiosa	10
	A importância de ser muçulmano e frequentar o colégio Islâmico	8
	Prática da Religião	15
	O colégio (Como espaço de reconhecimento da pertença religiosa e como espaço de integração)	29
	Grupo de pertença/ Grupo de referência	16
<b>TOTAL</b>		<b>101</b>

Quadro N°51

IDENTIDADE/ GRUPO					
SUB-CATEGORIAS SALA A	FREQUÊNCIA DOS SIGNIFICADOS	%	SUB-CATEGORIAS SALA B	FREQUÊNCIA DOS SIGNIFICADOS	%
Traços de identidade pessoal e familiar/ Representações de “si” e da “ família”	19	13	Traços de identidade pessoal e familiar/ Representações de “si” e da “ família”	13	12
Práticas culturais distintas (família, festas, casamentos)	26	18	Práticas culturais distintas (família, festas, casamentos)	23	20
Identidade religiosa	13	9	Identidade religiosa	9	8

A importância de ser muçulmano e frequentar o colégio Islâmico	12	8	A importância de ser muçulmano e frequentar o colégio Islâmico	8	7
Prática da Religião	14	10	Prática da Religião	15	13
O colégio (Como espaço de reconhecimento da pertença religiosa e como espaço de integração)	39	28	O colégio (Como espaço de reconhecimento da pertença religiosa e como espaço de integração)	29	26
Grupo de pertença/ Grupo de referência	20	14	Grupo de pertença/ Grupo de referência	16	14
<b>TOTAL</b>	<b>143</b>	<b>100</b>		<b>113</b>	<b>100</b>

## 2. ATRIBUTOS RELACIONAIS/ VIVÊNCIAS DOS ALUNOS

Quadro N°52

SALA A

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
<b>Atributos relacionais / Vivências dos alunos</b>	<u>Actividades lúdicas</u>	8
	<u>Relação de amizade</u>	14
	<u>Relação Social</u> colegas/colegas não muçulmanos	22
<b>TOTAL</b>		<b>44</b>

Quadro N°53

SALA B

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
<b>Atributos relacionais / Vivências dos alunos</b>	<u>Actividades lúdicas</u>	9
	<u>Relação de amizade</u>	13
	<u>Relação Social</u> colegas/colegas não muçulmanos	14
<b>TOTAL</b>		<b>36</b>

Quadro N°54

ATRIBUTOS RELACIONAIS / VIVÊNCIAS DOS ALUNOS					
SUB-CATEGORIAS SALA A	FREQUÊNCIA DOS SIGNIFICADOS	%	SUB-CATEGORIAS SALA B	FREQUÊNCIA DOS SIGNIFICADOS	%
Actividades lúdicas	21	37,5	Actividades lúdicas	17	35
Relação de amizade	12	21,5	Relação de amizade	18	37
Relação social	23	41	Relação social	14	28
<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	<b>100</b>		<b>49</b>	<b>100</b>

### 3. IMAGEM DO COLÉGIO

Quadro N° 55

SALA A

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Imagem do colégio	<u>Espaço Físico</u>	8
	<u>Regras</u>	
	-Regras	
	-Separação de género	
	-Uso do hijab	
	-O uniforme	21
	<u>Actividades de aprendizagem</u>	
	-A importância de aprender	
	-Os professores das áreas de ensino curriculares	
	-Os professores de religião	24
	<u>Preferências das actividades escolares</u>	10
	<u>Aprendizagem do Islão e do Árabe</u>	19
TOTAL		82

Quadro N°56

SALA B

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Imagem do colégio	<u>Espaço Físico</u>	12
	<u>Regras</u>	
	-Regras	
	-Separação de género	
	-O uniforme	8
	<u>Actividades de aprendizagem</u>	
	-A importância de aprender	
	-Os professores das áreas de ensino curriculares	26
	-Os professores de religião	
	<u>Preferências das actividades escolares</u>	9
	<u>Aprendizagem do Islão e do Árabe</u>	11
TOTAL		66

Quadro N°57

A IMAGEM DO COLÉGIO					
SUB-CATEGORIAS SALA A		FREQUÊNCIA DOS SIGNIFICADOS	%	SUB-CATEGORIAS SALA B	
Espaço Físico	9	10	Espaço Físico	12	15
Regras	20	22	Regras	7	8
Actividades de aprendizagem	26	29	Actividades de aprendizagem	27	33
Preferências das actividades escolares	14	16	Preferências das actividades escolares	23	28
Aprendizagem do Islão e do Árabe	21	23	Aprendizagem do Islão e do Árabe	13	16
<b>TOTAL</b>	<b>90</b>	<b>100</b>		<b>82</b>	<b>100</b>

#### 4. PROJECTOS PROFISSIONAIS

Quadro N°58

SALA A

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
<b>Projectos Profissionais</b>	Escolhas profissionais (como factor de integração social)	7

Quadro N°59

SALA B

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
<b>Projectos Profissionais</b>	Escolhas profissionais (como factor de integração social)	7

Quadro N°60

PROJECTOS ROFISSIONAIS					
SUB-CATEGORIAS SALA A	FREQUÊNCIA DOS SIGNIFICADOS	%	SUB-CATEGORIAS SALA B	FREQUÊNCIA DOS SIGNIFICADOS	%
Escolhas profissionais (como factor de integração social)	7	100	Escolhas profissionais (como factor de integração social)	7	100
TOTAL	7	100		7	100

## DADOS CONCLUSIVOS DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

### CATEGORIAS

Quadro N°61

SALA A

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Identidade / grupo	141
Atributos relacionais/ Vivências dos alunos	44
Imagem do colégio	82
Projectos profissionais	7

Quadro N°62

SALA B

CATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Identidade/ Grupo	101
Atributos relacionais/ Vivências dos alunos	36
Imagem do colégio	66
Projectos profissionais	7

Quadro N°63

RELIGIÃO, ELEMENTO FUNDAMENTAL NA IDENTIDADE DO GRUPO DOS ALUNOS DO COLÉGIO ISLÂMICO DE PALMELA					
CATEGORIAS SALA A	FREQUÊNCIA DOS SIGNIFICADOS	%	CATEGORIAS SALA B	FREQUÊNCIA DOS SIGNIFICADOS	%
Identidade/ Grupo	143	49	Identidade/ Grupo	113	45
Atributos relacionais/ Vivências dos alunos	56	19	Atributos relacionais/ Vivências dos alunos	49	19
Imagem do colégio	90	30	Imagem do colégio	82	33
Projectos profissionais	7	2	Projectos profissionais	7	3
TOTAL	296	100		251	100

## CONCLUSÕES DO ESTUDO

Na fase de análise de retrospectiva e conclusão deste estudo, apesar de muitos estudos feitos a alunos muçulmanos, são desconhecidos estudos que abordem a problemática de jovens islâmicos que frequentam um estabelecimento de ensino em Portugal de origem religiosa do Islam, concluímos que mais e melhores investigações deverão ser feitas, de modo a apurar o conhecimento científico relativo a grupos minoritários com estabelecimentos de ensino próprios.

A diversidade de informação resultante da análise das entrevistas efectuadas, juntamente com a revisão de literatura seleccionada e ainda o questionário e as entrevistas às “testemunhas privilegiadas”, contribuiu para um maior conhecimento do estudo que nos propusemos fazer, chegando a conclusões relativas aos sujeitos da nossa pesquisa. Verificámos que a recolha de informação relativa ao grupo primário (pais) facilitou a compreensão dos comportamentos e valores dos sujeitos de estudo.

Os resultados obtidos nesta investigação identificam-se com a pressuposta concepção desenvolvida para este estudo manifestando-se a forte influência da religião, escola, família e influência sociocultural, na formação da identidade destes alunos.

Parafrazeando a narrativa da directora pedagógica do Colégio Islâmico de Palmela, o objectivo deste colégio tem duas componentes importantes: a transmissão do conhecimento previsto nos currículos escolares e a transmissão de valores religiosos como forma saudável para um crescimento harmonioso preparando os alunos para a entrada no “*mundo real*”, com educação, regras e valores de modo a contribuírem para um melhoramento da sociedade em que estão inseridos.

Na análise de dados esclarecemos o tema principal do nosso estudo – **Religião, elemento fundamental na identidade do grupo dos alunos do Colégio Islâmico de Palmela**. Dele emergiram quatro categorias:

*-Identidade/Grupo*

*-Atributos Relacionais/Vivências dos Alunos*

*-Imagem do Colégio*

*-Projectos profissionais*

Verificou-se ao longo da análise e interpretação das entrevistas dos sujeitos do estudo que, os alunos das duas turmas revelam uma certa concordância relativamente à categoria Identidade/ Grupo, que salientam ao longo dos seus discursos.

Tanto para a turma A como para a turma B, colocaram em evidência nesta categoria, o colégio Islâmico de Palmela como espaço de reconhecimento da pertença religiosa, em que este é valorizado como pertença a um grupo (religioso).

Na primeira categoria identificada “**Identidade/Grupo**” encontrámos declarações que nos permitem concluir que o conceito de identidade foi abordado numa dimensão pessoal, reportando-a para o processo de estruturação dos indivíduos, assim como numa dimensão social, indicando tipos de coesão derivacional e sistemas de referências que concedem diferenciação aos indivíduos.

Para estes alunos o colégio é a afirmação de pertença como muçulmanos, eles encontram ali a sua identidade religiosa em que os valores da religião são muito evidentes. Frequentam este estabelecimento por vontade própria e dos seus progenitores, levando-os naturalmente a contactar de perto com os códigos e valores da religião.

Na estrutura do pensamento Corânico não há lugar para considerações de ascendência/descendência ou adesão nacional, o Islam rejeita qualquer tipo de amizade ou lealdade nacional aceita unicamente a religião, o Profeta disse “ *Não é dos nossos aquele que proclama a causa do partidarismo tribal; nem é um dos nossos aquele que lutar por tal partidarismo, e menos ainda será um dos nossos aquele que morrer pela causa do partidarismo tribal*”( Annaduy,1990, p.204), consideramos deste modo que há um indicativo de identidade religiosa, havendo uma vivência da religião muçulmana (uma entre a pluralidade de religiões presentes em Portugal), isto é, a religião é vivida num contexto mais privado. O facto destes jovens serem muçulmanos é um factor importante para a coesão do grupo. Estes jovens têm fortes relações com os demais membros do grupo, desenvolvem a amizade e relações significativas, os vínculos fundam-se no facto de compartilhar emoções, problemas e conflitos, dentro deste contexto o colégio não é só um espaço de ensino mas também o de criar laços de amizade, como nos foi dito:

“ *[Se saísse do colégio ia sentir falta dos] ... amigos. Só os amigos, mais nada.*” (Ali, p.31)

Segundo a teoria da Identidade Social de Tajfel os indivíduos procuram construir uma identidade social positiva mediante comparações entre o seu grupo e um (uns) outro (s) grupo (s), sendo estas comparações baseadas em dimensões associadas a valores sociais dominantes e levando a preferência pelo grupo de pertença, isto é a tendência de favorecer o seu grupo de pertença em relação ao grupo dos outros (1981).

Sendo o Colégio Islâmico o seu grupo de pertença, é também o seu grupo de referência facultando ao “ eu” (aluno) uma identidade, isto é atributos comuns. Verificámos numa situação de escolha, a preferência pela sua escola assim como pelo país de acolhimento.

Na sociedade actual, as crianças e jovens necessitam de muito apoio e só um ambiente familiar tranquilo e de tolerância pode explicar a quase ausência de casos de irreverência ou de delinquência nos indivíduos desta comunidade como nos transmitiu Sheik Rachid Ismael:

*“... Se houver jovens metidos na droga a percentagem é muito reduzida, que Deus me perdoe, mas eu arriscava a dizer que se podem contar pelos dedos.”*

Confirmámos que a família tem um papel importante na educação destes alunos, sendo um dos principais pontos de referência na construção da identidade pessoal. Os princípios do Alcorão têm um papel primordial no sistema de responsabilidade dos pais na educação dos seus filhos, incutindo-lhes deste modo valores que consideram fundamentais na sua educação. Reforçando o resultado da nossa análise dr<sup>a</sup> Hana Mateus afirmou:

*“A família tem grande importância, porque é com a família que nós nos vemos. É o papel familiar que está ligado ao desenvolvimento da criança. Eles devem contar com os pais, saber partilhar o bem e o mal, as suas alegrias e os seus problemas.”*

Para um segundo plano, são deixados pelos alunos a categoria **“Imagem do Colégio”**. O colégio Islâmico de Palmela, como representante de uma identidade muçulmana, ainda que voltado para a sua comunidade, está integrado na realidade social portuguesa, promovendo a aprendizagem do conhecimento e dos valores que é exigido a qualquer ser humano. Esta categoria facilitou-nos perceber como estes alunos avaliam o colégio, a sua função pedagógica e religiosa considerando:

*“...porque aulas ... são parte do meu futuro...”* (Maryeem, p.14)

*“... a escola é para toda a vida”*(Iman,p.20)

A função da escola é educar para o crescimento, convivência, amor e uma função essencialmente centrada na aquisição de conhecimentos, apresentando-se como um local de

estudo com vista a uma eficaz preparação para o futuro. O colégio é visto por estes alunos como o local onde está o conhecimento relativamente aos conteúdos curriculares, assim como o conhecimento da religião. O bom relacionamento com os professores é fundamental para o crescimento físico, psíquico e cognitivo do aluno. A boa relação entre professor e aluno afiguram-se facilitadoras e motivadoras na actividade de ensino/aprendizagem:

*“Eu gosto muito deles... São bons, simpáticos... Dão uma explicação boa.”* (Ruksar, p.8)

*“Gosto da professora Hana, a de Matemática... Porque não ralha.”* (Paulo, p.36)

*“ [As professoras de religião] São boas, explicam bem, as palavras que eu não percebo elas explicam tudo, e para mim, elas são muito boas.”* (Ruksar, p.8)

*“Gosto das aulas de religião... Gosto dele... porto-me sempre bem e ele fala sempre bem de mim”* (Paulo, p.35,36)

É também importante levar em consideração a figura do professor como condicionante do comportamento do aluno, isto é a imagem que os alunos elaboram de um professor no seio de uma relação educativa, muitas vezes é mal interpretada por estes, modificando o seu comportamento real. Verificámos isto na turma B. Deste modo:

*“... Os professores... Ralham muito com todos...”* (Paulo, p.35)

*“Os professores são ... às vezes são um cadinho maus...”*(Shabbir, p.42)

O ensino religioso incentiva e desencadeia nestes alunos, um processo de conhecimentos sobre o seu contexto cultural e histórico assim como vivências da sua própria religião, mas também um interesse por outras religiões, como nos citou a dr<sup>a</sup> Hana:

*“...as crianças são islâmicas...mas todas elas tem a obrigação de saber o significado do Natal...também falamos das festas dos Hindus...há outros caminhos e devemos conhecê-los...”*

O árabe é a língua do texto sagrado, o Alcorão, ele foi revelado em árabe e por vezes a sua tradução é difícil e só é entendido na íntegra se a sua leitura for na língua original. O árabe é valorizado como língua do Alcorão e separado de toda e qualquer referência étnica. Os alunos gostam de aprender o árabe, pois ele está ligado à religião.

As regras são “hábitos” que facilitam cada indivíduo ao cumprimento das suas obrigações. O aceitar regras é fazer um esforço contínuo de viver em sociedade. Verificámos que as regras do colégio caracterizam-se pela firmeza, clareza, conivência e objectivos. Porém, os jovens aceitam estas regras mas não concordam com algumas delas. As raparigas

muçulmanas usam o hijab no colégio, apesar de não ser obrigatório nas aulas curriculares, faz parte do respeito pelas crenças religiosas, mas estas jovens não aceitam bem como regra do colégio.

Na categoria “ **Atributos relacionais/ Vivências dos alunos**”, verificámos que estas actividades fazem parte de experiências que constituem novos domínios a conquistar, tornando a vida de qualquer criança ou jovem, normalmente activa, numa série de “aventuras” gratificantes. Todas as actividades lúdicas favorecem o desenvolvimento global da criança ou jovem, estimulando a criatividade e a capacidade de expressão a vários níveis como a verbal, corporal, emocional, etc., desenvolvendo competências sociais e particulares, reforçando a sua auto-imagem e auto-estima, motivando a socialização duma forma adequada, crítica e participativa. Independentemente da religião ou cultura, todas as actividades lúdicas adquirem bastante importância, são essenciais tanto a nível relacional como de desenvolvimento intelectual e físico:

*“Jogamos à bola... Comemos e, jogamos e, falamos...”* (Maryeem, p.15,16)

*“...jogo às cartas... Jogo, xadrez... Basquet e futebol...”* (Ali, p.28)

*“Jogo playstation, vejo televisão “* (Shabbir, p.41)

A participação e o ser aceite num grupo de amigos da mesma religião ou de religião diferente da sua, mas com gostos comuns tem a maior importância para a criança ou jovem. Neste sentido os sujeitos de estudo expressam-se desta maneira:

*“...a minha melhor amiga... é um bocadinho diferente... Ela é Ismaelita”* (Ruksar, p.8)

*“...tenho muitas amigas. São paquistanesas. Vivem ao pé de mim...”* (Maryeem, p.15)

*“ [Os amigos] são mais do que no colégio... nenhum deles é islâmico... são simpáticos, não batem, não gozam.”* (Ali, p.30)

Sheik Ismael salientou ainda em relação às vivências das crianças:

*“... as crianças... quando chegam a casa vivem e convivem com o meio onde estão integradas. Há os vizinhos, a sua maioria, não são muçulmanos. Por exemplo, no Laranjeiro, as crianças que andam noutra escola, de outro meio, de outra religião, brincam com as crianças muçulmanas, jogam à bola, como exemplo. Há essa junção de crianças...daí não corremos o risco de haver mundos diferentes.”*

Da análise feita, a categoria “ **Projectos Profissionais**” é a menos relevante, a turma A como na B tem um número reduzido de indicadores, prendendo-se sobretudo à referência de projectos de tirar um curso. Os projectos profissionais são pouco valorizados, talvez porque estes alunos não tenham a noção exacta do seu significado, devido ao longo percurso que ainda têm de fazer.

## SUGESTÕES

Não podemos deixar de referir que a realização desta investigação foi muito gratificante, que nos deu a conhecer melhor este grupo de alunos muçulmanos, a sua forma de viver a escola, inseridos numa religião minoritária em Portugal outrora pouco conhecida por nós.

Os pais, Sheik Rachid Ismael e a dr<sup>a</sup> Hana Mateus reconheceram que o colégio confere uma autenticidade à religião, mas com uma acção educativa aberta a novos conhecimentos, de modo que os alunos se tornem cidadãos participativos na sociedade em que vivem.

Pensamos que o colégio é um universo adverso à individualidade, estando receptivo a qualquer aluno, independentemente dos seus credos religiosos.

Pensamos ser pertinente dar a conhecer:

- A muçulmanos e não muçulmanos que o colégio tem uma visão lata, educando e participando na sociedade, preocupando-se com a criança como um todo e como qualquer estabelecimento de ensino particular, oficial, religioso ou laico tem os seus objectivos e normas.
- Junto das Comunidades Islâmicas em Portugal, com a intenção de que o Colégio Islâmico é “ instrumento” valioso para os não fiéis e fiéis do Islão, reforçando ainda mais a sua fé e as suas relações interpessoais. Bem como na MEL-NET (Muçulmanos em Espaços Lusófonos), assim como na Net.

Pensamos ainda que deste modo contribuímos para um maior conhecimento do colégio e da sua educação solidária e participativa.

Chegámos ao fim deste estudo, e como já o afirmámos foi muito aliciante, contudo, ao fazermos a análise de dados questionámo-nos (apesar de termos feito uma visita e uma pequena pesquisa na Escola da Comunidade Mahometana em Maputo):

“ O que se passará com idênticos alunos, inseridos num estabelecimento de ensino, semelhante ao de Palmela, num outro país, em que a sua religião é minoritária?”

Estamos convictos de que seria importante a existência de colégios com este perfil nas regiões de Portugal onde há uma maior concentração da Comunidade Islâmica, de modo a conferir-lhes a oportunidade de escolha entre um estabelecimento laico ou de um com características religiosas ao seu, o Islam.

## GLOSSÁRIO

**Ablução** – Purificação ritual com água ou terra pura.

**Adhan**( ou **Azan**)- Chamamento para a oração.

**Ahádith** – Os dizeres do Profeta e o que ele fez.

**Alcaba** (ou **Kaaba**) – O templo do cubo ou da pedra negra, o lugar supremo de adoração a Allah.

**Al-hamdulillah** – Graças a Deus

**Alim** (Alima, pl. Ulema) - O sábio. Aquele(a) que tem formação religiosa superior relativa ao Alcorão, teologia e jurisprudência.

**Allah** – Deus

**Arkan** – Os pilares do Islam

**Ayat** – Os versículos do Alcorão.

**Burqa** (Burqu, pl. Baraqi) - Véu longo que cobre o corpo todo da mulher muçulmana, excepto os olhos.

**Califa (Khalifa; pl. Khulufa)** – Chefe(s) político(s), considerado o sucessor de Muhammad.

**Chirk**- O oposto do monoteísmo no Islão.

**Corão** (ou **Alcorão, Qur'an**) – Significa literalmente “ Recitação”. É o livro mais sagrado do Islam e reúne as diversas revelações divinas recebidas por Muhammad entre os anos 610 e 632. Está dividido em 114 capítulos, cada um designado por “sura”( em árabe). Cada “sura” está dividida em versículos.

**Dacif** – Hadiths cujo conteúdo não é fidedigno.

**Dar al- harb** - O país da guerra.

**Dar al- Islam** - O país do Islão.

**Dhu-al-Hijja** – O último mês do calendário islâmico.

**Din** – Fé, religião.

**Du'ah** – Pedidos pessoais e que são feitos na língua materna de cada fiel.

**EC** – Era Cristã

**Eid-al- Fitr**- A festa que comemora o fim do jejum do Ramadão. É celebrada no primeiro dia do mês Xaual.

**Eid-al-Adha** – A “ festa do sacrifício” considerada para os islâmicos a mais importante de todas as festas. Assinala o fim da peregrinação Hajj.

**Emir** (Amir al Mouminin) – Significa” Comendador dos Crentes”; título do príncipe usado por aqueles que se pretendiam ligados por sangue a Muhammad. Usado por Omar, depois pelos califas abássidas e dos sultões até 1924. Actualmente título do rei de Marrocos.

**Fiqh** – A palavra significa “Jurisprudência islâmica”. É o entendimento e a aplicação da Shariah. Concentra-se no conhecimento de regras da lei islâmica

**Hadith** – O singular de Ahádith.

**Hafiz** – Guardião. Aquele que decorou o Alcorão.

**Hajj (pl. Hajjat)** – Peregrinação à Kaaba em Meca (Arábia Saudita), que constitui uma das obrigações dos muçulmanos, pelo menos uma vez na vida. A peregrinação é feita entre os dias 8 e 12 de Dhu-al-Hijja, o último mês do calendário islâmico.

**Halal** – O que é permitido.

**Haran** – O que é proibido.

**Hasan** – Os Hadiths considerados belos.

**Hégira (Hijrah)** – O início da era islâmica. Emigração do Profeta Muhammad de Meca para Medina no ano 622 EC – ano 1 da Era Islâmica.

**Hijab** – Véu que faz parte do vestuário da mulher muçulmana.

**Iblis** -Satanás.

**Iftar** – quebra do jejum depois do pôr-do-sol,

**Ijthad** – Processo racional pelo qual as leis islâmicas são deduzidas após uma exaustiva pesquisa.

**Imame** – (em árabe “imam, pl. “a’imma”). Significa literalmente líder da oração. Estes dirigentes podem ser ou não Sheikh.

**Iman** – Fé

**In Sha’a Allah** – Expressão corrente árabe que significa “ Se Deus quiser”, deu origem à palavra portuguesa “ oxalá”.

**Injil** -Evangelho enviado ao Profeta Jesus.

**Islam** (Islão) – Palavra que significa literalmente “submissão”( à vontade de Deus). É o nome de uma das grandes religiões monoteístas, estreitamente ligada ao judaísmo e ao cristianismo. Os crentes desta religião são chamados de muçulmanos.

**Ismaelitas** (Isma'iliyya) – Seguidores de um ramo do Islam que deve o seu nome a Ismail, o filho mais velho de *Já'far al Sadiq*. Os membros deste grupo também se designam “ sétimos” ( porque reconhecem os sete principais imames depois da morte do Profeta) e também por “ batiniyya” ( devido à ênfase que dão à “batin” ou interpretação). A teologia dos ismaelitas caracteriza-se por uma teoria cíclica da história centrada no número sete, número que assume um importante significado na crença de Ismail e na cosmologia. Os Ismaelitas actualmente são conduzidos pelo Imame (Ismaelita) Aga Khan, conseguindo destacar-se e liderar os muçulmanos de todos os continentes.

**Ismail** -Ismael

**Istihsaan** – Preferência.

**Istilaah** – Bem-estar.

**Istis-haad** – Ligação. É o processo de deduzir as leis através da ligação de um determinado grupo de circunstâncias a um outro grupo.

**Ittibaa** – Seguir uma madhhab.

**Jalab** (pl. Jalabib) – Vestido (s) comprido (s) que cobre (m) o (s) corpo (s), deixando visível as mãos e os pés.

**Jamaat** – Oração da congregação.

**Jibrail**-Gabriel

**Jihad** – Combate em defesa da Fé.

**Jinn** – Espíritos maus.

**Julúç** – Breve descanso em posição de sentado durante a oração.

**Jutba** – Discurso antes da oração em congregação à sexta – feira.

**Kalimah** -Declaração de Fé.

**Khutba** – Sermão de sexta- feira.

**Madhhab** – Escola filosófica islâmica.

**Madrassa** – (pl.madaris). Escola ou lugar de ensino, frequentemente ligada ou associada a uma Mesquita. Escola Islâmica.

**Madressa** – Professora religiosa.

**Manar (Minarete** - pl. Manawir) – Um dos símbolos do Islam. O minarete é uma torre de uma mesquita donde os crentes são chamados à oração.Em Portugal o chamamento é feito no interior das próprias mesquitas.

**Maulana** – Professor religioso.

**Mirab** – Nicho ou púlpito, onde o Imame faz o discurso antes da oração.

**Muezzin** (mu'adhdhin) – pessoa que faz o chamamento para a oração na mesquita.

**Muhammad** – o principal Profeta do Islamismo. Os muçulmanos acreditam que recebeu a revelação divina na forma de Alcorão e que é o último de uma série de profetas que começou com Adão e inclui todos os profetas mencionados na Bíblia hebraica, assim como Jesus.

**Namaz** – Oração

**Niqab** – Pano que cobre o rosto da mulher muçulmana.

**Qari** – Aquele que recita o Alcorão.

**Qibla** – parede da mesquita virada para Meca e que indica a direção para a qual os crentes se devem virar durante a oração.

**Quiyáma** – Juízo final

**Rakca** – Ciclo de posições (de pé, sentado ou de joelhos) durante a oração.

**Ramadan** – Nono mês do calendário lunar islâmico, durante o qual os muçulmanos praticantes fazem jejum e abstinência, não comendo, bebendo, fumando, praticando violência ou sexo desde antes do nascer até depois do sol se pôr, durante todo o mês.

**Sadaqa** – fazer caridade voluntária

**Sahifa** – Os Pergaminhos. Foi dado a Abraão.

**Sahih** -Os Hadiths considerados seguros

**Salah** – Oração

**Salah-al-Jumuah** – oração de congregação de 6ª feira ao meio-dia

**Salah-ul-fajr** – A primeira oração, é feita ao amanhecer.

**Salah-ul-ichá** – a oração da noite

**Salah-ul-maghreb** – oração feita ao pôr-do-sol

**Salah-ul-zuhr** – oração efectuada depois do sol começar a declinar do seu zénite até estar a meio caminho de se pôr (meio-dia).

**Saum** (Sawm) – Jejum

**Sawm** – Jejum.

**Seheri** – Antes do cumprimento do jejum, antes do nascer do sol, os muçulmanos fazem uma refeição substancial

**Shahadad** – Profissão de Fé na unicidade de Deus e na missão profética perfeita de Muhammad.

**Shariah** – (Xaria) – Conjunto de leis que Allah estabeleceu para a conduta dos crentes, sendo expressão da vontade de Allah apenas necessita de um interprete e de um executor. É Lei revelada e Allah é o único legislador. O Alcorão para os muçulmanos é um código simultaneamente moral, civil e penal.

**Sheik** (pl. Shuyukh) – Teólogo.

**Sujud** – Prostração.

**Sunitas** – Nome do grupo maioritário do Islam. Corrente muçulmana surgida na época da morte do Profeta Muhammad e que actualmente compreende 90% da comunidade islâmica mundial. Consideram-se seguidores directos da tradição do Profeta, continuada pelo seu tio Al- Abbas. Para os sunitas, a autoridade espiritual pertence à comunidade como um todo. Subdividem-se em quatro grupos (escolas): Hanafi, Malaki, Shafi'i e Hanbali.

**Sunna** (sunnah) – O modo de vida do Profeta Muhammad. Consiste nos seus ditos, actos e aprovações silenciosas.

**Sunnath** – Quando alguma coisa pertence à Sunna.

**Sura** (pl. Suwar) – Capítulo do Alcorão, cada um dividido em vários versículos, *ayat*.

**Taqiya** – Chapéu islâmico masculino.

**Tawrat** (Torah) – livro dado ao Profeta Moisés.

**Topin** – Chapéu islâmico masculino, em língua Urdu.

**Umma** (ummat) – Significa “nação” ou “comunidade” e refere-se á comunidade de crentes formada por todos os muçulmanos do mundo.

**Wudu** (ou wuzu) – Lavagem ritual que precede as orações (salah); Ablução.

**Xaual** – 10º mês do calendário islâmico

**Xiitas** – São os “partidários de Ali”. Depois da morte de Muhammad, em 632, consuma-se o primeiro grande cisma no Islão. Uma parte da comunidade dos crentes insistia em que os sucessores do profeta deveriam ser escolhidos entre os membros da sua família e por isso apoiariam Ali, o marido de Fátima, filha de Muhammad. A outra parte da comunidade, continuou ligada à “Sunna”, tradição árabe, e designou Abu Bakr (o primeiro discípulo do Profeta), como seu herdeiro.

**Yaum al – Qiyamah** – dia do Juízo Final.

**Zabur** – Os Salmos dados ao Profeta David.

**Zakat** – Esmola ritual que consiste em doar como caridade uma determinada percentagem da riqueza pessoal.

**Zíara** – Túmulo do Profeta Muhammad.

**Zickr** – Meditação.

## BIBLIOGRAFIA

ADAMGY, M. & MADUREIRA, M.(1996). *10º Aniversário – Inauguração da Mesquita Central de Lisboa*. Loures: Al Furqán.

ADAMGY, M.(1998). *O Conceito de Família no Islão*. Loures: Al Furqán.

ADAMGY, M. (1999). *A Construção Duma Ponte Entre Cristãos e Muçulmanos.*, Loures: Al Furqán. 1ª ed.

ADAMGY, M.(1999). *Dirigentes, pais e Jovens Muçulmanos – Face aos Desafios do Sec.XXI*. Loures: Al Furqán.

ADAMGY, M.(2000). *A Mulher no Islão*. Loures: Al Furqán.

ADAMGY, M.(2004). *O Véu Islâmico. Análise e Esclarecimento*. Loures: Al Furqán.

ADAMGY, M.(2005). *Apresentação do Islão aos Não-Muçilmanos*. Loures: Al Furqán. 3ª ed.

ADAMGY, M.(2005). *O Islão – História e Conceitos*. Loures: Al Furqán. 2ª ed.

ADRIANI, M. (1988). *História das Religiões*. Lisboa: Edições 70.

*Alcorão Sagrado*. Tradução de José Pedro Machado. Lisboa. Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1980.

ALDEN, W.J. (1980). *Islamismo*. Lisboa: Editorial Verbo.

AMÂNCIO, L.(2004). Identidade Social e relações intergrupais. In VALA, J. & MONTEIRO, M. (Orgs.). *Psicologia Social* (pp. 387-410). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 6ª ed.

ANNADUY, A.H. (1990). *O Islam e o Mundo*. S. Paulo: CDIAL (Centro de divulgação do Islam para a América Latina)

BANTON, M. (1979). *Ideia de Raça*. Lisboa. Edições 70.

BARREIROS, J. (1996). *A turma como grupo e sistema de interação*. Porto: Porto Editora.

BARROS, M. (2002). Identidade e Aculturação: O casamento Islâmico no Portugal Medieval, *Minorias étnicas e religiosas em Portugal. História e Actualidade* (pp.101-116). Coimbra: Instituto de História Económica e Social. Faculdade de letras da Universidade de Coimbra.

BASTOS, C. (2005). Europa e Islão. *Análise Social*, nº 173. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

BASTOS, S. & BASTOS J. (2006). *Filhos Diferentes de Deuses Diferentes. Manejos da religião em processos de inserção social diferenciada: uma abordagem estrutural -dinâmica*. Lisboa: ACIME.

BAUGNET, L.(1998). *L'Identité Sociale*.Paris :Dunod.

BERQUE,J.(1985).L'Islam au Temps du Monde in *Aspects de la foi de l'Islam*. Bruxelles : Publications des facultés Universitaires Saint-Louis.

BORDALAN, J.(1998).*L'identité: l'individu, le groupe, la société*. Auxerre- France : Sciences Humaines Éditions.

BRAGA, I. (2002). Os Mouriscos em Portugal nos Séculos XVI e XVII. *Minorias étnicas e religiosas em Portugal. História e Actualidade* (pp. 139-151). Coimbra: Instituto de História Económica e Social. Faculdade de letras da Universidade de Coimbra.

CASHMORE, E.(2000). *Dicionário de relações Étnicas e Raciais*. S. Paulo: Selo Negro.

CASTELLS, M.(2003). *O Poder da identidade – A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* (Vol. 2). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CERULO, K.(1997). Identity Construction: New Issues, New Directions(pp.385-409).In *Annual Review of Sociology* (Vol.23).

CHAMBERS, I. (1994). *Migrancy, culture, identity*. London/New York: Routledge.

COELHO, A. & ROCHA, D.(2005). *Muçulmanos em Portugal*. Lisboa: Público.

DUCELIER, A.; KAPLAN, M.; MARTIN, B. & MICHEAU, F. (1994) *A idade Média no Oriente- Bizâncio e o Islão dos Bárbaros aos Otomanos*. Lisboa: D. Quixote.

DELUMEAU, J. (coord.) (1999). *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença.

DIAS, E.(1940). *Árabes e Muçulmanos*. Lisboa: Livraria clássica Editora.

DORON, R. & PAROT, F.(2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: CLIMEPSI Editores

ELIAS, J.(1999). *Islamismo*. Lisboa: Edições 70

*Encyclopaedia Universalis* ( Vol. 1, 2 e 8).(1980).France : Éditeur à Paris.

ÉTIENNE, J. ; BLOESS, F. ; NOREK, J. & ROUX, J. (1998). *Dicionário de Sociologia*. Lisboa: Plátano Edições.

ERIKSON, E. H.(1968). *Identity : Youth and Crisis*. New York: W.W. Norton & Company.

ERIKSON, E. H. (1972). *Adolescence et crise: La quête de l' identité*. Paris : Flammarion.

ERIKSON, E. H.(1980). *Identity and the life cycle*. New York: Norton & Company.

FERREIRA, A.(1983). *Dicionário de Latim – Português*. Porto: Porto Editora.

FRIAS, S. I.(1995). *Contribuição para o estudo do processo de adaptação à mudança: o caso de duas mulheres islâmicas na região de Lisboa*. Lisboa: Universidade Aberta.

FRIEDMAN, S.(2001). “O 'falar da Fronteira', o hibridismo e a performatividade: teoria da cultura e identidade cultural nos espaços intersticiais da diferença”. in revista *Crítica das Ciências Sociais*; nº 61. Lisboa.

GIDDENS, A. (2004). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 4ª ed.

GONÇALVES, J.(1962). *O Mundo Árabo – islâmico e o Ultramar Português*. Lisboa: Bertrand. 2ª ed.

GUELLOUZ, A.(1997). O Islão. In *As Grandes Religiões do Mundo* (pp.256-338). Lisboa: Editorial Presença.

HAMIDULLAH, M.(2002). *O Sistema Político, Jurídico e Económico do Islão*. Loures: Al Furqán.

HATZFELD, H. (1997). *As Raízes da Religião- Tradição, Ritual, Valores*. Lisboa: Instituto Piaget.

HOLT,P.M.; LAMBON,A. & LEWIS,B.(1986).*Encyclopédie Générale de l'Islam- La Société et la Civilisation Islamiques- l'Islam Aujourd'hui*. Cambridge : Cambridge University Press.

HUNTINGTON, S.(2001). *O Choque das Civilizações*. Lisboa: Gradiva. 2ª ed.

JESUÍNO, J. (2004). Estruturas e processos de grupo. In VALA, J. & MONTEIRO, M. (Orgs.). *Psicologia Social* (pp.293-332). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 6ª ed.

JOMIER, J (1993). *Islamismo : História e Doutrina*. Petrópolis: Vozes.

L'ECUYER, R.(1978).*Le concept de soi*. Paris : PUF

LA SAUSSAYE, C.(s.d.). *História das religiões*. Lisboa: Editorial Inquérito. 3ª ed.

LAVAJO, J.(2000). Islão e Cristianismo: Entre a Tolerância e a Guerra Santa. In *História Religiosa de Portugal* (Vol.1, pp.91-133). Lisboa: Circulo de Leitores.

LEWIS, B.(1982). *Os Árabes na História*. Lisboa: Editorial Estampa.

LEYENS, J.P. (1979). *Psicologia Social*. Lisboa: Edições 70.

LIPIANSKY, E. (1990). Identité subjective et interaction. In CAMILLERI (et al.).*Stratégies identitaires* (cap. VI). Paris: Puf.

LOPES, M. (2000). *Dicionário do Islão*. Lisboa: Editorial Notícias.

MAALOUF, A.(1999). *Identidades Assassinas*. Lisboa: Difel.

MACÍAS, S. (s.d.). Resenha dos factos políticos. In MATTOSO, J. (Coord.). *História de Portugal* (Vol.1, pag.417-437). Lisboa: Editorial Estampa.

MAESTRO, J.I.(2005). *Un Islam Múltiple. La definición de la identidad religiosa entre los inmigrantes marroquies en la comunidad de Madrid*. Madrid: Revista Encuentro Islamo – Cristiano, nº 404.

MALHEIROS, J.(1992). *Imigrantes na Região de Lisboa: os anos da Mudança*. Lisboa: Colibri.

MAMEDE, S. (1968). A ciência do Corão entre os Muçulmanos de Moçambique. *ACTAS. IV Congresso de Estudos Árabes e Islâmicos* (pp.479-483). Coimbra: Imprensa de Coimbra.

MAMEDE, V.(1993). *Doutrina Islâmica*. Loures: Al Furqán.

MAPRIL, J. (2005). «Bangla masjid»: Islão e bengalidade entre os bangladeshianos em Lisboa, Europa e Islão. *Análise Social*, nº 173. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

MARQUES, J.& PAÉZ, D.(2004). Processos Cognitivos e Estereótipos Sociais. In VALA, J.& MONTEIRO, M. (Orgs.). *Psicologia Social* (pp. 851-873). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 6ª ed.

MARQUES, Oliveira (1974). *História de Portugal* (Vol.1). Lisboa: Palas Editores. 4ª ed.

MAUDUDI, S.(1980). *O Islão – Código de Vida para os Muçulmanos*. Kuwait: International Islamic Federation of Student Organizations.

MIRANDA, J.(2003). Lusofonia – Identidades e Culturas Nacionais (pp.15-34). Espaço S – Revista de Educação Social: Edição Especial.

MOHAMAD, A.(2002). *A mulher no Isslam*. (Vol.1 e2). Maputo: Instituto Isslâmico Hamza.

MOREIRA, P. (1968). A ciência do Corão entre os Muçulmanos de Moçambique. *ACTAS. IV Congresso de Estudos Árabes e Islâmicos* (pp.445-477). Coimbra: Imprensa de Coimbra.

MUCCHIELLI, A. (1986). *L'identité*. Paris: Puf.

NETO, F. (1998). *Psicologia Social* (Vol. 1). Lisboa: Universidade Aberta.

NETO, F. (2000). *Psicologia Social* (Vol. 2). Lisboa: Universidade Aberta.

NETO, F. (2002). *Psicologia Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.

OSÓRIO, L. C.(1996). *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

*Projecto Educativo do Colégio Islâmico de Palmela.*

RAHMAN, F.(1970). *O Islamismo*. Lisboa: Editora Arcádia.

ROCHA-TRINDADE, M.B. (1993). Minorias. Polissemia do Conceito e Diversidade de Manifestações in: SILVA, M.B. e tal. (org.). *Emigração/ Imigração em Portugal* (pp.422-433). Actas do colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (sec. XIX-XX). Algés: E. Fragmentos

ROCHA-TRINDADE, M.B. (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.

SANTOS, B.S. (1993). Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (p.11-30). Coimbra: CES-UC.

SCHAEFFER, R. (1992). *Filosofia da religião*. Lisboa: Edições 70.

SCHLESINGER, H; PORTO, H.(1995). *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (Vol. 1 e 2). Petrópolis: Vozes.

SILVA, J.(1994). *A Identidade roubada. Ensaios de Antropologia Social*. Lisboa: Gradiva.

SILVA, M. (2005). O sentido dos árabes no nosso sentido. Dos estudos sobre árabes e sobre muçulmanos em Portugal. Europa e Islão. *Análise Social*, nº 173 (pp. 781-806).

SOUSA, J.S. (1986). *Religião e Direito no Corão*. Lisboa: Editorial Estampa.

SPRINTHALL, N.COLLINS. W.(1999). *Psicologia do Adolescente. Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2ª ed.

TAJFEL, H. (1981). *Grupos Humanos e Categorias Sociais* (Vol.1 e 2). Lisboa: Livros Horizonte.

TAJFEL, H. ; TURNER, J.(1986).The social identity theory of intergroup behaviour. In S. WORSCHER and W. G. AUSTIN (Eds.). *Psychology in intergroup relations* (pp.7-24). Chicago: Nelson-Hall.

TIESLER, N. (2005). Novidades no terreno: muçulmanos na Europa e o caso português. Europa e Islão. *Análise Social*, nº 173 (pp. 827-849).

TORRES, C. (s.d.). O Garb – Al – Andaluz. In MATTOSO, J. (coord.), *História de Portugal*, (Vol.1, pp.361-415). Lisboa: Editorial Estampa.

VAKIL, A. (2004). Do outro ao diverso: Islão e Muçulmanos em Portugal. *Revista Lusófona de Ciências das Religiões*, nº5/6 (pp.283-312).

VINSONNEAU, G.(2002). *L'Identité Culturelle*. Paris: Armand Colin Éditeur/VUEF.

WILLIAMS, J.(1980). *As Grandes Religiões do Mundo – 1: Islamismo*. Lisboa: Editorial Verbo.

ZAKARIYA, S.(1931). *Fazaile-Tabligh*. Saharanpur: Water Val Islamic Centre-South Africa (Trad. de Sheik Rachid Ismael- *As virtudes de propagar o Islão*- 1992).

WEBER,E.(1993).*L'Islam Sunnite Traditionel*. Turnhout: Brepols.

BIBLIOGRAFIA RELATIVA À METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO:

BARDIN, L.(1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BELL, J.(1999).*Doing your research project. A guide for first time researcher in education and social science*. Ballmore Buckingham:Open University press. 3<sup>rd</sup> Edition.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S.(1994).*Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

CARMO, H.& FERREIRA, M.(1998). *Metodologia da Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.

COSTA, F.(1986). A Pesquisa de Terreno em Sociologia. In SILVA, A. & PINTO, J.(Orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais* (pp.129-148). Porto: Edições Afrontamento.

ECO, H.(2004). *Como se faz uma Tese em Ciências Sociais*. Barcarena: Editorial Presença. 11<sup>a</sup> ed.

FORTIN, M. (1999). *O processo de Investigação – da concepção à realização*. Loures: Lusociência.

GHIGLIONE, R.& MATALON, B.(2005). *O inquérito. Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora. 4<sup>a</sup>ed. (reimpressão).

LEININGER, M. (1985). *Qualitative research methods in nursing*. Orlando: Grune and Stratton.

MERRIAM, S. B. (1988). *Case Study Research in Education*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

PATTON, M. Q. (1982). *Practical Evaluation*. London: Sage

PATTON, M. Q. (1990). *Qualitative Evaluation and Methods*. Newbury Park, CA: Sage Publications.

POIRIER, J. e al. (1983). *Les Récits de Vie : theory et pratique*. Vendôme : Press Universitaires de France, col. Le Sociologie.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* Lisboa: Gradiva – Publicações Lda. 2ª ed.

STAKE, R. (1994). Case Studies. In N. Denzin & Lincoln (Eds.). *Handbook of Qualitative Research* (pp.236-247). London: Sage.

VALA, J. (1986). Análise de Conteúdo. In SILVA, A. & PINTO, J. (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*. (pp. 101-128) Porto: Edições Afrontamento.

YIN, R. (1989). *Case Study Research: Design and Methods*. Newbury Park, CA: Sage Publications.

JORNAIS E REVISTAS CONSULTADOS:

CORREIO DA MANHÃ:

16.08.1993 *Unidade e diversidade no espírito humano.*

CORREIO DO VOUGA:

29.03.2006 *A indignação é um direito mas não justifica a violência.*

EXPRESSO:

24.05.2003 *Incenso e chá de menta. Mértola viveu o 2º festival islâmico: a cor, a música e as essências de Al-Andaluz, invadiram as ruas.*

O INDEPENDENTE:

18.09.1998 *Com o Islão no Coração.*

20.04.1999 *Banqueiro de Maomé.*

PÚBLICO:

4.08.2002 *Dados sobre a Guiné-Bissau e os guineenses em Portugal.*

SÁBADO:

12.10.2002 *Portugueses aderem ao Islão.*

VISÃO:

4. 10.2001 *Muçulmanos graças a Deus.*

15.06.2006 *Ganhar Raízes.*

ENDEREÇOS CONSULTADOS NA INTERNET:

[www.alcorão.com](http://www.alcorão.com)

[www.acime.gov.pt](http://www.acime.gov.pt)

[www.oi.acime.gov.pt](http://www.oi.acime.gov.pt)

[www.google.com](http://www.google.com)

[www.unesco.pt](http://www.unesco.pt)

<http://www.sapo.pt/>

<http://www.philosophyofreligion.info/index.html>

<http://religiões.no.sapo.pt/>

<http://afilosofia.no.sapo.pt/DirHumanos.htm>

## **ANEXOS**

## ANEXO I

Guião de Entrevista

## ANEXO II

Entrevistas aos alunos do Colégio Islâmico de Palmela

## ANEXO III

Questionário feito aos pais dos alunos

## ANEXO IV

Entrevistas significativas de duas testemunhas privilegiadas  
(Dr<sup>a</sup> Hana Mateus e Sheik Rachid Ismael)

## ANEXO V

Alguns extractos dos “Media” sobre o Colégio Islâmico de Palmela

## ANEXO VI

Indicadores não classificados

## GUIÃO DE ENTREVISTA

(ENTREVISTA SEMI- ESTRUTURADA)

<b>DADOS PESSOAIS</b>	<b>OBJECTIVOS:</b> Obter dados biográficos dos alunos	<b>TÓPICOS DAS PERGUNTAS</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Idade</li><li>• Nacionalidade</li><li>• Naturalidade</li><li>• Região onde vive</li><li>• Religião</li><li>• Ocupação dos tempos livres</li></ul>
<b>DADOS ALUNO COMO</b>	<b>OBJECTIVOS:</b> Fazer a caracterização do aluno	<b>TÓPICOS DAS PERGUNTAS</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Em que ano anda</li><li>• Se gosta do colégio e o porquê</li><li>• Qual o melhor amigo(a)</li><li>• Porque é que se identifica com ele(a).</li><li>• Se tem muitos amigos no colégio</li><li>• Se frequenta as aulas de religião</li><li>• Se gosta de aprender árabe e o porquê</li><li>• Se gostam de todos os colegas</li></ul>
<b>DADOS RELIGIOSOS SOCIO-CULTURAIS E ESCOLARES</b>	<b>OBJECTIVOS:</b> Obter uma visão geral do colégio, em termos de religião, educação/ensino, regras e convívio	<b>TÓPICOS DAS PERGUNTAS</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Os sentimentos pelo colégio</li><li>• A principal causa de frequentar o colégio</li><li>• As condições do estabelecimento escolar</li><li>• Descrição do colégio</li></ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relações com os colegas de outras origens</li> <li>• A importância de se ser islâmico ou não no colégio</li> <li>• Os conflitos entre crianças islâmica e as outras</li> <li>• Descrição dos amigos</li> <li>• Descrição dos tempos livres no colégio e fora dele.</li> <li>• As origens dos seus ascendentes.</li> <li>• Se gostava de frequentar outro colégio e o porquê</li> <li>• Qual a profissão que gostaria de ter quando fosse adulto</li> <li>• Actividades em família (festas religiosas e outras) <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que é para ele(a) ser muçulmano</li> </ul> </li> </ul>
<p><b>DADOS COMPLEMENTARES</b></p>	<p><b>OBJECTIVOS:</b> Recolher informações complementares que o aluno(a) julgue importante referir</p>	<p><b>TÓPICOS DAS PERGUNTAS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Esclarecimentos complementares que apoiem a realização deste trabalho</li> </ul>

## **ALGUNS EXTRACTOS DOS “MEDIA” SOBRE O COLÉGIO ISLÂMICO DE PALMELA.**

**04/10/2001- Revista Visão**

“**Muçulmanos graças a Deus- Escola básica do 1º ciclo da Comunidade islâmica de Palmela. Os primeiros passos na fé**”

*Os gritos, as gargalhadas e o som das correrias que vêm do pátio fazem adivinhar as brincadeiras que ocupam as crianças durante o recreio do meio da manhã. Ali talvez se jogue à apanhada ou à barra do lenço, actividades que se aprenderam nas aulas de Educação Física. De um momento para o outro, o silêncio impõe-se e os alunos entram, ordeiros, nas duas salas de aula. Sentados nas cadeiras e de olhos postos ora no quadro preto ora no caderno, compõem o normal cenário de uma escola portuguesa. Só três membros se diferenciam dos outros: têm um lenço que lhes cobre a cabeça e os ombros. No entanto, basta perguntar-lhes os nomes para se verificar que todos têm uma ressonância muçulmana: Abdul, Aisha, Mariyah, Abdullh, Safwan, alunos da Escola Básica do 1º ciclo da Comunidade Islâmica de Palmela. E o futuro do Islão em Portugal. Estas crianças fazem parte da comunidade de muçulmanos”*

**29/03/2006-Correio do Vouga nº 81**

“**A indignação é um direito mas não justifica a violência**”

*Rachid Ismael é director do Colégio Islâmico de Palmela, escola onde se ensina o currículo normal do 1º ao 3º ciclo. Paralelamente, os alunos têm aulas de religião muçulmana duas horas por dia. Entre os alunos há dez que não são muçulmanos. Desses dez, cinco frequentam as aulas de religião muçulmana”*

**15/06/2006- Revista Visão**

“**Ganhar raízes**”

*Nabila Hanif, 12 anos, é uma miúda feliz. Acabou de dar abada num jogo de matraquilhos como sempre em dupla com a colega Sarah, mas a sua felicidade não se mede em golo. “ -Antes, sentia-me diferente”, diz, ajeitando o lenço branco que traz na cabeça. “- Agora, estou mais à vontade, como se o colégio fosse a minha segunda casa.”*

*Há dois anos, Nabila andava numa escola oficial na Azambuja. Tinha amigos- “ claro!”- mas nenhum era muçulmano como ela. Quando chegou ao 5º ano, os pais, que lhe perceberam o desconforto inscreveram-na no Colégio Islâmico de Palmela...*

*...num sorriso corajoso: “ Aqui posso aprender mais sobre a minha religião”...*

*... Como noutros colégios privados têm de andar de uniforme...*

*...A manhã foi passada em aulas do currículo escolar secular, com professoras escolhidas pela competência e não pela fé, garante Hana Mateus, 46 anos, directora do 2º e dos 3º ciclos, ela sim, muçulmana...*

*...E só à tarde se aprende religião, meninas para um lado e meninos para o outro, a não ser para os dez alunos não-islâmicos do Estudo Acompanhado...*

*... Esta escola particular, criada em 1988, precisamente com o objectivo de integrar a religião muçulmana no currículo dito normal...”*

## ENTREVISTA COM KHADIZA

-Chamo-me khadiza e tenho doze anos.

P:- Onde nasceste?

-Nasci em Bangladesh.

P:- Sabes em que cidade ou terra? Fala um pouco da tua terra.

-Então (pausa) nasci numa aldeia de lá. Então (pausa) essa aldeia é bonita é assim, é normal.

P:- Fala um pouco das pessoas da tua terra.

\_São pessoas simpáticas comigo e... então há muitas famílias ao pé da minha casa, tenho muitas pessoas...e (pausa)

P:- Vives há muito tempo em Portugal?

-Vivo há sete ou oito anos.

P: - Ainda te lembras do teu país onde nasceste?

-Lembro... mas eu nasci na aldeia

P:- Agora, onde é que vives?

-Agora vivo em Lisboa.

P:- Tens irmãos?

-Tenho uma irmã aqui... no sexto ano e, e tenho outro, um irmão pequenino que está no primeiro ano.

P:- Estão também no colégio?

Sim...sim também estão aqui.

P:- Depois das aulas como ocupas os teus tempos livres?

- Então estudo e, (pausa) quando tenho tempo brinco com as minhas amigas e, e arrumo a casa e... (pausa)

P:- Vais a casa das amigas?

- Não (pausa), porque os pais não deixam, só às vezes, quando os meus pais tem tempo vou lá para fora com os meus pais e, e, e (pausa) vou passear.

P: - E, vão passear para onde?

-Então, vamos ao Colombo, ao Almada Fórum, em muitos lugares, a vários lugares novos, que o meu pai leva-me.

P:- Tens mais familiares em Portugal?

- Não, não tenho muita família aqui, são só os meus pais e os meus irmãos.

P:- Os teus pais também são de Bangladesh?

- Sim.

P:- Vais à Mesquita?

-Não. Não podemos ir à mesquita.

P: Fazes as tuas orações onde e com quem?

-Faço em casa, então, sozinha, às vezes a mãe está em casa a cozinhar e a trabalhar, depois ela reza.

P:- Gostas de andar no colégio?

-Gosto.

P:- Porque é que gostas de andar neste colégio?

- Porque é muito bom para mim... (pausa), porque é uma escola que tem a ver com a minha religião. Às vezes não me apetece... (pausa) vir...

P:- Gostas mais das aulas de manhã ou da parte da tarde?

-Gosto dos dois. Porque aqui (breve pausa) eu tenho que aprender o português, não é, o português, a matemática e também tenho que aprender coisas da religião. (pausa). Por isso gosto dos dois.

P:- Quais as disciplinas que gostas mais?

- Gosto de todas, mas... (pausa) mas a que gosto mais é de música e gosto de matemática também e também de Língua Portuguesa.

P:- E a que gostas menos?

- Hum (uma grande pausa) ... história (num tom muito baixo).

P:- Fala-me um bocadinho dos teus professores, como os achas, os que gostas mais

-Os professores não são fechados, eles vêm aqui para ensinar. Acho... (uma pausa grande e um pequeno riso) acho que eles são (pausa), então são professores e (pausa) e (pausa) eles ensinam e tudo... não é (a aluna não sentiu grande à vontade em falar).

P:- E as aulas de religião?

-Quem dá é a mulher do maulana. As mulheres dão aulas às meninas e os homens dão aos rapazes. A madressa, é a professora, a Assya e aos professores chamamos maulana ...

P:- É o primeiro ano que frequentas o colégio?

- Não. É o segundo ano que ando aqui.

P:- Quem é a tua melhor amiga?

- A minha melhor amiga? A minha melhor amiga é aquela que faltou hoje. É a Berth.

P:- Porque é a tua melhor amiga?

- É... é então, gosto dela, é a minha amiga, então...ela também acha que eu sou uma boa amiga para ela. Ela confia em mim, eu confio nela. Ela é de cá de Portugal (pausa).

P:- Vive ao pé de ti?

- Eu vivo em Lisboa, ao Martim Moniz e ela vive no Baixa Chiado, quando nós vimos para a escola, quando vamos apanhar a carrinha, vimos no metro juntas.

P:- E tens mais amigas?

-Tenho mais, (pausa) nesta aula.

P:- E amigas que não andem neste colégio?

- Tenho. Então os amigos do meu pai também tem filhos, então eles trazem, o meu pai liga, então eles trazem os filhos e as filhas, então, eu conheço-os.

P:- Aprendes o árabe? E gostas?

-Sim. Então eu gosto porque (pausa) porque tem a ver com a minha religião e normalmente, normalmente gosto muito de aprender. O meu pai também gosta muito.

P:- Em casa falam que língua?

-Falamos a do meu país, o Urdu.

P:- Achas muito difícil a língua árabe?

-Não, não acho. Falar, falar, ainda não sei. Só estamos a aprender a escrever e a ler. (Pausa). Estamos a aprender a ler o Livro Sagrado.

P:- Gostas dos teus colegas da turma?

- (Risos) alguns são chatos (ri-se novamente). Mas gosto de todos. Gosto de todos porque, (pausa) porque eu não gosto de zangar-me com ninguém. Não quero arranjar problemas. Nem nada. Por isso sou amiga de todos.

P:- O que fazes nos intervalos?

- Nos intervalos? Então (pausa), falo com as minhas amigas, brinco com elas. Os recreios (pausa) são normais. O que gosto mais é jogar à bola. (Risos) Jogamos...as meninas.

P:- Os recreios das meninas estão separados dos recreios dos rapazes. Concordas?

-Acho bem porque também (pausa) na religião os rapazes não devem ver muito as mulheres (um pequeno riso), não devem ver muito a cara das mulheres, devem estar separados. Então, maulana diz que as raparigas devem estar num lado e os rapazes num outro lado.

P:- Na tua turma há colegas que não são muçulmanos. Concordas? Ou achas que só deviam andar alunos que professam da religião islâmica?

-Concordo. Também podem andar outros. Porque (pausa). Então porque aqui, os outros que também querem aprender, podem vir. Não é preciso serem muçulmanos. Se não querem ser, não são, se quiserem podem ser.

P:- O que significa para ti andares neste colégio? Porque é que andas neste colégio e não noutro?

-Porque aqui tem o português e também tem a minha religião, coisas da minha religião. E, e o meu pai achou que era uma coisa boa, então eu vou estar aqui nesta escola. Agora... (pausa).

P:- E se tivesses que andar noutro colégio?

-Se tivesse que andar noutro colégio andava noutro colégio. (Pausa e algum riso). Pois... Ia sentir a falta de andar neste colégio, já tenho muitos amigos.

P:- Fala -me do colégio. O que é que gostas mais neste colégio?

- Hum... (pausa) Gosto de tudo. (Pausa) Gosto mesmo de tudo do colégio.

P:- O que é para ti andares neste colégio?

-É (pausa). É( grande pausa) Então para mim é, ( pausa) andar neste colégio é andar por uma boa causa. É... Para aprender coisas, não é? Coisa como o português e também e também da minha religião, porque preciso muito, também. (Pausa) Preciso de aprender.

P:- O que gostarias que o colégio tivesse mais? Outras actividades?

-Então (grande pausa) (Risos) Não sei. Acho que está tudo bem.

P:- Gostas do uniforme do colégio?

- Gosto.

P:- Tens colegas paquistaneses, como lidas com eles?

- Acho que, (pausa) são bem educados. São bons e andam na religião deles. Falam menos.

P:- Como muçulmana qual a importância de andares neste colégio?

- Ham (pausa), Hum (pausa). Posso aprender com, com as coisas que tem a ver com a minha religião. E aprender mais, e saber mais coisas sobre a religião.

P:- Se estivesses noutra escola o que é que irias sentir mais falta?

- Eram os amigos, as aulas, os professores, (pausa) ia ter outros meninos (pausa) mas já não ia ter os amigos que tenho aqui.

P:- A tua família é toda de Bangladesh? Fala-me um pouco da tua família.

-Sim é toda de lá. Quando estão juntos falam de coisas que estão mal. Falamos dos problemas, que, (pausa) que tem que resolver, que tem que pensar. Eu falo a mesma maneira com os dois, tanto com o meu pai como com a minha mãe.(pausa) Gosto dos dois. Mas (pausa), então falo mais com a minha mãe, o meu pai muitas vezes não está em casa, tem que ir para ali, para aquele lugar (pausa).

P:- Festejam datas. Como são os convívios nas festas?

-Não fazemos festas de anos, como aqui. (Pausa). Não fazemos festas, mas (pausa) convidam-nos para os casamentos.

P:- O que é para ti ser muçulmana?

-É, é,( pausa), seguir a religião muçulmana, é fazer coisas muçulmanas.

P.- Qual a profissão que gostarias de ter quando fosses adulta? Porquê?

-Quero ser médica. Então, porque, porque gostaria de tratar das pessoas tratar das doenças das pessoas.

P.- Mudando de assunto, se por exemplo, houvesse um jogo de futebol ou um concurso de televisão, entre duas equipas quais as que gostarias que ganhasse, por exemplo os alunos do Colégio Islâmico de Palmela e os alunos de outra escola? Porquê?

-Claro, o meu colégio, porque ando cá.

P:- E se fosse entre os alunos do Colégio Islâmico de Palmela e os alunos de outro colégio Islâmico? Porquê?

- (Risos) Os alunos do colégio Islâmico, porque são meus colegas e ando cá.

P:- Entre um grupo de pessoas muçulmanas de vários países e pessoas de Bangladesh sem serem muçulmanas? Porquê?

-Hum, (risos, e pausa), não sei. Mas em Bangladesh são muçulmanos.

P:- Entre um grupo muçulmanos de Portugal e um grupo muçulmano do teu país? Porquê?

-De Portugal. Porque vivo cá.

P:- Entre um grupo de pessoas de outros países sem serem muçulmanos e um outro grupo português sem serem muçulmanos? Porquê?

-De Portugal. Porque estou cá.

P:- O que gostarias de falar mais, sobre o colégio, sobre os colegas, ou outros assuntos que não falámos.

- (Grande pausa) Acho que falamos em tudo. Falámos em tudo o que era importante.

P:- Obrigada pela tua participação. Gostei muito de falar contigo.

-Obrigada. Eu também ( risos)

## ENTREVISTA COM RUKSAR

-O meu nome é Ruksar e tenho onze anos.

P:- És natural de onde?

-Nasci em Moçambique na cidade de Maputo.

P:- Com quem vivias em Maputo?

- Com os meus pais (pausa) mas (pausa) o meu pai e a minha mãe separaram-se e depois (pausa) o meu pai veio para aqui e a minha mãe ficou lá.

P:- Tens irmãos?

- Tenho. Tenho três irmãos que ficaram em Moçambique (pausa), um veio para aqui, (pausa) mas foi embora, é o mais velho, (pausa) estava na escola mas foi embora. Foi para o pé da mãe.

P:- Quando não estás no colégio, como ocupas os teus tempos livres?

- Fazendo actividades, a estudar, hum (pausa), vou passear, estou com os meus pais, vou a casa dos meus avós, vou a casa da minha família, ...

P:- E não brincas?

- Habitualmente fico lá a estudar, (pausa) por vezes fico na cozinha, pois gosto de cozinhar também (pausa).

P:- Vais à Mesquita?

- Vou.

P:- Quando é que vais à mesquita?

- Na mesquita, quer dizer, ham, as mulheres não podem ir à mesquita. Mas as rezas só em casa. Rezo com os meus pais, ham, com o meu pai e com a minha madrasta.

P:- Gostas de andar neste colégio?

-Gosto.

P:- Porquê?

-É bom. Por causa dos amigos, por causa das pessoas, por causa de estudar, os professores são bons. E mais... ( pausa). Gosto e é bom.

P:- Gostas mais ter aulas de manhã ou de tarde?

-As de tarde, geralmente (pausa). As duas, gosto das duas. As duas são boas. De manhã porque de manhã é de tudo, e as de tarde, é porque, é da minha religião.

P:- Quais as disciplinas que gostas mais?

-Matemática (pausa), a professora ensina muito bem e é boa, e (pausa) gosto de inglês, (pausa) gosto de todas.

P:-E a que gostas menos?

-Ham (pausa prolongada), história.

P:- Fala-me um pouco dos teus professores

-Eu gosto muito deles. (pausa) São bons, simpáticos e, (pausa) explicam de uma maneira boa e, são, são bons. Dão uma explicação boa (pausa). Tratam-me muito bem. E pronto, são bons.

P:- Tens preferência por algum?

-Gosto mais da Sotôra de Inglês e (pausa) da de Educação Física. Os outros também são bons, mas estas são as minhas preferidas.

P:- E as professoras que dão aulas de religião?

-As que dão aulas de religião, ham( pausa). Só temos duas e gosto das duas. As duas também são simpáticas. São boas, explicam bem, as palavras que eu não percebo elas explicam tudo, e para mim, elas são muito boas. Elas falam o árabe e há pessoas que percebem, e há pessoas que não percebem e elas explicam.

P:- É o primeiro ano que frequentas o colégio?

- Sim. Vim no segundo período.

P:- Quem é o teu melhor amigo?

-Sim, ali onde moro tenho, em Odivelas uma amiga é a minha melhor amiga. Mas aqui, aqui na escola tenho, sou amiga de todas não tenho a melhor amiga mas tenho umas mesmo boas, que é a Berth e a Maryeen .

P:- Fala um pouco da tua melhor amiga.

- Ela é da mesma religião, mas ela só que, acredita em mitos e nós não acreditamos, é um bocadinho diferente. Percebe?

P:- É Ismaelita?

-Sim. Ela é Ismaelita.

P:- Como ocupas o tempo quando estás com a tua amiga e com as amigas do colégio?

- Brinco. Eu brinco com elas. Assim brincadeiras, é assim vamos ao parque, converso sobre coisas secretas. Elas são as minhas melhores amigas cá no colégio e tenho a minha melhor amiga que não anda aqui, ela é a minha melhor amiga. Mas tenho outros amigos fora daqui mas ela é a minha melhor amiga.

P:- Gostas de ter aulas de religião?

-Gosto. Gosto.

P:- Porquê?

-Porque nós estamos a, (pausa) a aprender uma coisa que é importante na nossa vida, que é a religião, como assim, as coisas que os nossos profetas faziam, e nós estamos a aprender e, (pausa) e depois nós também temos esse saber do que, que é obrigatório e do que não é obrigatório, o que devemos fazer na religião, (pausa) e aprendo muitas coisas da nossa religião, para tentarmos fazer aquilo, mas nem todos conseguem fazer, mas (pausa) é isto que eu queria... (pausa)

P:- Aprendes o árabe. Gostas?

-Gosto. Não é muito difícil. Mas custa mais o escrever, mas custa. O indiano e o árabe têm parecenças, muita igualdade e eu consigo, acabo por perceber o árabe porque não tem muita diferença.

P:- Gostas dos teus colegas da turma?

-Gosto (pausa) Hum... nem todos.

P:- Porquê?

- Porque há outros que são diferentes, não sabem responder às perguntas, ou quando perguntamos alguma coisa, eles respondem de qualquer maneira, como se não ligassem (pausa) elas, talvez, assim, elas fazem as actividades e nós pedimos para participar elas não deixam, são teimosas, esquisitas, e... (pausa)

P:- O que fazes nos intervalos das aulas?

- (Pausa) Jogo, brinco, jogo futebol, e estudo. (pausa) Quando tenho testes, estudo.

P:- Quem é que organiza os jogos de futebol?

-No campo. Nós levamos uma bola daqui, e no campo das meninas. De tarde é de meninas e dos rapazes mais pequenos. Os outros ficam no outro lado.

P:- Como te relacionas com os meninos que frequentam o colégio e não tem a tua religião?

-Não percebi.

P:- Este colégio no principio era para meninos muçulmanos, mas agora também há os não muçulmanos. Concordas que eles frequentem o colégio?

-Isso não interessa. Porque a religião não interessa para eles. Também tem o direito de estudarem. Eu concordo com isso. Não há nenhum problema. Eles também são pessoas. Eles podem estar neste colégio porque o colégio é de todos. Não é verdade? O colégio dá para todos, mas agora (pausa) é bom ser de todos. (pausa)

P:- O que é para ti andares neste colégio?

- É estudar.

P:- Mas, podias andar num outro colégio, não é?

- Podia mas (pausa) o meu pai meteu-me aqui por causa da minha religião (pausa) mesmo por causa da religião.

P:- Andas neste colégio por esse motivo?

- Ando neste colégio porque posso estudar a minha religião.

P:- Gostas do edifício, das salas de aula?

-Gosto dele assim, mas podia ser um bocadinho maior. As salas de aula são boas, são grandes e tal (pausa e risos)

P:- Qual é local que gostas mais?

-Como assim? Do colégio? Gosto desta parte da assembleia é desta parte, porque é a mais bonita do colégio. A assembleia é a parte mais bonita.

P:- Gostas de usar o uniforme?

-Ah! Não, não (pausa, alguma recusa em falar). Eu gosto. Mas o véu acho muito quente faz muito calor e eu não estou habituada com os lenços na cabeça. Eu não uso fora daqui. Na minha família usam, mas eu não estou muito habituada, porque na escola eu não usava, quer dizer, aqui é obrigatório usar, andar toda tapada. Eu quando tiro a professora diz” Põe isso já”( referiu-se à professora de religião)

P:- Gostavas que o uniforme fosse diferente?

- (Silencio). Gostava, gostava de usar as minhas roupas.

P:- O que é que gostarias que o colégio tivesse e que não tem agora?

-Ham (pensativa e com uma grande pausa), ...actividades.

P:- Que actividades?

-Como assim... (pausa), a parte ...acções desportiva, ...hum, mais outras que não me estou a lembrar agora.

P:- Há colegas de outras nacionalidades, como te dás com eles?

- Bem. Sim. Mas há outras que não.

P:- Assim como?

- Há pessoas aqui de Portugal que eu não me dou bem. (pausa) Elas é que não dão bem comigo. Eu gosto delas, mas elas é que não gostam.

P:- Porquê?

-Não sei. As mais novas, é a mesma coisa.

P:- Explica melhor, o que queres dizer.

- É assim, também algumas são da minha religião. Aqui na sala dou-me bem com todos.

P:- Achas importante frequentares este colégio, como islâmica?

-É importante (pausa). Por causa dos estudos (pausa), por causa dos estudos, dos estudos religiosos. Eu vim mais para aqui, por causa da minha religião. Tudo o que eu estou a dizer é por causa da religião. Porque havia outra escola mais, mais perto de casa, o meu pai pôs-me aqui mesmo por causa da religião. Não foi por causa de eu vir estudar, eu podia estudar lá, lá muito perto da minha casa. Porque lá por baixo da minha casa há um colégio, mas eu disse logo que não e o meu pai também disse logo que não.

P:- Se estivesses noutra colégio, o que irias sentir mais falta?

-Acho que nada (pausa). Mas se andasse na escola pública não gostava. Porque há falta de educação. É muito importante a educação. Acho que nas escolas públicas não há tanta educação (pausa). As regras daqui são muito boas, e devem ser sempre assim.

P:- Os pais nasceram em Moçambique?

- O meu pai é daqui, nasceu em Portugal, a minha mãe é de Moçambique.

P:- E os teus avós?

-A parte paterna é portuguesa e a parte materna é moçambicana. E sempre foram muçulmanos.

P:- Fala-me um pouco da tua família.

-Eu, eu (pausa) os meus pais estão separados e eu acho um pouco triste. Eu preferia viver com os dois na mesma casa. (pausa) Porque mãe é mãe, como se diz. Eu agora estou aqui com a minha madrastra, mas sinto muito a falta dela (pausa). Gostaria que os dois estivessem juntos. A família podia estar em Moçambique ou aqui, tanto fazia. Bastava a família estar toda junta. Todos juntos, como assim (pausa) passeássemos juntos, assim jantármos juntos, para termos a família junta. Agora assim, metade lá, e a outra metade cá, já não dá. Eu sinto tanto a falta da minha mãe. Queria estar com os dois.

P:- Tens mais três irmãos?

-Sim, uma menina e dois rapazes. O meu irmão mais velho tem 14 anos, depois a minha irmã tem 12, eu tenho 11, e o meu irmão tem 6. Só eu, é que estou cá. O meu irmão, já amanhã está para ao pé da minha mãe. Ele estava cá.

P:- Porque é que vieram os dois?

-Eu vim mesmo foi para passear, depois eu pensei em estudar aqui nesta escola, porque nas escolas de Moçambique não são muito educadas (pausa). Como se diz, drogas, naquelas escolas eram assim, aqui não, e gosto de cá estar.

P:- Como passas o tempo livre com o pai ou com a mãe? O que é que falam, como se divertem?

- Com a minha mãe eu falo tudo com ela. Mas com o meu pai eu não falo tudo. Com a minha mãe eu falo, conversamos, ela ensina-me a cozinhar, porque ela trabalha em culinária, ela tem um restaurante, (uma grande pausa) e é assim. Com o pai também converso, mas não é sobre tudo, não posso dizer as minhas coisas, principalmente (pausa), falo mais com a minha mãe ou comigo mesmo do que com o meu pai (grande pausa), mas gosto deles todos.

P:-Pensas ficar em Portugal?

- Não. Acho que vou voltar. Acho que para o ano já não vou estar cá.(uma grande pausa).

P:- Fazem festas de aniversário, ou outras?

-Fazemos festas de aniversário, eu vou ser sincera, na nossa religião não se fazem festas de anos, mas os meus pais fazem. Sempre me fizeram até agora, mas não se pode fazer. Não se faz festa de Natal mas fazemos festa de Eid, festas de coisas religiosas. Também fazemos e vamos a festas de casamento, mas não é assim, como as,os outros casamentos. Fazemos um almoço depois do casamento.

P:- E dançam?

-Quer dizer, falando sério há pessoas que dançam, eu não vou mentir, eu cá danço. A família nessas festas, nem sempre estão reunidas. Eu, por exemplo no domingo, ...estamos todos em casa da minha avó. Depois na outra semana estamos todos na minha casa e depois no outro domingo (pausa) estamos todos juntos e é assim que estamos todos juntos. E assim, conversam e assim conversam, conversam ali e tal (pausa).

P:- O que é para ti ser muçulmana?

-Ser muçulmana pra mim é, (pausa) ser muçulmana para mim é, é seguir a religião, não fazer as coisas que não é permitido, hum, hum (pausa) seguir o Islam, (grande pausa) é mesmo acreditar em Deus, acreditar naquilo que nos dizem, nas histórias dos profetas e tal, sabermos a língua árabe, porque é a língua que os profetas falavam.

P:- Se por exemplo, houvesse um concurso de televisão, ou um jogo de futebol, entre duas equipas, quem é que tu gostarias que ganhasse, por exemplo entre os alunos do Colégio Islâmico de Palmela e entre uma outra escola? Porquê?

-Os alunos do meu colégio, porque são meus colegas.

P:- E se fosse entre os alunos deste colégio e os alunos de um outro colégio Islâmico? Porquê?

-Os alunos do Colégio Islâmico de Palmela, porque eu estudo no colégio Islâmico de Palmela.

P:-E se fosse entre um grupo de pessoas muçulmanas de vários países e um grupo de pessoas de Moçambique sem serem muçulmanas? Porquê?

-Um grupo de pessoas muçulmanas, porque não devemos ser racistas.

P:- Entre um grupo muçulmano português e um grupo muçulmano do teu país? Porquê?

-Prefiro um empate, porque tenho ligações com os dois países.

P:- entre um grupo de pessoas de um outro país e entre um grupo de pessoas de Portugal, nem um nem outro são muçulmanos? Porquê?

-Não sei. Mas poderiam dos outros países serem da minha religião.

P:- O que é gostarias de falar que não o tivéssemos feito?

-Hum, Hum (grande pausa) Gosto dos meus pais, gosto muito dos meus pais, porque são muito carinhosos, e, (pausa) sempre me deram uma boa educação, dizem-me que os muçulmanos têm que ter uma boa educação (pausa). Para mim o mais importante é, hum, quer dizer, devia ter feito mais perguntas sobre a religião. Sim, assim como quais eram os profetas, quer dizer eu sei que deve saber, e não fez essas perguntas, mas (risos) quer saber da minha vida. Quer dizer, hum, agora não me lembro assim de nada.

P:- Obrigada pela tua colaboração e que os teus estudos corram bem.

-Obrigada.

ENTREVISTA COM MARYEEM (fala e entende, ainda com alguma dificuldade a Língua Portuguesa)

P:- Que idade é que tens?

-Tenho 15 anos

P:-Onde nasceste?

-No Paquistão.

P:- Onde vives?

- No Miratejo

P:- Qual a tua religião?

-Sou muçulmana.

P:- Quando não estás no colégio, como são os teus tempos livres?

-(Pausa)

P:- Vais ao centro comercial, estás com as tuas amigas?

-Vou passear, cozinhar, estudar... (Pausa)

P:- O que gostas mais de fazer?

-Eu gosto mais de cozinhar e, e também gosto de estudar.

P:- Quem é que te ensina a cozinhar?

- É a mãe.

P:- Vais à Mesquita?

- Quem vai à Mesquita são os homens, mas vou algumas vezes.

P:- Oras todos os dias?

- Não.

P:- E quando o fazes, com quem oras?

-Rezo sozinha.

P:- E os pais , onde rezam?

- Também fazem em casa.

P:- Gostas de andar neste colégio?

-Sim.

P:- Porquê?

Porque é Islâmico, eu também gosto dos professores, das amigas (Pausa)

P:- Gostas mais de ter aulas de manhã ou de tarde?

-Gosto. De manhã, porque gosto (risos), gosto porque, porque aulas de manhã , são parte do meu futuro, e também de tarde porque é sobre a minha religião.

P:- Tiveste dificuldade em aprender o português?

-Sim, é difícil.

P:- Há quanto tempo é que estás em Portugal?

-Há oito meses (risos).

P:- Quais as disciplinas que mais gostas?

-Gosto de matemática e de inglês.

P:- E a que menos gostas?

-É a história.

P:- Porque é que não gostas de história?

- Porque não tem interesse (Risos).

P:- Fala-me um pouco dos teus professores, se gostas deles?

-São bons. Eu gosto de todos os professores. Eu gosto de todos os professores e de todas as professoras.

P:- E as professoras que dão aulas de religião?

-O quê?

P:- A professora de religião

-Gosto, ela é boa, eu gosto.

P:- Quem é a tua melhor amiga?

-Hum.... A melhor amiga é (Pausa), é, aqui na escola é Ruksar e Berth .

P:- Porque é que elas são as tuas melhores amigas?

-Porque quando eu tive dificuldades em estudar, elas ajudaram-me.

P:- Quais as actividades que fazes com os teus amigos?

-(Pausa)

P:- O que é que partilhas nos tempos livres com os teus amigos?

-Hum( Pausa), jogamos, montes de coisas.

P:- Jogam ao quê?

- Jogamos à bola, sim, eu gosto.

P: Tens muitas amigas no colégio?

- Sim, aí umas cinco ou seis.

P:- E fora do colégio? Tens muitas amigas?

-Sim, também tenho muitas amigas. São paquistanesas. Vivem ao pé de mim no Miratejo.

P:- E amigas portuguesas?

- Nada, não tenho amigas portuguesas.

P:- Gostas de ter aulas de religião?

- Sim, gosto.

P:- Gostas de aprender a língua árabe?

- Sim gosto.

P:- Porquê? Achas difícil?

-Para mim é bom. Porque é para saber da minha religião. E não é difícil, eu já sabia algumas coisas.

P:- Que língua falam em casa?

- Falamos o paquistanês, o urdu, não falamos o português.

P: -Qual a profissão do pai?

-O pai trabalho numa loja, mas trabalha para outra pessoa (pausa), é assim a loja não é dele.

P: - O pai entende bem o português?

-Sim, sim.

P: - Gostas dos teus colegas da turma?

- Sim, sim, gosto.

P: - Quais as que gostas mais?

-Gosto (pausa), gosto do (da) Ruksar e Berth

P: - Porque é que gostas mais delas?

- Porque, porque sim (risos)

P: - O que fazes nos intervalos?

- Comemos e, jogamos e, falamos.

P: - Falam sobre o quê?

- Sobre (pausa), sobre as aulas e (pausa) e sobre outras coisas.

P:- Que coisas? Falam sobre os rapazes giros?

-Não, não. (pausa).

P. – Achas que no colégio só deviam andar meninos e meninas muçulmanos?

- Sim (pausa) porque, porque (pausa) por causa da religião. Mas também pode ser. Mas deviam andar só muçulmanos.

P: - Porquê?

- Porque o colégio é muçulmano (pausa), ele é islâmico, (pausa), nós (pausa), por ser islâmico, nós até temos aulas sobre a nossa religião (risos).

P: - Mas tens colegas que não são muçulmanos?

-Sim, dou-me bem com elas (risos). Elas são boas (pausa) elas são boas conosco, mas, mas (pausa), mas não nos ligam muito. Elas fazem lá o grupinho delas. Nós falamos de religião e elas não.

P: - Há colegas de outros países sem serem do Paquistão?

-Sim, sim.

P:- Dás-te bem com eles?

- (Pausa) Como?

P:- Há colegas que são da Bósnia, de Moçambique, da Croácia, dás-te bem com eles?

- Sim.

P:- Achas que é muito importante ser-se islâmico, para frequentar este colégio?

- Para mim?

P:- Sim, achas que é muito importante ser-se islâmica para andares neste colégio?

- Sim. Não. (pausa) Não é importante, mas também pode ser. Quer dizer aqueles que querem entrar, então pode ser, mas não são islâmicos, não sabem da nossa religião.

P:- Se estivesses noutra escola, achas que era o mesmo que andares neste?

-Não, não era a mesma coisa, era muito diferente.

P:- Se andasses noutra escola o que é que irias sentir mais falta?

-Se fosse para outra?

P:- Sim. O que é que sentias mais falta?

-Mas eu nem pensei nisso, gosto muito desta escola.

P:- Mas se tivesses mesmo que ir para outra escola?

- Eu não queria ir. Não, não ia. Porque noutra escola é católico, no vestir, tinha que vestir outras roupas. Eu não gosto de vestir outras roupas que não são muçulmanas, que a minha religião diz que devemos usar. Eu gosto das coisas muçulmanas. Eu sou muçulmana. E tenho que vestir roupas da minha religião e eu gosto.

P:- Então gostas de usar este uniforme?

-Sim eu gosto.

P:- Não te fazem calor?

- Não, não fazem sinto-me bem com elas. Gosto desta roupa, não quero mudar

P:- Os teus pais também são do Paquistão?

-Sim. Eles também nasceram no Paquistão.

P:- A tua família é toda do Paquistão?

-Sim, somos todos do Paquistão. São todos muçulmanos.

P:- Fala-me um pouco da tua família. Quantos irmãos tens?

-Tenho duas irmãs e dois irmãos e, e, o pai e a mãe, só aqui em Portugal. Estamos nós aqui. Outra família estão no Paquistão.

P:- Não tendo mais familiares em Portugal, sabes porque é que os pais vieram para Portugal?

-O pai já cá estava, depois viemos nós.

P:- Sentes muitas saudades do Paquistão? Sentes falta da tua outra família?

-Sim. (Pausa) Sim, sinto muita falta do resto da família, tios, primos e assim.

P:- Fazem festas na tua família?

-Sim (pausa)

P:- Conta-me lá como são as festas na família.

-Vamos a festas de casamento, do Eid, e assim, assim(pausa) é assim, não fazemos muito bem as festas, porque não podemos reunir, assim as pessoas, e assim...

P:- E não festejam festas de anos?

- Não, isso não festejamos. Não fazemos nenhuma dessas festas. Porque na nossa religião não se festejam essas festas.

P:- E como são as festas do Eid? Passam sozinhos?

-Não. Passamos com a família e outras pessoas amigas.

P:- E o que falam quando se juntam?

-Falamos nos roupas, e (pausa), comemos, e, e,(pausa) e coisas assim.

P:- O que gostarias de ser quando terminares os teus estudos?

-( Pausa prolongada)

P:- Qual o curso que gostarias de tirar?

-Eu gosto, assim, eu gosto, o curso islâmico, assim, ser professora sobre o meu religião. Sim, gostaria de ser professora de religião.

P:- O que é para ti ser muçulmana?

- (Grande pausa) Que, que...Nós não podemos comer o porco, (pausa e risos) é importante pela religião e por estas coisas todas.

P:- O que é para ti, qual a importância de usares o hijab?

- Nós não podemos andar sem a cabeça tapada, porque o nosso Profeta diz que não podemos mostrar os cabelos, e por isso não podemos usar os cabelos à mostra, também não podemos mostrar o nosso corpo e assim (pausa)

P:- A religião é muito importante para ti?

- Sim é muito importante. Para mim, sim, sim é o mais importante de tudo, é a religião.

P:- Mudando de assunto, se houvesse um concurso de televisão ou um jogo de futebol quem é que tu gostarias que ganhasse, por exemplo, os alunos do colégio e os alunos de outra escola?

- Claro que queria que ganhasse o colégio.

P:- Porquê?

- Porque são os meus colegas.

P:- Entre os alunos do colégio e os alunos de um outro colégio islâmico?

- (Risos) Claro, o colégio, porque eu sou deste colégio.

P:- Entre pessoas islâmicas de outros países e as pessoas do teu país, mas de outra religião?

- As pessoas dos países, sem ser do meu país.

P:- Porquê?

- Porque eu sou islâmica, antes de tudo, eu sou islâmica.

P:- Entre um grupo de pessoas muçulmanas de Portugal e um grupo muçulmano do teu país? Porquê?

- De Portugal, porque, porque eu estou a estudar no, neste país e vivo cá.

P: Entre pessoas de Portugal e de um outro país, sem serem muçulmanas? Porquê?

- De Portugal, eu agora vivo cá, e estudo, por isso tenho que escolher Portugal.

P:- O que é que gostarias de dizer mais?

- Já falámos tudo (risos). Falámos sobre tudo (risos)

P: Então muito obrigada por teres estado comigo este bocadinho.

## ENTREVISTA COM IMAN

P:- Como te chamas?

-Iman.

P:- Que idade tens?

-Tenho doze anos.

P:- Qual a tua nacionalidade?

-Nasci na Alemanha, mas sou da Bósnia, sou da Bósnia, nasci na Alemanha na cidade de Simerath.

P:-Aonde estás a morar?

-Vivo no Laranjeiro.

P:- Como ocupas os teus tempos livres?

-Estudo, vejo televisão.

P:- E não saís a passear?

-Às vezes, vou passear ao parque, vou ao café do meu pai, no Miratejo. O meu pai é sócio do senhor Ali.

P:- Costumas ir à Mesquita?

-Não. Fui só uma vez. Fui e fui sozinha. E fui lá e encontrei as minhas amigas.

P:- E as amigas são do colégio?

-Sim.

P:- Fazes a oração em casa?

-Às vezes, faço mas sozinha.

P:- Gostas de andar no colégio?

-Não.

P:- Porquê?

-Porque é muito rigoroso, tem muitas regras, e, (pausa) e eu acho que nós não fazemos nada. Não fazemos desporto.

P:- Gostas mais das aulas da parte da manhã ou das de tarde?

-Gosto mais das aulas da parte da manhã.

P:-Porquê?

- Porque eu acho que a escola é mais interessante, porque a escola é para toda a vida, é para, é assim depois se conseguirmos trabalhar, hum , para ter dinheiro e para, para, para é para ter uma profissão, uma boa profissão.

P:- Quais as disciplinas que gostas mais?

-Educação Física, e, Educação Física e(pausa)

P:- Gosta muito de Educação Física?

-Sim, porque nós brincamos, corremos, e eu gosto de jogar tudo. Mas também gosto das outras disciplinas.

P:- E a que gostas menos?

-É história, mas tenho um cinco em história.

P:- Mas porque é que gostas menos?

-Porque é, é difícil, é, é complicado, não entendo algumas coisas muito bem.

P:- Gostas dos teus professores? Fala-me um pouco deles.

-Eu acho, não sei, eu acho, não sei (pausa). Eles ensinam bem e que (pausa), não sei o que dizer(risos).

P:- Gostas de todos?

-Sim

P:- Tens professoras de religião?

-Sim e é só uma. Eu acho que ela é também muito rigorosa e, e ela quer tudo, tudo bem feito e (pausa).

P:-É o primeiro ano que andas neste colégio?

-Sim.

P:- E o ano passado andaste aonde?

- Andei aqui, no Laranjeiro, o ano passado, aqui ao pé, no 4º ano e antes andava na Bósnia.

P:- Como é a escola na Bósnia?

- É diferente daqui. É uma escola. Não precisamos de vestir um fardamento, podemos fazer o que queremos e, e (pausa) são todos simpáticos uns para os outros. (pausa)

P:- Tens amigas?

-No colégio tenho, mas aqui ao pé de casa não, porque eu acho que estou sempre no colégio e passo muito tempo lá e não passo muito tempo em casa.

P:- Quem é a tua melhor amiga?

-Eu não tenho melhores amigas. São todos (pausa), todas minhas amigas Mas ando mais com a Inês e a Carolina.

P:- Mas essas colegas não são muçulmanas...

-Sim, eu acho que dou-me melhor com elas (pausa), não sei, eu acho que, as outras amigas estão, (pausa) falam de religião, e não falam de mais nada, e a Carolina e a Inês como são de outra religião, então nós falamos de coisas diferentes. E, e (pausa)

P:- A Carolina e a Inês moram longe de ti?

-Sim, mas eu nos meus anos convidei-as para irem até a minha casa e convidei-as para virem até ao MacDonld's e depois ela convidou-me para ir até ao castelo de Palmela e(pausa).

P:- De tarde vais às aulas de religião?

-Sim (sorrisos). Vou porque o meu pai quer.

P:- E se o pai deixasse, tu não ias?

-Não. Porque tenho que decorar muitas coisas e eu acho que é muito trabalho.

P:- E já sabes falar um bocadinho de árabe?

-Ainda não.

P:- Achas que vais gostar de falar e escrever a língua árabe?

-Mais ao menos. Eu acho que é complicado, é, é, porque é difícil, porque uns dizem que se mudarmos uma letra podemos mudar uma frase, eu acho que vai ser difícil.

P:- Então, achas que não vais gostar muito?

-Não.

P:- Gostas de todos os colegas da tua turma?

-Todos, não. Gosto menos dos rapazes, mas também de algumas raparigas.

P:- Porquê?

-Porque ela( refere-se a uma colega) é um pouco chata e porque não sei, se por exemplo ela está a pedir uma coisa, está sempre a pedir outra vez ,outra vez e outra vez.

P:-E os rapazes?

-Porque são barulhentos e, e falam disparates, falam de carros falam de coisas que eles gostam (pausa).

P:- E o que fazes nos intervalos?

-Hum, (pausa) brinco com a Inês e com a Carolina.

P:- E que brincadeiras é que fazem?

- As vezes brincamos outras vezes só falamos e, e conversamos e brinco acompanhada.

P:- E conversam sobre o quê?

- Sobre a escola, sobre as notas sobre, hum, sobre, para combinarmos sobre onde podíamos ir e (pausa) assim (pausa e pequenos risos).

P:- Achas que no colégio só deviam andar meninos muçulmanos?

- Não. (risos)

P:- Porquê?

-Porque eu acho que (pausa), porque os outros querem ir para este colégio e podem ir, podem ir estudar e, (pausa) e trabalhar.

P:- Gostas de usar o uniforme?

- (Uma pausa longo, como se quisesse evitar a resposta) Não.

P.- Porque é que não gostas de usar o uniforme?

- Eu acho que é muito calor no Verão.

P:- É só por esse motivo?

-Também é porque é que na minha terra não se usava farda e isso. E, e não é costume.

P:- E o que achas sobre o terem que usar o hijjab?

- Eu acho que (pausa) a hum (pausa) eu não gosto. Não gosto de usar.

P:- Mas não é obrigatório usarem o hijjab?

- Eu acho que é. Porque se viesse sem o hijjab eu acho que me diziam qualquer coisa e se viesse os meus amigos também começavam a falar e assim e a madressa também se ia zangar.

P:- Mas de manhã podias não usar.

- Sim, mas acho que (pausa) eu acho que os rapazes e as raparigas iam falar.

P: O que significa para ti andares neste colégio?

- Eu acho que, hum (pausa) eu acho que é mais importante que é vir para a escola, porque é p'ra nossa vida e (pausa) e assim.

P:-Há mais colégios, até perto de tua casa, porque é que andas neste colégio e não noutra?

- Porque o meu pai quer.

P:- Mas gosta da construção do colégio?

-Como?

P: - Se gostas do desenho, da maneira como está feito, as salas, a assembleia, os campos de desporto?

-Gosto, porque é bonito, porque a D. Deodata e, e, e a outra senhora que limpa sempre limpa tudo e há muita higiene e, e (pausa).

P:- E o que achas das salas de aula?

-Eu acho que são, são limpas e, e que não se deviam riscar as mesas e sujar (pausa).

P:- Mas há meninos que riscam as carteiras?

- Não.

P:- Nas aulas de Educação Física o que gostas de fazer?

-Gostava de jogar à bola e praticar desportos.

P:- Mas fazem esses desportos todos?

-Sim, mas gostava de mais.

P:- Além de conversares no recreio e brincares não jogas nos matraquilhos?

- As meninas não podem naqueles dos rapazes, o, os matraquilhos das raparigas, mas as raparigas mais velhas, ocupam sempre aquilo e, (pausa) e eu também não gosto muito de jogar. Gostava, mas agora já não gosto de jogar.

P:- Como te relacionas com as colegas mais velhas?

- Não falo com elas, porque (pausa e alguns risos) porque não me dizem nada, assim, como hei-de dizer, não falo com elas.

P:-O que é que gostavas que o colégio tivesse e que não tem neste momento?

- Assim (pequena pausa), de desporto e (pausa) aulas, talvez aulas criativas, assim como de pintura e assim (pausa).

P:- Tens colegas que tem outra nacionalidade, dás-te bem com elas?

- Mais ou menos. Hum, Ham (pausa) Maryeen e também é do Paquistão( o pai da Íman é paquistanês) e eu não gosto do Paquistão porque( pausa) hum, lá eu vi que, por exemplo uma rapariga não cumpre as regras de Islam, e, e matam-na.

P:- Mas o teu pai é do Paquistão?

-Sim, mas (pausa), é diferente.

P:- Tens colegas na tua sala que não são muçulmanas,, são três colegas como te dás com eles?

- Sim, é com eles que eu me dou melhor, dou-me melhor com eles do que com as meninas da minha religião. Hum (pausa), até me dou melhor com os meninos do que com as meninas.

P:- Porquê?

-Não sei, assim eu, eu prefiro, passo mais tempo no colégio com a Inês e com elas.

P:- O que é que falam tu e os meninos?

- Sobre a escola e sobre, sobre (pausa), sobre as aulas e sobre, sobre o que é que se passa de alguma coisa interessante e falamos assim(pausa).

P: -Falam de desporto?

-Muito pouco.

P:- Achas que para se frequentar este colégio é muito importante ser-se islâmico ou isso não tem importância?

-Eu acho que é importante, porque a minha mãe diz que este colégio é muito bom, percebe-se muito bem tudo e é mais fácil entrar na universidade. Não é importante ser islâmica (pausa).

P:- Se fosses para outra escola o que é que irias sentir mais falta deste colégio?

-Mais falta? ( pausa) Hum ,dos meus amigos, mais nada.

P:- O teu pai é paquistanês a mãe é da Bósnia, e a tua outra família são de onde, os avós tios, irmãos?

-Não sei, os meus avós todos morreram, é assim a avó do Paquistão ainda está viva.

P:- Como é a tua família? Descreve-me lá como é que ela é ?

-Hum , hum, nunca vi nenhum dos avós, é assim, tenho quatro meios irmãos , filhos do meu pai e de outra senhora, um está na Itália e os outros três estão aqui, um anda no colégio. Um tem acho que tem dezasseis anos, o outro tem 18 ou 19 anos que anda no Miratejo na escola e o outro tem 22 ou 23 anos vai trabalhar com o pai e o mais velho que está na Itália não sei bem a idade. Os meus irmãos ligam mais à religião e, hum o meu irmão mais novo, damos muito bem, dou-me muito bem com um que está na Itália agora. Tenho um irmão e o outro é assim, mais ao menos. Da mãe não tenho irmãos. Sou a única.

P:- Quando estão juntos o que é que fazem? Como se divertem o que é que falam?

-Nós nunca estamos juntos. Às vezes vou com o meu pai ao Miratejo, com a minha mãe vou à Costa da Caparica, vou à praia, e( pausa) vou só com a mãe o pai não vai.

P:- Como festejam as festas? Fazem festas de anos, festejam o Eid?

-Sim. Os anos, o Eid, comemoramos mas não fazemos festas. Por exemplo o meu pai chama outras famílias para vir cá jantar, mas não fazemos festas.

P:- Falas mais com o pai ou com a mãe?

-Hum, com o pai? ( pausa) Falo mais com a mãe.

P: -O que é para ti ser muçulmana?

- (Pausa prolongada) Não percebi a pergunta?

P:- As pessoas tem diferentes religiões, umas são muçulmanas, outras católicas, hindus, etc., essas pessoas gostam de ser e pertencer a essa religião e sabem o porquê. E tu como muçulmana, o que é para ti pertenceres a esta religião?

-Eu acho que, (pausa) se a minha religião fosse católica, é assim, se os meus pais fossem católicos eu também era, assim eu sou muçulmana.

P:- A religião é muito importante para ti?

-Sim, porque, porque é, é porque (pausa e pequenos risos), não se explicar.

P:- Gostarias de falar sobre outras coisas que não tivéssemos falado?

-Assim de religião?

P:- De religião ou sobre outros assuntos que aches interessante, por exemplo qual a profissão que gostarias de ter quando fosses adulta?

-Gosto assim de ser ...do desporto, ou gosto de,(pausa) gostava de ser veterinária. É assim, na minha terra os rapazes e as raparigas são iguais podem tirar todos o mesmo curso, por exemplo as raparigas não precisam de usar véu, usam calças de ganga e assim.

P:- Diz –me como praticam a religião na Bósnia?

-Na minha terra as mulheres podem ir à mesquita, não usam hijjab, eu só uso quando vou à mesquita, mas cá fora não. Na minha terra só usam o hijjab quando vão à mesquita. Quando não vão à mesquita e vão à escola vestem normal, usam coisas curtas.

P:- Mudando de assunto, se houvesse um concurso de televisão ou um jogo de futebol entre duas equipas, quem é que gostarias que ganhasse, por exemplo, os alunos do teu colégio e os alunos de uma outra escola?

- Claro, os alunos do meu colégio.

P:-Porquê?

- Porque ando no colégio.

P:- E se fosse entre os alunos do teu colégio e os alunos de uma outra escola mas Islâmica?

-Os meus colegas.

P:- Porquê?

-Porque ando cá.

P: - E um grupo de pessoas muçulmanas de outros países e um grupo de pessoas do teu país mas de uma religião diferente da tua? Porquê?

-Gostaria que fosse as pessoas do meu país, porque gosto mais, são as pessoas do meu país.

P:- Entre um grupo de pessoas de Portugal muçulmanos e um grupo de pessoas do teu país também muçulmanas? Porquê?

-As pessoas do meu país, porque gosto mais.

P:- Entre um grupo de pessoas de Portugal sem serem muçulmanas e um grupo de pessoas de outro país também sem serem muçulmanas? Porquê?

-De Portugal, porque comecei a gostar de Portugal.

P:- O que é que gostarias de dizer mais?

- Mais nada (risos).

P:- Obrigada pela tua colaboração.

## ENTREVISTA COM ALI

P:- Como te chamas?

-Ali.

P:- Quantos anos tens?

-Dez anos.

P:- Nasceste em que país?

-Na Ucrânia. Na cidade de Kiev.

P:- Os pais são da Ucrânia?

-A mãe é, e o pai é paquistanês.

P:- Vives onde?

-Em Lisboa. Em Arroios.

P:- Quando não estás no colégio como ocupas os teus tempos livres?

-Estudo, às vezes brinco e (pausa).

P:- Brincas como? Jogas à bola?

- Hum (pausa) é, é um segredo, brinco.

P:-O que gostas mais de fazer?

-Estar com amigos, jogar às cartas e (pausa).

P:-E que mais?

- Gosto de jogar.

P:- Jogar e?

-Gosto de jogar com os meus peixes, às vezes.

P:- E que fazes mais?

-Jogo xadrez com o pai, com a mãe, com o tio.

P:- Então são muitos lá em casa? A família é grande?

-Não somos só eu e mais três, o meu pai, a minha mãe e o meu tio.

P:-Não tens irmãos?

- Não, sou sozinho.

P:-Quais as profissões dos teus pais?

- Trabalham. O meu pai é pintor e vendedor e a minha mãe é médica, mas não trabalha, fazia, mas agora não, agora está em casa.

P:- Gostas de andar neste colégio?

-Mais ao menos.

P:- Porquê mais ao menos?

- Porque (pausa), porque não gosto das regras da escola.

P:- Quais as regras que tu não gostas?

-Porque não podemos jogar à bola.

P:- Não podem jogar à bola?

-Sim ,ás terças.

P:- Se calhar estão outros meninos a jogar?

-Não, mas não sei porque não podemos jogar.

P:- Gostas mais de ter aulas da parte da manhã ou da parte da tarde?

-Hum, Hum ( pausa) da tarde.

P:-Porquê?

-Porque eu gosto da história islâmica e aprendo o Alcoran. E também o árabe.

P:- Quais as disciplinas da parte da manhã que gostas mais?

- De matemática, de Língua Portuguesa, e (pausa) Educação Física, Informática, Estudo Acompanhado e, e... gosto, porque é fácil.

P:- Qual a profissão que o pai tinha no país onde nasceu?

-Era a mesma pintava quadros. Ele é pintorr de quadros.

P:- E quais as disciplinas que gostas menos?

- Ciências.

P:- Porque é que gostas menos?

-Porque não gosto muito, não acho interesse e também não gosto da Área de Projecto.

P:- Porquê?

-Porque não gosto nada, é só escrever e mais nada.

P:- O que achas dos teus professores?

-Gosto de todos os professorres, e gosto dos professorres de Matemática, de Ciências, e do Estudo Acompanhado, às outras, não gosto.

P:- Porquê?

-Hum (pausa) porque gritam muito, só sabem gritar. E também Inglês, gosto da Inglês, é boa.

P:- Há quanto tempo estás em Portugal?

-Estou há cinco, cinco ou seis anos.

P:- E dos professores de religião, gostas deles?

-Sim, porque é simpático, a, a, ensina bem, mais nada.

P:-É o primeiro ano que andas neste colégio?

-Sim.

P- Quem é o teu melhor amigo?

-É o André.

P:- Anda também neste colégio?

-Não. É amigo de lá fora.

P:- Mora ao pé de ti?

-Não. Mora longe.

P:- ?

-É assim eu conheci-o na escola quando andava no segundo ano e ele também andava e ficámos amigos.

P:- Porque é que ele é o teu melhor amigo?

-Porque fazemos muitas coisas juntos, jogamos às cartas, à playstation, coisas.

P:- O que é que gostas de fazer com os teus amigos?

-Gosto de jogar xadrez, Basquet, futebol, desportos. Aqui no colégio e fora também.

P: Praticas muito desporto?

-Sim. Basquet e futebol. É que tenho um campo de basquet ao pé de mim e um parque p'ra jogar à bola.

P:- No colégio tens muitos amigos?

-Sim. É quase toda a turma ,mas gosto do Adil.

P:- E fora do colégio tens muitos amigos?

-Sim, muitos. Mais do que no colégio.

P:- São da tua religião?

-Não, nenhum deles é islâmico.

P:- Porque convives, fora do colégio, só com meninos que não são islâmicos?

-Porque são simpáticos, não batem, não gozam, e (pausa).

P: Gostas de ter aulas de religião? Achas difícil o árabe?

- Sim, mas já escrevo e já leio.

P:- Disseste-me que eras amigo de quase todos os teus colegas de turma, então há alguns de quem tu não és amigo?

-Sim, é como o Paulo. O Paulo goza-me, comigo, chateia-me e é só ele. Ele já é o segundo ano que anda neste ano, no quinto ano.

P:- O que é que fazes nos intervalos?

- Brinco. (Pausa) Brinco a muitas coisas. E tomo o lanche e isso.

P:- Achas que este colégio só deveria ter alunos muçulmanos?

-Não.

P:- Porquê?

-Porque nesta escola deve haver alunos muçulmanos e não muçulmanos. Para ter lá mais amigos e p'ra ter lá ,e saber mais da religião deles.

P:- O que significa para ti, andares neste colégio?

-É a religião.

P:- Mas porque é que andas neste colégio e não noutro?

-Por causa da religião, porque só aqui há, aulas e religião.

P:- Gostas do edifício do colégio, das salas de aula?

-É bonito e as salas também.

P:- Qual a parte do colégio que gostas mais?

-É da entrada, onde se faz a assembleia.

P:- Porquê esta parte e não outra?

-Não sei, porque gosto. Talvez porque passam muitas pessoas, bate o sol e isso.

P:-E os recreios?

-Os recreios são bons. No recreio brincamos, descansamos e jogamos.

P:- Os recreios são separados. Os meninos estão num lado e as meninas num outro. Achas bem ou deviam estar todos juntos?

-Sim. Separados. Porque às vezes eles namoram. Aqui há pessoas que namoram, sim há namorados, mas os professores não sabem. Eu não acho bem, (pausa) não sei, mas está bem assim.

P:- O que é que gostarias que o colégio tivesse e que não tem?

- Não sei, ham (pausa). Acaba tarde. Acaba a catorze de Julho, e devia acabar a vinte e quatro de Junho. Eu queria que acabasse a vinte e quatro de Junho.

P:- Porquê?

-Ora, porque já está muito calor para vir para a escola, já é muito tarde. É só por causa do calor.

P:- Dás-te bem com os colegas de outros países?

-Sim. Acho-os bons.

P:- É muito importante como muçulmano andares neste colégio? Porquê?

-Sim, mas não sei.

P:- Se fosses para outro colégio, o que é que sentirias falta?

- Os amigos. Só os amigos, mais nada.

P:- Fala-me um pouco da tua família

- O meu pai é do Paquistão a minha mãe é da Ucrânia, os meus avós do meu pai são do Paquistão e da minha mãe são da Ucrânia. Gosto deles. O meu tio ajuda o meu pai nos quadros, a pintar. Quando estamos juntos jogamos e conversamos. Às vezes vamos passear a Belém, a Sintra e a mais sítios.

P:\_ Quais as festas que festejam?

-Festejamos os anos, o Eid e assim as festas.

P:- “E assim as festas” queres dizer que festejam o Ano Novo, ou o Natal?

-Não, não festejamos nada disso. Mas assim os casamentos (pausa).

P: -Como é que são as festas de casamento?

- Gosto, e, como hei-de dizer, só gosto.

P:- Qual a profissão que queres ter quando fores adulto? Porquê?

-Advogado. Porque, porque gosto de falar.

P:- O que é para ti seres muçulmano? Porquê?

-É importante, porque, porque não sei.

P:- Mudando de assunto, por exemplo se houvesse um concurso de televisão ou um jogo de futebol entre o colégio Islâmico e outra escola, quem é que gostarias que ganhasse? Porquê?

-O colégio, porque estou cá.

P: E se fosse entre o teu colégio e outro colégio islâmico? Porquê?

-O meu colégio, porque ando cá.

P:- E se fosse entre um grupo de pessoas muçulmanas de outros países e um grupo de pessoas do teu país não muçulmanas? Porquê?

-(Pausa) Não sei.

P:- Mas não haveria um que te agradasse mais?

-(Pausa) Não.(pausa) Não sei.

P:- E entre um grupo muçulmano português e um grupo muçulmano do teu país?

-Não sei(pausa) talvez, não sei, Talvez o português, não sei.

P: Um grupo de pessoas de um outro país sem serem muçulmanos e um grupo de pessoas de Portugal não muçulmanas? Porquê?

-Não sei, talvez Portugal, porque(pausa), porque vivo cá.

P:- O que gostarias de falar que ainda não tivéssemos falado, sobre o colégio, sobre os teus amigos...

-De mais nada

P:- Então obrigada, por este bocadinho que tivemos a conversar.

## ENTREVISTA COM O PAULO

P:- Como te chamas?

-Paulo.

P:- Que idade é que tens?

-Doze anos

P:- Nasceste aonde?

-Em Setúbal.

P:- Vives onde?

-No Pinhal Novo.

P:- Vives com quem?

-Com o meu avô e com a minha avó.

P:- E os pais?

-Os meus pais separaram-se e vivo com os meus avós.

P:- Tens mais irmãos?

-Tenho mais três irmãos, mas estão com a mãe.

P:- Quando não estás no colégio como ocupas os teus tempos livres?

- Jogo à bola, playstation e mais nada.

P:-E jogas à bola com quem?

-Com os meus amigos que moram ao pé de mim.

P:- Vais à Mesquita?

-Não, porque fica muito longe de casa.

P:- É só por ser muito longe?

-Sim.

P:- Mas fazes as tuas orações?

-Sim.

P:- Com quem?

-Sozinho

P:- E não rezas com os avós?

-Não. Rezo sozinho.

P:- O que é que os avós fazem?

-Os meus avós trabalham longe daqui, a minha avó é doméstica e o avô trabalha longe daqui.

P:- É o primeiro ano que andas no colégio?

-Sim, é. Mas sou repetente,(pausa) é o segundo ano que ando no 5º ano.

P- O ano passado andavas aonde?

-Andava numa escola, que não era particular.

P: Mas este ano estás a conseguir vencer o ano?

-Não, as notas são muito más. Eu não estudo muito, só brinco e (risos)

P: Gostas de andar no colégio?

-Mais ao menos.

P.- Porquê mais ao menos?

-Porque não gosto muito dos meus colegas.

P:- Mas é dos colegas ou do colégio que não gostas?

-É só de alguns colegas.

P:- Porque é que não gostas desses colegas?

-Porque são estúpidos e fazem coisas parvas.

P : -Gostas mais de ter aulas da parte da manhã ou da parte da tarde?

-Gosto mais da parte da manhã.

P:- Porquê?

-Porque fico logo descansado e...(pausa)

P:- Descansado? E as aulas de tarde?

-Gosto das aulas de religião, mas gostava mais que fosse tudo de manhã.

P:- Porquê de manhã?

- (Pausa e risos)

P: Quais as disciplinas que gostas mais?

-De religião?

P:- Das disciplinas que tens de manhã quais as que gostas mais?

-Gosto de Português, de Matemática e, e,(pausa) de EVT.

P:-E as que gostas menos?

- Ham (pausa) de Ciências e Área de Projecto.

P:- O que achas dos teus professores?

-Os professores ralham muito comigo e, e também com os outros. Ralham muito com todos.

P:- Porque é que achas que ralham muito?

-Porque, falamos muito.

P: -Mas, há professores que gostas mais?

-Gosto da professora Hana, a de Matemática.

P:- Porque é que gostas dela?

-Porque não ralha e ensina bem e eu percebo as coisas.

P:- E do professor que gostas menos?

- É a professora de Ciências.

P:- E do professor de religião?

-Gosto dele, eu porto-me sempre bem e ele fala sempre bem de mim e ,e (pausa)

P:\_ Quem é o teu melhor amigo?

-É o Adil, e,(pausa) é o Adil.

P:-Porque é que é o teu melhor amigo?

- Porque gosto dele, sou parecido com ele, assim, (pausa) damos bem um com o outro.

P:- E o que é que brincam os dois?

-Jogamos à bola e, (pausa) e jogamos à bola.

P:- E os outros colegas?

Não simpatizo com os outros, o, o Ali também me dou bem com ele e com os outros, não... não... não (pausa)

P:- O que é que fazes mais com os teus amigos, além de jogares à bola?

-Jogo futebol e às vezes jogo matraquilhos.

P: -E conversam?

- Não.

P:- Mas não conversam sobre nada?

- Falamos pouco, só do que vamos brincar.

P:- Achas bem que no colégio os meninos tenham espaços diferentes das raparigas?

-Assim como?

P:- Se achas que as meninas façam Ginástica separadas dos meninos assim como as refeições?

-Não,(pausa) mais ao menos.

P:- Então concordas ou não?

-Eu, na outra escola, estávamos todos juntos e agora não estão.

P:- O que fazes nos intervalos?

- Gosto de jogar à bola. E, (pausa) jogo matraquilhos.

P:- Achas que no colégio deviam andar só meninos muçulmanos?

- Não.

P:- Porquê?

-Porque o colégio é de todos. E todos têm o direito (pausa).

P:- O que é para ti andares neste colégio?

-Como?

P:- Se é importante para ti andares neste colégio?

- Sim , por causa da religião, porque,(pausa) porque há os hadith e assim(pausa).

P:- Só por causa disso?

-Sim.

P:- Porque é que andas neste colégio e não noutro?

- Porque a minha mãe quis me pôr aqui por causa das minhas tias e, (pausa) e por causa da religião, foi por causa dos estudos, porque chumbei o ano e por causa da religião.

P:- É só por causa disso?

- Sim, porque aqui posso aprender a religião e lá fora não posso.

P:- E tu gostaste quando soubeste que vinhas para este colégio?

-Eu só “sube” quando começaram as aulas. Eu primeiro pensava que não ia gostar, disse à minha mãe que não queria, mas depois gostei.

P:- Mas agora gostas porquê?

-Hum, (pausa) porque não sei explicar.

P:- Gostas do edifício do colégio?

-Como assim?

P:- Se gostas da casa, da construção, se achas bonita a maneira de como o edifício está feito?

- Sim, acho bonito.

P:- E as salas de aula?

- São pequenas. Deviam ser maiores.

P:- Qual é a parte do colégio que gostas mais?

- Gosto de lá fora.

P:- Lá fora aonde?

-Do campo de futebol.

P: O que é que fazes nos recreios, brincas ou conversas?

- Ó ,jogamos à bola, só jogo à bola, às vezes também vou para os matraquilhos.

P:- O que é que gostarias que o colégio tivesse e que não tem agora?

-Que tivesse? (pausa)

P:- Sim, o que é que gostarias que o colégio tivesse, ou desportos ou mais salas de aula, e que ainda não tem?

- Como eu, eu hei-de dizer, mudava as regras.

P:- Mudavas como, o que é que mudavas nas regras?

-Assim, como é que eu digo, menos duras, menos rígidas.

P:- Rígidas?

-Sim, menos castigos.

P:- Tens colegas portuguesas mas também tens colegas de outras nacionalidades, como é que te dás com eles?

- Dou. Com alguns.

P:- Porque é só com alguns?

-Porque são estúpidos. Porque não sabem falar nada, quando estamos a jogar à bola, porque fazem tudo mal, não sabem as regras, e depois jogam mal. E depois há meninos que só pensam mais na religião.

P:- Tens alguns colegas que não são muçulmanos ,como é que te dás com eles?

-Mais ao menos. Eu não me dou muito com eles, porque eles tem lá os amigos deles e eu tenho os meus.

P:- Achas importante, para se frequentar este colégio ser muçulmano? Porquê?

-Acho que sim. Porque (risos e uma pausa prolongada) não sei.

P:- Se fosses para outro colégio, o que é que irias sentir mais falta?

- (Pausa) Se fosse para outro colégio?

P:- Sim

- Não sei, (pausa)ia sentir falta, ia sentir falta das aulas de religião e as comidas são diferentes.

P:- Os teus pais nasceram aonde?

-A minha mãe nasceu em Moçambique e o meu pai nasceu em Setúbal. Só a parte da minha mãe é que são muçulmanos, do meu pai não.

P:- Os pais estão separados, voltaram a casar?

-Não, nem um nem outro. A mãe agora está a tirar assim um curso d, de(pausa)

P:- Fala um pouco da tua família.

-Assim como?

P:- Tu vives com os avós, o que é que fazem quando estão juntos, conversam, passeiam?

-Falamos. Passear vou mais com o meu pai e com a minha mãe, a mãe vive aqui no Pinhal Novo, vou passear e (pausa)

P: O que é que festejam, os anos, o Eid?

- As festas como?

P: Quando fazes anos, se fazem festa com a família com os teus amigos, a festa do fim do Ramadão?

- Festejamos só o Eid. Não festejamos outras festas.

P:- E festas de casamento?

-Também não vamos.

P:- Na festa do Eid, o que é que fazem, o que é que conversam?

- Comemos e falamos.

P:-É muito importante para ti a religião?

-É. Às vezes rezo com a minha mãe outras vezes sozinho. É importante porque como é que hei-de explicar, não sei explicar.

P:- O que é gostarias de fazer quando fosses adulto, que curso gostarias de ter?

- Quero ser electricista.

P:- O que é para ti seres muçulmano?

-É bom. Porque é uma religião diferente das outras e aprendemos coisas boas.

P:- Mudando de assunto se houvesse um jogo de futebol ou um concurso de televisão quem é que gostarias que ganhasse os alunos do colégio Islâmico de Palmela ou os alunos de outra escola? Porquê?

- Os alunos do colégio, porque é a minha escola.

P:- E se fosse entre os alunos do teu colégio e os alunos de outro colégio Islâmico? Porquê?

-Os alunos do meu colégio, porque eu gostaria que toda a gente visse a nossa escola como uma boa escola.

P:- E se fosse entre um grupo de pessoas muçulmanas e um grupo de pessoas de uma outra religião?

-As pessoas muçulmanas, porque são da minha religião.

P:- Entre um grupo de pessoas de um outro país e os portugueses?

-Como assim?

P:- Entre um grupo de pessoas da Inglaterra, de Espanha e entre Portugal, sem importar a religião? Porquê?

-Os portugueses, porque devemos respeitar as outras religiões como eles devem respeitar os muçulmanos.

P:- Gostarias de falar de alguma outra coisa que não tivéssemos falado?

- Gosto muito do colégio, é diferente, do que uma oficial, e mais nada. Não tenho a dizer mais nada.

P:- Então, muito obrigada pela tua colaboração.

## ENTREVISTA COM O SHABBIR

P:- Como te chamas?

-Shabbir.

P:- Que idade é que tens?

-Tenho dez anos.

P:- Nasceste onde?

-Em Lisboa, na maternidade Alfredo da Costa.

P:- Vives aonde?

-Vivo em Santo António dos Cavaleiros.

P:- Quando estás no colégio o que fazes nos tempos livres?

-Brinco, estudo com os meus amigos.

P:- Aonde?

-No pátio, no colégio, jogo à bola.

P:- E os teus amigos andam todos no colégio?

-Só alguns é que andam.

P:- São aqui da turma?

-Não. Um anda no 9º ano e outro anda no 3º.

P:- E tens amigos que não andam no colégio?

-Um é lá dó pé de mim, é meu vizinho, chama-se David ele é cristão, e tem dez anos o outro chama-se Nelson e também é cristão e tem treze anos.

P:- E o que é que fazes com esses amigos?

-Jogo à bola, lá ao pé de mim.

P: E como ocupas o teu tempo livre em casa, além de brincares com os teus amigos?

- Jogo playstation, vejo televisão.

P:- Tens irmãos?

-Nasceu agora o meu irmão.

P:- Os teus pais nasceram em Portugal?

-Não. Nasceram na Índia. O meu pai é comerciante e a minha mãe é, é como agora está com o menino é doméstica, mas quando vai trabalhar é esteticista.

P:- Vais à Mesquita?

-Vou. Vou sempre, todas as semanas. E, e, e aqui também rezo com os meus colegas em congregação, no polivalente.

P:- Vais à Mesquita com quem?

- Quando estou com os meus pais?

P:- Sim.

-Quando estou com os meus pais, vou com o meu pai.

P:- Quando é que fazes a oração?

-Quando podemos, normalmente vamos às sextas, um bocadinho antes da hora do almoço, vamos fazer a oração em congregação. É assim, quando estamos em aulas não vou, mas quando não há aulas vou à Mesquita Central

P:- E a mãe não vai à mesquita?

-Não, nunca vai.

P:- E em casa nunca rezas?

-Sim, sim, rezo sempre.

P:- Gostas de andar no colégio?

-Gosto. Só quando não podemos jogar à bola é que, é que, não gosto muito. É assim, gosto de andar, mais ao menos.

P:- O que é mais ao menos?

- É p'ra o mais (risos). Os professores são simpáticos, ensinam bem e não sei mais.

P:- Gostas mais das aulas da parte da manhã ou da parte de tarde?

-Da parte da manhã.

P: - Porquê?

-Porque aprendemos mais coisas, também gosto um bocadinho da parte da tarde porque damos coisas da religião, da conduta (pausa).

P:- Quais as disciplinas que gostas mais?

- Matemática e Inglês, História, Educação Física e Informática.

P:- E quais as disciplinas que gostas menos?

-As que gosto menos é,(pausa) é, é Estudo Acompanhado e Ciências.

P:- Fala-me um pouco dos teus professores, como os achas?

- São simpáticos, mas às vezes são um cadinho maus.

P:- Maus?

- É assim, maus, não sei, (pausa) é ficar sem intervalo, não sei, alguns professores dizem que por causa de alguns pagam todos e ficamos chateados, fico triste.

P:- E os professores de religião, como achas os maulanas?

- Antes tínhamos vários, agora, mas agora é só um maulana que nos dá todas as aulas, eu tinha um maulana na Póvoa de Santo Adrião.

P:- O que é que aprendes nas aulas de religião?

-Aprendemos coisas novas sobre a nossa religião, a nossa conduta a, (pausa) a história do Profeta e da nossa religião aquilo que ainda não sabemos, a língua árabe.

P:- Já sabes muito de árabe?

- Já sei um bocadinho.

P:-Não achas difícil o árabe?

-Um bocadinho, temos que decorar certas, por exemplo, as suras.

P:- É o primeiro ano que andas aqui no colégio?

-É.

P:- Porque é que vieste para o colégio Islâmico?

- Foram os meus pais que quiseram e eu também. Falava com os meus amigos e eles falavam daqui e diziam que era muito bom eu fiquei com curiosidade pedi à minha mãe e a mãe conhece a madressa e vim. Os meus pais já estavam algum tempo a perguntarem se eu queria ir e (pausa).

P:- Quem é o teu melhor amigo aqui no colégio?

-É, é aquele ali ao fundo, aquele com óculos, aquele ali ao fundo, o Muaaz.

P:- Que actividades é que partilhas com os teus amigos, aqui no colégio?

- Jogamos à apanhada quando não temos bola, jogamos à bola, a, a, jogamos matraquilhos, jogamos às vezes basquet, e (pausa) .Porque o campo da bola é dividido por anos , nos dias da semana.

P:- No colégio tens muitos amigos além do Muaaz?

-Sim, alguns.

P:- São da tua turma?

-Não. São ali da outra escola. Tenho também os meus amigos sem serem daqui, mas mais chegados são dois.

P:- Gostas de todos os teus colegas da turma?

-Gosto, gosto, são simpáticos, são meus amigos, quando eu preciso de ajuda eles ajudam-me.

P:- Gostas das aulas?

-Gosto, gosto, porque aprendemos coisas novas que ainda não sabemos.

P:- Achas que não deviam andar meninos que não são muçulmanos neste colégio?

-Eu acho que sim, como a escola é islâmica, eu, eu quando vim para cá julgava que só haviam miúdos muçulmanos.

P:- Porque é que achas que só deviam andar meninos muçulmanos?

- Porque aqui também as mães estão a pagar e eles não vão da parte da tarde, e como aqui diz escola islâmica também devia ser só islâmicos.

P:- O que é para ti andares neste colégio?

-É importante por causa da religião, aqui os professores são mais simpáticos, e (pausa).

P:- Porque é que andas neste colégio e não noutro?

-Porque aqui há mais higiene, há, hum, os professores são melhores e dão as coisas com mais facilidade, com jogos e nós aprendemos melhor.

P:- Gostas do edifício do colégio?

- Gosto, por fora e por dentro vê-se logo que é muito grande.

P:- Qual é a parte do colégio que gostas mais?

-É do outro lado de lá (parte das crianças do 1º ciclo), lá tem baloiços, sim do outro lado, há o recreio, porque na minha outra escola quando não podia brincar à bola, andava nos baloiços.

P:- Então como são os recreios para ti?

- Na segunda-feira quando é o nosso dia, no segundo intervalo, vamos jogar, porque nos outros dias assim, os do sétimo e dos outros anos dizem para ir embora e nós temos que ir embora, neste dia não. Mas, às vezes os dos outros anos não deixam jogar no nosso dia, mas nós dizemos ao maulana e depois jogamos, porque é o nosso dia.

P:- O que é que gostarias que o colégio tivesse e não tem?

- Que tivesse baloiços nos dois lados, tivesse argolas, aquilo para nós pendurarmos porque eu gosto muito disso. Mais matraquilhos, porque quando está uns cheios e alguns meninos não tem oportunidades de jogar nos intervalos.

P:- Tens colegas que são de outra nacionalidade, como te dás com eles?

- É, como toda a gente, são simpáticos, mas às vezes estão adaptados a outros países e aqui não, e demoram-se a adaptar.

P:- Gostas de usar o uniforme?

-Gosto. Quando é Educação Física podemos tirar a camisa e o pullover. Gosto mesmo de usar o uniforme.

P:- Como estás neste colégio, achas que é importante seres islâmico?

- Sim, para agradarmos as nossas mães que também foram e também é bonito saber as histórias, como rezar, e isso, os hábitos e assim, e os nossos profetas e (pausa) as histórias são bonitas e gostamos de ouvir mais, (pausa)

P:- Se fosses para outra escola o que é que irias sentir mais falta?

- Os colegas, os professores, e (pausa)

P:- Fala-me dos teus avós, de onde são?

-O meu pai teve duas mães. Uma abandonou-o, a primeira mãe nasceu na Índia, a segunda que tratou sempre dele, a, a, nasceu cá. Os outros avós nasceram todos na Índia. Só a minha avó é que não é da Índia.

P:- Descreve a tua família, os teus pais são divertidos?

-São. A minha mãe gosta muito de brincar comigo. O meu pai também. Nos domingos quando ele não vai trabalhar, vamos jogar à bola ao pé da minha casa, no campo de futebol, que há ao pé da minha casa. Quando estou sozinho brinco com o balão, a mãe deixa, brinco com os amigos no pátio do prédio. Também quando estou em casa com a mãe, ajudo-a. Ajudo a lavar a loiça, às vezes quando faz bolos eu ajudo, e (pausa).

P:- Onde costumam passear?

-Vamos ao Odivelas Parque, ao Shopping, e a muitos sítios.

P:- Sobre o que é que falam quando estão juntos?

-Falam sobre a minha conduta, que tenho que me aplicar nos estudos, falamos às vezes sobre coisas divertidas, e rimos muito, e (pausa)

P:- Vocês fazem festas? Quais as que festejam?

- Sim fazemos festas, as de Eid, de aniversário, eu faço as festas, com a minha avó, de Natal, de Páscoa, ela compra-me ovos, amêndoas, e... os anos. Festejo estas festas também com a avó porque ela não é muçulmana ela é portuguesa, ela é cristã, e, e ...

P:- E tu gostas destas festas?

-Gosto. Até é bonito, é diferente.

P:- Quando fores grande, qual a profissão que gostarias de ter?

-É assim, ainda não sei, mas gostava de tirar medicina ou informática, porque gosto de tratar de pessoas e também gosto de computadores, de trabalhar neles, porque eu jogo nos computadores e gosto. E também brinco com os meus amigos aos dôtors.

P:- O que é para ti ser muçulmano?

-Hum, para mim ser muçulmano é, é, a, agradar a minha mãe, por ser muçulmano, porque há mães que são muçulmanas e os filhos não querem ser, e as mães ficam tristes. E eu também gosto, toda a minha família é muçulmana, quase toda.

P:- A religião é muito importante para ti?

- É. Porque toda a minha família é muçulmana e eu quero continuar o Islão da minha família.

P:- Mudando de assunto, se por exemplo, houvesse um jogo de futebol ou um concurso de televisão, entre duas equipas, quem é que tu gostarias que ganhasse, por exemplo entre os alunos do colégio islâmico e os alunos de uma outra escola? Porquê?

-Os alunos do meu colégio. Porque nunca vi o nosso colégio a ganhar um jogo.

P:- Entre os alunos deste colégio e os alunos de um outro colégio Islâmico? Porquê?

-O meu colégio, para que a nossa escola fosse respeitada.

P:- Grupo de pessoas muçulmanas de outros países ou um grupo do teu país sem serem muçulmanos? Porquê?

-Queria que ganhasse o grupo de pessoas muçulmanas, porque para mim o Islam é mais importante.

P:- Entre um grupo de pessoas de outros países, sem serem muçulmanos e entre um grupo de pessoas de Portugal, também sem serem muçulmanos? Porquê?

-Dos outros países, porque não é justo que outros países não ganhem, se forem bons.

P:- Obrigada. Gostarias de falar de algum assunto que não tivéssemos falado? Sobre a escola, sobre religião, sobre família, amigos, ...?

- Eu acho que está tudo, falámos de tudo.

P:- Obrigada pela tua colaboração, gostei imenso de falar contigo.

## ENTREVISTA COM UMAIR

P:- Como te chamas?

-Umair.

P:- Que idade é que tens?

-16 anos.

P:- Onde nascestes?

-Paquistão, na cidade de Gujravala.

P:- Onde vives?

-Em Sintra.

P:- Como é que vens para o colégio?

-Venho de comboio, até ao Areeiro e depois apanho a carrinha do colégio até aqui.

P:- Quando não estás no colégio, como ocupas os teus tempos livres?

-Quando chego a casa?

P:- Sim

-Estudo, vou brincar lá fora com os meus amigos.

P:- E tens muitos amigos?

-Sim.

P:- São colegas do colégio?

-Não. São outros.

P:- E são do Paquistão?

-Não. São de cá, são portugueses.

P:-E são muçulmanos?

-Não.

P:-E o que é que fazem? Conversam?

-Jogamos à bola. Às vezes não temos conversas, só jogamos à bola. Quando falamos é para sair.

P:- Para sair, aonde?

-Para quando vamos para o comboio.

P:- E quando jogas à bola,és defesa, avançado?

-Sou médio.

P:- Continuando, o que é que gostas de fazer nos tempos livres, sem ser jogar à bola?

-Gosto de fazer Matemática.

P:- E em casa ajudas?

- Sim, ajudo. Carrego tudo.

P:- Tudo como?

-Ajudo a levar as coisas para casa e assim.

P:- Tens aqui o teu irmão gémeo, como é que é?

-Dou-me bem.

P:- Tens mais irmãos?

-Sim. Tenho o meu irmão gémeo e mais 4 irmãs.

P:- Só anda no colégio o Yussuf( irmão gémeo)?

-Não também anda a minha irmã, a mais velha.

P:- Vais à Mesquita?

-Sim.

P:-Onde?

-A Odivelas.

P:- Mas há uma Mesquita mais próxima de Sintra, no Cacém, porque é que vais a Odivelas?

-Sim, eu sei. Mas, a ,(pausa) só sei o caminho para a Mesquita de Odivelas.

P:- E quando vais à Mesquita?

-Quando regresso daqui. Vou ao fim de semana.

P:-E quando estás de férias, quando é que vais à Mesquita?

-Vou à sexta-feira à oração do meio-dia.

P:-E vais com quem?

-Às vezes vou sozinho, às vezes vou com mê pai, e (pausa)

P.- O teu pai trabalha aonde?

-Trabalha numa loja.

P:- E quando é que fazes a oração e aonde?

-Sim, rezo, nas horas da oração, e faço quase sempre em casa só se não posso.

P:- E rezas com o teu irmão, pai?

-Rezo sozinho. Também posso fazer sozinho e rezo sozinho.

P:- Foi difícil aprender o português?

-Não.

P. Gostas de andar neste colégio?

- Ham, um pouco, (pausa) hum.

P:- Um pouco? Explica melhor.

- Ham (pausa). As regras. Temos que cumprir tudo.

P:- Mas isso é bom, ou não?

- É bom, mas eu já estou farto, já estou cá há 4 anos.

P:- Gostas mais das aulas da manhã ou das de tarde?

-Depende.

P:- Depende, porquê?

-Porque às vezes, às vezes, não percebo nada, não percebo nada (pequenos risos).

P:- O que é que não percebes?

-Nas aulas de religião e nas aulas da escola também.

P:- Mas porque não percebes o português?

- Não sei, às vezes não oiço bem, não percebo nada.

P:- Pedes aos professores para repetirem.

-Sim, mas... (pausa e risos)

P:- Mas afinal gostas mais das aulas da parte da manhã ou as da parte da tarde?

- Acho ,que é,( pausa) de tarde.

P:- Porquê?

-Porque são aulas da minha religião e interessa-me a minha religião.

P:- E as disciplinas que dás sem serem de religião não te interessam?

- (Pausa) Gosto das aulas de religião porque é bom.

P:- Então diz-me lá quais as disciplinas que gostas mais das aulas da parte da manhã? Porquê?

- Gosto de Matemática, Educação Física e EVT. Gosto mesmo de matemática, porque é fácil.

P:- E as que gostas menos? Porquê?

- Português. Porque sou muito fraco, eu percebo, mas sou muito fraco.

P:- Fala-me um pouco sobre os teus professores.

- São fixes. (uma longa pausa). Não faço a mínima ideia.

P:- E o professor de religião?

- O maulana ensina bem. Explica muito bem a nossa religião.

P:- Já andas no colégio há 4 anos. Quem é o teu melhor amigo?

- Aqui no colégio?

P:- Sim.

- Acho que é o, acho que é (pausa)

P:- Mas não tens amigos aqui no colégio?

-Tenho, é o Muaaz. É aquele que está sentado ali. Ele é o meu amigo, porque às vezes divertimo-nos muito (risos)

P:- Porque é que se divertem?

-É das conversas. Falamos de coisas para rir. Sei lá. Divertimos muito.

P:- Quais as actividades, jogos, que tens com os teus colegas, no colégio?

- Jogo à bola e, (pausa) e jogo matraquilhos e jogo basquet (pausa) e mais nada.

P:- Além do Muaaz, não tens mais amigos no colégio?

-Tenho muitos amigos, alguns são doutras turmas e também dos alunos do 1º ciclo, dou-me bem com todos .E fora do colégio também tenho muitos amigos.

P:- De tarde vais para as aulas de religião. Gostas dessas aulas? Porquê?

-Sim. (pausa). Sim. Porque aprendo muito, (pausa) aprendo muito, porque é a minha religião.

P:- E aprendes o árabe? Gostas?

-Sim, Gosto de aprender o árabe, é fácil. A tradução às vezes engana. Eu percebo as coisas em árabe.

P:- Gostas de todos os teus colegas da turma?

-Alguns. Porque os outros estão a chatear nas aulas, falam e não se ouve nada. E depois ficamos de castigo por causa deles.

P:- Achas que deviam andar neste colégio só meninos muçulmanos?

-Não. Pode haver outros também. Porque são fixes, para se saber como pensam, como fazem.

P:- O que é para ti andares neste colégio?

- (Pausa longa) eu só ando neste colégio por causa da minha religião é só por isso. Os meus pais querem que ande cá, eu também, pela minha religião. Eu estou cá por causa da religião, porque se andasse noutra escola, depois não sei nada.

P:- Gostas da construção do colégio? Achas que é moderno? Tem boas salas de aula?

- Gosto. A sala que gosto mais é a sala de EVT.

P:- E os recreios?

- Não sei. (pausa)

P:- Concordas com a separação de certas aulas entre os rapazes e as raparigas?

-Não.

P:-Porquê?

- (pausa) Não sei

P:- Gostas de usar uniforme? Porquê?

-Não. Porque estou farto de usar. Na minha terra também se usava o uniforme.

P:- O que é que gostarias que o colégio tivesse e que não tem agora?

- Que mudasse as regras. Só isto.

P:- Tens colegas de outras nacionalidades. Como é que dás com eles?

-Sim, mas os de cá são mais barulhentos. Portam-se pior.

P:- Achas que é importante ser-se muçulmano para frequentar este colégio?

-Sim.

P:- Porquê?

- (Pausa) Por causa da religião.

P:- Se fosses para outra escola do que é que irias sentir mais falta do colégio islâmico?

- (Pausa) Dos meus primos, que andam cá. Só, mais nada.

P:- Toda a tua família é do Paquistão?

-Sim.

P:- Fala-me um pouco da tua família.

- A minha irmã, o meu pai e a minha mãe trabalham numa loja, as minhas outras irmãs, ficam em casa, cozinham, arrumam.

P:- Quando a família está toda junta conversam?

-Sim.

P:- Sobre o quê?

-Falamos da família e de mais nada ,(pausa) e da religião.

P:- Quais as festas que fazem? Festejam festas de anos?

-Festejamos a festa do Eid, é tipo a festa do Natal. Só festejamos o Eid. Também fazemos festas dos anos. Rimos e conversamos.

P:-Que curso gostarias de tirar?

-De Física ( Ed. Física).

P:- O que é para ti ser muçulmano?

- (Pausa) É só acreditar em Deus. Que Deus existe. (pausa)

P:- A religião é muito importante para ti?

- Sim. Religião é importante para mim, porque quando mêm pai mandar fazer a oração eu não sei fazer nada. Como é que eu vou fazer a oração?

P:- Mudando de assunto, se houvesse um jogo de futebol, ou um concurso na televisão entre dois grupos, qual o que gostarias que ganhasse e vais dizer o porquê, está bem?

-Sim.

P:- Entre os alunos do Colégio Islâmico de Palmela e os alunos de outra escola?

-Os alunos de cá.

P:- Porquê?

-Porque ando cá.

P:- Entre os alunos do Colégio Islâmico de Palmela e os alunos de outro colégio Islâmico?

-Os meus colegas. Porque ando nesta escola.

P.- Entre um grupo de pessoas muçulmanas, de outros países e um grupo de pessoas do teu país sem serem muçulmanas? Porquê?

-O grupo dos outros países, porque são da minha religião.

P:- Entre um grupo muçulmano português e um grupo muçulmano do teu país?

-Hum, (pausa) não sei.

P:- Entre um grupo de pessoas de um país sem ser Portugal e entre portugueses e que não são, nem um nem outro muçulmanos? Porquê?

- (Pausa) Portugal.

P:- Porquê?

-(Pausa) Não sei, talvez porque(pausa) vivo aqui.

P.- O que gostarias de falar que não tivéssemos conversado, ou sobre o colégio, sobre religião, ou sobre outras coisas?

- O Paulo fala muito. E eu não oiço nada. A aula de História é tão bonita e eu não percebo nada.(pausa) Tá tudo bem assim (pausa)

P.- Então muito obrigada, por este bocadinho que estivemos a conversar.



## **UM ESTUDO SOBRE O COLÉGIO ISLÂMICO DE PALMELA**

Para o efeito, solicito a colaboração dos pais dos alunos do 5º ano do ensino básico, para um estudo sobre o colégio Islâmico de Palmela.

Sou Maria Emília Santos, professora e estou a fazer a dissertação de mestrado em Relações Interculturais.

Esta investigação tem a autorização e colaboração da direcção do Colégio Islâmico de Palmela.

Gostaria de lhes fazer algumas perguntas sobre os seus filhos e sobre o colégio.

As respostas são muito importantes para o conhecimento deste estabelecimento de ensino e dos alunos, tanto na comunidade islâmica, como na não islâmica. A auscultação de V. Ex.ªs, constitui uma forma de conhecer melhor esta escola.

Peço, por isso que colabore e responda às perguntas com sinceridade, na certeza que as suas respostas serão inteiramente confidenciais.

**Grata pela sua colaboração**

**Muito atenciosamente**

## QUESTIONÁRIO

1. Em que país nasceu? \_\_\_\_\_

2. Se nasceu no estrangeiro, há quanto tempo está em Portugal?

Menos de um ano	
1 Ano	
2 Anos	
5 Anos	
Mais de 5 anos	

3. O que o (a) levou a vir para Portugal?

Oportunidade de trabalho	
Acompanhante de pessoa de família	
Viver com a família que já se encontrava em Portugal	
Impossibilidade de ir para onde queria	
A língua portuguesa	
Outro (especificar) _____ _____	

4. Onde reside? \_\_\_\_\_

5. Qual a sua actividade profissional?

Serviços públicos (especificar) _____ _____	
Serviços particulares (especificar) _____ _____	
Trabalha por conta própria	
Trabalha por conta de outrem	

6. Qual o seu grau de ensino?

1º Ciclo	
2º Ciclo	
Ensino secundário	
Licenciatura	
Outra (especificar) _____ _____	

7. Está satisfeito(a) de viver em Portugal? Sim\_\_\_\_\_ Não\_\_\_\_\_

8. Quantos filhos tem? \_\_\_\_\_

9. Onde estudam? \_\_\_\_\_

10. Quais os motivos de ter o seu (sua) filho(a) neste colégio? (Indique uma escala de preferências 1º. 2º...)

Culturais	
Económicos	
Ensino	
Perto da residência	
Regras	
Religião	
Valores	
Outro (especificar) _____	

11. O seu (sua) filho(a) andou noutra estabelecimento de ensino? Sim\_\_\_ Não\_\_\_\_\_

12. O seu (sua) filho(a) gosta de frequentar este colégio? Sim\_\_\_\_\_ Não\_\_\_\_\_

13. É o primeiro ano que frequenta este estabelecimento de ensino? Sim\_\_\_ Não\_\_\_\_\_

14. Notou que o seu (sua) filho(a) teve dificuldades de integração neste colégio?

Sim\_\_\_\_\_ Não\_\_\_\_\_

15. Já conhecia os colegas de anos anteriores ou de um outro local? Sim\_\_\_\_\_ Não\_\_\_\_\_

16. Participa em todas as actividades escolares? Sim\_\_\_\_\_ Não\_\_\_\_\_

17. Participa nas actividades religiosas? Sim\_\_\_\_\_ Não\_\_\_\_\_ Algumas vezes\_\_\_\_\_

(especificar) \_\_\_\_\_

**18. O seu (sua) filho(a) professa a religião Islâmica**

18.1. Sente-se integrado? Sim\_\_\_\_\_ Não\_\_\_\_\_

18.2. Sente-se integrado pela:

Colegas	
Convivência	
Nacionalidade	
Professores	
Religião	

19. Em casa que língua falam?

Português	
Árabe	
Inglês	
Outra (especificar) _____	

20. Concorda que as crianças usem o uniforme? Sim\_\_\_\_\_ Não\_\_\_\_\_

Porquê?

---

---

21. No caso das raparigas, concorda que usem véu (Apesar de não ser obrigatório o uso deste)? Sim\_\_\_\_\_ Não\_\_\_\_\_

Porquê?

---

---

22. Gosta da maneira como o colégio funciona? Sim\_\_\_\_\_ Não\_\_\_\_\_

23. O que gostaria que o colégio mudasse?

Actividades	
Alimentação	
Ensino	
Regras	

Porquê?

---

---

24. Gostaria de escrever mais sobre o colégio que não fosse mencionado neste questionário:

---

---

---

## **Entrevista com a Dr<sup>a</sup> Hana Mateus- Directora Pedagógica do Colégio Islâmico de Palmela**

“O nosso colégio começou em 1998, com o 1<sup>a</sup> ano do ciclo, e isto porquê? Porque se sentiu a necessidade de alguns pais que vieram, nomeadamente, de Moçambique. Começou uma coisa mais pequenina para poder conciliar a parte escolar com a parte religiosa. Daí surgiu esta ideia, de fazermos as duas partes numa só escola. Começou num edifício ao lado do que nós temos, que foi doado à comunidade islâmica agora com o nome de Colégio Islâmico.

Vamos crescendo, vamos subindo gradualmente. Não pretendemos aumentar ou crescer tudo de um dia para o outro, senão seria uma confusão. Vamos crescendo e aprendendo, é como as crianças a falar, a porem-se de pé, a andar...é o que fazemos aqui no Colégio; assim temos, na parte da manhã o ensino oficial que vai do 1<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano, temos autorização do ministério, temos o nosso projecto educativo, o projecto curricular, o projecto de aula, tudo o que é necessário, temos tudo...de tarde temos a parte religiosa, onde eles aprendem a religião, a lerem o Alcorão, os princípios do Islão, como se comporta a sociedade...

As pessoas confundem o Islão com a cultura e não é isto, eles aprendem o que é o Islão, o que é ser muçulmano, as regras. Aprendem que temos uma série de regras. Funcionamos assim.

De manhã só há aulas com professores preparados com habilitações para dar aulas, licenciados uns com a parte pedagógica, outros não, mas com habilitações para dar aulas.

Da parte da tarde há as aulas de religião. É assim que estamos a funcionar.

Em termos pedagógicos, o nosso projecto educativo é “ Conhecer o nosso Concelho” que vai durar três anos. A nossa população neste concelho é muito diversificada mas há poucas famílias islâmicas. No colégio há poucas crianças muçulmanas de Palmela porque existem cá poucas famílias. Então vêm do Laranjeiro, do Barreiro, Odivelas, Carnaxide, Areeiro, Martim Moniz...vêm todos em transportes da escola . Há pontos de encontro onde vão buscar os meninos, e eles ficam cá das 8,30 até às 17.00. Das 8.30 às 13.30 é a parte escolar. Depois, das 14.30 até às 17.00 é a parte religiosa. Isto não quer dizer que não tenhamos meninos que não são muçulmanos. Temos 6 crianças que não são. Há uma grande procura, mas achámos por bem consolidarmos este projecto para depois crescer. Mas há, de facto, uma grande procura, mas nós não temos ainda capacidade para dar resposta a essa procura.

Tem de ser devagar para ser algo com qualidade. É isso que nós queremos. Queremos a integração de outras religiões até de ateus, não é por aí que as crianças não poderão frequentar a nossa escola. Da mesma forma que temos este projecto temos que ter noção de que saem para

fora, para o mundo real que não é este a que estão confinados. Esta escola é como outra escola particular qualquer.

Temos o nosso projecto mas temos que ter a visão que eles podem sair como há outros que entram, não queremos que haja um grupo fechado. Acho que entre os que entram e os que saem tentamos assim dentro do possível, que, apesar de sermos de uma religião (porque eu também sou muçulmana) não quer dizer que não possamos conviver com os outros temos que saber respeitar os outros e sabermos dar-nos ao respeito, dos princípios mais básicos que existem porque no fundo as outras pessoas querem o mesmo. Se ensinarmos o bem e a conviver, no fundo é o que qualquer religião quer. Os valores não fogem muito uns dos outros. É isso que estamos a ensinar às crianças aqui. Tentamos inculcar nas nossas crianças o tal respeito e conhecimento de valores que elas têm que ter, aqueles pilares básicos que uma criança deve ter para poder crescer. No fundo, as crianças não são mais do que uma flor, são semeadas e nós é que temos que lhe dar tudo para que se possam desenvolver e crescer harmoniosamente, ou vai por outro caminho e está mal. Se for pelo bom caminho cresce de forma saudável e não de uma maneira doentia. Nós aqui tentamos que eles sigam pela via mais saudável. Estamos a falar de crianças mas isto não impede que os valores estejam lá. A boa educação, a disciplina e as regras têm que existir porque eles serão os homens do futuro, para que possam melhorar a sociedade em que estamos inseridos.

Isto em relação à parte escolar oficial. A parte religiosa deixaria para o sheik Ismael que é a autoridade máxima aqui no colégio.

A família tem uma grande importância porque é com a família que nós nos vemos. É o papel familiar que está ligado ao desenvolvimento da criança. Eles devem contar com os pais, o saber partilhar o bem e o mal, as suas alegrias e os seus problemas. Os pais são as pessoas que mais próximo estão. Podem sempre contar com a ajuda dos familiares, principalmente dos pais. Apesar de estarem muito tempo connosco. Podem sempre contar com a nossa ajuda, qualquer um deles. Mas a família é muito importante mesmo nas festas de consumismo e de materialismo e de ofertas. O importante não é as prendas mas o estar com a família, visto que o Natal é uma festa de família. É importante depois de um dia de trabalho na escola o papel dos pais de estarem juntos e conversarmos porque o que interessa é a família e o seu bem-estar. Vive-se a cada momento, o saber perdoar mesmo quando algo não está bem, porque todos erramos, é isto que tentamos transmitir às nossas crianças. Nestas festas religiosas o que conta é o que elas são, porque são... e é um dia familiar apesar de todos os outros também o serem.

Nós somos uma escola com um forte carisma religioso, islâmico. Todas as crianças são islâmicas, excepto as seis que não são, mas eles têm obrigação de saber o significado do Natal. Não é para dar ou receber prendas. Este ano a professora de história foi quem fez pequenas palestras pelas

turmas a explicar o sentido do Natal às crianças visto serem Islâmicas. Explicamos todas as datas relacionadas com as épocas festivas. Porque é que existem magustos e se festejam, a Páscoa, também falamos das festas dos Hindus para eles saberem. Tentamos explicar o máximo, abrir horizontes, não se sentirem fechadas. Saberem o que existe mas escolher “este, porque é o caminho “. Mas há outros caminhos e devem conhecê-los. Não podemos falar ou criticar o que não conhecemos. Eu costumo dizer-lhes que quando criticamos tem que se ter conhecimento de causa , não é criticar por criticar. Toda a gente crítica hoje em dia. O porquê não interessa. Nós queremos que as nossas crianças quando criticam ou dão opinião tenham fundamentos, e o nosso projecto pedagógico também passa por aí. Relacionado com a pergunta que me fez nós detectamos que é um problema muito grave que se está a passar não só aqui mas em todo o lado. (Porque o que se passa lá fora também se reflecte aqui). As crianças não raciocinam, não pensam com lógica, querem tudo de “ mão beijada”, tudo facilitado, tudo o que possam ver na televisão passa a ser real, mas não é. Então pensámos, a partir do 2º ciclo (mas também já pensámos em fazê-lo no 1º ciclo) um tipo de aulas Pergunta/Resposta. Dá muito trabalho ao professor, este tem que orientar as perguntas para aquilo que quer que o aluno responda depois a criança é que tira a conclusão. Principalmente no 5º ano que vêm com muitos vícios começam já a aderir a este trabalho. Este primeiro período é difícil conseguir gerir este projecto; pô-los a pensar. É necessário o professor orientá-los de modo a que eles cheguem ao que o professor quer ou o que este poderia dizer (em relação à matéria ) é necessário pô-los a raciocinar, a pensar Esta é a nossa grande proposta, nestes 5 anos(5º 6º 7º 8º 9º anos). É tão difícil pô-los a pensar. Por exemplo: decorar o Alcorão. Uma vez que decoram o Alcorão acham que devem decorar as outras matérias. Mas não! Nós devemos pô-los a pensar porque, “amanhã” saem lá para fora e têm que pensar não podem deixar de o fazer. E quando saírem daqui do 9º ano para o 10º ou até mesmo para a universidade têm que saber que as coisas não caem do céu têm que saber pesquisar. O nosso projecto pedagógico é já nesse sentido. Reparou que todos os dias no início das aulas têm uma palestra. Ficam todos em fila no hall e essa palestra às 8.30 é dada pelo sheik Ismael. Fala sobre cidadania, respeito, limpeza, tudo. Têm aqueles minutos de conversa em que têm de aprender o que é a disciplina (temos que ser disciplinados em todos os sentidos) e têm que saber que o professor é uma autoridade máxima na aula. Não quer dizer que o professor se imponha e que eles não possam falar, brincar connosco... Eles sabem que o podem fazer mas tudo tem o seu tempo, no sue espaço e com a noção do limite de até onde podem ir. A partir daí têm que respeitar o professor. Ele está ali para ser respeitado, assim como o professor tem que respeitar os alunos. Estamos a trabalhar neste sentido. Facilita-nos muito.

Eles são obrigados a seguir regras, de saber estar numa aula têm que saber pensar...Eles fazem testes, trabalhos de grupo, fazem visitas de estudo, sempre de carácter pedagógico (têm que ter uma ligação directa com os conteúdos). Este ano, estamos a tentar fazer as nossas visitas de estudo com uma ligação directa com o nosso projecto pedagógico, com o projecto curricular de cada turma. Então eles são sempre orientados para essas visitas ou a vinda ao colégio de personalidades para falarem de diferentes temas que tenham a ver com algo ligado aos conteúdos, para abrir horizontes. Veio cá um senhor, americano do meio cultural para falar de multiculturalismo e eles adoraram.

Mas no recreio, lá fora, sabem que não podem deixar papéis no chão. Se os deixarem cair sabem que têm de apanhá-los. Os funcionários auxiliares que estão no recreio não têm nada que andar a apanhar papéis. Os meninos sabem que têm que os pôr no caixote do lixo. Se os deitarem para o chão são responsabilizados por isso e quem o fez irá apanhar todos os papéis que possam estar no chão. Os castigos que damos são de carácter cívico, para eles poderem perceber o que devem ou não fazer, o comportamento com os colegas a quem têm de respeitar e o “ obrigado”, “ se faz favor”, são frases que têm que estar no vocabulário diário e constante, não é só de vez em quando. São os princípios básicos dos valores que as pessoas esquecem e que fazem a diferença. Devem saber quando erram. Eles são ensinados a reconhecer se erram, têm que saber pedir desculpa, saber ser humildes. Nós professores também, se erramos perante uma turma temos que pedir desculpa perante a turma porque errámos. Todos temos que ter este comportamento. Não temos problemas disciplinares. Os problemas que existem aqui, lá fora não seriam considerados, passariam despercebidos mas nós a todos os erros que eles cometem pedimos que escrevam o que se passou e peçam desculpa a quem foi prejudicado, com quem se portaram mal, ou se infringiram as regras do colégio, se falaram mais alto que o professor para nós já é uma falta de respeito, devem ter cuidado ao falar; Então pedimos que escrevam a explicar o motivo daquele comportamento e a pedir desculpa ao professor. Nunca tivemos casos críticos no nosso Colégio.

Se isso acontecer o nosso regulamento estipula as sanções que se podem aplicar, será uma carta de repreensão. Com 3 destas cartas o aluno é expulso. Mas nunca houve nem uma destas cartas. Se por exemplo, uma criança magoa outra de propósito haverá uma carta de repreensão. Fala-se com a criança (não esquecendo a parte pedagógica) nem que seja uma hora ou mais ele percebe até ele perceber que errou e onde errou e que ao agredir o colega perde de imediato a razão e o respeito que se deveria ter por ele. Aplicamos outros castigos que poderão ser considerados anti-pedagógicos como por exemplo : um dia sem intervalo (antes desta sanção temos o cuidado de falar com o aluno para que isso não aconteça mais). São castigos de carácter cívico. Os pais reagem bem, eles são os primeiros a dizer que os filhos estão aqui, vocês é que têm que os

educar. Eles passam mais tempo com vocês do que conosco, acabam por os conhecer melhor. Apesar de os pais conhecerem os filhos porque estes pais estão sempre presentes. Os alunos fazem o Ramadão e a carga pedagógica é aliviada, mesmo as visitas de estudo são mínimas. Quanto às visitas de estudo a Câmara de Palmela tem tudo muito bem estruturado. O sector da educação já tem tudo orientado. Nós comunicamos com a Câmara o que pretendemos e eles orientam.

Quanto aos professores, os de tarde são muçulmanos mas os da manhã (da parte curricular) são na sua maioria não muçulmanos. Os pais sabem que os professores não seguem o Islão mas não põem entraves em nada. Os professores sabem que têm que respeitar e vice-versa. Mas a direcção não vê a crença de cada um mas a sua competência. Nós queremos ter um ensino de qualidade então tem que se procurar competência. Temos que ver se estão para nos ajudar no nosso projecto. Preocupamo-nos muito com a qualidade e a competência do professor e a relação que ele tem com os alunos. Esta escola é como todas as outras, o professor tem que ter atitudes cívicas de modo a que não choque a comunidade escolar. A sua maneira de vestir, o seu comportamento...Principalmente quando a criança gosta do professor ela gosta de se identificar com ele.

O professor tem que ter a preocupação de saber estar. Isto é um local de trabalho por isso vai respeitá-lo como tal. Este colégio é islâmico, não se como carne de porco, então tem que se respeitar e não entra mesmo carne de porco.

Da parte da manhã, as aulas são mistas e da parte da tarde, as aulas de religião, a partir da puberdade os rapazes têm aulas separados das raparigas. As crianças têm várias etapas de crescimento. Não podemos passar por cima de uma dessas etapas. É o que acontece lá fora. O “queimar “de uma etapa reflecte-se na criança mais tarde, na sua maneira de estar, de ver as coisas de resposta, de agir de tudo... é o que tentamos evitar no nosso colégio....

## Entrevista com Sheik Rachid Ismael

Apesar de estar de férias( Natal), Sheik Rachid Ismael, um dos directores e coordenadores do Colégio Islâmico de Palmela, recebeu-nos com muita cordialidade e simpatia.

Após uma pequena conversa, com a dr<sup>a</sup> Hana Mateus( directora pedagógica),sobre a área curricular do colégio, entrevistámos Sheik Ismael. A entrevista não foi estruturada, as perguntas foram fluindo, conforme as respostas do Sheik.

P: Os alunos deste colégio usam uniforme. Usam-no com carácter religioso, ou simplesmente é um uniforme como tantos outros?

R: O uniforme dos rapazes consiste em calças azuis escuras, camisa branca e pullover. As meninas usam um vestido, calças e blusa branca. Não é um uniforme religioso. Está adaptado. Dá para uma escola de carácter religioso como não religioso.

P: Há no colégio uma abertura a crianças não muçulmanas, como ocupam o tempo durante o período das aulas de religião?

R: Nós quando abrimos as inscrições ao público em geral, fazemos questão de informar as pessoas, que aceitamos as crianças independentemente da sua crença. Podem ser ou não da mesma crença religiosa e o período de aulas de religião será sempre uma opção, podem ou não frequentá-las. Neste caso os directores pedagógicos optam por ocupar esta criança, neste período de tempo, em ATL.

Temos seis crianças que não partilham da nossa religião. Falámos com os pais. Uns dos alunos que se encontra cá, os pais optaram pela frequência, por parte do filho, às aulas de religião. Eles disseram que este colégio é para formar as crianças e aumentar o seu conhecimento de uma religião e cultura diferente.

P: Quantos alunos tem o colégio?

R: Cerca de 180 alunos.

P: Como surgiu a ideia de criarem este estabelecimento de ensino, ligado também à religião?

R: o nome inicial desta escola era *Darul-ulum* . É um termo árabe para ensino islâmico. Darul, quer dizer casa, ulum, conhecimentos islâmicos, literalmente será-“ casa dos conhecimentos Islâmicos. Isto é uma designação de origem árabe interna. Aqui

em Portugal não podemos registar espaços de educação sem ser em português. Tem que se ter um nome em português que defina o objectivo. Daí, tivemos que optar por “Comunidade Islâmica de Palmela”, que é uma identidade ou Colégio Islâmico. Então isto é um sinónimo de Darul-ulum, sendo assim um espaço que está aprovado. Podemos chamar-lhe um ou outro nome pois o significado é o mesmo.

Estas crianças são na sua maioria de nacionalidade portuguesa. Temos um guineense. 95% das crianças são portuguesas. Os restantes 5% não são mas, têm autorização de residência. Temos uma criança de nacionalidade britânica, mas viveu sempre em Portugal e fala o português. Temos também uma criança de origem árabe. Mas na sua maioria são de origem indiana. As famílias de origem árabe fixaram-se mais a norte de Lisboa, no Porto, ou no Algarve. As pessoas que estão na zona da grande Lisboa, muitos também são de origem árabe, mas têm muitas dificuldades. Estão cá a trabalhar, mas não conseguem ter a família com eles, nem tão pouco, mandá-las vir para Portugal.

P: O que é que o colégio tenta transmitir?

R: Aqui tentamos, aliás, fazemos os possíveis, por separar as entidades. Da parte da manhã temos a escola. Fazemos questão que os alunos aprendam o conteúdo escolar e tenham boas notas nesse mesmo conteúdo. Na parte da tarde fazemos questão que as crianças tenham uma boa aprendizagem religiosa. O que nos levou a esta iniciativa foi que, com a aprendizagem escolar, se existir uma aprendizagem moral e religiosa, não diremos que todos ficarão santos, mas por certo, este acompanhamento moral e religioso mais tarde os ajudará a agir mais correctamente e afastarem-se do que é, hoje em dia, o grande flagelo, o vício como as drogas, etc. Os nossos alunos e outros jovens que tenham um acompanhamento moral e religioso, têm um apoio e uma ajuda para agir mais correctamente, não tenha dúvidas disso. Eles têm que ter a consciência e saber que há a virtude e o pecado. Hoje em dia há uma certa vergonha de pensar que há pecados. Há actos virtuosos e actos pecaminosos, como tentamos explicar aos jovens. Se efectuarem, por exemplo, as orações ou aprenderem a conduta moral ou o carácter, poderão ganhar espiritualmente. Se se envolverem em actos menos correctos como por exemplo, se usarem drogas dificilmente sairão de lá, perdendo muitas oportunidades de subirem na vida. Ajuda a perceber que os vícios têm aspectos negativos e que é importante tentarem afastar-se ou tentarem ter consciência dos prejuízos que estão por detrás daqueles vícios. Com mais consciência da virtude e do pecado, têm um apoio, um consolo... A pessoa pensa” não vou fazer isto porque não é correcto e vou fazer o que é

bom para todos”.Se houver jovens metidos na droga a percentagem é muito reduzida, que Deus me perdoe, mas eu arriscava dizer que se podem contar pelos dedos .

### **O comportamento das crianças**

Logo de início, deixamos as coisas claras, com os pais. Aqui as crianças não são santas, somos todos iguais, temos virtudes e temos os nossos defeitos. O professor é o professor, o aluno é o aluno. O professor tem o seu direito de actuação, o aluno tem o seu limite, mas ambas as partes têm que se respeitar mutuamente. O ser professor, hoje em dia, não é ser um ditador, mas o professor tem que ter autoridade. O aluno também não tem que ser inferiorizado, mas tem que saber respeitar quem é mais velho. À partida, é uma mensagem que os pais aceitam e com a qual concordam, caso contrário é difícil os pais colocarem cá as crianças. Se é para e inverter as situações, isto é, entre aspas,” o professor ser obediente ao aluno”, é difícil continuar a escolaridade. Tentamos logo à partida, pôr o respeito como prioridade em relação a tudo o resto. O ensino não é fechado. No ensino escolar as directoras pedagógicas têm o direito de agir em conformidade com o ensino oficial. Falam em todas as tradições, na época do Natal... Não sei se reparou numa árvore, que está à entrada ...fizeram o magusto, falaram do Natal, fazemos questão de trabalhar como “ uma instituição estatal”. A única diferença é a parte religiosa. Depois das aulas de religião as crianças regressam a casa. Quando chegam a casa vivem e convivem com o meio onde estão integradas. Há os vizinhos, a sua maioria, não são muçulmanos. Por exemplo, no Laranjeiro, as crianças que andam noutra escola, de outro meio, de outra religião, brincam com as crianças muçulmanas, jogam à bola, como exemplo. Há essa junção de crianças.

Este multiculturalismo leva-as a integrarem-se com crianças que não são muçulmanas, daí não corremos o risco de haver mundos diferentes. Conforme entram crianças no colégio, também saem. O que nós tentamos ensinar e incutir nas crianças são os valores e comportamentos correctos. Tentamos dar a entender que há comportamentos correctos que devem seguir e há os incorrectos que devem evitar. É o que comunicamos tanto aos rapazes como às meninas. Esta é a mensagem que eles levam. Com este ensino religioso que damos tentamos sempre passar-lhes esta mensagem: podem optar por uma carreira religiosa e não abdicar de uma carreira profissional, por exemplo, temos cá um colaborador, que tirou em Inglaterra um curso religioso de estudo islâmico e está cá a tirar o curso de economia na universidade

Politécnica de Setúbal. A mensagem que se transmite, é que o facto de sermos religiosos, de seguir a nossa religião ou uma carreira religiosa, não implica que se abdique a uma carreira profissional, tirar um curso para a sua vida profissional e ter a parte religiosa como um suporte e um apoio moral e espiritual para a sua carreira profissional.

O grupo da comunidade islâmica não se fecha, ela é universal e a nossa religião é uma mensagem universal, todas as pessoas têm acesso a ela e inclusive, aprender. A religião muçulmana não é uma religião fechada. Não impõe condições. A única condição necessária, é acreditar em Deus. Mas, até um ateu pode estudar a religião, pode apresentar as suas dúvidas, nós explicamos e depois, ele aceita ou não.

Não é por eu ser muçulmano, mas a religião islâmica é das mais universais, porque está aberta a todos. A religião islâmica tem mais ao menos dois biliões de crentes. A maioria não é árabe, só 20% dos muçulmanos é que são árabes, os outros 80% não são árabes, são de todas as nacionalidades, indonésios, indianos, africanos, brasileiros, etc. Em qualquer parte do mundo independentemente da sua casta, etnia ou classe, há muçulmanos.

Se assistir a uma oração numa mesquita, no colégio há a oração por exemplo, às 14 horas, que poderá assistir, há-de reparar que ficam em fila, e nessa fila, o pobre fica ao lado do rico, o africano ao lado do europeu, empregado ao lado do patrão, tudo na mesma medida e simbologia perante Deus. Não interessa o nosso exterior, o que conta é o nosso íntimo, e no que respeita à nossa espiritualidade, somos todos iguais. Indica uma igualdade muito profunda e cada oração tem essa particularidade. Estamos na oração, somos todos iguais, não são uns mais do que os outros. Aqui com as crianças, não entramos nessa profundidade, mas tentamos introduzir essa espiritualidade, esses valores e essa moral, que têm que ser correctos e como agradecer a Deus tudo o que nos dá, o modo como procede. Até um aluno que não é muçulmano, sabe todas as traduções e fica fascinado com o significado delas e menciona aos pais essas preces.

Temos aqui o CRER. Um muçulmano acredita que ninguém vive na adoração que não seja de Deus e que Mohamad é o Seu Mensageiro

## Indicadores não classificados

### Sala A

“... nasci numa aldeia de lá... essa aldeia é bonita é assim, é normal.. São pessoas simpáticas comigo e... então há muitas famílias ao pé da minha casa, tenho muitas pessoas...” (Khadiza, p.1)

“Tenho uma irmã aqui... no sexto ano e, e tenho outro, um irmão pequenino que está no primeiro ano.” (Khadiza, p.1)

“Não [vou a casa das amigas], porque os pais não deixam... que o meu pai leva-me.” (Khadiza, p.1)

“...Às vezes não me apetece... (pausa) vir... [ao colégio] ” (Khadiza, p.2)

” É o segundo ano que ando aqui.” (Khadiza, p.2)

“Eu vivo em Lisboa, ao Martim Moniz e ela [amiga] vive no Baixa Chiado...” (Khadiza, p.3)

“ [Vivia] Com os meus pais... mas... o meu pai e a minha mãe separaram-se e depois... o meu pai veio para aqui e a minha mãe ficou lá.” ( Ruksar, p.7)

“Sim [é o primeiro ano no colégio].” (Ruksar, p.8)

“De tarde [o campo de jogos] é de meninas e dos rapazes mais pequenos. Os outros ficam no outro lado.” (Ruksar, p.9)

“As mais novas, é a mesma coisa... É assim, também algumas são da minha religião [não se dão bem] ” (Ruksar, p.10)

“Todos juntos, como assim (pausa) passeássemos juntos, assim jantármos juntos, para termos a família junta. Agora assim, metade lá, e a outra metade cá, já não dá.” (Ruksar, p.11)

“Para mim o mais importante é, hum, quer dizer, devia ter feito mais perguntas sobre a religião. Sim, assim como quais eram os profetas, quer dizer eu sei que deve saber, e não fez essas perguntas, mas (risos) quer saber da minha vida.” (Ruksar, p.13)

“ [Vivo] no Miratejo...A mãe [ensina a cozinhar] ” (Maryeem, p.14)

“O pai trabalho numa loja, mas trabalha para outra pessoa (pausa), é assim a loja não é dele.” (Maryeem, p.16)

” Vivo no Laranjeiro” (Íman, p.20)

*“E fui lá [Mesquita] e encontrei as minhas amigas.”* (Iman, p.20)

*“Sim [é o primeiro ano no colégio] ”* (Iman, p.21)

*“ ...eu acho que estou sempre no colégio e passo muito tempo lá e não passo muito tempo em casa.”* (Iman, p.21)

*“Gostava de jogar à bola e praticar desportos”*(Iman, p.24)

*“As meninas não podem [jogar nos matraquilhos] naqueles dos rapazes, o, os matraquilhos das raparigas, mas as raparigas mais velhas, ocupam sempre aquilo e, (pausa) e eu também não gosto muito de jogar. Gostava, mas agora já não gosto de jogar.”* (Iman, p.24)

### Sala B

*“Sim [é o primeiro ano no colégio] ”* (Ali, p.30)

*“É a professora de Ciências [que gosto menos] ”* (Paulo, p.36)

*“Na segunda-feira quando é o nosso dia [de jogar futebol], no segundo intervalo, vamos jogar, porque nos outros dias assim, os do sétimo e dos outros anos dizem para ir embora e nós temos que ir embora, neste dia não. Mas, às vezes os dos outros anos não deixam jogar no nosso dia, mas nós dizemos ao maulana e depois jogamos, porque é o nosso dia.”* (Shabbir, p.44)

*“...Quando falamos é para sair... Para quando vamos para o comboio”* (Umair, p.47)

*“A aula de História é tão bonita e eu não percebo nada”* (Umair, p.52)